



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Ricardo Borges Leite

Representações de imigrantes venezuelanos no *Jornal Nacional*

Florianópolis

2022

Ricardo Borges Leite

Representações de imigrantes venezuelanos no *Jornal Nacional*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Terezinha da Silva

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Leite, Ricardo Borges
Representações de imigrantes venezuelanos no Jornal Nacional
/ Ricardo Leite; orientadora, Maria Terezinha da Silva, 2022.
163 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Cobertura jornalística. 3. Representação. 4. Imigrantes venezuelanos. 5. Jornal Nacional. I. da Silva, Maria Terezinha. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III. Título.

Ricardo Borges Leite

Representações de imigrantes venezuelanos no *Jornal Nacional*

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Dr.(a) Paula de Souza Paes
Universidade Federal da Paraíba

Prof.(a) Dr.(a) Liliâne Dutra Brignol
Universidade Federal de Santa Maria

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Jornalismo.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof^a. Dra. Maria Terezinha da Silva
Orientadora

Florianópolis, 2022.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e ao meu irmão, que quando perto tem carinho de sobra e quando longe fazem eu sentir que tenho uma rede de proteção. Vocês são minha base.

À minha grande família, em especial minhas vós e tias que estão sempre lá aconteça o que acontecer. Talvez elas nem saibam o quanto são importantes para mim, espero que agora comecem a descobrir.

Muito especial tem de ser o agradecimento à minha companheira Gabriela que me ajudou em cada linha e em cada segundo, eu não teria conseguido sem ti. Mas mais importante, me ajuda em cada linha e em cada segundo da vida, me traz poesia, dúvidas, felinos e risadas. Agradeço por amares as mesmas coisas que eu e não aceites as mesmas coisas que eu.

Ao meu gato-maluco Chiquinho que, sábio que é, sempre vinha ser chato e me distrair quando eu precisava de descanso. O que é fácil já que eu estou sempre cansado e ele é sempre chato.

Aos meus 3 irmãos de outras mães:

Nathy, minha maninha, que em nossas conversas não tem medo de voar nem de me mandar pôr os pés no chão.

Thiago e Arthur, meus irmãos da vida, ninguém tem amigos melhores e eu preciso de vocês mais do que a gente assume. Me amarro em sermos capetas chiques e modernos.

À minha querida amiguinha Gab que quando disse “vem pra cá!” nem sabia que estava mudando tantas vidas.

Aos meus colegas de curso Olga, Luis David, Natasha, Jeff, Lynara, Dairan, Vinicius, Elias que entre bar, gramado e praias me acompanharam nessa loucura pré e pós pandêmica e me ajudaram a ter alguma força no meio de tudo isso. Um salve especial pra Thaís que fez praticamente as mesmas coisas que eu, só que bem melhor e criando novas vidas ainda por cima, agradeço demais quando discutimos e quando reclamamos juntos.

Agradeço à minha orientadora que, com muito empenho e paciência, foi fundamental para que essa pesquisa fosse realizada.

Agradeço as professoras Paula Paes e Liliane Brignol por aceitarem fazer parte de minha banca e ajudarem a sempre mudar para melhor e aprimorar as discussões aqui presentes

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) que financiou minha bolsa de pesquisa possibilitando minha dedicação integralmente às atividades da Pós-Graduação.

"Como se pode odiar, ou amar, um país? Tibe fala sobre isso; não tenho essa habilidade. Conheço pessoas, conheço cidades, fazendas, montanhas, rios e rochas, sei como o sol poente do outono se esparrama pela face de um certo tipo de terra arada nas montanhas; mas qual o sentido de impor uma fronteira a isso tudo, dar-lhe um nome e deixar de amar o lugar onde o nome não se aplica? O que é o amor pelo seu país? É o ódio pelo seu não-país? Então, não é uma coisa boa. É apenas amor-próprio? Isso é bom, mas não se deve fazer dele uma virtude ou uma profissão de fé... Na mesma medida em que amo a vida, amo as montanhas do Domínio de Estre, mas esse tipo de amor não tem uma fronteira traçada com ódio. E para além disso, sou ignorante, espero..." (LE GUIN, Ursula K. Os Despossuídos, 1974).

RESUMO

O período recente de crise econômica na Venezuela tem provocado migração para os países vizinhos, entre eles o Brasil. Esse movimento migratório, acompanhado de constantes entraves políticos e tensões sociais, traz ao centro do debate público a relação entre os dois países, as políticas do estado brasileiro no âmbito do acolhimento e inserção social de imigrantes e, no que interessa a esta pesquisa, a forma como a imprensa aborda esse fenômeno e o representa. Diante desse contexto, esta dissertação tem como objeto de estudo as representações de imigrantes venezuelanos no *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, principal telejornal diário do país. O objetivo da pesquisa é identificar e analisar as representações construídas pelo *Jornal Nacional* sobre os imigrantes venezuelanos. O corpus é constituído por 49 matérias veiculadas pelo telejornal entre janeiro de 2015 e dezembro de 2020. A análise apoia-se no conceito de representação formulado por Stuart Hall (1993, 2003, 2010, 2016), que a entende como a produção de sentidos através da linguagem. A análise das representações dos imigrantes foi feita em torno de quatro eixos temáticos: a 'fuga' para o Brasil; os conflitos entre brasileiros e venezuelanos; ajuda e solidariedade de brasileiros; e questões institucionais e normativas no Brasil. Entre as principais representações identificadas, destaca-se que os venezuelanos são retratados como um grupo homogêneo, em fuga de um país devastado pela crise econômica e política e em busca de um recomeço em outro país. O imigrante aparece como alguém em constante movimento para tentar melhorar de vida, lutando contra a saudade da família, ou as adversidades em um novo país, mas sem ser reconhecido como um cidadão pleno. A análise mostrou que a cobertura do *Jornal Nacional* atenta para poucos aspectos do contexto sócio-político que envolve a imigração venezuelana para o Brasil. O telejornal pouco complexifica a situação dos imigrantes ou de seu país e ignora aspectos que envolvem a maneira como o Brasil recebe imigrantes, produzindo relatos com representações negativas e estereotipadas sobre os cidadãos venezuelanos no país.

Palavras-chave: Cobertura jornalística; representações; imigrantes venezuelanos; imigração; *Jornal Nacional*.

ABSTRACT

The recent period of economic crisis in Venezuela has been followed by increasing migration to neighboring countries, including Brazil. This migratory movement, accompanied by constant political hindrance and social tensions, brings to the center of the public debate the relationship between both countries, the public policies of the Brazilian state with regard to welcoming and promoting social integration of immigrants and, as far as this research is concerned, the way the press approaches this phenomenon and represents it. Given this context, this dissertation has as its object of study the representations of Venezuelan immigrants in *Jornal Nacional*, from Rede Globo de Televisão, the main daily news program in the country. The objective of the research is to identify and analyze the representations built by *Jornal Nacional* about Venezuelan immigrants. The corpus consists of 49 pieces of television news broadcast between January 2015 and December 2020. The analysis is based on the concept of representation formulated by Stuart Hall (1993, 2003, 2010, 2016), who understands it as the production of meanings through language. The analysis of the representations of immigrants was carried out around four thematic axes: the 'escape' to Brazil; the conflicts between Brazilians and Venezuelans; help and solidarity from Brazilians; and institutional and regulatory issues in Brazil. Among the main representations identified, it is highlighted that Venezuelans are portrayed as a homogeneous group, fleeing from a country devastated by the economic and political crisis and in search of a fresh start in another country. The immigrant appears as someone in constant movement trying to improve his life, fighting the longing of his family or adversities in a new country, but without being recognized as a full citizen. The analysis showed that the coverage of *Jornal Nacional* pays attention to few aspects of the socio-political context that involves Venezuelan immigration to Brazil. The newscast does little to deepen the understanding of the situation of immigrants or their country of origin and ignores aspects that involve the way in which Brazil receives immigrants, producing reports with negative and stereotyped representations about Venezuelan citizens in the country.

Keywords: News coverage; representations; Venezuelan immigrants; immigration; *Jornal Nacional*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Imigrantes venezuelanos ocupam ruas de Pacaraima, Roraima	97
Figura 02 - Crianças venezuelanas vivendo nas ruas de Boa Vista-RR	105
Figura 03 - Agentes públicos retirando imigrantes do centro de Boa Vista-RR e os realocando em outro bairro	108
Figura 04 - Brasileiros protestam contra a entrada de imigrantes venezuelanos em Pacaraima-RR	112
Figura 05 - Brasileiros atacam imigrantes e incendeiam seus pertences em Pacaraima-RR	114
Figura 06 - Imigrantes venezuelanos alimentam-se nas praças em Roraima	118
Figura 07 - Brasileiros ajudam famílias de imigrantes	120
Figura 08 - Venezuelanos esperam a abertura da fronteira para tentar entrar no Brasil após o fechamento nos dias anteriores	127
Figura 09 - Fila de imigrantes que esperam por documentos após a entrada no Brasil	129

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
A VENEZUELA E A IMIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS AO BRASIL: CONTEXTOS POLÍTICO E MIDIÁTICO	17
POLÍTICA E ECONOMIA EM UMA VENEZUELA POLARIZADA	17
VENEZUELA E BRASIL: APROXIMAÇÕES E TENSÕES	26
IMIGRAÇÃO E MÍDIA	35
JORNALISMO E REPRESENTAÇÕES	58
CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO	58
Diferença, identidade e estereótipo	70
AS REPRESENTAÇÕES NO JORNALISMO	76
OS IMIGRANTES VENEZUELANOS NO JORNAL NACIONAL	81
CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO	81
CORPUS DA PESQUISA E OBJETO EMPÍRICO, O JORNAL NACIONAL	87
ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS IMIGRANTES VENEZUELANOS NO JORNAL NACIONAL	93
A ‘fuga’ para o Brasil	96
Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	107
Ajuda e solidariedade de brasileiros	117
Questões institucionais e normativas no Brasil	125
IMIGRANTES VENEZUELANOS REPRESENTADOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA	131
CONCLUSÕES	141

1 INTRODUÇÃO

A migração tornou-se objeto de atenção em pautas políticas, coberturas da imprensa e discussões na sociedade em geral nas últimas décadas. O movimento migratório não é um fenômeno recente, no entanto, mudanças econômicas, conflitos políticos e crises humanitárias levam um número cada vez maior de pessoas a realizar o movimento transnacional. No Brasil, o aumento recente da entrada de estrangeiros deu-se, em especial, no início da década de 2000 e intensificou-se na década seguinte, oriunda principalmente de países africanos e do Haiti. A partir de 2015, a Venezuela começa a surgir como um importante local de partida de imigrantes que chegam ao Brasil.

O aumento da emigração de venezuelanos se dá após a progressão da crise econômica e política naquele país. De maneira bastante breve, pode-se apontar que as crises mencionadas, que estão entrelaçadas, se amplificam com a queda do preço do barril de petróleo, produto basilar para a economia venezuelana; o crescente conflito diplomático com EUA e União Europeia, que culmina em sanções econômicas; e, por fim, a relação combativa entre o governo de Nicolás Maduro (sucessor de Hugo Chávez, morto em 2013) e seus opositores.

O período de crise econômica na Venezuela nos últimos anos vem sendo marcado por constantes movimentos políticos e tensões sociais, causando ondas de migração. Com a reeleição de Nicolás Maduro em maio de 2018 a crise política somou-se à econômica, gerando impasses na política externa do país sul-americano, protestos e conflitos internos e cisões políticas que culminaram com a autoproclamação do deputado nacional Juan Guaidó como presidente interino do país. Algumas movimentações no campo político do país vizinho foram motivo de interesse da imprensa brasileira, como o fechamento da fronteira entre os dois países, as ações da oposição venezuelana e as sanções econômicas impostas pelos EUA e UE ao governo do país vizinho.

Nesse contexto, cidadãos venezuelanos atingidos pela crise econômica ou receosos da instabilidade social projetam uma nova vida em países vizinhos, especialmente Peru, Colômbia e o Brasil. Este, historicamente, tem uma política de facilitação da entrada de estrangeiros, notadamente em ocorrências de crises humanitárias em seus países de origem. Um ponto importante da consolidação dessa política foi a chamada Lei de Migração (PLS 288/2013), que atualizou e tornou a política de migração mais inclusiva no Brasil, ao institucionalizar a política de vistos e ampliar os direitos dos imigrantes no país, mesmo que modificações posteriores tenham tornado a lei mais fechada e conservadora.

A migração é tema bastante tratado em nível mundial e no Brasil também há um grande interesse pelo assunto, especialmente em coberturas de mídias jornalísticas. Com frequência, o tom das notícias é o de uma entrada constante, incontrolável, de pessoas em busca de emprego e que tentam ajudar seus familiares que permaneceram no país de origem. Tal aspecto é notado seja em uma notícia sobre haitianos após o terremoto que devastou a capital do país em 2010, sejam africanos de todo o continente que buscam alternativas a problemas climáticos ou guerras civis, ou, no caso tratado especialmente nessa pesquisa, dos venezuelanos que saem de um país em crise. Os discursos no noticiário brasileiro, que serão melhor vistos à frente, ao abordar a entrada dos imigrantes no Brasil, oscilam entre a urgência da situação calamitosa de pessoas sem opções e a impossibilidade das cidades brasileiras receberem tantas pessoas, especialmente nas regiões de fronteira. Nesse ínterim, salienta-se também a incapacidade do estado brasileiro de prover melhores condições de recebimento dos estrangeiros e os subsequentes conflitos gerados pelas tensões sociais entre brasileiros e venezuelanos, especialmente levando-se em consideração que o Brasil também passava e passa por uma crise econômica grave.

Também no âmbito da pesquisa acadêmica existe atenção constante em períodos recentes ao tema da imigração. Especialmente no continente europeu, há uma série de produções de comunicação, jornalismo, cinema e pesquisas científicas, em diversas áreas, sobre o assunto. A entrada de estrangeiros é utilizada, também, em discussões políticas, econômicas, sociais, religiosas e de costumes. Faz parte das pesquisas e debates que analisam a ascensão da extrema-direita em diversos países e os temas sobre o mercado de trabalho. No Brasil, apesar da atenção dada em veículos de imprensa, em pesquisas científicas e em políticas públicas positivas à entrada de imigrantes, os dados apontam que o país não está entre os que mais receberam imigrantes. No relatório das Nações Unidas sobre refugiados de 2019, por exemplo, o Brasil não aparece no grupo de países que mais recebeu imigrantes: há em seu território menos de 100 mil estrangeiros. Para comparação, o país com mais imigrantes é a Turquia, com mais de 3,5 milhões de estrangeiros entre suas fronteiras, grande parte vindos da Síria e Iraque. Já na América do Sul, a Colômbia recebeu mais de 1,7 milhão de venezuelanos, conforme a United Nations High Commissioner for Refugees (2020). Porém, segundo o mesmo relatório, apesar de não ser um dos países com mais estrangeiros e nem mesmo com maior entrada, o Brasil é um dos países que mais teve pedidos de asilo para refúgio em 2019, totalizando 82.500 pedidos, vindos especialmente da Venezuela, Haiti e países africanos.

Essa pesquisa, portanto, se constitui no campo temático dos estudos de migração e comunicação. O tema da migração está inserido, majoritariamente, nas pesquisas das ciências sociais e humanas e adquire uma importância cada vez maior em virtude do aumento da movimentação de pessoas entre países ou dentro de um mesmo território. Em relação ao jornalismo, a atenção para essa questão fica ainda mais clara devido aos conflitos inerentes que cercam o assunto, bem como a atenção que os imigrantes despertam, já que, em geral, partem de seus locais de origem devido à fome, guerras e, na atualidade, em razão de crises econômicas locais e globais.

Segundo o relatório anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) de 2018, a Venezuela ocupava o segundo lugar no número de pessoas que chegaram ao Brasil em 2017, atrás apenas do Haiti. Importante lembrar que dois anos antes, em 2015, a Venezuela não figurava na listagem dos dez países de onde mais saíram imigrantes vindos ao Brasil. A chegada dos venezuelanos tornou-se um acontecimento com significativa e permanente cobertura na mídia nacional. O *Jornal Nacional (JN)*, principal telejornal da Rede Globo e o de maior audiência na TV brasileira, mantém os venezuelanos e a Venezuela presentes em seu noticiário com relativa frequência a partir daquele período, mas sobretudo entre os anos de 2017 e 2019.

Partindo deste contexto, a pergunta norteadora desta pesquisa de mestrado é: de que forma o *Jornal Nacional* representa os imigrantes venezuelanos? Para clarear essa indagação tem-se que discutir o que entendemos por representação, de que forma tem sido estudada a relação entre as mídias e os processos de migração, bem como os contextos sócio-políticos em que ocorrem as migrações e o modo como são reportadas por veículos jornalísticos de interesse da pesquisa. A avaliação da entrada de imigrantes em um país tem sido reportada à exaustão nos meios de comunicação, tanto pelo seu teor crítico e urgente (os termos “crise humanitária” e “crise migratória”, são comuns), mas também pela atenção que os cidadãos locais dão para a entrada de estrangeiros, em alguns casos tomados por receios e preconceitos. Portanto, as representações sobre os estrangeiros são cruciais para compreender sua posição na sociedade, percebendo que o jornalismo e os relatos que produz sobre o mundo têm papel importante na construção de discursos e na transformação das realidades sociais de grupos e pessoas.

Apesar do número total de estrangeiros no Brasil não ser tão significativo, especialmente quando comparado com a população brasileira (os imigrantes são menos de 0,5% das pessoas no país), a atenção da população e da imprensa para a migração é nítida.

Nosso interesse e motivação para esta pesquisa foi justamente a observação desse aumento da movimentação fronteiriça e do aumento dos debates e notícias sobre o tema. O interesse particular sobre o assunto, presente tanto na pesquisa acadêmica (meu trabalho de conclusão de curso na graduação foi sobre imigrantes haitianos) quanto em leituras individuais, foi contínuo e permanece como tal. Esta pesquisa é mais um degrau nesse interesse acerca dos indivíduos que, contra muitas dificuldades, deixam uma vivência e um local no qual estão de alguma forma ligados para procurar outro lugar no qual podem experimentar melhores condições de vida e novas oportunidades. Justificamos a relevância desse tema pelo seu impacto social nas vidas de milhares de e pela importância que historicamente tem tido a movimentação transnacional e as relações multiculturais. O jornalismo tem um papel central nessa conjuntura e por isso mesmo é fundamental colocarmos luz na forma como os relatos jornalísticos tratam esses assuntos. Porque isso nos ajuda a perceber que o trabalho jornalístico tem impacto real e direto na vida dessas pessoas e, portanto, podemos articular maneiras de que esse impacto seja positivo.

Entendemos que o jornalismo desempenha um importante papel na sociedade ao participar do processo de construção e difusão de representações sobre atores e grupos sociais, que colaboram também para a construção de suas identidades. Assim, o jornalismo tanto pode reproduzir representações e estereótipos vigentes quanto questioná-los e estimular novas representações. Partindo dessa compreensão, a presente pesquisa tem o objetivo de identificar e analisar que representações o *Jornal Nacional* constrói sobre os imigrantes venezuelanos. A proposição teórico-metodológica se sustenta no conceito de representação, conforme a abordagem proposta pelo sociólogo Stuart Hall (2003, 2010, 2016). Também são importantes e relacionados os conceitos de identidade (HALL, 2003), diferença (HALL, 2003, 2010, 2016) e estereótipo (DU GAY et al., 2013; HALL, 2016; WOODWARD, 2000). Quando discute representação, Hall aponta que esse conceito veio a ocupar uma posição de destaque nos debates sobre a cultura na sociedade, já que a representação conecta linguagem e significados à cultura, essa última central para compreender as relações sociais e políticas na contemporaneidade. Devido a essa tensão entre linguagem, cultura e significados, é que a representação interessa a essa pesquisa, para clarear de que forma todos esses elementos são trabalhados na construção da realidade social através do jornalismo, e como isso influencia na vivência de pessoas imigrantes.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, apresentamos histórico da movimentação política da Venezuela, com especial atenção às últimas duas décadas. Também

se debate a relação da Venezuela com o Brasil e a movimentação migratória na América do Sul. No segundo capítulo trata-se da fundamentação teórica desta pesquisa, discutindo-se os aspectos fundamentais do conceito de representação formulado por Stuart Hall, bem como conceitos relacionados como estereótipos e diferenças, na tentativa de perceber de que maneira o Outro aparece no discurso jornalístico e influencia as representações dos cidadãos imigrantes. E por fim, no terceiro capítulo são apresentadas as escolhas metodológicas e a análise e resultados da investigação, baseadas na separação em eixos de análise e na relação entre as representações que o *JN* faz dos imigrantes venezuelanos. Foi escolhido o *Jornal Nacional* da Rede Globo como objeto empírico e o corpus da pesquisa compreende 49 matérias que tratam dos imigrantes venezuelanos no período entre janeiro de 2015 até dezembro de 2020. Tal recorte temporal para a escolha do corpus de pesquisa se dá pelo agravamento da crise político-social venezuelana, que intensificou tanto a movimentação de imigrantes, quanto o número de notícias sobre o país vizinho na mídia jornalística brasileira, com destaque para o *Jornal Nacional*. Mantendo o foco da pesquisa nos imigrantes venezuelanos, foram analisadas as matérias que tratam especificamente deles. As outras notícias não foram simplesmente excluídas, mas formam um pano-de-fundo para acrescentar e complexificar a análise, já que em nossa percepção o discurso que está presente em ambos os tipos de matéria é próximo e complementar.

O capítulo que abre essa dissertação faz a discussão histórica sobre migração e, especialmente, a movimentação migratória na América Latina. Para tal utiliza-se pesquisas no Brasil sobre migrações como os trabalhos de Denise Cogo (2002), Mohammed ElHajji (2016), Denise Cogo e Terezinha Silva (2016, 2019), Liliane Brignol e Guilherme Curi (2021), entre outros. Discutimos as novas configurações da movimentação transnacional no planeta, as ampliações da movimentação migratória em casos de crise humanitária e os impactos da migração tanto nos países aos quais os imigrantes chegam quanto seus países de origem. Além disso, utiliza-se referenciais de instituições oficiais como IBGE, Polícia Federal e a ONU para dados sobre imigrantes e refugiados. Para tratar da Venezuela neste primeiro capítulo, no qual se faz um histórico político do país, utiliza-se autoras e autores diversos como Mariana Lopes Vieira (2016), José Briceño-Ruiz (2010), Pedro Palma e Javier Ruiz-Tagle (2018) e Jéssica Monteiro de Godoy (2019), entre outros. Tais pesquisas discorrem sobre a situação política, econômica e sobre as relações internacionais da Venezuela, como sua participação no Mercosul, a legislação migratória no Brasil e também outras migrações para o Brasil.

No segundo capítulo apresentamos o conceito central dessa pesquisa – o de representação, conforme a abordagem do sociólogo Stuart Hall (1993, 2003, 2010, 2016). Para ele, a representação é a produção de sentidos através da linguagem, envolvendo a estrutura de interpretação dada, em sociedade, tanto quanto a forma como o sistema de significação é modificado constantemente pela linguagem, através de discursos e pelo tensionamento dos grupos sociais. A cultura e a linguagem se relacionam para modificar a representação, bem como esta modifica a cultura através do poder do discurso e das posições dentro da sociedade. Interrelacionados estão, também, identidade, estereótipo e diferença. Esses elementos constituintes da representação e tornados centrais em análises sobre representações nos permitem refletir acerca da maneira como é construído um discurso e de que forma ele pode influenciar a vivência de um grupo social. Esse é o principal fundamento da compreensão de representação para nossa pesquisa e conceito operador para as análises feitas no capítulo seguinte. Ainda neste capítulo, problematiza-se as relações do jornalismo com as representações. Isso para perceber quais os múltiplos entrelaçamentos que podem auxiliar na análise sobre o modo como o *Jornal Nacional* representa os imigrantes venezuelanos. Integram a discussão sobre representação conceitos como estereótipo e identidade, para o primeiro trabalha-se pesquisas de Ketryn Woodward (2000) além de Stuart Hall (2010, 2016). O autor também é acionado para discutirmos também a identidade e a diferença. Por fim, é feita uma explanação das relações da comunicação e do jornalismo com as representações, com especial atenção às reflexões de Vera França (2004) e Flávia Biroli (2011), no Brasil, e os trabalhos de Teun A. Van Dijk (2005).

As discussões teóricas e metodológicas nos permitem refletir a participação do jornalismo enquanto agente de mudanças nas representações de pessoas, grupos e ideias na sociedade. A partir da centralidade da diferença e da percepção que a cultura é utilizada para os tensionamentos em sociedade, refletiu-se possíveis dimensões de análise que conjugam as principais formas como o *JN* representa os imigrantes venezuelanos. Tais eixos de análise estão apresentados na parte inicial do terceiro capítulo, no qual também se explicita detalhadamente o objeto empírico - a cobertura do *Jornal Nacional* sobre a imigração de venezuelanos ao Brasil - e o corpus da pesquisa, constituído por 49 matérias publicadas pelo telejornal no período entre janeiro de 2015 e dezembro de 2020.

No terceiro capítulo expõe-se também a análise sobre as representações que o *JN* constrói sobre os imigrantes venezuelanos no período analisado. A análise é apresentada a partir dos quatro eixos temáticos definidos e explicados no mesmo capítulo: “a ‘fuga’ para o

Brasil”; os “conflitos entre brasileiros e venezuelanos”, “ajuda e solidariedade de brasileiros”; e “questões institucionais e normativas no Brasil”. Por fim, faz-se uma discussão sobre a interpretação dos dados acerca das representações dos imigrantes venezuelanos no *Jornal Nacional*. Observamos que os eixos de análise, ao contrário de categorizar quatro maneiras distintas de separar as matérias sobre imigrantes venezuelanos, nos conduziram a perceber que as representações se interseccionam. A representação que dá nome ao primeiro e maior eixo de análise, a fuga de uma Venezuela em crise, por exemplo, também aparece nos outros eixos, bem como é permanente em todo o período da cobertura analisada. A permanência de algumas representações, a utilização ou não de imigrantes enquanto fontes entrevistadas, a simultaneidade de representações negativas e positivas, a representação imagética que percebemos nas matérias televisionadas, entre outras, são questões prementes, sobre as quais nos debruçamos a compreender e discutir nesta investigação sobre a forma como são representados os imigrantes venezuelanos no principal telejornal brasileiro.

2 A VENEZUELA E A IMIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS AO BRASIL: CONTEXTOS POLÍTICO E MIDIÁTICO

O capítulo que abre essa pesquisa apresenta um quadro geral da situação política e econômica venezuelana através de um contexto histórico e geopolítico do país caribenho. Nossa tentativa foi a de criar um quadro geral para o entendimento das mudanças pelas quais passou a Venezuela nas últimas décadas e de que maneira esses cenários se abrem para a situação atual do país. Aproximando de nosso tema central, discutimos ainda nesse capítulo as relações de Venezuela e Brasil e os movimentos migratórios tanto na fronteira entre esses dois países quanto um apanhado de algumas produções acadêmicas nacionais sobre outros grupos migratórios. Por fim, discutimos estudos que analisam a relação entre os movimentos transnacionais e a imprensa.

2.1 POLÍTICA E ECONOMIA EM UMA VENEZUELA POLARIZADA

Não há pesquisa que se proponha profunda que possa ignorar contextos e acontecimentos que circundam os temas tratados, assim como não se pode tentar compreender os discursos da imprensa sem debater minimamente a sociedade na qual ela está presente, as características da mídia analisada e de que forma o tema que ela trata circula na coletividade. Seria difícil, se não impossível, conceber análises sobre as representações que a mídia brasileira apresenta dos imigrantes venezuelanos sem antes tentar traçar ligações, sugerir aproximações e clarificar algumas disputas e contradições inerentes a essas temáticas. Neste primeiro capítulo serão apresentadas as bases para as discussões que virão a seguir, dessa maneira, primeiro traz-se uma breve explanação sobre a Venezuela. Direciona-se luz à situação política do país vizinho desde antes dos governos de Hugo Chávez Frias e de Nicolás Maduro Moros, mas com interesse especial a esse último período, pois foi quando houve uma maior mobilidade de venezuelanos ao Brasil. Conectado ao histórico político veremos o econômico, o social e as relações da Venezuela com os países da região, especialmente o Brasil. Será tratado ainda, vinculado às relações da Venezuela com os vizinhos, de que forma se deram e se dão as movimentações migratórias na América Latina. Nesse momento, trabalha-se também as disputas políticas na região, por vezes polarizadas, e de que forma as estruturas políticas, econômicas e sociais formam a ponte para o crescimento dos movimentos fronteiriços. Finaliza-se o capítulo inicial desta dissertação com os estudos sobre migração em

diversos campos do conhecimento, com enfoque nos estudos realizados no Brasil. E apresenta-se os debates sobre migração na imprensa brasileira realizados nos últimos anos, conjunto de temas nos quais essa dissertação está inserida e que auxiliam na compreensão das conjunturas de estudo e dos temas que as cercam.

A Venezuela tem em comum com outros países latino-americanos uma série de características econômicas e políticas: tensões de interdependência com os países ricos, particularmente os EUA, a formação de uma elite com poder político que geralmente promove o próprio ganho em detrimento de melhorias para o país e a participação militar em alguns governos são exemplos. Porém, como os outros países da região, a Venezuela tem características únicas e movimentos próprios que conduzem a vida política do país. Nos concentramos aqui sobretudo nos governos de Hugo Chávez e de Nicolás Maduro, que são os últimos presidentes e também compõem os principais nomes de uma mudança política no país.

A cientista política Mariana de Oliveira Lopes Vieira (2016) afirma que a chegada de Hugo Chávez à cena política venezuelana se dá com o fim da democracia de Punto Fijo, que foi um acordo entre os maiores partidos da Venezuela e que durou cerca de quatro décadas. Em 1958 começa o acerto no qual a AD (Acción Democrática) e o COPEI (Comité de Organización Política Electoral Independiente) se sucedem no poder, com políticas de visada liberal, aproximação com os EUA, economia baseada na venda de petróleo bruto e controle forte das lutas populares. Além de afastar e conter os movimentos sociais, tal pacto manteve o exército longe da política. Punto Fijo durou até os anos 1990, quando foi substituído pelo governo de Carlos Andrés Pérez, em um período que significou o fim de Punto Fijo, mas a continuidade das políticas neoliberais, constante também, na época, nos países vizinhos da América do Sul. Em 1992, as tensões culminaram em uma tentativa de golpe que tinha entre seus líderes o tenente-coronel Hugo Chávez.

Em um momento de vácuo de poder, Hugo Chávez aparece na eleição de 1998 como uma alternativa, unindo forças políticas progressistas, militares de baixa patente e grupos que estavam fora do círculo de poder (VIEIRA, 2016). De 1998 até sua morte em 2013, Chávez venceu quatro eleições para presidente, seu partido foi maioria em 4 das 5 votações ao parlamento nacional. Ele sofreu uma tentativa de golpe e 2 paros - “greves” de grandes empresários que resultaram na quebra de diversas pequenas e médias empresas e no aumento do desemprego (VIEIRA, 2016).

Quando Chávez foi afastado do poder por motivos médicos ainda no início de seu quarto mandato em 2013, assumiu a presidência seu vice, Nicolás Maduro, que, por sua vez, venceu duas eleições e está atualmente em seu nono ano no poder. Maduro enfrenta crises que se entrelaçam e não possui o mesmo apoio popular que tinha Chávez (VIEIRA, 2016). Além disso, também conta com um cenário geopolítico muito mais diverso e por vezes contrário às suas políticas na região. A Venezuela desde 1998 tem algumas continuidades em relação ao passado e também mudanças imensas; possui um constante debate entre contrários e favoráveis aos governos Chávez e Maduro e também uma conflituosa relação com os EUA que permanecem sendo fonte de discussões. Aqui tenta-se mostrar apenas algumas características importantes para nosso estudo e alguns dos debates em torno do partido que está no poder na Venezuela há 23 anos e a situação de polarização política na qual se encontra o país.

Com dados da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) e do Instituto Nacional de Estatísticas da Venezuela, Mariana Vieira (2016) evidencia melhorias no nível de vida dos cidadãos venezuelanos durante a primeira década do século XXI. A pesquisadora explicita que houve uma maior diversidade econômica, com participação direta do estado mas também com modificação nas exportações. Além de maior importância do país no plano global, ampliando as relações internacionais e tornando-se um ator central na política internacional. Em relação à pobreza, os índices apontavam 49% de cidadãos nesse nível socioeconômico, enquanto 21% da população estava em extrema pobreza em 1998 quando Chávez se elegeu pela primeira vez. Durante seu governo esses índices caíram constantemente até atingirem 26,8% e 7,1%, respectivamente, em 2010. Tais números foram resultado de intensas políticas de distribuição de renda, com programas de auxílio alimentar utilizando os ganhos da venda do petróleo no mercado externo. Em relação a isso se encontra uma das críticas ao governo Chávez: a impossibilidade de modificar a estrutura econômica venezuelana que sempre foi refém da venda de petróleo bruto (VIEIRA, 2016, p. 45).

Houve, portanto, uma melhora no nível geral da vida dos cidadãos venezuelanos, notadamente das camadas mais pobres, na segunda metade da década de 2000. Neste momento houve um aumento da emigração de venezuelanos, realizada por indivíduos das classes mais abastadas e que saíram do país principalmente em direção aos EUA e Espanha (SIMÕES, 2017). Com exceção da saída de parte de uma elite que perdia poder econômico e político, o êxodo venezuelano se manteria em níveis regulares até 2015, já no governo de

Nicolás Maduro, período no qual o assunto recebe mais atenção da imprensa internacional e dos governos estrangeiros.

Além das modificações internas, parte importante do governo Chávez, que Maduro tenta continuar posteriormente, o último também sustenta uma política internacional de maior integração entre os países do Sul Global, especialmente com governos de esquerda na região, unido ao movimento de afastamento dos EUA. Por consequência, além de tentativas de blocos econômicos com os países latinos, houve também aproximação com rivais dos norte-americanos como Rússia, China e Irã. O aprofundamento de relações com os vizinhos se deu tanto com a criação de novos blocos quanto com a entrada em blocos já existentes.

Débora do Monte (2019, p. 02) afirma que “a Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América (ALBA), criada em 2004, destaca-se como o processo de integração regional em que a Venezuela demonstra maior protagonismo”. Desta forma, há nos governos Chávez um aporte econômico nas aproximações, mas torna-se evidente que “uma das características da política externa venezuelana nos governos de Chávez é o forte cunho ideológico” (MONTE, 2019, p. 09). Além da criação da ALBA, que tinha como objetivo inicial ser uma crítica à tentativa estadunidense de criação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), e o fortalecimento de acordos já existentes como na Comunidade do Caribe (CARICOM) e a Associação de Estados do Caribe (AEC), o governo venezuelano tinha como objetivo a aproximação com a parte sul do continente, e, portanto, a entrada no Mercosul foi de importância central.

Chávez é o primeiro presidente venezuelano a ativamente buscar a aproximação com os vizinhos do sul. A primeira tentativa de participação da Venezuela no Mercosul se deu ainda nos anos 1990 quando o presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso convidou o país a participar do bloco, à época sob o governo de Rafael Caldeira. Porém, é apenas com Chávez que há a tentativa da entrada efetiva da Venezuela como membro pleno do Mercosul. Deve-se analisar essa aproximação como parte da nova política externa do país, que incluía relações tanto com os países da bacia do Caribe, quanto com as nações andinas (Colômbia, Equador, Peru e Bolívia), além de relações com os vizinhos mais ao sul (MONTE, 2016).

Portanto, havia interesse de ambos os lados para a entrada da Venezuela no bloco do Cone Sul. Porém, da mesma forma havia críticas internas que viam a chegada da Venezuela no bloco como uma movimentação político-ideológica e não econômica, já que a maior parte dos países da região estava, à época, com governos de esquerda. Em estudo sobre as interpretações da imprensa brasileira sobre o percurso venezuelano no Mercosul, Leandro

Almeida Lima (2018) afirma que, ao analisar os discursos do governo brasileiro e os editoriais da imprensa brasileira (especificamente, Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo) de 2006 a 2017, observa-se algumas modificações, mas também algumas continuidades. Por exemplo, nos últimos anos, a imprensa adquire uma relação de proximidade com o governo brasileiro, quando está no poder o presidente Michel Temer, após o impeachment de Dilma Rousseff. Nesse período o governo brasileiro possui discursos de ataque ao governo de Caracas, os quais são apoiados pela imprensa. Por outro lado, quando se dá o discurso contrário ao governo brasileiro, que buscava aproximação entre o governo venezuelano e o Mercosul, o executivo brasileiro era liderado pelo Partido dos Trabalhadores, e nesse momento a imprensa justifica suas críticas a essa aproximação como sendo apenas ideológica e não pragmática. Lima (2018), portanto, percebe que a relação ideológica da imprensa brasileira, de contrariedade constante ao governo chavista, ultrapassa tanto suas críticas ao governo brasileiro quanto possíveis vantagens da Venezuela participar do Mercosul.

Lembra-se que a imprensa brasileira foi contrária à participação venezuelana em todo o percurso (LIMA, 2018), mesmo quando havia menos debates políticos a respeito, já que a economia venezuelana ainda estava forte e sua entrada poderia ser percebida como uma vantagem estratégica. Os discursos contrários à Venezuela durante o governo de Nicolás Maduro são mais duros do que durante o do seu antecessor, e a polarização política é realizada também em grande medida nas produções midiáticas. Tanto no Brasil quanto na Venezuela o que se viu na última década foi um acirramento das disputas políticas e a redução da disputa a dois “lados” ou grupos políticos. No caso brasileiro com a participação ativa dos grupos hegemônicos midiáticos no processo que resultou no impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016. Na Venezuela, grupos midiáticos e empresariais também estimularam o processo de polarização, o resultado foi de embate ainda mais acirrado. Ocorreram protestos que se tornaram violentos, a criação de uma outra casa legislativa como alternativa à eleita pela população, o agravamento da crise econômica no país e a subsequente saída cada vez em maior número de venezuelanos do país. Esses elementos, por sua vez, quando noticiados, estimulados ou diminuídos, seja pela mídia contrária ao governo Maduro, seja pela favorável, colaboraram para a exacerbação da polarização política na Venezuela. Um dos momentos chave desse acirramento foi justamente a ascensão de Nicolás Maduro ao poder, tanto pela menor capacidade aglutinadora do presidente quanto pela organização da oposição após tantos anos longe do poder. Sendo assim, como vemos nas pesquisas sobre a

situação política da Venezuela (BRICEÑO-RUIZ, 2010; MONTE, 2016) ou sobre discursos apresentados pela imprensa sobre o governo venezuelano (LAPSKY, GODOY, 2021; LIMA, 2018), há diferenças importantes entre os governos de Hugo Chávez e Nicolás Maduro.

A partir de 2011, Hugo Chávez fez tratamentos e cirurgias para superar um câncer, e em 05 de março de 2013 ele faleceu. Antes de sua morte, o presidente já havia ido a público, em programa da TV estatal, para afirmar que seu vice-presidente, Nicolás Maduro, era a pessoa que seguiria com a revolução bolivariana. Maduro permaneceu como presidente interino até nova eleição, que se realizou em 14 de abril de 2013¹. Sua vitória volta a confirmar o apoio ao programa de governo bolivarianista, porém, a diferença para o candidato da oposição foi menor que 1% (50,61% a 49,12%), demonstrando tanto o crescimento da oposição, melhor articulada com frentes mais amplas de partidos, quanto do desgaste da sequência de governos da esquerda venezuelana. Além disso, o resultado confirma “a problemática do personalismo de Chávez, fenômeno fortemente presente na cultura política latino-americana, frente à esquerda venezuelana” (LAPSKY, GODOY, 2021, p. 02).

Em nova eleição, desta vez para o parlamento em 2015, o governo de Maduro sofreu uma derrota, ao não eleger maioria no parlamento. Dessa forma, “alguns projetos de força ideológica condizente com os bolivarianos acabaram sendo travados pelo parlamento” (LAPSKY, GODOY, 2021, p. 05). Porém, o executivo e o judiciário permaneciam em mãos bolivarianas. Portanto, os conflitos políticos tornaram-se cada vez mais acirrados, já que o parlamento impedia as políticas do executivo e este, por sua vez, deixava de aprovar projetos do legislativo. Pelo lado do governo Maduro, Eduardo Scheidt (2019) afirma que

frente a perda da maioria no parlamento, o governo deu início a uma série de violações da constituição e manobras para manter o controle, tais como a nomeação antecipada de integrantes da suprema corte (para serem aprovados pelo parlamento nos últimos momentos em que o chavismo tinha maioria), a não realização do referendo revogatório, o adiamento das eleições regionais de 2016 para 2017, a não realização do referendo revogatório contra Maduro e a convocação de uma Assembleia Constituinte após a onda de protestos de 2017, que na prática tem funcionado como um “parlamento paralelo”, uma vez que a Assembleia Nacional foi considerada em desacato pela corte suprema. (SCHEIDT, 2019, p. 52)

Lembra-se que nesse período, de 2015 a 2018, ocorreu o aumento da saída de venezuelanos do país, bem como a ampliação dos protestos contra e a favor do governo de Maduro e o aumento das sanções econômicas que o governo dos EUA aplicou à Venezuela.

¹ Segundo a Constituição venezuelana, caso o presidente saia do cargo por motivo de saúde ou morte com menos da metade do mandato cumprido, o vice-presidente assume apenas interinamente, sendo necessária nova eleição para escolher o presidente do país.

Sanções essas que, se não são o único motivo da crise econômica do país, comprometem fortemente a situação financeira local, inclusive “criando inúmeras dificuldades para a Venezuela importar remédios, alimentos e gêneros industriais, essenciais para o bom andamento da economia” (SCHEIDT, 2019, p. 51).

Em março e abril de 2018, grandes protestos ocorreram nas principais cidades do país, os maiores na capital Caracas. Essas manifestações aconteciam com frequência e eram promovidas tanto por apoiadores do governo quanto pelos opositores e seguem acontecendo durante todo o ano. Nesse cenário começou, em janeiro de 2019, o segundo mandato de Nicolás Maduro. Alguns dias depois, em 23 de janeiro, o deputado nacional e presidente da Assembleia Nacional Juan Guaidó se autoproclama presidente interino da Venezuela. Eleito deputado em 2016 após ser suplente nos 2 anos anteriores, Guaidó foi o presidente da Assembleia Nacional mais jovem da história e uma das lideranças no movimento que declarou a ilegitimidade da reeleição de Maduro. O movimento articulado pela Assembleia é logo apoiado por parte da oposição interna e rapidamente Guaidó é reconhecido presidente da Venezuela, em um movimento que tinha por propósito enfraquecer o governo Maduro já no início de seu segundo mandato, lembrando que a própria eleição do ano anterior já havia sido boicotada pela oposição. A tentativa foi considerada inconstitucional, já que a Assembleia estava em desacato desde 2017 e por isso impossibilitada de reconhecer Guaidó. Mas o plano, segundo a oposição, era “iniciar um processo de transição democrática, uma vez que negavam a reeleição de Nicolás Maduro em 2018, acusando fraude”. Essa movimentação acirrou ainda mais a polarização das forças políticas venezuelanas (LAPSKY, GODOY, 2021, p. 05).

Para os pesquisadores Lapsky e Godoy (2021) o governo de Maduro promove diversas manipulações e modificações na lei para governar sem a Assembleia Nacional e sem a participação da oposição. Isso como consequência das articulações da oposição para tentar barrar o governo, utilizando inclusive aparatos externos, sendo as mais conhecidas as sanções econômicas dos EUA e a pressão dos países vizinhos através do Grupo de Lima². Ocorre uma

² O Grupo de Lima é uma reunião de chanceleres de países americanos, formada em 2017, que tem por objetivo discutir e buscar uma solução para a situação da Venezuela. Segundo o próprio grupo, os objetivos são os de encontrar uma solução democrática e pacífica para os conflitos internos da Venezuela, levando em consideração presos políticos, falta de eleições livres e a crise humanitária no país. Já pelo lado dos apoiadores do governo de Maduro, há a percepção de que o Grupo de Lima foi formado para gerar uma pressão organizada contra o governo central venezuelano. Atualmente, fazem parte do grupo: Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Guiana, Honduras, México, Panamá, Paraguai e Santa Lúcia. Argentina e Peru já foram membros mas retiraram-se em 2021. Os EUA, apesar de não ser membro oficial, participa das reuniões e apoia suas resoluções. Barbados, Granada, Jamaica, Uruguai e União Européia também apoiam o grupo.

guinada parcial na ideologia do governo federal venezuelano e, se o discurso anti-imperialista era central desde os tempos de Chávez, ele torna-se agora presente em todas as instâncias da participação governamental. Somam-se denúncias de maus-tratos a presos políticos e censura a jornalistas, além de violência contra opositores e manifestantes. Ao mesmo tempo, formam-se as Milícias Bolivarianas “que têm como objetivo preparar a população para o enfrentamento de prováveis embates contra forças externas, tendo como exemplo recente a participação da população local no enfrentamento aos paramilitares da Silvercorp³” (LAPSKY, GODOY, 2021, p. 06).

A pressão logo após a autoproclamação de Guaidó foi, portanto, constante no governo Maduro. É o caso da disputa de discursos em torno da legitimidade ou não do governo, por exemplo, ou acerca da intensidade e motivos da crise econômica venezuelana. Passou-se não mais a debater-se disputas políticas, mas a legitimidade de um governo, que para muitos não era democrático, e de outro lado uma oposição acusada de ser a face de um golpe de estado perpetrado pelos EUA. Para Eduardo Scheidt (2019), a democracia venezuelana, apesar de se encontrar em uma situação adversa e com instituições problemáticas em todas as instâncias, ainda é uma democracia:

a elevada polarização, a grave crise econômica, as pressões internas e externas contra o governo são os principais elementos que inviabilizam o pleno funcionamento das instituições democráticas. As medidas autoritárias e manipulações das leis por Maduro são reações de um governo que se vê acuado frente a inúmeras pressões e ao isolamento continental (SCHEIDT, 2019, p. 53).

Com o passar dos meses de 2019 a polarização política elevada por discursos cada vez mais fortes, as acusações de ambos os lados e, inclusive, tentativas de golpe frustradas ampliaram ainda mais o interesse da imprensa internacional sobre a Venezuela. Internamente, os protestos e os discursos cada vez mais inflamados pareciam conduzir a uma ruptura grave ou mesmo conflito armado. Porém, Guaidó nunca atingiu o amplo apoio que no início do ano parecia garantido, além de o governo conseguir manter-se funcionando e mesmo ter ampliado sua força com os debates na Assembléia Constituinte⁴.

³ Silvercorp é uma empresa de segurança dos EUA que organizou uma tentativa de golpe fracassada que objetivava sequestrar Maduro, retirando-o do poder e levá-lo aos EUA. Devido a uma sequência de erros, a tentativa foi ridicularizada e serviu de apoio a retórica do governo venezuelano de possíveis ataques externos. (LAPSKY, GODOY, 2021, p. 06)

⁴ A Assembléia Nacional Constituinte venezuelana foi uma assembléia chamada por decreto presidencial em 1º de maio de 2017, formada em 4 de agosto do mesmo ano e durou até 18 de dezembro de 2020, um ano e meio a mais que o previsto. A Assembléia elegeu em 30 de julho de 2017, por voto universal e secreto, 545 representantes regionais e propunha elaborar uma nova Constituição para o país. Algumas ações importantes da

Durante esse período, segue o aumento visto nos últimos anos da emigração de venezuelanos. Durante o aumento do número de protestos e logo após a autoproclamação de Juan Guaidó esses números aumentaram ainda mais. Essa correlação, apesar de não diretamente nítida, nos dá indícios acerca das motivações dos venezuelanos que saíram de seu país nesse período. Unido à crise política ocorre o deterioramento da economia e, por consequência, os problemas sociais. A Venezuela estava menos preparada que seus vizinhos para suportar a crise econômica mundial devido a continuar tendo como principal fonte de renda a venda de petróleo. Além disso, as duras sanções comerciais internacionais aplicadas pelos EUA prejudicaram ainda mais a frágil economia venezuelana. O que se abateu sobre a população foi aumento do desemprego, aceleração da inflação e mesmo a falta de produtos em diversas cidades e áreas do país.

Dessa forma, como se pode interpretar a partir de alguns autores (BRICEÑO-RUIZ, 2010; VIEIRA, 2016; SCHEIDT, 2019), após cerca de cinco décadas de um acordo entre partidos de ideologia liberal e com forte aproximação com os EUA, numa situação de subjugação em relação ao país do Norte, a Venezuela iniciou em 1998 um governo de forte tendência de esquerda, desenvolvimentista e nacionalista, que se afirmou progressivamente como anti-imperialista e antineoliberal. Os nomes dados ao governo de Hugo Chávez (Socialismo do Século XXI, Capitalismo de Estado ou mesmo Bonapartismo) partem dessa relação interna e externa venezuelana que une militarismo, nacionalismo, apoio das camadas pobres e um discurso constante de defesa contra os ataques estrangeiros (LAPSKY, GODOY, 2021; VIEIRA, 2016). Chávez e depois Maduro mantiveram-se no poder muitas vezes com distorções das leis, porém, também defenderam-se de tentativas de golpe e venceram a maior parte das eleições durante 23 anos.

Muitos discursos contraditórios e mesmo totalmente opostos circulam em relação a Venezuela e torna-se difícil compreender os pormenores desse debate para analisar as relações desses discursos com o fenômeno migratório. Dessa forma, esse capítulo segue na tentativa de ampliar a discussão a respeito para formarmos uma base que ajude a fundamentar a reflexão sobre as representações apresentadas pela imprensa brasileira sobre os imigrantes venezuelanos nos últimos anos, de 2015 até 2020. Como vimos no início deste capítulo,

Assembleia foram a destituição da procuradora-geral, Luisa Ortega Díaz, contrária a formação da própria assembleia. Cita-se também a retirada da imunidade parlamentar de deputados opositores, a destituição do governador do estado de Zulia, que não reconhecia a legitimidade da Assembleia Nacional e a lei que permitia ao presidente Maduro vender empresas públicas e dava mais liberdade aos contratos com empresas privadas. Quando de sua dissolução, a Assembleia Nacional não havia proposto uma nova constituição e seu uso prático foi o de se contrapor à Assembleia Nacional, de maioria opositora.

temos por objetivo nesse momento, perpassar as relações e temas de fundo para compreendermos a situação da Venezuela nos últimos anos, bem como sua relação com os países vizinhos e, sobretudo, os processos e causas que podem ter impulsionado o aumento significativo da emigração no país. O próximo tópico compreende as relações de Brasil e Venezuela para começar a discutir as movimentações fronteiriças entre esses países e nos países da região, para, posteriormente, abordar a temática da mídia e migração.

2.2 VENEZUELA E BRASIL: APROXIMAÇÕES E TENSÕES

Vimos as mudanças na política venezuelana nas últimas décadas e também as crises surgidas no país ligadas a mudanças econômicas em escala mundial. Escolhas políticas equivocadas e a pressão exercida pelas sanções econômicas que prejudicam fortemente tanto a economia venezuelana em grande escala (na venda de petróleo, por exemplo) quanto a possibilidade de ampliação de programas sociais, retomada do emprego e melhoria em geral para a população. Vimos também que as relações com os países vizinhos se deterioraram com o passar do tempo. Diversos países vizinhos iniciaram ciclos de líderes com políticas conservadoras, que não queriam proximidade com a Venezuela e mesmo se opunham a continuidade do governo de Maduro. Em alguns casos ocorreu a ascensão de governos de extrema-direita, como nos EUA, Colômbia e Brasil, ainda mais contrários às políticas bolivarianas. No presente tópico de capítulo, segue-se explorando os contextos da movimentação migratória na América do Sul, principalmente nas relações entre Venezuela e Brasil e também tratando de outros países vizinhos, sempre tendo por mote a situação político-social no continente para debater e analisar de que forma esse cenário influencia os movimentos transnacionais na região.

A relação entre Brasil e Venezuela foi por diversos momentos afastada. A Venezuela tem relação mais próxima com os países do Caribe e com seus vizinhos dos Andes, particularmente Colômbia, enquanto o Brasil, historicamente, é apartado tanto de seus vizinhos do norte sul-americano quanto de seu próprio território nortista. As aproximações, nas últimas décadas, entre os países amazônicos, que inclui além de Brasil e Venezuela, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru, configuraram uma nova tendência, porém ainda muito aquém das possibilidades da região.

A Amazônia permanece em ciclos de desenvolvimento que geralmente baseiam-se na extração de matérias-primas ou da devastação da floresta para ampliação da área destinada à

agropecuária. Poucas foram as tentativas de construir uma economia na região unida à proteção ambiental. A ocupação da região pelos Estados-nação, com suas estruturas econômicas e institucionais, se deu tardiamente, e economicamente houve ciclos de valorização momentânea de produtos da região no mercado internacional, intercaladas por períodos de estagnação, afirma Bertha Becker (2007). Dessa forma, a região manteve-se muito menos movimentada em termos de trocas entre os países e relações econômicas do que outros locais do continente. Mesmo assim houve períodos de maior aproximação e particularmente nesses momentos, grande movimentação migratória, tanto interna quanto externa.

Exemplo marcante dessa característica regional foi a expansão da economia da borracha no final do século XIX. Nesse período, os países mais desenvolvidos estavam com grande demanda por borracha natural e a floresta amazônica apresentava boas condições para a ampliação da coleta do produto. Alessandra Rufino Santos (2018) explica que apesar de não haver números exatos, estima-se que milhares de pessoas deslocaram-se do nordeste brasileiro para a região amazônica para trabalhar na coleta da seiva de seringueira e que “muitos desses migrantes eram recrutados para trabalhar nos seringais, porém não possuíam direito na aquisição de terras, pois, na maioria das vezes, os seringais eram administrados por famílias tradicionais locais” (SANTOS, 2018, p. 58). Configurando, portanto, a continuidade da exploração de trabalhadores na região, algo vindo inclusive dos tempos coloniais, período no qual a Amazônia brasileira recebeu cerca de 34 mil africanos escravizados.

A autora explica que “o processo de ocupação da Amazônia sempre se baseou na transferência de significativos contingentes populacionais vindos de fora da região”, o que por um lado aplica pressão nas populações locais e, em segundo lugar, abre brechas para a exploração dos migrantes. O ciclo da borracha, utilizado aqui como um exemplo pontual do que em geral ocorreu na região amazônica tanto no Brasil quanto nos vizinhos, é exemplar tanto da movimentação migratória quanto em explicitar como esses ciclos são rápidos e inconstantes. A ponto de cidades inteiras serem construídas durante o crescimento econômico - como a famosa cidade de Fordlândia⁵ no Pará - mas logo abandonadas ou tornando-se isoladas devido à mudança de área com crescente desenvolvimento.

⁵ Fordlândia foi um projeto do magnata norte-americano Henry Ford que em 1927 planejou uma cidade para servir como base para plantação de seringais que serviriam, por sua vez, para a fabricação de látex para os automóveis Ford. O projeto foi encerrado em 1945, custando milhões de dólares em prejuízo tanto a Ford Company quanto ao governo brasileiro que assumiu alguns encargos com trabalhadores.

As condições para o desenvolvimento do Norte brasileiro é similar ao ocorrido na região Sul venezuelana, local que também é visto pelo centro econômico e político do país, ou seja, Caracas, como um “vazio” subdesenvolvido. Por exemplo, durante a década de 1990, houve uma tentativa desenvolvimentista em Roraima, com projetos de colonização, que promoveram mais uma vez a ida de nordestinos para a região Norte. Já no lado venezuelano houve projetos como o *Programa Desarrollo del Sur*, “que incluiu entre outras ações a instalação de projetos de infraestrutura e indústrias básicas de siderurgia e energia, motivando a emigração de brasileiros para o país vizinho” (SANTOS, 2018). Se os exemplos sobre o avanço histórico da região amazônica e da área fronteira entre Brasil e Venezuela não podem ser tomados como espelhos idênticos, já que cada país e região têm suas características próprias, suas escolhas e história, podemos, mesmo assim, perceber algumas continuidades na região. Elas incluem a participação maciça de imigrantes (ou no caso dos indígenas e africanos escravizados, de pessoas sequestradas de seus locais de origem), a ideia de um “vazio” no qual o desenvolvimento é apenas encontrado na natureza ou trazido de fora, e também a percepção da necessidade de um “desenvolvimento” que modifique a região, com ampliação de cidades e pólos industriais.

Sendo o estado venezuelano de Bolívar um polo industrial pequeno enquanto o lado brasileiro ainda se mantém predominantemente agrário, essa relação de fronteira “sempre foi marcada mais pelo deslocamento de brasileiros para a Venezuela do que de venezuelanos para o Brasil” (SANTOS, 2018, p. 70). Durante os anos 1970, após a queda da mineração no estado brasileiro, um grande número de mineiros brasileiros atravessou a fronteira para trabalhar nas áreas de mineração do sul da Venezuela. O mesmo ocorreu nos anos 1990, quando, além do fechamento de zonas de mineração, deu-se o fracasso dos processos de colonização de áreas roraimenses. Já nos anos 2000 houve novo avanço da migração do Brasil para a Venezuela, desta vez com maior presença feminina e que se dirigiram às cidades para trabalhar no comércio local. Essa movimentação no sentido Brasil-Venezuela foi, como vimos, promovida por buscas particulares por trabalho. Porém, como indica Alessandra Santos (2018), “o fenômeno migratório não pode ser analisado somente por uma perspectiva individual, mas como um projeto coletivo cujas consequências são compartilhadas tanto no lugar de destino migratório quanto no lugar de origem”.

Portanto, a entrada de venezuelanos no Brasil não é o cenário mais comum, a movimentação contrária, de brasileiros para a Venezuela, foi mais comum. É claro, não se pode ignorar que enquanto a entrada de brasileiros na Venezuela ocorreu de maneira lenta e

local, o contrário acontece em um número muito maior de pessoas em curto espaço de tempo. Em 2016, o número de venezuelanos cruzando a fronteira foi de cerca de 30 mil pessoas, até final de 2019 já havia mais de 260.000 refugiados, solicitantes de asilo e migrantes temporários no Brasil (CAVALCANTI, OLIVEIRA, MACEDO, 2020b). Além de um grande número de pessoas, a entrada de venezuelanos no Brasil também foi importante por se dar em um estado de baixo número populacional e fraco desenvolvimento econômico. Roraima não estava preparada para a entrada de tantas pessoas em espaço curto de tempo, o que ficou provado pela má gestão política na região, com pedidos de fechamento da fronteira, que, além de um ataque às tentativas de abertura para estrangeiros, é inconstitucional. Além disso, outro exemplo da tensão criada desde o início da entrada dos imigrantes, foi a ocorrência de conflitos protagonizados pela população brasileira contra os imigrantes. Casos que aconteceram tanto em Boa Vista, capital do estado, quanto em Pacaraima, principal cidade fronteira a ser ponto de entrada de imigrantes.

Com a entrada constante de imigrantes venezuelanos em Roraima passa a ocorrer debates na comunidade local sobre o tema, em geral divididos entre defensores dos imigrantes, opinando sobretudo sobre a tentativa de cada um procurar trabalho, e os contrários, que vêem diversos problemas na entrada de estrangeiros. Santos (2018) explica:

a mídia roraimense tem divulgado que com a chegada dos venezuelanos aumentou, em Roraima, os atendimentos nos ambientes hospitalares, a violência e casos de prostituição. A mídia também tem exposto constantemente que refugiados venezuelanos mudam de carreira para arranjar emprego em Roraima, tendo em vista que, sem opções de trabalho, muitos deles se veem obrigados a mudar de profissão para arranjar emprego no Brasil e ajudar os familiares que continuam no país fronteiro ao Estado (SANTOS, 2018. p. 73).

Esse tipo de opinião é comum em relação a estrangeiros, notadamente os vindos de países em crise ou subdesenvolvidos. Porém, estudos sobre o tema encontram respostas diferentes do que está apresentado no senso comum. Uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas sobre o estado de Roraima no período que aqui analisamos conclui que os dados sobre a economia local demonstram melhora em diversos índices, inclusive o PIB (Produto Interno Bruto) e diversidade no comércio, dois importantes indícios de melhora na economia e incremento do mercado de trabalho. Segundo o estudo, essa melhora é justamente produto da participação dos imigrantes venezuelanos na economia de Roraima. (FGV DAPP, 2020).

A fronteira norte brasileira é, segundo a pesquisadora Alessandra Santos (2018), um local “marcado, em algumas situações, pela invisibilidade, negação cultural e estereótipo”. Onde há uma construção discursiva acerca da região e dos processos migratórios como ações intrinsecamente negativas e “neste processo, a história da fronteira Brasil/Venezuela e de seu eixo migratório é marcado por estereótipos que levam a visibilidade da região apenas por questões negativas” (SANTOS, 2018, p 76). Historicamente, os estados fronteiriços de Bolívar (Venezuela) e Roraima (Brasil) são consideravelmente próximos, com “relações de amizade e cooperação em diversos setores, tais como educação, segurança pública e saúde”. Vale salientar que “a relação próxima e amistosa entre os governos de Roraima e Bolívar não é algo comum em regiões de fronteira, pelo menos não nesse nível de proximidade” (SANTOS, 2018, p. 82).

Pesquisar a representação da imprensa sobre a migração que chega ao Brasil por aquela região é também refletir sobre circulação e processos de integração/exclusão na América do Sul, dedicando-se aos contextos próprios dessa região. É não apenas apresentar de que forma se dá a mobilidade humana, mas também as motivações e características de tal processo. Não se trata, portanto, de qualificar o ato da migração, indicá-lo como positivo ou negativo, mas compreendê-lo enquanto processo da modernidade e também como escolha pessoal dos sujeitos. Concordamos com Leandro da Silva Selari (2018, p. 26), quando o pesquisador afirma que “pensar a integração na América Latina pressupõem a compreensão da complexidade de suas dinâmicas, da especificidade de seus fenômenos e fluxos, da interação ancestral entre seus povos, da interconexão territorial, cultural, política e econômica”. Portanto, é necessário mais do que refletir acerca das transformações na atualidade que promovem o trânsito transnacional ou pensar de que forma isso pode se dar de maneira menos disruptiva; é momento de tentar ir além da simples assimilação no mercado de trabalho ou de alguns auxílios legais. E, para que tal debate e avanço se dê na sociedade, entende-se que é relevante o modo como o tema é abordado na comunicação midiática e jornalística, que faz a mediação e a construção de sentidos sobre tais fenômenos cotidianamente em suas narrativas.

O movimento de migração interno latino-americano é por vezes uma tentativa de escapar das pressões econômicas resultantes do processo globalizante, sendo assim é um “movimento que transborda as fronteiras nacionais, por uma perspectiva econômica e ideológica, transnacional e mundial, de superação de uma realidade local adversa”, como afirma Selari (2018, p. 37). E que, sendo inicialmente econômico, torna-se um processo de integração tanto quanto de pressão. Assim sendo, “a presença do imigrante estabelece laços

irreversíveis que não só transformam sua existência mediante a realidade do país em que reside e trabalha, mas também transforma o meio em que está inserido de maneira determinante e irrevogável”. O autor continua, “a multiplicidade de seus envolvimento se perpetua para além de sua existência, isto é, o imigrante estabelece sociabilidades geracionais, culturais e econômicas, que persistem mesmo que ele já não esteja” (SELARI, 2018, p. 38).

Para os países do Sul, a globalização promove uma economia mais fraca e suscetível às flutuações econômicas, sujeitando-as a crises e perdas, o que por sua vez promove tanto pobreza nesses países, quanto propõe que esse países não mais favorecem as pessoas, que a única saída é partir para o Norte. Ainda mais, como afirma ElHajji (2014) “quando se sabe que a poderosa arma do Norte é a ilusão e as imagens fantasmagóricas dele projetadas pela mídia global”. Porém, dentro da América do Sul esse mesmo caminho ocorre, quando países com economia mais forte parecem fornecer o que os países em crise ou menos desenvolvidos não podem. O Brasil, que tem saída histórica de seus cidadãos para nações mais ricas, também é local de chegada para grupos estrangeiros. Pode-se tomar como exemplo o caso dos bolivianos em São Paulo: a cidade que atrai também a migração interna brasileira pode nos servir de exemplo para analisarmos as migrações transnacionais sob a perspectiva da precarização do trabalho e das promessas de melhores condições de vida.

Dados sobre migração de 2015 já revelavam mais de 100 mil bolivianos apenas na cidade de São Paulo (SUZUKI, 2014), e desde então esse número aumentou (CAVALCANTI, OLIVEIRA, MACEDO, 2020b). Em 2019 a entrada de bolivianos foi superada apenas pela venezuelana e haitiana, porém, algumas características dessa migração podem ser observadas quando analisa-se dados de anos sequenciais. Por exemplo, enquanto a migração haitiana teve picos nos anos de 2018 e 2019, nos quais o número de indivíduos registrados foi de mais de sete mil pessoas, e até 2017 esse número não passava de dois mil indivíduos. A venezuelana mantinha-se em menos de mil indivíduos entrando no Brasil entre 2010 e 2016, em 2017 já foram 6624 pedidos de permanência, em 2018 esse número saltou para 23549, e em 2019 atingiu mais de 35 mil pedidos de permanência. Porém, no caso dos bolivianos os pedidos de permanência de longo termo mantém-se constante durante toda a década passada, pouco mais de 2 mil anualmente. Isso permite dizer que há uma continuidade na movimentação fronteiriça da Bolívia para o Brasil com pouca ou nenhuma modificação mesmo com tensões políticas no país vizinho, como o golpe militar que retirou do poder o grupo político do ex-presidente Evo Morales.

Outro exemplo é a participação de crianças na migração boliviana, enquanto em outros países se verificou maior contingente de homens jovens, no caso boliviano já há uma movimentação de mulheres e crianças há alguns anos. Em 2019, o número de crianças estrangeiras matriculadas no Ensino Infantil brasileiro foi de quase 15 mil (CAVALCANTI, OLIVEIRA, MACEDO, 2020b). Desse número, a Bolívia foi o segundo país com maior número de crianças matriculadas, perdendo apenas para a Venezuela. Entretanto, como vimos, o número total de venezuelanos superou em 17 vezes o de bolivianos a entrar no país, enquanto o número de crianças é apenas o dobro. Sendo assim, percebe-se uma movimentação já de famílias inteiras e que se diferencia das características de outros movimentos.

Em estudo que pesquisa famílias migrantes no bairro do Bom Retiro, na capital paulista, os pesquisadores da área da saúde Fernando Morelli Calixto, Jenifer Silva Loureiro, Caroline Esposito Garcia e Oziris Simões, em 2012, apresentam como se deu a elaboração de um projeto que visava informar as famílias sobre as necessidades nutritivas para crianças, já que muitas apresentavam carências nutricionais. Nesse estudo, acompanha-se a construção de cartilhas de orientação, porém, para nós, o interessante é a condição de trabalho similar à escravidão ao que foram obrigados os imigrantes, nomeadamente bolivianos. Para além do projeto em si, é importante trazer aqui esse tipo de análise pois se percebe a constância de alguns assuntos quando se trata de imigrantes, como a cobertura diferenciada quando são famílias migrantes, a exploração trabalhista ou ainda a tentativa de incluir os imigrantes na sociedade, a tão expressa “assimilação” ou “integração”. Nesse trabalho isso se nota, por exemplo, nas opiniões de médicos, que após participarem dos trabalhos com os imigrantes consideram positivo que isso seria “parte do início de uma integração dessas mães [imigrantes] ao sistema de saúde brasileiro” (CALIXTO et al, 2012, p. 226).

Como visto, algumas características são comuns na migração, uma delas é a manutenção de projetos e sistemas de exploração do trabalho e a permanência de um grande número de pessoas com empregos frágeis, geralmente isso também está unido à especulação imobiliária, que gera outro tipo de exploração, seja a necessidade de morar longe dos locais de trabalho, seja a obrigação em morar próximo, em locais geralmente precários. Sobre isso, Natália Sayuri Suzuki (2014), em estudo sobre a moradia de bolivianos na cidade de São Paulo, aponta que um grupo importante de imigrantes bolivianos vive e trabalha no centro paulistano em condições de nível muito baixo.

A precariedade das condições de trabalho e a relação de dependência perversa, que submete o trabalhador a níveis de exploração compatíveis com o do período da Revolução Industrial, são classificadas tecnicamente por órgãos públicos e competentes, como o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Ministério Público do Trabalho (MPT), como trabalho escravo (SUZUKI, 2014, p. 04).

Essa dependência faz parte de um sistema que permite aos empregadores sujeitarem os imigrantes a opções tão limitadas que resta-lhes aceitarem as irregularidades. De modo que “as ações [do MTE] também geraram estigma e sentimentos contraditórios nos próprios bolivianos que, apesar de cientes do duro trabalho e condições de vida precárias que enfrentam, repudiam a terminação “escravo” como definição do papel que ocupam na sociedade” (SUZUKI, 2014).

Como afirmamos, existem relações no próprio conjunto social que influenciam a forma como a participação dos imigrantes se dá no local em que vivem, seja um contato positivo, com ajuda e aproximação, seja o distanciamento e o preconceito. Pedro Palma e Javier Ruiz-Tagle (2018) estudaram a marginalização de grupos migrantes em um bairro periférico de Santiago do Chile. Para eles, o choque do aumento da migração nos últimos anos, que permitiu o deslocamento desses grupos dos centros urbanos para as periferias, causa uma ruptura que aumenta o preconceito e promove conflitos entre a população nativa e os imigrantes (PALMA, RUIZ-TAGLE, 2018). Os autores lembram ainda que as origens do discurso sobre a “assimilação” se dão a partir de políticas de “migração desejável” no século XIX, com políticas do Estado chileno para a chegada de europeus no país (política também realizada pelo Brasil, em geral em relação a italianos e alemães no sul do país). Essa assimilação se daria com o uso da língua local, não utilização de símbolos originários e por vezes mudança de religião ou supressão de outros elementos culturais. Segundo os autores “este discurso propõe que, para poder integrarem-se à sociedade de destino, os imigrantes devem renunciar às suas características linguísticas, culturais e sociais para ‘confundirem-se’ com a maioria da população”⁶ (PALMA, RUIZ-TAGLE, 2018, p. 61, tradução nossa).

Os autores explicam que o imigrante, na configuração econômica atual, forma uma força de trabalho precarizada e substituí ou amplia, dependendo do caso, os preconceitos de raça, já que coloca aos imigrantes tanto as relações de classe quanto as de raça. O local de origem e as características físicas influenciam a forma como são recebidos os imigrantes em diversos espaços, além de sua participação no mercado de trabalho. Dessa forma, há uma

⁶ “Este discurso apunta a que, para poder integrarse en las sociedades de destino, los inmigrantes deben renunciar a sus características distintivas en lo lingüístico, lo cultural y lo social para ‘confundirse’ con la mayoría de la población”.

primeira ideia de recepção aos imigrantes que modifica-se baseada em elementos estereotipados, ou, como afirmam os autores:

A aceitação das precárias condições de trabalho em que estão inseridos depende de sua situação migratória, domínio do idioma, conhecimento da legislação, filiação sindical e pertencimento a grupos estigmatizados. O trabalho torna-se o primeiro elemento de competição entre imigrantes e nacionais⁷ (PALMA, RUIZ-TAGLE, 2018, p. 67, tradução nossa).

Temos visto até agora como é intrínseca a relação entre a mobilidade transnacional e o trabalho, ou além do trabalho em si, as mobilidades e pressões do capital. A globalização compõe uma assimetria social que promove a ascensão do capital, atualmente o especulativo e financeiro, enquanto mantém um imenso grupo de indivíduos nas margens, sem força para modificar essa estrutura. Neste contexto, o migrante se choca exatamente com a população local que está em uma situação similar, já que as classes populares e os imigrantes disputam frequentemente as mesmas vagas e as mesmas posições. Esses dois grupos possuem os mesmos sonhos e objetivos, promovidos pelas mesmas mídias que, mais tarde, irão associar os imigrantes aos problemas sociais criados, aí sim, pela desigualdade do capitalismo e as estruturas de manutenção da instabilidade no mercado de trabalho.

Ao mesmo tempo, a relação da população local com os imigrantes, se conflitiva em alguns momentos, torna-se de aproximação quando se promove formas de apoio como os vistos nos estudos sobre os imigrantes bolivianos. Da mesma forma, há uma tendência a se perceber os imigrantes como pessoas “em busca de uma vida melhor”. Este sentido, que já pode-se considerar praticamente um lugar-comum, aparece em diversos estudos (SANTOS, 2018; SUZUKI, 2014; GEDIEL, FRIEDRICH, 2020)

No próximo capítulo veremos como se produz os discursos sobre o diferente, como se dá, portanto, a relação e a intenção que promove a visão de que em dada sociedade existe um *Nós* e um *Outro*, que é apontado, por vezes literalmente, como o diferente. Perceber as nuances dessas condutas permite analisar não apenas a posição desse *Outro*, mas também a do *Nós*. O preconceito e a exclusão não existem apenas, elas são criações de diversas tensões, pressões e interesses, por vezes claros e lógicos, em outras apenas percebidos após compreendermos o todo complexo que compõe essas relações. Sobre isso, o que vimos até agora é a manutenção de algumas ideias sobre os imigrantes que por vezes possuem algum

⁷ “La aceptación de las precarias condiciones de trabajo en las que se insertan depende de su estatus migratorio, manejo del idioma, conocimiento de la legislación, afiliación sindical, y pertenencia a grupos que han sido estigmatizados. El trabajo se convierte en el primer elemento de competencia entre inmigrantes y nacionales”.

fundo factual nas histórias dessas pessoas, mas que são tratadas como verdades gerais, e em outros momentos apenas falsas acusações, que com frequência caem no grupo das opiniões negativas ou preconceituosas em relação aos migrantes, como é o caso da disputa no mercado de trabalho local. Na próxima parte deste primeiro capítulo, portanto, nos dedicamos ao tema no qual essa dissertação se insere, quais sejam, mídia e migração, de forma a compreendermos as discussões trazidas por outros estudiosos e como podemos explorá-las para trazer luz à nossa pergunta: como uma importante mídia da imprensa brasileira (o *Jornal Nacional da Rede Globo*) representa o imigrante venezuelano?

2.3 IMIGRAÇÃO E MÍDIA

Neste tópico, parte do capítulo 1, discute-se a relação entre migração e mídia. Debruça-se sobre os estudos já realizados acerca do tema, bem como a relação entre as representações na imprensa dos indivíduos que cruzam fronteiras. A seção que segue examina inicialmente estudos sobre o tema da migração de maneira ampla, considerando as diversas áreas do conhecimento e possibilidades de investigação do assunto. Posteriormente, analisa-se a lei que modificou a legislação brasileira sobre migrantes e refugiados para discutir se ela aperfeiçoa ou não o modo como o Brasil recebe imigrantes. Por fim, trataremos de pesquisas que discutem os imigrantes venezuelanos no Brasil, a relação da imprensa com este movimento e a forma como seu discurso poderia afetar a vida dessas pessoas que migraram.

A migração interna latinoamericana é, como vimos, um elemento comum no continente. E essa questão é notadamente explorada na América espanhola, na qual os países e grupos culturais têm contato mais próximo entre si do que com o Brasil, entre outros motivos pela língua, cultura, alguns costumes, mas também a forma que se deu a colonização e mesmo o histórico de subserviência dos governos brasileiros aos Estados Unidos e Europa, em detrimento de aproximações, sempre adiadas, com os vizinhos do Sul Global. Entretanto, conjunturas da globalização e a melhora econômica brasileira na segunda década do século XXI causaram aumento na movimentação fronteira. Houve uma constante entrada de pessoas de países africanos e latinos, particularmente Angola e Senegal no primeiro caso e Haiti e Venezuela no segundo (CAVALCANTI, OLIVEIRA, MACEDO, 2020b).

A entrada de imigrantes venezuelanos no Brasil não é comum durante o curso da história. Como visto, os dois países em geral não permaneceram muito próximos, mesmo com relações amistosas entre seus governos. Com a piora da economia venezuelana,

principalmente a partir de 2013, e o endurecimento das sanções dos EUA contra o governo do país vizinho, grupos de pessoas passaram a buscar novos meios de sustento e melhores condições em países do entorno. Os países sulamericanos que primeiro receberam imigrantes venezuelanos foram Peru e Colômbia, porém rapidamente outros países da região tornaram-se local de chegada de migrantes, entre eles Equador, Argentina, Chile e, por fim, o Brasil. Aqui, a entrada de venezuelanos aumenta, e passa a chamar atenção da sociedade e da imprensa, a partir de 2015. 2019 é o ano no qual há uma entrada mais pronunciada de venezuelanos no Brasil (CAVALCANTI, OLIVEIRA, MACEDO, 2020b), coincidindo com o acirramento da polarização política no país, a ascensão de Juan Guaidó como presidente autoproclamado da Venezuela e conflitos durante protestos nas ruas das cidades venezuelanas.

Em estudo sobre o impacto dos trabalhadores venezuelanos no estado de Roraima, região Norte do Brasil, o Observatório das Migrações Internacionais⁸ (FGV DAPP, 2020) afirma que a entrada de venezuelanos entre 2013 e final de 2019 chegou a 264 mil pessoas, sendo a maior parte delas pela fronteira do estado. Neste mesmo estudo, os pesquisadores mostram resultados positivos na economia de Roraima durante o período de aumento da entrada de imigrantes venezuelanos. É importante lembrar que os impactos supostamente negativos dos imigrantes na economia e no mercado de trabalho são constantemente evocados por indivíduos contrários à entrada de estrangeiros, mesmo que os dados provem o oposto (PALMA, RUIZ-TAGLE, 2018; RIBEIRO et al, 2019; FGV DAPP, 2020).

Em outro relatório do OBMigra, o impacto da pandemia de Covid-19 entre os imigrantes é considerado. A pandemia, que começou mundialmente no final de 2019 e modificou o dia-dia de todo o planeta, e que ainda tem consequências no atual ano de 2022, impactou consideravelmente a circulação de pessoas, e, é claro, dos imigrantes. Como veremos no terceiro capítulo, o reflexo da pandemia se viu tanto na movimentação das pessoas, quanto nas políticas governamentais e na cobertura da imprensa sobre o assunto. Segundo o relatório da OBMigra mencionado acima, os números que menos mudaram com a pandemia em 2020 foram os de homens jovens de baixa escolaridade, especialmente das nacionalidades haitiana e venezuelana (CAVALCANTI, OLIVEIRA, MACEDO, 2020a). Portanto, entende-se que essas pessoas, na maioria de baixa renda e sem emprego garantido

⁸ “O Observatório das Migrações Internacionais, OBMigra, foi instituído a partir de um termo de cooperação em 2013 entre o Ministério do Trabalho (MTb), por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e a Universidade de Brasília (UnB). Com a extinção do Ministério do Trabalho (MTb) em janeiro de 2019, o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) assumiu as competências do antigo Ministério no tocante às questões de imigração laboral, incluindo o CNIg.” (CAVALCANTI, OLIVEIRA, MACEDO, 2020b).

no Brasil, estavam se colocando em risco ao realizar a viagem migratória mesmo durante o período mais grave da pandemia de Covid-19.

Naquele estudo, os pesquisadores consideraram como se deu algumas mudanças na população migrante, sendo a principal delas o aumento na proporção de mulheres nos grupos em movimento. Sobre esse incremento, a pesquisa aponta que “as principais nacionalidades entre as mulheres imigrantes de longo termo a se registrarem no Brasil de 2010 a 2019 foram as venezuelanas (68.822), paraguaias (32.113), bolivianas (26.581) e haitianas (23.741)” (CAVALCANTI, OLIVEIRA, MACEDO, 2020a, p. 11). Se lê na mesma pesquisa que houve um aumento não apenas no número, mas também na porcentagem de mulheres em relação ao número total de migrantes. É importante salientar que, apesar de generalizações em contrário, boa parte das mulheres migrantes não entram no país apenas para reencontrar seus pares, mas muitas vezes realizam a viagem sozinhas ou com filhos. Essas mulheres buscam também adentrar no mercado de trabalho. Para isso, as venezuelanas foram responsáveis por 63% das carteiras de trabalho emitidas para mulheres migrantes em 2019, ano com o maior número de carteiras de trabalho emitidas para imigrantes na história brasileira (CAVALCANTI, OLIVEIRA, MACEDO, 2020a).

Precedendo o tema da mídia propriamente e complementando as considerações acerca da migração, abordaremos aqui as modificações na atual configuração das viagens migratórias. Um dos temas fundamentais para debater a migração contemporânea é a globalização. De modo resumido, pode-se dizer que o sistema atual de trocas financeiras permite uma mobilidade quase livre para o capital, enquanto promete uma liberdade de movimentação para as pessoas. Porém essa liberdade é falsa (ou verdadeira apenas para alguns) e as coloca em posições subalternas ou arriscadas, seja pela viagem dos migrantes, marcada por perigos e perdas, seja no permanente estado de quase desemprego no qual são colocados grande parte dos imigrantes no novo país, já que em sua maioria são lançados no mercado de trabalho apenas como candidatos a subempregos ou empregos informais. Por fim, também se compreende a necessidade de cruzamento das fronteiras por meios que a jurisprudência local considera “ilegais”, ignorando muitas vezes os contextos dessa viagem, criando uma subsequente possibilidade de prisão ou deportação. Esses elementos não estão, é claro, presentes em todas as histórias de imigrantes, porém, configuram um novo cenário da migração no planeta.

O professor e pesquisador Muniz Sodré (SODRÉ, 2003) afirma que a globalização indica uma “interconexão de economias” que, auxiliadas por novas tecnologias, permitem a

expansão acelerada do capital e a tentativa de “uniformização” do mundo. Para o autor, a globalização é regional, já que auxilia no desenvolvimento de apenas alguns poucos locais. Esse processo é, portanto, atravessado por um pensamento unitário que promove a distribuição planetária de um “determinado padrão de pessoas, coisas e, principalmente, informações” (SODRÉ, 2003, p. 23). Já para o cientista social espanhol, radicado na Colômbia, Jesús Martín-Barbero, o processo produz uma relação aparentemente contraditória, que potencializa as diferenças culturais, ao mesmo tempo que promove a exposição constante das culturas e das identidades em relação às outras culturas e identidades (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Sobre a assimetria do processo de globalização e as desigualdades sociais por ela infligidas em nações e pessoas, particularmente do Sul global, os pesquisadores Mathias Czaika e Hein de Haas compreendem que esse é um processo que favorece alguns países específicos, e, mais corretamente, algumas poucas regiões ou cidades dentro dessas nações. Nesse contexto, a globalização promove liberdades e melhorias para grupos, pessoas, regiões, classes sociais e profissões específicas, enquanto “simultaneamente exclui ou desfavorece outras” (CZAIKA, HAAS, 2015, p 318). Para os autores, a despeito de variadas áreas do globo estarem mais conectadas, com a utilização de novas tecnologias de comunicação e de transporte, não houve uma distribuição igualitária dos bônus desse processo, já que não apenas entre os países ocorreu um aumento na desigualdade, mas dentro de cada nação verificou-se um alargamento das desigualdades sociais (CZAIKA, HAAS, 2015, p 318).

Com uma visada desde o oriente, o filósofo Yuk Hui (2020) considera que a humanidade está nos “últimos momentos da globalização unilateral”, lembrando que houve uma dinâmica de emanção de apenas um lado para o resto do mundo, nos últimos tempos, a partir dos EUA. Para Hui, esse processo, que promete a aproximação dos povos, em verdade promove “a universalização de epistemologias particulares e, através de meios tecnoeconômicos, a elevação de uma visão de mundo regional ao status de metafísica supostamente global” (HUI, 2020, p. 23).

A globalização contém no termo o processo social, tecnológico, econômico, entre outros, que estruturam a sociedade contemporânea. Dessa forma, esses fatores correlacionados identificam uma promessa de melhora global, de potencial crescimento econômico e tecnológico universal. A realidade, porém, é a exacerbação das diferenças, aumento da desigualdade social, tanto entre os países quanto dentro de cada nação. Em relação aos imigrantes, pode-se refletir que o prejuízo que os países subdesenvolvidos têm na

atual estrutura da economia global, produz alguns cenários, entre eles a manutenção de um grande grupo de pessoas em empregos informais ou sem emprego. Alguns desses indivíduos irão tentar mudar de região ou de país em busca de novas opções de trabalho. Por outro lado, países que passam a receber imigrantes podem vir a conter grupos que veem eles como uma ameaça à estrutura social bem como ao próprio mercado de trabalho, já que nesses países também há falta de vagas e desigualdade social ampliada pela globalização. Esses elementos constituintes da estrutura atual do sistema econômico e social se interconectam e se atravessam, influenciando-se mutuamente e modificam os padrões da migração.

O pesquisador Caio Anselmo (2019) explica essas mudanças ao citar o estudo de 2015 dos professores Czaika e Haas, que apontam três variáveis para os novos padrões migratórios, são elas: intensidade, diversificação e distância. Por intensidade, os pesquisadores afirmam que há, segundo dados coletados entre 1960 e 2015 um aumento não apenas absoluto do número de imigrantes, mas também nos números relativos. Se o número de imigrantes em relação à população mundial era de 2,3% em 1990, aumentou para 3,3% em 2015 (ANSELMO, 2019, p 41). Além de um número maior de pessoas migrantes, também houve uma aceleração nas últimas décadas. Segundo Czaika e Haas (2015), isso ocorre devido ao aumento do número absoluto de migrantes, mas também devido ao aumento da distância percorrida pelos imigrantes, inclusive com a possibilidade de cruzar mais de um país em seu percurso, ou mesmo trocar de país após algum tempo de estabilidade em um primeiro local (CZAIKA, HAAS, 2015, p 291).

Em relação à diversificação, os autores explicam que a globalização influencia a migração em três aspectos. Além do aumento da intensidade (devido a mudanças nas estruturas de trabalho e desigualdade social), também houve crescimento na distância percorrida pelos imigrantes, como dito, e ainda um maior número de países de origem dessas pessoas. Os autores afirmam que a nova configuração da migração no planeta pode ser considerada muito mais complexa que no passado, tendo um padrão menos direto e menos organizado. No passado, por vezes, os governos nacionais estavam envolvidos diretamente na migração, enquanto hoje as migrações são mais espontâneas e menos diretas, mais individuais, envolvendo mais nações, maiores distâncias e um padrão menos claro (CZAIKA, HAAS, 2015, p 291).

Resumidamente, o que os autores acima concluem é que a nova configuração da migração está intrinsecamente ligada à globalização e ao liberalismo, que promoveu um constante aumento da desigualdade, tanto entre os países quanto dentro de cada país. A

desigualdade social multiplicada pelo sistema capitalista global permite ao mesmo tempo a facilitação para a entrada de alguns grupos sociais (os mais ricos e a chamada mão-de-obra qualificada) enquanto tenta impedir a entrada das populações mais pobres. Já que a entrada de pessoas não será impedida totalmente e que, como se viu, a imigração aumentou em número, esses trabalhadores têm ainda mais possibilidade de serem explorados no mercado de trabalho (CZAIKA, HAAS, 2015, p 319).

Espaço que produz e faz circular na sociedade diferentes relatos sobre os imigrantes e suas atividades, a mídia e sua relação com os processos migratórios têm também, historicamente, despertado o interesse de pesquisadores e pesquisadoras em diferentes áreas do conhecimento, especialmente nas Ciências Humanas e Sociais, aí incluído também o campo da Comunicação e do Jornalismo. Na parte que segue, apresentamos alguns desses estudos que exploram a relação entre mídia e migração. Eles nos ajudam a problematizar e conhecer melhor o nosso próprio objeto: as representações dos imigrantes venezuelanos em um telejornal brasileiro.

No Brasil, o estudo sobre migração é bastante presente, particularmente em áreas como Sociologia ou História, que frequentemente tratam das migrações para o Brasil no início do século XX. Nestas mesmas áreas de conhecimento, têm-se um número de trabalhos sobre migrações dentro do país, tratando do êxodo rural ou das viagens de brasileiros do interior às grandes cidades do Sudeste, em particular São Paulo. Essas correspondências foram percebidas durante a seleção inicial da bibliografia necessária para esta dissertação, realizada virtualmente. Pesquisou-se em sites de busca acadêmica como o Google Acadêmico e indexadores como Scielo, porém, exploramos principalmente sites ligados à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como o catálogo de teses e dissertações e o portal de periódicos, sendo um recorte temporal de 10 anos.

Além disso, quando da pesquisa específica sobre jornalismo, além dos locais já citados, também verificou-se os estudos sobre migração em anais de congressos da área como o site da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e os anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS). Neles, foram lidos os títulos dos trabalhos e selecionados os que apresentavam referência ao nosso objeto de pesquisa. Já nos sites de pesquisa e bancos de dados pesquisou-se por termos específicos ou aproximados, por exemplo, no início das consultas, ainda em outubro de 2019, realizamos busca no catálogo de teses e dissertações CAPES com o termo "migração", com abrangência de buscas para os últimos 15 anos e nas áreas do conhecimento de Ciência Política,

Comunicação, Relações Internacionais, Ciências Sociais e Humanidades; obtivemos 137 resultados naquele momento. O mesmo foi feito com termos correlatos e, posteriormente, com o termo “Venezuela” ou “venezuelanos” bem como com os termos referentes aos aportes teórico-metodológicos como “representação”, “identidade”, “diferença” e “estereótipo”. Nesses casos foi realizada uma relação mais ampla ao selecionarmos já pelo título quais trabalhos poderiam ser importantes ou relacionados a esta pesquisa.

Na área da História são muitos os estudos sobre migração de europeus para o Brasil, entre eles destacamos como exemplos e veremos a seguir; Piveta (2020), Camargos (2020), Chimentão (2018) e Silva (2020). Essas pesquisas identificam países dos quais houve um número grande de migrantes que chegaram no Brasil no final do século XIX e início do século XX, em um movimento visto como uma tentativa de “branqueamento” da população nacional por parte dos governos federais em cada época. Para citar apenas alguns destes trabalhos mais recentes de forma detalhada, Camila Piveta (2020) insere sua pesquisa na arquitetura e patrimônio cultural dos imigrantes italianos do sul do Brasil, em um estudo historiográfico e imagético do tema. Também trabalhando com a migração italiana, Renato Camargos (2020) estuda a participação, na sociedade capixaba, desses imigrantes, com foco na segunda metade do século XX. Por sua vez, Bárbara Chimentão (2018) investiga a imigração francesa ao Brasil durante o século XIX, tema pouco trabalhado pela historiografia; especificamente ela trabalha a vinda desses imigrantes para o estado do Paraná. Outro trabalho, de João Paulo da Silva (2020), estuda a migração espanhola para o Brasil, e a instalação dessa população no interior do estado de São Paulo no final do século XIX e início do século XX. São muitos os exemplos de trabalhos que debruçam-se na migração europeia para o Brasil, perceptível não apenas em trabalhos de pós-graduação, mas também artigos científicos, revistas científicas e mesmo em um grande número de livros publicados no país.

É possível notar que os estudos em História identificam não apenas os movimentos no país, como assinalam para a interdisciplinaridade do tema e para as disputas e tensões presentes na sociedade brasileira, que vão de discussões econômicas e desenvolvimentistas, até o racismo, tão presente - ainda - em nossa sociedade, passando pelas desigualdades social, política, econômica e mesmo geográfica. É perceptível que atualmente as discussões com visada nas migrações a partir do Velho Continente versam sobre temas poucos tratados ou reivindicam novas discussões e leituras. As análises atuais identificam também as modificações nas próprias áreas de estudo. Cada vez mais a multidisciplinaridade se faz presente, e as áreas de estudo se atravessam nos trabalhos sobre a migração.

O tema da mulher migrante, por exemplo, aparece como central em um grande número de pesquisas. Para uma ideia da proporção, atualmente no catálogo de teses e dissertações da CAPES, a busca por “imigração” e “mulheres” obtêm 226 resultados, enquanto no portal de periódicos da instituição a mesma busca resulta em 448 trabalhos realizados sobre o tema. Vemos, portanto, que não apenas a quantidade de estudos sobre o tema da migração cresce, mas também se diversificam, englobando outras discussões e ampliando as possibilidades de análises complexas e de conjunturas diversas. Além de temáticas de gênero, notou-se diversidade de estudos sobre temas como a jurisprudência para refugiados (CUNHA, 2013; GONÇALVES, 2017; TORRES, 2019), estudos que tratam da saúde de grupos migrantes (JUNIOR, 2014; PINTO, 2015, AZEVEDO 2020), pesquisas sobre usos diversos de formas de arte e comunicação no contexto da migração (GODEIRO, 2020; SILVA, 2013; PASSARO, 2017).

Exemplificando os estudos relativos a mulheres migrantes, pode-se citar o trabalho de Elisandra Tomascheski (2018), que lança luz às mulheres que vivem na fronteira entre Brasil e Paraguai e que transformam em fluída essa fronteira, vivendo suas vidas nos dois países. O estudo de Ana Luísa Nakamoto (2019), por sua vez, discute a migração de mulheres japonesas para o Brasil. Já Mariângela Nascimento (2017) debruça-se no tema da mulher latinoamericana que imigra para o Brasil. Assunto que já foi considerado aqui anteriormente, especialmente, nas novas relações que as mulheres migrantes têm nos novos padrões migratórios, com atenção aqui nas venezuelanas. Nessa aproximação pode-se citar os trabalhos de Susana Martinez (2020) e Mariana de Araújo Castro (2020). A primeira discute o papel ativo de treze mulheres residentes da cidade de São Sebastião, na Grande Brasília, dentro de suas comunidades e em seus empregos, sendo elas imigrantes haitianas e venezuelanas. Já Castro (2020) trata de questões gerais da migração na modernidade e as crises do capital na atualidade concentrando-se em imigrantes venezuelanas que vivem em uma ocupação autogestionada na cidade de Boa Vista (RR) e de que forma a estrutura na qual vivem essas mulheres se diferencia e se aproxima de outras situações experienciadas por outros grupos migrantes.

No que se refere mais diretamente aos estudos dedicados às relações entre mídia e migração, eles têm se tornado mais comuns principalmente nas últimas duas décadas. Os trabalhos de Denise Cogo (2002, 2006), no Brasil, e os textos de Maria João Silveirinha e Ana Teresa Peixinho de Cristo (2004), em Portugal, são alguns desses exemplos. Silveirinha e Cristo (2004), no artigo “*a construção discursiva dos imigrantes na imprensa*” abordam as

definições e caracterizações que a imprensa estabelece sobre os imigrantes em suas produções. As autoras objetivam discutir as formas que a imprensa aborda e enfatiza os imigrantes, de maneira a construir suas identidades. Dentre as ideias centrais que as autoras expõem está a pouca voz dada aos próprios migrantes durante o processo de produção da notícia. Também discutem a construção de discursos que reduzem o imigrante a poucas características gerais e colocando-o como “o Outro”, como alguém deslocado na sociedade e com pouco controle sobre sua própria vida. Em resumo, o imigrante é visto, nas produções analisadas pelas autoras portuguesas, como um sujeito passivo, inserido em uma ordenação social. Segundo as análises discursivas, neste estudo, a mídia parcialmente constrói a coletividade, e dessa forma sugestiona o local no qual está “o outro”, o migrante, para dessa forma diferenciá-lo do cidadão local (SILVEIRINHA, CRISTO, 2004).

Referência importante dos estudos sobre comunicação e migrações transnacionais, cidadania e movimentos sociais no Brasil, Denise Cogo publicou artigo de 2002, intitulado “O Outro migrante: das estratégias de mediação das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira”, no qual discute “processos de mediação, experiência migratória e interculturalidade” (COGO, 2002). Já em livro publicado em 2006 “*Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas*”, a pesquisadora analisa a produção midiática impressa brasileira em relação às notícias sobre imigrantes e inclui entrevistas com jornalistas e com imigrantes para formular uma discussão mais ampla sobre a forma que a mídia brasileira trata o tema da migração. Nesses trabalhos, a autora investiga, entre outros aspectos, a falta de profundidade em algumas produções que tratam da migração para o Brasil, bem como o pouco espaço para a voz dos imigrantes nas matérias, já que na maior parte dos produtos jornalísticos analisados o migrante é tema, mas não é fonte.

A autora sinaliza também para a “disputa de visibilidade” que há nas produções jornalísticas, local que apresenta diversas caracterizações dos imigrantes mas que também é utilizada por eles para demonstrar suas posições como grupo e destacar suas identidades. Por fim, a autora explicita que “ao contrário do que se verifica em relação às migrações históricas, esses imigrantes raramente merecem a construção de perfis humanizados em que são destacados sua cotidianidade e os processos de integração cultural em que estão implicados” (COGO, 2006, p. 157).

Discutimos anteriormente a vasta diversidade de estudos sobre o tema da migração e a predominância de estudos que objetivam trabalhar temáticas que receberam menos destaque ou estão em voga devido a particularidades do contexto contemporâneo. Esta dissertação, por

exemplo, objetiva investigar as representações construídas pela mídia jornalística sobre os imigrantes venezuelanos, assunto que ampliou-se devido à aceleração da mobilidade transnacional de venezuelanos para o Brasil e outros países da região. Produções recentes de Denise Cogo e Theodoro Hadriel (2020), por sua vez, analisam a diáspora queer e LGBTQI+, refletindo sobre as invisibilidades que envolvem essas populações e como suas vivências se articulam com as experiências da migração. A autora e o autor, a partir de revisão bibliográfica e exploração empírica que consiste em entrevistas semiestruturadas com pessoas migrantes LGBTQI+ na cidade de São Paulo, indicam que ocorrem sequências de invisibilidades sobre esses grupos e que essas tensões reduzem as possibilidades de participação e de articulação para a garantia de direitos sociais (THEODORO; COGO, 2020).

A pandemia de Covid-19, que modificou a vida e as atividades diárias em todo o mundo, tornou-se também tema de pesquisas, em variadas áreas do conhecimento, e foi correlacionado com as movimentações transnacionais em diversos estudos (SANTOS, COSTA, 2021; RODRIGUEZ, LERALTA, JIMÉNEZ, RUIZ, 2020; COELHO NETO, 2021; MAGALHÃES, BÓGUS, BAENINGER, 2021). Denise Cogo e Deborah Rodriguez Santos (2021) discutem a relação da migração com a pandemia, evidenciando migrantes cubanos em grupos na rede Twitter. As autoras analisam a ação política desses grupos durante o período pandêmico e de que forma a mudança trazida pelo vírus condicionou as movimentações migratórias e as discussões acerca dos direitos dos migrantes cubanos. Dentre as discussões e resultados que as autoras assinalam está a necessidade de discutir-se os direitos de mobilidade e segurança empregatício dos profissionais cubanos e sua ligação com cargos no exterior. Elas também abordam a necessidade do fim das sanções econômicas dos Estados Unidos em relação à Cuba, já que isso impede a participação dos imigrantes na economia cubana e também prejudica suas relações com seu país.

Camila Escudero (2021), por sua vez, reflete a respeito das disputas discursivas da qual a imprensa faz parte quando, ao tratar de imigrantes, julga-os ou os coloca no papel do diferente e do Outro. No estudo citado, a autora aborda como um veículo da mídia tradicional e outro da mídia comunitária se diferenciam ao tratar do mesmo acontecimento envolvendo imigrantes. A autora utiliza os conceitos de “o estrangeiro” (Simmel, 2005) e do “homem marginal” (Park, 2017) para analisar de que forma a imprensa constrói discursos sobre o imigrante que o coloca na posição de diferença. Georg Simmel, indica Escudero (2021), contrapõe o sentido corrente de “estrangeiro” como o viajante com a ideia de que este é um indivíduo que chega a um território e lá permanece. Dessa forma, o autor percebe o território

não apenas “no sentido físico” mas “como uma substância delongada da vida do sujeito” (ESCUDERO, 2021). De forma similar, prossegue a autora, Robert Park propõe que o sujeito está ligado ao território, mas ele sugere que as interações laborais e econômicas influenciam as interações entre o estrangeiro e o povo autóctone. O autor propõe que essas interações se tornarão culturais e sociais com o passar do tempo, com o continuado contato entre os povos. Isto posto, Escudero aplica essas premissas para contrapor a mídia tradicional e a mídia comunitária. Para a pesquisadora, os grandes grupos de imprensa utilizam-se de discursos persuasivos que generalizam os imigrantes e os colocam enquanto sujeitos distantes ou próximos conforme a conjuntura da notícia publicada. Enquanto a imprensa comunitária, ligada ao grupo social analisado, trata o imigrante como um “nós”, e compõe uma visada humanista ao realizar a cobertura do acontecimento.

Como se observa, a colocação do migrante como “o outro” é um debate constante nos estudos sobre migração, particularmente quando se analisa a cobertura da imprensa. Em pesquisa realizada na Espanha, utilizando jornais impressos na cidade de Barcelona, a pesquisadora Maria Luiza Martins de Mendonça (2008) já abordava o tipo de enquadramento que a imprensa dava aos imigrantes dentro da Europa. Naquele contexto havia dois temas correntes: os filhos ou netos de imigrantes já nascidos nos países europeus e a crescente entrada de imigrantes vindos do Oriente Médio e Norte da África. Sobre as abordagens acerca do último caso há uma apresentação também dos migrantes como “o outro”, além da invisibilidade de algumas questões que cercam a temática do migrante, como a percepção da imprensa sobre estes grupos e de que forma a discriminação e a rejeição são apresentadas. Dessa forma, a autora propõe que não há um preconceito ou julgamento negativo explícito sobre os imigrantes:

as diversas formas que assumem a discriminação e a rejeição ao diferente, seja ele qual for, se dá, antes de mais nada, por meio de um jogo de visibilidade/invisibilidade, de meias palavras e de insinuações, do que por meio de acusações ou imputações explícitas. Assim, a questão da invisibilidade também deve ser considerada quando se trata de observar o retrato que os meios de comunicação nos oferecem desses coletivos (MENDONÇA, 2008. p. 153).

Ou seja, não apenas a forma como os imigrantes são representados explicitamente deve ser considerada pelo pesquisador ou pesquisadora na análise do tema, mas também quais aspectos são deixados de lado pela imprensa, em que assuntos os migrantes se tornam invisíveis e quais vozes são escolhidas e favorecidas.

Outra questão investigada por autoras e autores nos estudos aqui sintetizados é a posição de refugiado. Na maior parte dos estudos há o cuidado de apresentar as definições de refugiado e imigrante ou informar ao leitor sobre qualquer uso indevido ou generalizante desses grupos. No caso da imprensa, a utilização de “refugiados” é mais ampla do que o devido, segundo alguns estudos. Em dissertação apresentada em 2018, Ana Luísa Costa Chaves (2018) discute a utilização, na imprensa brasileira, dos termos refugiado e imigrante, argumentando que há um uso indiscriminado, sem cuidado aos seus significados legais. A autora promove uma análise crítica do discurso em matérias da imprensa nacional que tratam de imigrantes e refugiados na Europa, entre 2015 e 2017, desenvolvendo um debate tanto da migração na atualidade e dos termos utilizados quanto da exclusão do imigrante ou refugiado da sociedade na qual está inserido, apresentando, portanto, a caracterização da diferença e a marcação do imigrante como “o outro”.

Da mesma forma, percebendo marcações discursivas mais pelas diferenças que pelas aproximações, Daniela Villas Boas Vieira (2018) compara notícias que tratam de migrantes qualificados e não qualificados, utilizando o proposto por Denise Cogo (2013), que identifica como “qualificados” imigrantes com especialização profissional e níveis de escolaridade elevado. Esse conceito também se propõe a representar as nações com mais alto desenvolvimento econômico das quais procedem os imigrantes. Já os não qualificados seriam os imigrantes de países não desenvolvidos, periféricos. Essa perspectiva propõe a reflexão de como se representa na sociedade os imigrantes em relação a seu país de partida. Vieira (2018) assinala de que maneira a imprensa brasileira, especificamente a *Folha de S. Paulo*, trata de um lado os migrantes com qualificação profissional ou educação formal e de outro os imigrantes com baixa escolaridade, em geral não brancos e de países periféricos.

Daniela Vieira (2018) faz também uma análise crítica de discurso e trabalha questões caras à presente dissertação como a identidade e a representação com base nos estudos culturais. Com ênfase em quais “vozes” são ouvidas nas matérias analisadas, a autora reflete de que forma se dá a utilização de fontes em notícias que tratam de imigração na *Folha de S. Paulo* e de que maneira os imigrantes são representados nessas produções. Em relação à identidade, a autora considera que “as identidades emergem de jogos de poder e são construídas ao longo de discursos e práticas”, sendo elas, portanto, resultado “de um processo de produção simbólica e discursiva dentro de um contexto de relações sociais e culturais” (VIEIRA, 2018, p. 13). Já em relação à representação, operando conceituações tanto de Stuart Hall (2006) quanto de Kathryn Woodward (2011), Vieira desenvolve a proposição de que os

sistemas de simbologias e as práticas de significação produzem os significados na sociedade e, portanto, posicionam os sujeitos. Sendo assim, são os “sistemas de representação” que “determinam os locais a partir dos quais os indivíduos podem falar e se colocar (ou ser colocados)” (VIEIRA, 2018, p. 42). A autora demonstra as seleções lexicais dadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* aos imigrantes “qualificados” e “não qualificados”, concluindo que no primeiro grupo eles são referenciados por “estrangeiros” mais que por “imigrantes”, enquanto que no grupo dos “não qualificados” se dá o oposto. Além disso, o grupo “não qualificado” é referenciado pelo seu país ou região de origem ou como “refugiados” e “trabalhadores”.

Utilizando a última pesquisa como exemplo, pode-se argumentar não apenas a complexidade e abrangência desses estudos, como a necessidade de ampla gama de áreas de estudo, bem como a utilização de discussões correlatas, que permitam compreender o complexo cenário que cerca os imigrantes antes, durante e após suas viagens. Também o circuito de discurso da imprensa dentro da sociedade e que se articula, na construção da realidade social, com as diversas tensões e estratégias, dos grupos coletivos, para a manutenção ou modificação do corpo social.

Um dos aspectos mais relevantes nas discussões sobre mídia e migração é a sua relação com a cidadania dos imigrantes. Tais estudos abordam tanto a temática da cidadania em um contexto de globalização e mobilidade humana permanente no mundo, quanto a questão da legislação existente e o modo como ela garante ou dificulta direitos para imigrantes. No caso brasileiro, nos parece central abordar a lei nº 13.445/17, conhecida como Nova Lei de Migração, que alterou a legislação em relação à movimentação migratória no Brasil e representou um debate acerca da necessidade de uma lei mais inclusiva e abrangente.

Chaves (2018) e Oliveira (2020) investigam a criação da lei e como ela impacta nos tratamentos legais dados aos imigrantes, bem como a percepção dada pela aprovação da lei de que o país estaria se “abrindo” à entrada de imigrantes, dando uma virada humanitária em relação às migrações transnacionais ou mesmo sinalizando fronteiras mais livres. Liliane Brignol e Guilherme Curi (2021) também apontam o desconhecimento dos detalhes dessa nova lei por parte de jornalistas e estudantes de jornalismo, o que acarreta apurações incorretas ou incompletas, ou, ao menos, interpretações apartadas dos arranjos que formam as estruturas legais do movimento transnacional no país.

A nova Lei de Migração foi pensada, originalmente, para se contrapor ao “estatuto do estrangeiro” (lei nº 9.815/80), construído nos anos da ditadura militar no Brasil e que se fundava em discriminação do estrangeiro e controle das fronteiras. A nova lei foi concebida

durante o governo de Dilma Rousseff (PT), com base na constituição brasileira de 1988, que possuía propostas humanistas de consideração e apoio aos imigrantes e tendo como enfoque os direitos humanos. Porém, após modificações, a lei aprovada apenas anos depois, em 2017, depois do processo de impeachment da então presidente, e se distanciou das considerações originais, segundo alguns autores que veremos a seguir.

A lei de migração, apesar de basear-se em propósitos positivos e humanistas, foi bastante modificada durante os debates no Congresso Nacional e após vetos do presidente Michel Temer em 2017. Andreia Costa (2018), em análise profunda da nova lei de migração, em sua tese de doutorado, demonstra diversas modificações tanto no texto original quanto na maneira que a lei passou a ser tratada, especialmente por força de grupos conservadores e nacionalistas. Costa (2018, p. 172), defende que se o Brasil se propõe a ser um país receptivo a migrantes e com uma visão humanitária, “além de ter como um de seus fundamentos o princípio da cooperação e da solidariedade entre os Estados, deve priorizar essa humanização em ações que têm como objetivo final resguardar a dignidade humana dos(as) migrantes“. A autora revela, porém, que com as modificações na lei, e com sua regulamentação com o Decreto nº 9.199/2017, de 20 de novembro de 2017, “a nova Lei de Migração foi surpreendida por um instrumento que deveria se propor a torná-la mais efetiva e mais completa”. No entanto, essa modificação “é visivelmente alheia ao debate que acompanhou o processo de construção do referido diploma e desvirtua o seu espírito, representando uma grave ameaça a conquistas históricas” (COSTA, 2018, p. 167).

A nova lei de imigração, portanto, pode ser considerada uma melhora em relação aos dispositivos legais anteriores, mas apenas dentro do contexto no qual eles demonstravam a visão não apenas conservadora mas também conflituosa e até paranóica da ditadura militar brasileira. Essa mudança não pode ser considerada de fato um resultado positivo, já que diversos pontos importantes foram deixados para trás durante a construção da nova lei. Entre os vetos presidenciais que modificaram a lei original estão o conceito de migrante (inciso I, do §1º, do artigo 1º); direito à livre circulação de indígenas (§2º do artigo 1º); anistia aos imigrantes que ingressaram em território brasileiro de forma irregular (artigo 118), para citar apenas alguns, pois no total foram aproximadamente 20 os vetos do presidente Michel Temer. Entre os avanços pode-se apontar a adoção do princípio de não expulsão de um asilado, que corrobora com a Declaração dos Direitos Humanos e protege pessoas que sejam perseguidas em seu país de origem. O direito a reunião familiar, a facilitação do visto para tratamento de saúde e a ampliação dos cuidados com os refugiados são outros avanços da nova lei, porém

eles configuram especificidades para casos particulares ou se restringem a pequenos grupos de indivíduos em casos específicos, apenas essas novas políticas não podem caracterizar a lei como humanitária. Permanecem, por exemplo, a burocratização da movimentação fronteiriça, que na prática permite ao estado brasileiro controlar ou desimpedir a entrada de migrantes conforme o momento e o interesse. Outra característica relevante e que permanece como um retrocesso na política brasileira da legislação para migração é o impedimento do imigrante de possuir direitos políticos. Essa visão, que foge de campanhas de participação ativa dos imigrantes nas sociedades que estes integram, dificulta a relação de proximidade do migrante com a sociedade que está incorporado:

Ao não reconhecer esses indivíduos como titulares de direitos políticos, o Brasil nega espaço, voz e oportunidades aos mesmos, que deixam de atuar nas esferas mais importantes e estratégicas de poder. A luta por esses direitos vem sendo encampada a nível mundial, muito em razão de sua relevância para o processo de integração dos sujeitos migrantes nas sociedades de acolhida (COSTA, 2018, p. 204).

Marina de Campos da Silveira (2019) mostra que após as modificações feitas na lei de imigração, os próprios integrantes da Comissão de Especialistas que contribuiu na sua elaboração, publicaram artigo afirmando seu desagrado e “apontando alguns dos diversos defeitos da norma, que não só traz insegurança jurídica aos seus destinatários, como contrariam a própria lei e a Constituição Federal de 1988” (SILVEIRA, 2019, p. 41). Porém, mesmo após as críticas, a lei manteve-se na nova configuração, fugindo de seu propósito original, não se aproximando de uma aceitação mais ampla da entrada de indivíduos e mantendo uma visada conservadora e nacionalista das fronteiras e dos movimentos transnacionais. Mesmo que alguns autores considerem a nova lei um avanço (CERQUEIRA, 2018; BRASIL, 2018), os vetos presidenciais, o decreto que modificou a lei original e os próprios debates que cercaram a aprovação da lei, que discorriam com argumentos incorretos ou mesmo falsos sobre as diretrizes dela, configuram impedimentos e retrocessos à implementação de uma legislação brasileira verdadeiramente humanitária e solidária.

A discussão sobre leis e os debates sobre a necessidade de implementação de ações para a inclusão de pessoas migrantes no Brasil passam pelo debate da cidadania e sobre o modo como essas pessoas precisam não apenas ser incluídas no mercado de trabalho ou auxiliadas com ações solidárias, mas uma efetiva inclusão cidadã. Sobre esse debate, especificamente ligada aos emigrantes, Mohammed ElHajji (2014) demonstra que em uma sociedade intercultural e num processo de cidadania global cria-se um contexto no qual “o cultural

representa uma nova episteme e um novo valor de troca; e o intercultural um novo código social”. Dessa forma, “emigrantes e comunidades diaspóricas se tornam agentes ativos e atores de mudanças sociais e políticas tanto no plano local como global” (ELHAJJI, 2014, p. 146). Ao trabalhar as vantagens do acolhimento de migrantes, o autor afirma que:

Para as análises econômicas e sociais imunes às demagogias extremistas, não há mais dúvida quanto às vantagens das migrações para os países receptores. Reposição populacional, atração de forças criativas e contribuição à seguridade social são alguns dos argumentos defendidos (OCDE, 2000). Mitos como o aumento de desemprego entre os nativos, criminalidade ou dificuldades de inserção dos recém-chegados apoiam-se, na verdade, mais em leituras parciais e tendenciosas de que em fatos e dados concretos (ELHAJJI, 2014, p. 147).

Sendo assim, um movimento que já é positivo ao país receptor (e bastante prejudicial ao país de origem) poderia tornar-se ainda mais interessante do ponto de vista local, e ser menos desfavorável nos pontos prejudiciais, se uma discussão ampla e profunda fosse considerada para uma cidadania global. Sendo a migração uma constante, e irreversível, realidade, então faz-se importante encarar seus ônus de maneira correta, e evidenciar seus bônus.

Os critérios para a compreensão do que é ser cidadão encontram-se com entendimentos vindos dos debates iluministas e da construção dos estados-nação (REIS, 1999). André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz (2011) apresentam o que tem sido entendido como um conceito clássico do que é cidadania e cidadão: “significa fazer parte de um todo maior, modernamente identificado a uma nação ou comunidade política específica, e ter direitos garantidos pelo Estado, com o qual temos também deveres” (BOTELHO, SCHWARCZ, 2011, p. 08). Portanto, essa noção configura dois fundamentos base, o primeiro é o de que o cidadão está necessariamente ligado a um local, em especial ao seu local de nascimento, ao qual ele deve algum tipo de lealdade. Em segundo lugar, está o fato de que uma cidadania outorgada para si deve, para ter poder, não ser universal, necessita do “outro”.

O cidadão é o indivíduo que detém aquela condição porque outros não o tem e, preferencialmente, outros gostariam de tê-lo. Portanto, essa compreensão que “cria os atributos do bom cidadão” também” cria, por contraste, um ‘outro’, cujas práticas e valores podem ser estigmatizados e identificados como ‘maus’ ou ‘não’ cidadãos” (BOTELHO, SCHWARCZ, 2011, p. 08). Eles afirmam: “parece mais produtivo pensar como a cidadania se constrói socialmente, e, portanto, em relação com outros fenômenos, instituições e atores sociais”. Sendo assim, a cidadania foi parte de uma tensão na qual alguns a colocavam como constituinte do indivíduo a partir de sua posição como alguém *a priori* inserido em dada

comunidade. Contrariamente a isso e indo ao encontro do exposto acima, tem-se atualmente a ideia de uma cidadania percebida como um bem universal, independente da forma como o indivíduo se prende ao corpo social. Parte fundamental do debate sobre cidadania atualmente são as propostas de ampliação do que é percebido como cidadania, para abranger, por exemplo, poderes políticos a todos os indivíduos residentes, não excluindo-os, portanto, da escolha dos representantes que os governarão.

Segundo Botelho e Schwarcz (2011), as lutas por segurança individual e de propriedade foram ampliadas para as de direitos políticos, essas por sua vez, passaram a incluir também questões sobre saúde individual e educação básica. Os autores explicam que essas ampliações “dos significados e sentidos da cidadania” constituem novos campos de luta e também ações de aperfeiçoamento e benefícios a indivíduos por vezes excluídos.

A grande inovação ficou por conta da emergência das lutas por novos direitos, que não mais se referem exclusivamente a indivíduos, abrangendo grupos, etnias, nações e a própria humanidade, por exemplo, em seu direito a um meio ambiente equilibrado, à paz ou à transmissão do patrimônio ecológico e ou cultural às gerações futuras (BOTELHO, SCHWARCZ, 2011, p. 18).

Mohammed ElHajji defende que a cidadania deve ser uma “tomada de consciência histórica de si”, já que ela “ultrapassa a ordem social, econômica e política tradicional para se afirmar enquanto atitude ética que transborda o local sem negá-lo, mas sim o entrelaçando com o nacional, o regional e o global” (ELHAJJI, 2014, p. 150). Da mesma forma, a filósofa Seyla Benhabib (2004) discorre sobre a necessidade não apenas de reconhecer o migrante como um indivíduo de direito “por motivação moral”, mas também modificar as constituições nacionais para facilitar a entrada de imigrantes, favorecer a igualdade e retirar de vez o rótulo de criminoso dos movimentos transnacionais. A autora demonstra que ideias de sociedades fechadas não apenas não condizem com a realidade na modernidade como são uma exceção minoritária na história humana, na qual o inter cruzamento de fronteiras, a mistura de culturas e as diásporas marcaram o caminhar histórico. Portanto, o interesse nas discussões sobre migração e cidadania não deve ser apenas a aceitação do migrante como indivíduo deslocado, pertencente embora não totalmente aceito, mas sim o objetivo deve ser uma “cidadania universal” (ELHAJJI, 2016), na qual os direitos são amplos e coletivos, não limitados à história pessoal de cada um.

Sabe-se que o jornalismo concentra-se, de tempos em tempos, em determinados assuntos, e se a migração venezuelana teve especial espaço nas coberturas nacionais nos anos

recentes, especificamente 2018, em um momento anterior foi a migração haitiana que recebia os holofotes do jornalismo brasileiro. Denise Cogo e Terezinha Silva (2014) analisaram 162 textos midiáticos sobre imigrantes haitianos no Brasil, com o objetivo de identificar os enquadramentos da mídia sobre esta migração, interpretada inicialmente pela mídia como uma “fuga” do Haiti após o terremoto de 2010 e, em seguida, como uma “invasão” ao Brasil. A partir dos conceitos de alteridade e de enquadramento, elas investigam como se instauram, nas mídias, disputas de sentido sobre a alteridade representada pela presença dos haitianos no país, assim como as incidências da visibilidade midiática desses imigrantes no debate público sobre as políticas migratórias e processos de cidadania das migrações internacionais no Brasil. Considerando as particularidades da diáspora haitiana, as pesquisadoras formulam que há “disputas de sentido em torno da migração haitiana” na mídia brasileira, e que esta colabora “para reafirmar que os espaços midiáticos são lugares de construção e proposição de modos de vivenciar a alteridade representada pelos imigrantes e, nesse sentido, também instâncias de debate e formulação de políticas migratórias” (COGO, SILVA, 2014, p. 12).

Denise Cogo (2018) apresenta novas reflexões sobre a migração haitiana no Brasil, discutindo a presença dos grupos diaspóricos nas redes sociais, a maneira como a mídia constrói os contextos nos quais transitam os grupos sociais e de que maneira o caso específico do Haiti permite um debate sobre o racismo no Brasil. Nesse texto, utilizando entrevistas com imigrantes haitianos, a pesquisadora propõe refletir sobre as produções específicas desses grupos, que promovem novas vivências e contextos das relações sociais no Brasil, marcadamente a luta contra o racismo e também as diversas maneiras como a mídia e as redes evidenciam os afastamentos e aproximações entre Haiti e Brasil. Em outro trabalho publicado em 2019, Denise Cogo e Terezinha Silva analisam como a inserção dos haitianos no Brasil revela problemas da vida coletiva no país, sobretudo o racismo. A partir dos conceitos de acontecimento e de enquadramento, e de discussão teórica sobre a trajetória do racismo no Brasil, as pesquisadoras mapearam seis acontecimentos relacionados à migração haitiana que tiveram ampla repercussão na mídia brasileira, entre 2014 e 2016, e nos quais o racismo e o preconceito racial são tematizados. Na análise aprofundada de um dos casos, as autoras apontam que a inserção dos haitianos no Brasil revela o racismo que atravessa as relações inter-étnicas no país, a seletividade no tratamento dos grupos migratórios que chegam ao Brasil; as relações entre racismo e xenofobia, e entre migrações e conjuntura política interna (COGO; SILVA, 2019).

No que se refere diretamente a estudos que tratam da imigração venezuelana na mídia, a pesquisadora Karla T. de Oliveira (2020) propõe refletir sobre a cobertura na imprensa brasileira, notadamente as produções do *Nexo Jornal* sobre a imigração venezuelana para o Brasil ao longo de 2018. Ela toma como base a ideia de jornalismo para a paz proposta por Johann Galtung (2003) que, segundo a autora, tenta promover um jornalismo mais humanizado (OLIVEIRA, 2020). Em seu estudo, propõe refletir acerca do jornalismo para a paz nas notícias do *Nexo* sobre os venezuelanos, explicando que a perspectiva do jornalismo para a paz visa demonstrar que não há uma necessidade de promover uma ideia de “guerra” nas matérias e de que não há “vencedores e vencidos” ou necessariamente dois lados, um objetivo e uma arena de confronto. Essa premissa propõe, conseqüentemente, que se projete nas matérias os pressupostos de um jornalismo para a paz, visando promover “visões multidimensionais e menos previsíveis” (OLIVEIRA, 2020, p. 48). A autora destaca em que momentos e como se dá a tentativa de promover um jornalismo visando a paz nas matérias sobre imigrantes, já que muitas dessas matérias tratavam de conflitos e violência que envolviam imigrantes venezuelanos. A pesquisadora conclui que há, em alguns momentos apenas, a inclinação para uma abordagem propositiva e humanizada nas matérias sobre migração no *Nexo Jornal* e que falta às matérias analisadas a voz dos migrantes enquanto fonte, o que é algo importante a considerar tendo em vista que se trata de uma mídia jornalística considerada como alternativa.

O jornalismo para a paz de Johann Galtung é também utilizado por Ana Cristina da Silva Machado (2019). Ela apresenta uma análise de discurso de 36 produções jornalísticas na versão online da *Folha de S. Paulo*, nas quais considera se o veículo propõe uma cobertura voltada para a paz ou para a guerra, evidenciando, no segundo caso, o conflito. Em sua análise, a pesquisadora mostra que o jornal promove uma cobertura baseada no conflito e no imediatismo, na qual são caracterizados lados opostos, vítimas e culpados, e pouco aprofundamento nas adversidades, deixando ainda menos espaço para a solução de problemas. A autora argumenta que a imprensa brasileira, especificamente o jornal *Folha de S. Paulo*, está inclinada a uma cobertura simplificadora, baseada na instantaneidade e que reforça aspectos pontuais, no caso analisado por ela, a ocorrência de atos de violência contra imigrantes venezuelanos na cidade de Pacaraima, em Roraima. Esse arranjo não permite a reflexão detalhada e complexa do ocorrido e caracteriza um “jornalismo reativo” (MACHADO, 2019). Por fim, a autora também desenvolve a compreensão de que o jornal

tem uma percepção baseada em rótulos e pré-concepções em relação aos refugiados, inferiorizando-os ou colocando-os sem controle sobre suas vidas.

O jornalismo como uma possibilidade de ampliação da discussão positiva para a solução de problemas sociais e a invisibilidade de alguns aspectos da questão da migração venezuelana ao Brasil é também analisada por Cilene Victor (2020). A pesquisadora investiga a crise humanitária venezuelana na interpretação do jornalismo humanitário. Para a autora, a crise venezuelana sofre de uma indiferença por parte da imprensa, ou, quando reportada, é feita com superficialidade. Esse cenário favorece a ineficiência das autoridades e a superficialidade do debate público, causando o incremento do problema e o estímulo à polêmica e discussões precipitadas (VICTOR, 2020).

Outro estudo que busca compreender de que forma a imprensa brasileira representou esses imigrantes, é “A representação midiática de migrantes venezuelanos e da recepção pelos gaúchos no processo de interiorização através do portal Gaúcha ZH”, de Bibiana Ribeiro, Leandra Cruber, Liliane Brignol e Guilherme Curi (2019). Os autores e autoras procuram compreender como se deu as discussões na imprensa do Rio Grande do Sul sobre o processo de interiorização de venezuelanos a partir de Roraima para outros estados. Neste estudo, eles investigam algumas semanas em que houve aumento da produção de notícias sobre a chegada de imigrantes venezuelanos no Rio Grande do Sul. O estudo apresenta alguns resultados importantes também identificados em outras pesquisas, expondo que a imprensa reforça “a posição do migrante na sociedade de chegada enquanto mão-de-obra provisória, desprovido de direitos, bem-vindo desde que útil no mercado de trabalho e vulneráveis à boa vontade da população local” (RIBEIRO et al. 2019. p. 14).

O processo de interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil faz parte de uma ação do governo brasileiro chamada *Operação Acolhida*, visando organizar a entrada dos imigrantes na fronteira norte do país. O programa está amparado no Decreto nº 9.286, de 15 de fevereiro de 2018, coordenado pela Casa Civil da Presidência da República e pelo Ministério das Cidades por meio de um Subcomitê Federal que articula suas ações e políticas. Edna Fátima Pereira da Silva (2019) analisa de que forma ocorreram tais ações após um ano desse processo e como se deu a comunicação governamental, bem como as apresentações na imprensa sobre o tema. A autora busca tratar desses assuntos discutindo o impacto das redes sociais e das *fake news* nelas compartilhadas. A pesquisadora destaca que a imprensa no Brasil (no caso citado, o jornal *El País*), logo após noticiar um caso de confronto violento em Pacaraima-RR, também noticiou o aumento das notícias falsas referente à entrada de

imigrantes venezuelanos no país. Isso se deu devido à ampliação desses discursos nas redes sociais que “contribuem para contaminar o imaginário coletivo” e “agravam ainda mais o desconforto das centenas de cidadãos venezuelanos que tentam abrigo no Brasil” (SILVA, 2019, p. 05). Para ela, mesmo com ações como a de interiorização, ao não possuir uma comunicação social associada ao programa *Acolhida* e sem uma organização centralizada que reflita acerca das necessidades comunicativas e organizacionais das ações de interiorização, o governo brasileiro “deixa abertas brechas no esclarecimento à população” e conseqüentemente “a prática das fake news toma o lugar de discursos oficiais e reforça ideias protecionistas e xenofóbicas em detrimento das urgências humanitárias” (SILVA, 2019, p. 05).

Edwaldo Costa, Nilson Lage e Suélen Keiko Hara Takahama (2020) analisam de que forma a imprensa brasileira, ao realizar uma cobertura equivocada ou superficial da mobilidade transnacional, promove concepções incorretas e leituras levianas. Os pesquisadores afirmam que a relevância da discussão está na

forma como os fatos aconteceram, como acontecem e como são noticiados em prol da indução de determinada perspectiva acerca de um acontecimento social extremo, considerando os movimentos migratórios, como têm sido dirigidas, no Brasil, as ações em favor dos refugiados; como os acontecimentos são mostrados nos veículos de comunicação e como as posturas adotadas pelos meios de comunicação influenciam a percepção da população brasileira sobre o tema (COSTA, LAGE, TAKAHAMA, 2020, P. 48).

Para exemplificar que “a notícia pode se transformar em desinformação”, os pesquisadores discorrem sobre a validação da imprensa sobre uma notícia falsa. Quando do crescimento dos casos de sarampo na região norte do Brasil consolidou-se o discurso de que isto estaria ligado ao incremento do número de migrantes venezuelanos. A notícia incorreta ampliou as alegações xenofóbicas aos imigrantes e acirrou o debate. Posteriormente, lembram os autores, foi realizada pesquisa mais apurada que revelou não haver ligação entre os imigrantes e os novos casos em território brasileiro. “A informação jornalística muitas vezes reflete na construção de significados pela sociedade. Por isso, é imprescindível se atentar aos (auto)preconceitos, as ideologias e as restrições criadas pelos interesses financeiros” (COSTA; LAGE; TAKAHAMA, 2020, P. 54).

Vimos na primeira seção deste capítulo um panorama geral da Venezuela, suas questões políticas e sociais e a polarização dos últimos anos e as crises subsequentes que promovem acirrados debates, conflitos, protestos e, por fim, o êxodo de venezuelanos aos países

vizinhos. Por fim, apresentou-se alguns estudos, principalmente brasileiros, que abordam a migração e sobretudo a sua relação com o campo da produção midiática e/ou jornalística no Brasil. Embora nossa pesquisa bibliográfica sobre mídia e migração não se proponha a ser exaustiva, os estudos escolhidos para referenciar aqui nos ajudam a identificar preocupações centrais de pesquisadores sobre o tema e aspectos fundamentais a serem considerados em uma análise sobre o tratamento da cobertura sobre imigrantes, como é o caso de nossa pesquisa.

Dentre estes aspectos, como vimos, destaca-se a percepção do imigrante como alguém deslocado, que não pertence aquela sociedade. Comum também é a classificação do imigrante como o “Outro”, que não se encaixa nos atributos dos indivíduos daquela coletividade. Os enquadramentos dados pela mídia com frequência moldam-se a percepções generalistas e os colocam em situação subalterna, de indivíduos destituídos de direitos e com uma posição bem específica na sociedade, a de mão-de-obra barata e provisória, além da ideia constantemente reforçada pelas mídias de que imigrantes fazem uma “invasão” ao país.

Outros aspectos importantes abordados pelas pesquisas dizem respeito à produção jornalística sobre migração e o desinteresse pelo uso dos próprios imigrantes como fonte, o que poderia colocá-los em posição de poder para formatar sua identidade e explanar suas motivações e problemáticas. Essas faltas e silêncios constituem invisibilidades que também podem fornecer pistas da forma como a imprensa representa esse grupo social. Por fim, salienta-se a necessidade de uma visão que perceba o imigrante como força modificadora positiva e não apenas disruptiva. Para tal é fundamental reconhecer seus potenciais e posições, observar as características de cada pequeno grupo corretamente, observando, por exemplo, se o caso tratado é de refugiados, de pessoas solicitando asilo ou de imigrantes. A imprensa pode salientar, baseada na premissa de uma discussão sobre cidadania universal que trate todos os indivíduos como detentores de direitos, de que forma a migração possui um potencial positivo.

Pelo que vimos nestes estudos mencionados da área da Comunicação no Brasil, o campo midiático e jornalístico é um espaço importante para observar e compreender o modo como a imigração, os imigrantes e suas práticas são compreendidos e recebidos em uma sociedade. Pelo que se pode apreender destes estudos, também, o modo como são tratados e retratados na mídia pode condicionar a forma como a sociedade os vê, favorecendo ou dificultando a sua inserção e reconhecimento enquanto cidadãos no país que escolheram ou tiveram que se deslocar e viver, pelos mais diversos motivos.

No que se refere especificamente aos imigrantes venezuelanos no Brasil, notou-se também, na revisão bibliográfica aqui exposta, que ainda são poucas as pesquisas sobre a construção de representações acerca dos venezuelanos. Tampouco discutem o problema que nos propomos a analisar em profundidade nesta pesquisa de Mestrado: o modo como os venezuelanos são representados em uma mídia jornalística como o *Jornal Nacional*, da *TV Globo*. Como nosso objetivo é analisar as representações construídas sobre esses imigrantes, tomamos o conceito de representação como central para esta pesquisa. No próximo capítulo, então, nós o discutimos a partir de uma abordagem dos estudos culturais, especialmente de Stuart Hall, atentando também à relação do conceito de representação com os de identidade, alteridade e estereótipo. Além disso, o próximo capítulo discute a relação do jornalismo com a construção de representações sobre atores e grupos sociais.

3 JORNALISMO E REPRESENTAÇÕES

No interesse de compreender as relações do jornalismo com as representações, procura-se neste capítulo apresentar o conceito de representação, que é central em nossa pesquisa. Inicialmente, mostramos brevemente como este conceito tem sido abordado por diversos autores e autoras, de diferentes áreas das Ciências Sociais. Dá-se especial atenção, porém, à abordagem do sociólogo Stuart Hall, que utilizaremos como principal fundamento da compreensão de representação nesta pesquisa. A partir de Hall discute-se também os conceitos de estereótipo, diferença e identidade. Ainda neste capítulo, problematiza-se as relações do jornalismo com as representações. Isso para perceber quais os múltiplos entrelaçamentos que podem auxiliar na análise sobre o modo como o *Jornal Nacional* representa os imigrantes venezuelanos nas notícias que produz e coloca em circulação.

3.1 CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO

O conceito de representação é polissêmico e possui uma complexidade que torna problemático contê-lo em um sentido simples, enquanto é essa complexidade que o dispõe ao uso em diversas áreas e temáticas. Laura Corrêa e Fabrício Silveira (2014), em verbete explicativo do termo “representação”, apontam que ele tem diversos significados. Para a Filosofia e Semiótica, por exemplo, o termo é importante no sentido de substituição, como a representação de algo que não está presente, como sinônimo de signo. Neste sentido, “tem se consolidado a proposição de representações visuais como sínteses imagéticas (retratos, obras de arte, gravuras) alçadas como dispositivos miméticos para representar pessoas, grupos, culturas, povos, objetos e até ideias abstratas” (CORRÊA; SILVEIRA, 2014, p. 208).

Em Filosofia e Semiótica, portanto, o termo se mostra como um equivalente de algo que não está presentemente evidente ou no local. Representações, nesse caso, sugere a troca imagética de algo que não está naquele dado espaço e tempo. Dominique dos Santos (2011) lembra que a palavra vem do latim *repraesentare*, e significa “tornar presente”. Além disso, o autor afirma que, no período clássico, o uso do termo representação “é quase inteiramente reservado para objetos inanimados e não tem relação alguma com pessoas representando outras pessoas ou com o Estado romano” (SANTOS, 2011, p. 28).

Na área da filosofia o conceito é considerado, com frequência, como substituição de algo que não está presente, como vimos, porém pode haver variações. Marco António Lucas (1995) argumenta que há diferenças em como a representação é utilizada no campo, dependendo de qual corrente de estudo se trata. Porém, em geral, ela pode ser dada do “ponto de vista da subjetividade ou da objetividade”. O autor explica que, nos termos da primeira, se conecta a como “o conteúdo dos objetos pensados são representados ao espírito. Neste sentido, a noção de representação está ligada a certos processos cognitivos relacionados com a percepção, a imaginação, o julgamento etc”. Já no lado da objetividade, tem-se que a representação se relaciona “à capacidade das nossas mentes em tornar presente um objeto do pensamento por intermédio de símbolos” (LUCAS, 1995, p. 13).

Após o nascimento de novos debates e mesmo de novas ciências, já nos séculos XVIII e XIX, estudos que procuravam unir o indivíduo e a sociedade para a análise do conjunto social passaram a surgir com as ciências sociais como Antropologia e Sociologia. Na sequência desses estudos passa-se a investigar possíveis conceitos que expliquem as diversas mudanças e estruturas da sociedade. O sociólogo Émile Durkheim, considerado o “pai da Sociologia”, cria em 1898 o conceito de “representações coletivas” que “apresentavam-se como instâncias de valorização do simbólico coletivo tomadas enquanto princípio orientador da realidade social” (CORRÊA; SILVEIRA, 2014, p. 211).

O objetivo de Durkheim era explicar fenômenos complexos da sociedade separando o social do individual. Para ele, “as regras que comandam a vida individual são distintas das que comandam a vida coletiva” (SANTOS, 2011, p. 32). Corrêa e Silveira (2014) afirmam que, para o sociólogo, essas representações orientavam a teia social, e auxiliavam na compreensão das relações simbólicas que emanam da vivência coletiva. Do exposto advém o

potencial sintetizador dos elementos dispersos no meio e na vida coletiva, cujo produto remeteria à natureza supraindividual do humano ao postar-se como instrumento de inteligência do mundo e de comunicação/coesão entre as razões individuais que nele coabitam, fazendo-se notar, assim, como formas estáveis da compreensão coletiva (CORRÊA; SILVEIRA, 2014, p. 211).

Para o sociólogo, então, representações são formas estáveis da compreensão coletiva. Durkheim realiza uma modificação de suas ideias primordiais e apresenta, particularmente em seus últimos trabalhos, uma concepção de centralidade para as representações e para as ideias. Ao tratar da dualidade humana, o sociólogo considera as relações do indivíduo-sujeito e a sociedade na qual ele está inserido e pode influenciar. sobre essa visão de Durkheim, Pinheiro

Filho (2004, p. 142) aponta que “a sociedade é a única fonte da humanidade do homem(sic); é através dela que se transcende a pura vida orgânica que é a condição do homem(sic) tomado em sua individualidade”. Ou seja, é a vida em sociedade que permite a individualidade, tornando parte e ao mesmo tempo inteiro. A pessoa só se forma inteira dentro do coletivo, até ser parte de um corpo social ela está, segundo Durkheim, reduzida apenas a um organismo biológico, falta para ela, portanto, a cristalização de seu pertencimento coletivo (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 142).

Por fim, como explica Pinheiro Filho (2004), Durkheim ainda aponta a linguagem como elemento que fundamenta as representações coletivas. Para ele, o sistema conceitual que é criado a partir de uma linguagem é uma construção do coletivo social e é a maneira que aquela sociedade explicita seus conceitos sobre as coisas e sua visão do mundo. “A fundamentação social dos conceitos como representações coletivas, em contraponto às sensações individuais, ergue-se a partir da dualidade da natureza humana”, afirma Pinheiro Filho (2004, p. 146), ao lembrar que, para Durkheim, o conhecimento também é uma representação coletiva. E ainda, ao contrapor-se à Filosofia, o conhecimento sociológico seria separado da Psicologia, formando uma nova área para compreender o ser-humano, não mais individualmente, mas socialmente, através de análises experimentais e estruturas conceituais aplicáveis.

A separação cada vez maior entre um estudo da sociedade geral (Sociologia) e do indivíduo particular (Psicologia) passa a ser criticada e revista na segunda metade do século passado. Alguns autores passam a examinar a ênfase individualista da psicologia e tratam de refletir as diversas influências do social no sujeito; Ângela Arruda (2002) cita alguns estudiosos, como Moscovici, Tajfel e Bruner. Assim, a cultura passa a fazer parte das análises sociais sobre os sujeitos e, portanto, a forma como esses representam os outros, seu entorno e a si próprios. Pois “os seres humanos não terminam no limite da própria pele, mas são expressão e agentes de uma cultura” (ARRUDA, 2002, p. 11).

Por seu turno, outro sociólogo, Erving Goffman (2002) aborda as representações em um outro sentido – como papéis que os indivíduos interpretam em sociedade, sendo os sujeitos atores e ao mesmo tempo público. Para o autor, representação é “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 2002, p. 29).

Em diálogo com as proposições de Durkheim, o psicólogo social Serge Moscovici é um dos teóricos mais utilizados para a discussão sobre representação e apresenta a teoria das representações sociais em sua obra de 1961 “A psicanálise, sua imagem e seu público”. O estudioso dá um passo além de Durkheim e seu termo “representação coletiva” que, como visto, compreendia como pressuposto que a sociedade não poderia ser explicada pelas consciências individuais, mas sim por explicações coletivas. Moscovici evidencia, dessa forma, o que seria parte da área da psicologia (as questões individuais) e o que era tema para os estudos da nascente ciência da Sociologia, ou seja, os estudos coletivos/sociais (MOSCOVICI, 2012, p. 39).

Para Santos (2011), “o pressuposto do qual partem os autores que trabalham com as representações sociais é de que os fenômenos humanos podem ser conhecidos e explicados a partir de uma perspectiva coletiva, mas sem ignorar o indivíduo”. Portanto, Moscovici parte das ideias de Durkheim num esforço em compreender de que forma se dão as mudanças na sociedade e como elas interagem e se influenciam mutuamente para transformar a realidade social. E as transformações sociais se dão, segundo Moscovici, através das diferenças e tensões dentro das sociedades (DUVEEN, 2011). Moscovici sugere, portanto, que “as representações sociais são a forma de criação coletiva, em condições de modernidade, uma formulação implicando que, sob outras condições de vida social, a forma de criação coletiva pode também ser diferente” (DUVEEN, 2011, p. 16).

Moscovici utiliza como método para compreender as relações coletivas sua teoria das representações sociais, de forma a separar os estudos sobre os indivíduos dos temas sociais, trabalhados por Durkheim, que via as representações coletivas como algo fixo e constante. Assim, o autor trata de uma sociedade mais complexa, mais flexível e dinâmica. Enquanto Durkheim via as representações como estruturas estáveis, como um conceito capaz de explicar as estruturas sociais, Moscovici, vê as representações sociais como um fenômeno, uma forma de compreender as variações e as modificações aceleradas das sociedades modernas (DUVEEN, 2011; MOSCOVICI, 2015).

Para Denise Jodelet (1989), sucessora e continuadora das ideias de Moscovici, “a representação é empregada para agir no mundo e nos outros”, pois é ela “um conhecimento prático” (apud DUVEEN, 2011, p. 21). Para os teóricos e teóricas da Psicologia Social, portanto, as representações sociais são tensionadas pelas diferenças em sociedade, e são criadas culturalmente e influenciam ao mesmo tempo que são influenciadas pelas dinâmicas coletivas. Ou, nas palavras de Moscovici (2011, p. 41) “uma vez criadas [as representações]

adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.

Compreendendo-se um pouco melhor o conceito de representação nos estudos sociais até aqui, será apresentada na sequência a perspectiva do teórico social Stuart Hall, sobre a qual nos fundamentamos para a discussão e análise da representação dos imigrantes venezuelanos no *Jornal Nacional*. Ele é um dos autores fundamentais dos Estudos Culturais Britânicos e dos debates sobre cultura e identidade. Construiu “uma posição respeitada no campo das análises culturais contemporâneas”, como aponta a pesquisadora Ana Carolina Escosteguy (2003, p. 61). Hall liderou o grupo de pesquisadores do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, Inglaterra. Herdeiros de pesquisadores culturais na Inglaterra como Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, esse grupo, e particularmente Stuart Hall, tem como relevante suas reflexões sobre a cultura e a fluidez da sociedade contemporânea. O autor reflete acerca de temas como “a globalização, o multiculturalismo, a participação negra e sua inserção na cultura britânica e a constituição das identidades em geral, seja nas suas análises do thatcherismo, da reação da sociedade britânica à ascensão do crime, das subculturas juvenis, entre outros assuntos” (ESCOSTEGUY, 2003). Os Estudos Culturais, portanto, configuraram um movimento e uma área interdisciplinar de investigação da cultura e da sociedade:

Estudos Culturais devem ser vistos tanto sob ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Sob o ponto de vista político, os Estudos Culturais podem ser vistos como sinônimo de “correção política” podendo ser identificados como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Sob a perspectiva teórica, refletem a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade. (ESCOSTEGUY, 2003, p. 137).

Nossa utilização dos preceitos de Stuart Hall partem também de suas reflexões sobre a possibilidade de mudanças políticas e sociais através do debate das ideias, bem como sua relação intelectual não apenas com o tema da cultura, do discurso e da representação mas com suas ideias sobre movimentos sociais, mobilizações de mudança e da mobilidade transnacional. Para Escosteguy (2003), Hall transmite na sua história pessoal também as discussões que traz para o debate teórico. “A trajetória de Hall está marcada pela experiência da migração, pois ninguém se traslada de um lugar a outro sem ser afetado por tal vivência”

(ESCOSTEGUY, 2003, p. 64). Portanto, o autor possui não apenas uma relação reflexiva teórica de indiscutível pertinência para a discussão aqui apresentada, como também a sua própria vivência configura-se importante para a reflexão dos temas da representação, da cultura e dos movimentos migratórios.

Os grupos sociais, seja um povo, uma minoria social ou mesmo uma elite no poder, demonstram sua posição e se reconhecem através da diferença em relação aos outros grupos, sociedades ou culturas. A diferença é fundamental para a discussão da representação, pois é a diferença que marca a relação entre indivíduos, grupos e mesmo culturas. Hall utiliza alguns conceitos ao tratar da representação, porém aqui dá-se especial atenção a dois: identidade e estereótipo. Ambos dão centralidade à diferença e ambos são formas de representação; é a relação de ambos com a diferença e como esses três elementos podem ser refletidos em sociedade para a representação de ideias, grupos e indivíduos que configura nosso aporte para a análise aqui apresentada.

Ao abordar a cultura na modernidade, Stuart Hall propõe que ela tem sido central tanto nas lutas por reconhecimento de grupos minoritários, quanto serve como arma em conflitos políticos. Em disputas internas, a cultura (e a comunicação, como veremos adiante) é utilizada para diferenciar e apontar posições sociais, por exemplo, utilizando-se um estereótipo que mantém algum grupo longe dos centros do poder. Mesmo em conflitos entre nações, a cultura é também utilizada. Isso foi comum durante a Guerra Fria, quando conflitos armados por vezes foram substituídos por formas mais sutis de controle. Hall afirma que a sociedade contemporânea centraliza na cultura nacional o que em sociedades tradicionais foi colocado em outros elementos sociais:

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas (HALL, 2006, p. 49).

Portanto, a cultura, segundo Maria Laura Moraes (2019), “tem produzido novas subjetividades e novas formas de ser, estar e entender o mundo, uma vez que os modos de ser não se engendram mais predominantemente a partir de instituições específicas, mas a partir de dispositivos sutis, indiretos e plurais, dispersos no tecido social” (MORAES, 2019, p. 167). A importância que Stuart Hall dedica à cultura é destacada por Heloise Santi e Vilso Santi

(2008, p. 02) . Eles lembram que o autor “foi responsável por uma revisão e até mesmo por uma renovação teórica, a partir da evolução da definição antropológica da cultura, como a caracterização de um determinado modo de vida comum a um grupo ou a uma época”. Essa é a chamada “virada cultural”, e que coloca a cultura como essencial para a compreensão da sociedade. Hall lembra que a forma como a linguagem passou a ser central nas discussões das ciências sociais e políticas tornou-a parte dos debates sobre as transformações na atualidade, orientando para a linguagem as práticas da representação, “sendo dada à linguagem uma posição privilegiada na construção e circulação do significado” (HALL, 1997a, p. 09).

Citando o sociólogo Paul Du Gay, Hall (2016, p. 36) lembra que é possível comunicar-se dentro de um grupo porque os indivíduos ali inseridos possuem um mapa conceitual próximo e apreendem o mundo de maneira similar. Para o autor, é isso que “significa pertencer a uma mesma cultura”, ou seja, é essa interpretação similar ou aproximada do mundo que constitui uma cultura específica e assim é possível reconhecer certos significados apenas por se estar inserido nessa cultura, nesse “mapa conceitual”. Porém, o ponto central para essa troca e construção conceitual é a linguagem, elemento que une e constrói o significado.

Para Hall, a cultura é um elemento de modificação da sociedade, e, desde a metade do século passado, talvez seja o principal ingrediente de mudanças. Para ele, tornou-se claro que “as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma política cultural (HALL, 1997a, p. 04). E a cultura, para Hall, sendo um “conjunto de significados partilhados” (MORAES, 2019), será a base para o entendimento desses significados pelos indivíduos. Dessa forma, a linguagem é o fenômeno que decodifica aos sujeitos como se dão as representações, pois damos significado às coisas através do uso que fazemos delas, do que dizemos, pensamos e sentimos - como representamos (HALL, 2016).

A representação é constituinte dos elementos sociais e é formada pela cultura e linguagem, porém, não é elemento apenas subjetivo, ela tem impacto real na sociedade. “Resumidamente”, afirma Hall (2016, p. 32), “representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem”. Portanto, em parte, os significados são dados às pessoas, objetos e eventos pela estrutura interpretativa presente na sociedade. E, em parte, a representação é dada pela forma que aquelas são integradas nas práticas cotidianas e em como a linguagem é utilizada nos sistemas de significação.

No centro do processo de significado na cultura estão, para Hall, dois sistemas de representação. O primeiro refere-se aos sentidos que damos ao mundo ao construir uma série de correspondências entre os elementos do mundo real, pessoas, objetos, eventos e mesmo ideias abstratas. Isto é o mapa conceitual. O segundo sistema depende da construção de correlação entre aquele mapa conceitual e os signos que representam esses conceitos; tais signos estão organizados em linguagens (HALL, 2016).

O autor afirma que qualquer som, palavra, imagem ou objeto que opera como um signo, e se organiza em relação a outros signos em um sistema capaz de carregar e expressar sentido, é, portanto, uma linguagem. Em suma, a relação entre as coisas no mundo real, o mapa conceitual e os signos estão no centro da produção de significado na linguagem. O processo que une esses três elementos é o que o autor chama de representação (HALL, 2016). Cultura, linguagem e signos se entrelaçam na construção da representação. Esta, por sua vez, modifica as relações de poder, as posições dentro de uma sociedade e a própria cultura, esses elementos estão todos, portanto, interrelacionados.

Ao direcionar a discussão para a linguagem e Semiótica, Hall lembra que a representação é um processo de ligação entre duas operações, primeiro um código base que se une ao elemento que se observa, o significante, e o nosso conceito mental do elemento, o significado (HALL, 2016, p. 57). Hall afirma, a partir dos estudos do linguista suíço Ferdinand de Saussure, que a relação entre significante e significado é fixada pela cultura, porém, não é fixa. Ele expõe que “palavras mudam seus sentidos. Os conceitos (significados) aos quais elas se referem também se modificam, historicamente, e toda transformação altera o mapa conceitual da cultura” (HALL, 2016, p. 59). A isto se conclui que em cada momento histórico, uma mesma cultura terá visões e irá representar o mundo de maneira diferente.

A linguagem não é um elemento fechado, assim como a cultura não é fixa, e esse é outro aspecto que se destaca na reflexão de Hall, qual seja, a importância que ele dá tanto às dimensões culturais (simbólicas) quanto materiais na análise da sociedade. É o que nos mostra Escosteguy (2003, p. 69), segundo ela, Hall indica que não há forma clara ou definitiva para o significado das práticas culturais, mas sim que esse significado é um resultado das articulações dessas forças (ESCOSTEGUY, 2003, p. 68). Para Hall (2003, p. 33 e 34), o significado, o sentido, a aceção das coisas não é inerente a elas. Este sentido é construído, produzido, ele é resultado de uma prática que produz um sentido que será aceito (sempre com tensões) dentro de uma cultura em um dado grupo social.

Hall (2016, p. 47) distingue os três tipos de análises da representação: a reflexiva, a intencional e a construcionista. Ele aponta que a construcionista é a que teve mais impacto para os estudos culturais e que essa é melhor abordada por ele. Porém, elucida que a reflexiva significa que os textos ou obras culturais têm um significado no mundo, que é simplesmente refletido a quem tem contato com a obra. Já na teoria intencional, quem escreve impõe o significado ao leitor, dessa forma a ideia que o autor quer passar é colocada ao receptor. Por fim, para a teoria construcionista “nem as coisas nelas mesmas, nem os usuários individuais podem fixar os significados na linguagem” (HALL, 2016, p. 48). Os indivíduos em sociedade usam sistemas codificados de interação, como a linguagem, para construir significados e para representar, dessa forma, tornando o mundo inteligível.

Os significados não são transmitidos no mundo material. “É o sistema linguístico, ou qualquer que seja o sistema que estejamos utilizando para representar nossos conceitos, que realiza esse trabalho” (SANTI e SANTI, 2008, p. 06). Portanto, para Hall, a relação do mundo material com a representação não é direto ou reflexivo como indicam as duas primeiras teorias. Para o autor, a linguagem é o sistema de codificação no mundo, aceita coletivamente por cada cultura e reconhecida dentro de especificidades sociais. Portanto, é a prática, os atos na realidade social, que produz o significado, com a representação (HALL, 2003). Em seu caminho na construção de um conceito de representação, Hall deixa clara a importância da linguagem e da cultura. Seguindo no intuito de compreender como esses elementos interagem, o autor deixa parcialmente a abordagem semiótica e passa a debruçar-se nos temas da linguagem, do discurso e do poder na sociedade moderna através dos conceitos trabalhados pelo filósofo e historiador Michel Foucault.

Pode-se compreender, pelo visto acima, que a abordagem de Stuart Hall compreende a intersecção das reflexões acerca do discurso e das perspectivas semióticas, com a cultura. Além dessa concepção, Hall se fundamenta em Foucault para a discussão da representação a partir das relações históricas e de poder. A abordagem discursiva da representação, baseada em Foucault, será especialmente interessante para Hall em três aspectos: o conceito de discurso, a questão do poder/conhecimento e a posição do sujeito. Hall aponta que o significado depende dessa relação do conceito e do signo, e, portanto, a representação será relacional à linguagem e à cultura e não um elemento direto, fixo, apresentado na sociedade (HALL, 2016, p. 49).

O autor aponta que a representação – produção do significado através da linguagem – para os construcionistas, utiliza signos, organizados em diferentes linguagens, que afetam a

comunicação entre os sujeitos sociais (HALL, 2016, p. 53). Mas os signos apenas têm significado se os indivíduos possuem os códigos para traduzir os conceitos. Esses códigos são cruciais para os significados, e, portanto, para a representação. E é aqui que pode-se considerar a representação como central na discussão política na atualidade. Ao modificar esses códigos, transformando, portanto, os significados, os atores sociais podem modificar a forma como pessoas, ideias e grupos são representados. Aqui configura-se o poder da representação e da linguagem dentro da cultura. Para Hall, todas as práticas sociais têm algum aspecto discursivo. Isso porque todas transmitem significados, que por sua vez moldam e influenciam as ações dos indivíduos. Portanto, o discurso, que para Foucault está ligado a uma forma de representar o conhecimento sobre determinado tema em determinado momento histórico, para Hall se refere à produção de conhecimento e de representação na sociedade.

Ao trabalhar as origens de seu conceito de representação, em particular sua obra de 1997 “*work of representation*” (HALL, 2016), o autor compara Saussure e Foucault em suas abordagens sobre o discurso. Ele aponta que o primeiro possui uma análise mais aproximada do positivismo, ou ainda, de um estudo baseado em leis e modelos para se compreender a linguagem. Por sua vez, Foucault - que utiliza o termo “discurso” de maneira pouco diferente de Hall - irá trabalhar essa questão da perspectiva do poder e como a produção de conhecimento, através do discurso, é utilizada nas tensões políticas e disputas na sociedade. Hall compara a ênfase histórica de Foucault à atenção ahistórica dada pela semiótica de Saussure.

O próprio Hall (2016, p. 78) explica que Foucault irá modificar o foco da discussão sobre o sistema de representação - da linguagem para o discurso. Hall acredita que a questão se dá entre linguagem e prática, no discurso se une aquilo que falamos (linguagem) e aquilo que fazemos (prática). Sendo assim, para Foucault, explica Hall, o sentido e a prática são construídos no discurso. Foucault era também construcionista, lembra Hall (2016), mas preocupava-se mais com a construção do discurso do que com a linguagem para a produção do conhecimento e do sentido. Hall argumenta ainda que os conceitos, ideias e ações existem no mundo real, porém, elas apenas obtêm sentido dentro do discurso. Portanto, conceitos como “loucura”, “sexualidade” ou “punição” apenas existem com um sentido dentro do discurso sobre eles. Isso ocorre pois não são as coisas em si mesmas que possuem sentido, mas sim o discurso sobre elas, corrente na cultura de dada sociedade em seu tempo histórico (HALL, 2016, p. 85).

O discurso, conhecimento, a versão de como uma ideia é apresentada, por fim, a representação de algo é historicamente localizada, os conceitos estão ligados à cultura de seu local e de sua época. Para Foucault, o conhecimento e as práticas acerca de dado tema são “histórico e culturalmente específicos” (HALL, 2016). O tema que se observa terá sentido dentro do discurso que se apresenta, dentro de sua representação através do discurso, regulado por práticas discursivas e pela produção de conhecimento em determinada época e sociedade.

A discussão do sujeito e do poder do discurso para os sujeitos é essencial na teoria das representações de Stuart Hall. Para o autor, os sujeitos se tornam significativos e têm efeitos a partir do discurso, e é esse discurso que cria um lugar para esse sujeito. O autor argumenta que os sujeitos apenas têm significado quando “sujeitados” às regras da construção do discurso – apesar das diferenças de classe, étnicas ou de gênero – para que se tornem sujeitos do poder/conhecimento do discurso. O discurso, portanto, constrói posições de sujeito que tem efeitos na sociedade e um significado que se sustenta, tendo uma implicação importante para a representação (HALL, 2016, p. 99-100).

Hall (2016) salienta que a representação e o sujeito podem ser mostrados em uma peça cultural (literatura, pintura, texto jornalístico) de forma a tentar deixar claro algum elemento, mas é o subtexto e a interpretação de quem lê a mensagem que configura o significado, baseado no discurso e nas associações postas na sociedade. A representação não é, para Hall, espelho, mas sim uma apresentação que se constrói a partir de diversos elementos sociais. A representação funciona tanto pelo não mostrado quanto pelo que é mostrado (HALL, 2016). O autor também aponta que, ao refletir sobre um texto que se apresenta ao leitor, ele se coloca na imagem ou cena apresentada e, ao se identificar com a cena, é colocado em um lugar específico pelo discurso e assim é “sujeitado” ao seu significado.

A atenção na relação entre conhecimento e poder que Foucault apresenta é citada por Hall para ilustrar como um conceito é apresentado pelo autor como parte de uma estrutura de poder, a qual utiliza não apenas a linguagem mas perpassa uma série de elementos, que incluem os linguísticos, mas não terminam aí. Corroborando as ideias de Foucault, Hall defende que a representação que os grupos de poder estabelecem, ocorrem em diversas esferas da cultura e se interrelacionam em variados níveis. A cultura e o conhecimento são utilizados como instrumentos do poder, atualmente ainda mais que qualquer medida de força. O conhecimento não se articula sozinho, separado da sociedade, mas é atravessado por estratégias que tensionam os grupos e os atores sociais (HALL, 2016).

A relação entre cultura e poder é central nas discussões de Hall, e dos autores dos Estudos Culturais, em especial pela importância que a cultura tomou nas tensões políticas, questões de hegemonia e discussões ideológicas a partir da metade do século passado. A forma como o poder é apresentado por Foucault é sublinhada por Hall (2016) como uma mudança da ideia de que o poder se coloca de maneira direta na sociedade: apenas de um poder central (governo, estado) para o resto. Hall (2016), citando Foucault, sustenta que o poder circula como em uma rede, e são as várias tensões e relações na sociedade que modificam o conhecimento, o discurso e, por fim, a representação de um determinado tema naquela sociedade. O poder, portanto, circula também entre os sujeitos na base da pirâmide social. Assim, os sujeitos também modificam o conhecimento e seu comportamento em relação aquilo que representam culturalmente em seus discursos, que pode ou não ser diferente do discurso passado pelo topo dessa pirâmide (HALL, 2016).

O papel do sujeito nesse conceito de representação pode parecer diminuído, em relação à posição do poder e o significado. Isso porque, conforme Hall, Michel Foucault retira o sujeito do centro da construção de seu conceito de representação e coloca o discurso no lugar, porque entende que os sujeitos estariam apenas operando dentro dos limites da formação discursiva de um tempo e cultura particular (HALL, 2016, p. 100). O discurso, na perspectiva foucaultiana, produz uma posição para o sujeito que se sustenta a partir desse discurso construído na e pela cultura. Os indivíduos em uma sociedade podem ser sujeitados a esse discurso por verem nele o conteúdo e significado que também para eles é o mais apropriado à determinado tema. Para a teoria da representação proposta por Hall, isso é importante pois deixa claro que o discurso cria essas posições dos sujeitos, que irão transmitir esses significados e, a partir daí, terão efeitos reais na sociedade.

Hall afirma que a produção cultural apenas tem um significado após a percepção do espectador, e dependendo de quem é o espectador. O público completa o significado ao colocar-se na posição de sujeito e na construção do diálogo entre a mensagem e o receptor (HALL, 2016). O pesquisador lembra que, para Foucault, o discurso constrói o espectador como um sujeito, ou seja, constrói um local para o sujeito, que dará sentido ao produto cultural. É, portanto, na relação do discurso (dos elementos discursivos) com a cultura que se dará a representação. Os temas, eventos e mesmo pessoas não possuem um sentido fixo, uma verdade em si mesmos, mas têm esse sentido construído pelos indivíduos em sociedade, dentro da cultura e através da linguagem. São os indivíduos sociais que constroem, que modificam com a linguagem, e, portanto, que representam.

Esboçado aqui o caminho que Hall realizou para a construção de seu conceito de representação, resumidamente pode-se dizer que ele a compreende como a “produção de sentido pela linguagem”. Nisso entende-se que os significados partilhados em uma cultura são dispersos pela linguagem, que é o fenômeno que torna inteligível aos sujeitos as representações que circulam socialmente. Essas representações são tensionadas por interesses e disputas de poder, que podem utilizar-se de discursos estereotipados, de diferenciação, de invisibilidades e tantas outras formas de representar algo para impor e apresentar seus interesses enquanto tenta diminuir outros. Damos aqui especial atenção aos conceitos de diferença e estereótipo pois eles agregam as disputas mais claras no discurso contrário aos imigrantes, por exemplo, porém as formas de sustentar representações são as mais diversas e são criadas através do discurso para modificar os sujeitos ao mesmo tempo que são criadas por sujeitos de interesse e opiniões, tensionadas na cultura e na linguagem. Os elementos que articulam a representação são por ela influenciados, então a representação modifica a cultura e a linguagem enquanto estas últimas produzem os sentidos das representações em dada sociedade. Discutimos na sequência com mais profundidade a centralidade da noção de diferença nas ideias do autor sobre a representação. Para isso, primeiro discute-se sua concepção de identidade (HALL, 1997, 2010) em relação com os princípios da alteridade. Após, aborda-se o conceito de estereótipo, utilizando Hall (2016) e também os preceitos de Kethryn Woodward (2000). Esses conceitos estão conectados em nossa percepção de como o discurso se forma e se afirma nas sociedades atuais e de que maneira essas relações permeiam a maneira como pessoas, objetos, grupos e ideias são representadas nesta mesma sociedade, o que nos ajudará a analisar as representações construídas sobre imigrantes venezuelanos em uma mídia jornalística brasileira.

3.1.1 Diferença, identidade e estereótipo

Neste subtítulo objetivamos trabalhar e refletir acerca das interrelações entre os três conceitos centrais da interpretação de Hall sobre as representações. O intuito é nos munir das reflexões que permitirão compreender de que forma se dá a representação dos imigrantes venezuelanos em uma mídia jornalística brasileira. Primeiramente discutimos o caminho teórico realizado por Stuart Hall ao perceber que as representações nas culturas modernas advém das múltiplas identidades e da flexibilidade das relações identitárias na modernidade.

Os efeitos desestabilizadores na compreensão das ideias da modernidade são inegáveis. Assim, para analisar representações na atualidade torna-se necessário ter em mente o quão múltiplos e diversos podem ser os resultados de refletir acerca de grupos e sujeitos nas sociedades modernas. Isso é pertinente para o objeto de estudo que nos ocupa nesta pesquisa, que implica compreender representações construídas sobre pessoas migrantes no âmbito da produção das mídias e do jornalismo e da sua relação com o outro, com a diferença. A construção de discursos utilizando estereótipos e marcações binárias das diferenças, simplificações, portanto, orientam para estruturação das representações de forma reducionista. E, como afirma Hall (2016, p. 154) não há “oposições binárias neutras”, ou seja, há uma relação de poder entre os lados de uma redução diferenciadora e o pólo dominante irá circunscrever e posicionar o grupo dominado.

Hall sustenta que a busca da identidade (identidade nacional, de um grupo social, etnia, gênero, etc.) é também a lógica da procura por um sentido de si mesmo, a autenticidade da própria experiência e a formação de que lugar o indivíduo se mostra e se apresenta. Isto se relaciona com outro conceito que veremos a seguir: a diferença, que é fundamental quando se debate a sociedade atual e especificamente o movimento transnacional. Se nos discursos sobre os imigrantes muito se trabalha casos pontuais, como vimos em alguns estudos no capítulo anterior, percebemos também que a questão mais ampla é a diferença e de que forma esta é encarada e considerada na sociedade. Quanto mais a diferença é tida como um problema, seja por qual motivo for, mais difícil é a relação entre migrantes e cidadãos locais. Devido ao deslocamento da identidade de um centro relativamente fixo, como foi anteriormente ao Iluminismo, o indivíduo na atualidade não se enxerga como parte de um grupo claro (um país, uma classe, etc.) e, portanto, busca legitimar sua posição diferenciando-se de algum “outro” (HALL, 2010).

Segundo o sociólogo, transformações sociais e políticas diversas minaram as percepções de identidade, que por sua vez só era possível devido à diferenciação em relação a outro grupo identitário. A identidade (e também o estereótipo, como veremos adiante) apenas é possível em relação ao outro, demonstrando a diferença entre o grupo do qual o indivíduo faz parte (considerado o dono de uma identidade fixa e claro) e o outro, aquele que é diferente. Ou seja, aquele que causa estranhamento e que - conforme posicionamento de alguns grupos - aquele que deve ser excluído, perseguido ou expulso daquela sociedade. A história e as mudanças sociais não modificam a visão dos outros apenas, mas notadamente a visão que cada indivíduo tem de si e de seu pertencimento.

A identidade está dentro do discurso e também dentro da representação. Ademais, ela está constituída pela representação. A identidade é a história que os indivíduos contam sobre si mesmos, para si mesmos (HALL, 2010). E para contar essa história, que hoje se manifesta mais fragmentada do que nunca, torna-se necessária a diferença, explicitar quem é o “outro” para que se possa dizer quem se é. Para grupos minoritários, particularmente os imigrantes, a diferença é marcada também pela exclusão subjetiva, pela diferenciação de características físicas, de credo, ou de quaisquer outros antagonismos que a alteridade possa evidenciar para mostrar de maneira simplista “quem é quem” dentro daquela sociedade.

Ainda segundo Stuart Hall (2016), a ideia de que há algum tipo de desordem nas identidades, numa visão conservadora de manutenção do *status quo*, ou que o mundo moderno ampliou as possibilidades de ser e de estar no mundo, numa visão progressista, advém da mesma questão, que é a inegável liquidez das identidades atuais, ou ainda do alargamento das possíveis posições na sociedade. Essa mudança histórica e política é de fundamental importância para os estudos culturais, já que aponta para a centralidade da cultura (HALL, 1997a) e expõe tanto um transtorno social, quando do choque entre identidades, quanto uma possível vontade social de agregar, aceitar e respeitar o diferente. Vimos que os conceitos que circundam a representação, quais sejam: alteridade, estereótipo, identidade, todos se intercalam na cultura e têm relação não apenas entre si mas também com o discurso, a linguagem e o poder. Tem-se, portanto, que a discussão além de fundamental no entendimento das relações na atualidade, também exemplificam o tipo de complexidade que Stuart Hall expõe em suas ideias sobre a cultura nas sociedades modernas.

A discussão realizada por Hall é basilar no entendimento da trajetória dos estudos culturais e da estrutura das identidades, e é fundamental para a sua apropriação nos termos que interessam para a presente pesquisa. Interessa-nos compreender a representação através dos preceitos do autor, a associação que ele estabelece entre as representações, a construção das identidades e sua relação com a diferença. O processo de modificação de um indivíduo fixo e racional do Iluminismo (reduzido ao homem burguês europeu pós-medieval) para pessoas complexas, de identidades múltiplas e mesmo contraditórias da modernidade, é pano de fundo para uma investigação sobre o modo como as sociedades atuais e os indivíduos representam e são representados, na constante disputa de discursos e simbologias, muitas das quais são mediadas e/ou amplificadas pela produção das mídias e do jornalismo. As representações que o jornalismo estabelece de grupos sociais transforma e estrutura suas condições na teia social, mesmo que esses grupos também sejam capazes de apresentar suas

próprias identidades, elas são tensionadas pelo poder de grupos políticos ou em conformidade com estruturas de manutenção social. Imigrantes em especial enfrentam, além dos impedimentos e choques comuns a grupos sociais fora dos círculos do poder, conjunturas nas quais a diferença e os estereótipos dificultam sua participação e inclusão nas dinâmicas sociais.

Os estudos das culturas e das sociedades atuais esbarram, como foi visto, no quão fragmentadas e inconstantes são as identidades pessoais e no quanto os indivíduos, não mais fixos em grupos claros, alteram as estruturas sociais. Na análise das representações em Stuart Hall, três conceitos são fundamentais: identidade, diferença e estereótipo. Este último, como explica Kethryn Woodward (2000), é uma representação que tem por objetivo reduzir um indivíduo ou grupo a uma característica (em geral negativa) que supostamente seja uma marca daquelas pessoas. Portanto, o estereótipo é construído a partir da diferença. Muitas vezes é um produto das mesmas tensões que formam a identidade - a qual também é “marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p. 08). Pois um grupo se define ou identifica sempre em relação a outro, por vezes tratando o outro como “inferior”, ou se apresentando como o verdadeiro defensor de determinada história ou cultura.

Em capítulo intitulado “o espetáculo do Outro” de seu livro “Cultura e Representação”, Stuart Hall (2016) discute, entre outras questões, o estereótipo e a possibilidade de mudanças positivas nas discussões sobre identidade e representação. Ele sustenta que, ao lidar com a diferença, defronta-se com emoções, afetos, preconceitos, medos. Dessa forma, precisa-se analisar a fundo tais temas para que, sustentada por teorias, seja possível uma “política de representação” positiva e inclusiva (HALL, 2016, p. 140).

Hall (2016) utiliza autores como Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Ferdinand de Saussure, Mikhail Bakhtin, entre outros, para analisar as diversas maneiras que a diferença e “o Outro” são compreendidos e estudados na ciência. Para ele, apesar de exclusivas, as formas de avaliar a diferença na sociedade podem ser detalhadas em dois aspectos: o primeiro é a importância cada vez maior que a alteridade assume nas análises sociais; o segundo, a ambivalência da diferença, ou seja, essa diferenciação na sociedade pode ser positiva ou negativa. Isso é demonstrado na obra de Hall (2016) quando ele cita anúncios publicitários e filmes que tratam de questões raciais. Em especial nesses casos, a linguagem é o elemento no qual é produzida e demonstrada a representação através de estereótipos.

Estereotipar significa reduzir um grupo social a alguns poucos elementos básicos, supostamente “naturais”, os quais classificam aquele grupo, identificam-no e engendram

posições e discursos na sociedade que servem aos propósitos do grupo dominante, que utiliza os estereótipos (HALL, 2016, p. 173). No caso do racismo imperialista (exemplo utilizado por Hall), é a manutenção do negro como subalterno; no caso dos imigrantes, a tentativa de colocá-los como perigo para os postos de trabalho ou focos de novas doenças. Pode-se perceber essa redução em outros grupos marginalizados e minoritários. Portanto, a estereotipagem, primeiramente reduz e simplifica os indivíduos, essencializando suas características. Em um segundo momento, exagera esses mesmos traços para reduzir os indivíduos àqueles elementos básicos do discurso acerca daquele grupo. Sendo assim, na estereotipagem se estabelece uma “conexão entre representação, diferença e poder” (HALL, 2016, p. 193).

Kethryn Woodward (2000) afirma que “toda prática social é simbolicamente marcada”. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições. Relacionada ao poder, a identidade, assim como o estereótipo, também é uma representação e da mesma forma baseia-se na diferença. Porém, a diferença tende a apontar características dos outros indivíduos para diferenciar o grupo social de quem fala. Como exemplos têm-se os discursos dos estados-nação, que com frequência tentam apontar características (positivas) para si e traços contrários (negativos) aos rivais ou vizinhos. Woodward (2000) afirma que para compreender a representação é necessário observar cultura e significado, e, para tal, é importante refletir sobre as “posições-de-sujeito” e como os sujeitos se colocam no interior de uma cultura. Portanto, a identidade de um grupo marcadamente o representa com uma caracterização diferente em relação aos outros grupos, tornando-o, dessa maneira, ímpar e singular.

Os símbolos e as marcas culturais de cada grupo social são fundamentais na construção dos códigos que representam aquela sociedade, que formam suas “fronteiras simbólicas”, e assim a diferenciam das demais. Quando em choque com o diferente, ocorre um “incômodo” nessas sociedades e para tornar a cultura novamente uma, retira-se o que diverge, e assim mantém-se uma sensação de pureza simbólica. Portanto, “os limites simbólicos são centrais para toda cultura” e dessa forma, discursos baseados na alteridade e na intensificação de estereótipos buscam “fortalecer a cultura e a estigmatizar e expulsar qualquer coisa que seja definida como impura e anormal” (HALL, 2016, p. 157). Com frequência o fortalecimento da cultura se traduz em linguagem nacionalista e segue na inflamada tentativa de expulsão do Outro; deriva, então, em discurso de intolerância e perseguição.

Como destacado por Keltryn Woodward, é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Pode-se sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000, p. 15)

A autora argumenta que as identidades na contemporaneidade adquiriram uma condição de centralidade no ambiente social, especialmente como parte das lutas de movimentos sociais, mas também são utilizadas como argumento por grupos xenófobos e contrários às minorias. A alteridade é utilizada, nessas discussões, como forma de afirmar uma identidade e de construir estereótipos. Na relação entre imigrantes e a sociedade que eles adentram, a diferenciação é utilizada por indivíduos contrários a eles como forma de separar em grupos (nós/eles) e dessa forma facilitar um discurso de exclusão. As relações intrínsecas entre a identidade dos indivíduos, sejam os cidadãos brasileiros (contrários ou não à entrada de estrangeiros) ou os próprios imigrantes, os estereótipos criados por construções simbólicas que reduzem os imigrantes e a diferença marcadamente exposta em discursos na coletividade aparecem, todos, como argumentações, tensões e contra-discursos na imprensa do país. Buscamos compreender esses aportes teóricos na tentativa de melhor trabalhar as notícias sobre os imigrantes venezuelanos no Brasil e compreender como esse grupo é representado na imprensa brasileira, de que forma suas dificuldades são tratadas e se sua participação na sociedade brasileira é permeada por estereótipos, por tensões acerca de sua identidade. Nossa análise dessa conjuntura busca também compreender o que permeia o contexto dos imigrantes em relação ao contexto político de ambos os países, com a polarização de seu país, e com a visão contrária que a imprensa brasileira tem do governo bolivarianista. Essa conjuntura explicita complexidades e discursos de poder nem sempre favorável aos movimentos transnacionais, mas também cria situações de embate e possibilidades positivas não apenas em relação às representações sobre os imigrantes, mas também na construção de sua posição como cidadãos plenos na sociedade brasileira.

3.2 AS REPRESENTAÇÕES NO JORNALISMO

A partir da explanação sobre o conceito de representação, pode-se agora discutir as relações que as representações têm com as práticas de comunicação, entre as quais o jornalismo. Ao refletir sobre as representações nos termos de Stuart Hall, é necessário ter em mente que os processos comunicacionais são um espaço no qual identidades, estereótipos, diferenças, etc. podem ficar claras e têm a oportunidade de serem exploradas nas tensões sociais presentes na coletividade. Ou seja, as representações são consensos sociais, mas também objeto de tensões, questionamentos e disputas, onde a sociedade tanto se enxerga quanto é modificada. A comunicação, e o jornalismo especificamente, são fenômenos que desempenham um papel central no processo de construção e difusão de representações. Assim, também no âmbito das práticas comunicativas do jornalismo novas identidades podem ser construídas e estereótipos podem ser questionados.

As relações entre a comunicação e as representações são abordadas, entre outros pesquisadores, pela professora Vera França, em artigo de 2004. Sobre as representações, a autora enfatiza que elas têm “particular importância” para a comunicação quando essa é pensada “como instância de produção de sentido instalada num contexto relacional” (FRANÇA, 2004, p. 13). Ela expressa que “as representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos”, e que os indivíduos percebem as imagens e também as afetam, e nesse processo, “as devolvem ao mundo na forma de representações” (FRANÇA, 2004, p. 19).

Destaca-se aqui que “o jornalismo se propõe a falar do mundo em que vivemos em sua dimensão concreta, tangível, partilhada por todos” (SILVA; FRANÇA, 2017). E quanto mais o jornalismo se propõe a refletir a realidade, e mais o público supõe essa possibilidade, mais a representação que é apresentada pela comunicação jornalística sobre um grupo influi nas vivências desse grupo. Não é objetivo desta dissertação tratar em pormenores as capacidades do jornalismo de apontar para o real; o que se aponta aqui é a importância que o jornalismo tem em expor à sociedade as representações que circulam no coletivo, e também a potencialidade de mudança positiva e de inclusão de grupos excluídos.

A partir disso se compreende que “as representações não são entidades/enunciados/projeções estáticas, uma vez que são construídas e reconstruídas nas experiências e interações comunicativas entre pessoas e grupos” (CORRÊA; SILVEIRA, 2014, p. 212). Ou seja, as interações entre as pessoas influenciam a representação que se tem

de qualquer elemento social. Dessa forma, o tratamento dado pela mídia a um tema, que entrará em circulação e será objeto de conversação social, também poderá influenciar a forma como esse assunto será percebido pelo público.

Para Vera França, a comunicação é o local onde os significados são configurados:

a comunicação é esse processo em que imagens, representações são produzidas, trocadas, atualizadas no bojo de relações; esse processo em que sujeitos interlocutores produzem, se apropriam e atualizam permanentemente os sentidos que moldam seu mundo e, em última instância, o próprio mundo. Portanto, o lugar da comunicação (das práticas comunicativas) é um lugar constituinte – e o olhar (abordagem) comunicacional é um olhar que busca apreender esse movimento de constituição (FRANÇA, 2004, p. 23).

A comunicação é, portanto, o espaço no qual as configurações e os sentidos são produzidos e modificados. Então, é na junção da cultura com as práticas comunicativas que se dá o sentido e a percepção dos sujeitos individualmente e de um grupo ou da sociedade como um todo. Relacionado com a cultura e com a comunicação está a linguagem, como temos comentado durante todo este capítulo, e para que haja interrelação entre elas são necessários conhecimentos e conceitos reconhecidos na sociedade.

O pesquisador Teun A. Van Dijk (2005), autor de trabalhos sobre análise do discurso e questões da comunicação na sociedade, aponta que há uma relação pouco trabalhada entre o conhecimento e as notícias. Ele afirma que é necessário um nível de conhecimento tanto na produção quanto na recepção de notícias e que esse conhecimento faz parte de modelos mentais presentes na cultura. O autor esclarece que se pode citar três tipos de conhecimento: pessoal, grupal e cultural. O conhecimento pessoal se refere a algo expresso especificamente por alguém, e em geral é compartilhado apenas por poucas pessoas. O conhecimento grupal, ou social, é referente a trocas dentro de um grupo específico e “pode ser adquirido em instâncias repetitivas de comunicação interpessoal” (VAN DIJK, 2005, p. 21). Ambos conhecimentos são constituídos, comumente, em relações interpessoais, como conversas face a face, por exemplo. Por fim, o conhecimento cultural pode ser definido como “todo o conhecimento que pode ser pressuposto em todas as formas de discurso público”. O autor afirma ainda, que o conhecimento de uma cultura “é tão difundido e já faz parte do que é geralmente chamado de ‘senso comum’, de forma que é geralmente pressuposto ou lembrado no discurso público” (VAN DIJK, 2005, p. 21).

Dessa forma, as produções e conteúdos do jornalismo são espaços onde também ocorrem as trocas de significados desse conhecimento cultural dentro de uma sociedade. Para

compreender as notícias, o público irá utilizar suas experiências e ideias pessoais, de maneira que constrói seu entendimento com “modelos mentais” (VAN DIJK, 2005). Tais modelos “representam como as pessoas subjetivamente constroem os eventos do mundo através de suas experiências”. Sendo assim, “notícias geralmente tratam de eventos específicos, e interpretar tais eventos significa construir modelos mentais para eles” (VAN DIJK, 2005, p. 22). Isso não significa, porém, que tais “modelos mentais” sejam esquemas de interpretação individuais, de sujeitos desconectados de seu contexto social. Ao contrário. Tais esquemas interpretativos são resultado das interações comunicativas cotidianas, que são alimentadas e condicionadas pela cultura e sociedade onde elas ocorrem.

O próprio Stuart Hall e seus colegas pesquisadores, em texto clássico dos estudos do jornalismo (HALL et al., 1993) aborda essa relação da produção e recepção das notícias e os “mapas culturais” de significado, que remetem aos sentidos que são compartilhados socialmente entre produtores e receptores, para tornar inteligíveis os acontecimentos tratados pelas mídias. O processo articulado pela mídia para narrar ao público um acontecimento se constitui de práticas para tornar inteligível os fatos, bem como deve ser apresentado em termos que os modelos mentais possam compreender. Para Hall et. al. (1993), esse processo se apoia em conhecimentos e consensos prévios existentes na sociedade, ao mesmo tempo em que permanentemente reforça determinados consensos. Os acontecimentos, portanto, quando enquadrados pelo noticiário, estão dentro de alguma noção de consenso social. “São elaborados através de uma variedade de explicações, imagens e discursos que articulam o que o público supõe pensar e saber da sociedade” (HALL et al, 1993, p. 227). Isto é, através de representações e quadros de sentidos partilhados em diferentes segmentos sociais.

A mídia não apenas apresenta os acontecimentos ao público, mas expõe também opiniões e interpretações sobre os fatos, portanto, tem-se que a mídia é um poderoso território para a construção de representações. Desse modo, “implícitas nessas interpretações estão as orientações relativas aos acontecimentos e pessoas ou grupos nelas envolvidos” (HALL et al, 1993, p. 228). Sendo assim, muitas das interpretações feitas pelo público advém de interpretações e imagens produzidas pelo jornalismo, que por sua vez são criadas a partir de temas e sentidos que circulam em sociedade e compõe as representações; significados e concepções culturais presentes na coletividade e nas tensões em sociedade. Afinal, como discutido por Terezinha Silva e Vera França (2017), mídias e produções jornalísticas não estão desconectadas de um contexto sócio-cultural: fazem parte da sociedade e se alimentam dela –

de suas formas de interpretação, suas representações e valores sociais vigentes – para produzir sentido acerca dos conteúdos que colocam em circulação.

O trabalho que o jornalista elabora ao traduzir ao público os acontecimentos, bem como a linguagem de fontes entrevistadas, é em geral tido como uma obrigação particular, porém, pode-se também apontar como um espaço aberto apenas a grupos específicos, como os opinadores “técnicos” ou instituições e grupos de poder. Por isso, tal trabalho, conforme argumentam Hall et al (1993), não é autônomo e também se refere a termos familiares e compreensíveis na realidade social. “Esse processo nem é totalmente livre e sem constrangimentos nem é uma reprodução simples e direta. É uma transformação” (HALL et al, 1993, p. 233). Transformação realizada pelo trabalho da mídia, que torna familiar os termos não-familiares a partir de suas formas de representação e de construção da realidade, as quais se nutrem de representações e sentidos compartilhados pela sociedade ou por segmentos dela. Assim, ao tornar públicas as representações dadas por grupos específicos (priorizando fontes informativas da elite ou de instituições oficiais, por exemplo), o jornalismo constitui a realidade – ou parte dela - apenas com as imagens e interpretações produzidas por alguns poucos atores.

Na atualidade, porém, a complexidade da vida e a quantidade de informações apresentadas constantemente ao público torna acirrada as disputas por identidade e por modificação de representações na teia social. A pesquisadora Flávia Biroli (2011) afirma que a diversidade de informações e de pontos de vista complexificam ainda mais a disputa ideológica na atualidade e, dessa forma, vê-se as tentativas de transformar “opiniões ‘parciais’ em representações ‘universais’” (BIROLI, 2011, p. 73). Por isso, como destaca a autora, “o fato de que a mídia coloca em circulação um grande número de informações é, portanto, insuficiente para que se afirme que potencializa uma constelação plural de representações da vida social” (BIROLI, 2011, p. 73).

Ao discutir a relação entre a comunicação midiática, as representações e a (re)produção de estereótipos, Biroli (2011) aponta uma ambiguidade no centro deste debate. Para ela, reduzir os estereótipos “a distorção, falsidade ou irrealidade” é simplificar uma discussão importante a apenas um ponto, quando em verdade o estereótipo tem de ser discutido na sua construção no seio da comunicação e das trocas discursivas em sociedade. Considerar o estereótipo simplesmente como uma falsidade ignora a complexidade da realidade e muitas vezes as referências são diferentes para diferentes indivíduos, ou se alteram com o tempo; e mais, seu impacto na sociedade pode se diferenciar no tempo ou entre grupos diversos. Na

visão mais simples, os estereótipos “reduziriam a complexidade das interações concretas, contribuindo para ampliar o grau de previsibilidade nas novas interações. Fundados em simplificações, os estereótipos diminuem as variações e matizes” (BIROLI, 2011, p. 76). Portanto, “é preciso considerar os matizes, sem perder de vista o peso que a mídia tem na conformação das representações compartilhadas do mundo social (BIROLI, 2011, p. 88).

Como a reprodução ou questionamento de estereótipos está imbricado a este processo de construção de representações na sociedade, nas quais a comunicação midiática tem cada vez mais centralidade, dada a presença das mídias em todos os âmbitos da vida social, pode-se dizer que a produção jornalística tanto pode ser um espaço para tensionar quanto para reproduzir representações estereotipadas sobre indivíduos e grupos sociais. Ou seja, é também no campo da comunicação que existe a possibilidade de modificações das identidades e de estereótipos. Como diz Flávia Biroli (2011), essa é uma “posição-chave” no que tange às discussões sobre representação e também às possíveis modificações no campo social.

A partir do que foi discutido neste capítulo, entende-se que representação é, conforme o proposto por Hall, a produção de sentidos através da linguagem. Ela envolve a estrutura de interpretação dada, em sociedade, tanto quanto a forma como o sistema de significação é modificado constantemente pela linguagem, através de discursos e pelo tensionamento dos grupos sociais. Assim, a cultura é centralizada nas modificações sociais, já que é nela, a partir dela e através dela que se dão as novas representações sobre pessoas, grupos, objetos, etc. A cultura e a linguagem se relacionam para modificar a representação, bem como esta modifica a cultura através do poder do discurso e das posições dentro da sociedade. Interrelacionados estão, também, identidade, estereótipo e diferença. Esses elementos constituintes da representação e tornados centrais em análises representativas nos permitem refletir acerca da maneira como é construído um discurso e de que forma ele pode influenciar a vivência de um grupo social. Como um importante espaço da produção simbólica que circula na sociedade contemporânea, entendemos que o jornalismo é um lugar privilegiado para se observar a construção de representações sobre grupos sociais, tais como os imigrantes venezuelanos chegados ao Brasil nos últimos anos. Nosso interesse nesta pesquisa se volta, então, para identificar e analisar as representações construídas sobre esses imigrantes na cobertura jornalística realizada por aquele que é considerado o telejornal mais importante no Brasil, em termos de alcance nacional e de audiência: o *Jornal Nacional*, da Rede Globo.

4 OS IMIGRANTES VENEZUELANOS NO *JORNAL NACIONAL*

Neste capítulo, identificamos e analisamos as representações construídas pelo *Jornal Nacional* sobre os imigrantes venezuelanos que chegaram ao Brasil entre 2015 e 2020. Antes disso, expomos o caminho teórico-metodológico utilizado para alcançar o objetivo proposto. Explicitamos a definição do objeto empírico – matérias veiculadas pelo *Jornal Nacional (JN)* da Rede Globo de Televisão - e o percurso realizado para selecionar, organizar e sistematizar o *corpus* da pesquisa. Por fim, procedemos ao exame das representações dos imigrantes venezuelanos no *Jornal Nacional*, como eles são representados e/ou se representam ao público brasileiro que assiste a este telejornal em distintos espaços por onde ele circula.

4.1 CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nos anos recentes, principalmente a partir do final da década de 2010, o Brasil tem voltado a experimentar um novo ciclo de imigração proveniente dos mais diferentes países. Em termos quantitativos, um dos mais significativos foi a chegada de haitianos ao Brasil no começo daquela década, após o terremoto que atingiu a capital do país e provocou a morte de 300 mil pessoas, em 2010 (COGO; SILVA, 2014). Ao longo de toda a década, grupos de diversos países vieram para território brasileiro pelos mais diferentes motivos: senegaleses, sírios, ganeses, entre outros. A partir de 2015, sobretudo, um novo movimento de imigrantes, desta vez provenientes da Venezuela, chega ao país, desencadeando, como ocorreu com os haitianos, uma considerável repercussão social e midiática sobre esta imigração.

Se a tragédia provocada pelo terremoto no Haiti despertava, ao menos a princípio, uma relativa acolhida e solidariedade aos imigrantes que chegaram daquele país, a vinda dos venezuelanos já se dá em um contexto mais complexo. O Brasil já não se encontrava em um período de crescimento econômico e de um governo considerado de centro-esquerda (gestões Lula da Silva e Dilma Rousseff, do PT), com políticas públicas mais progressistas, inclusive em relação à imigração. Por seu lado, o contexto político na Venezuela produz reações adversas entre diferentes setores políticos e sociais no Brasil, provocando diferentes posicionamentos e interpretações sobre a chegada dos venezuelanos no país. É em meio à crise política e econômica vivida tanto na Venezuela quanto no Brasil – discutidas de forma mais detida no capítulo um desta dissertação - que muitos venezuelanos aqui chegaram.

A presente pesquisa de Mestrado foi estimulada por este contexto social e político, bem como pelo modo que a chegada de venezuelanos foi alcançando considerável repercussão em algumas mídias jornalísticas, entre as quais o principal telejornal do país – o *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão. Esse cenário motivou a buscar compreender se a convivência, nos anos recentes, com os novos movimentos migratórios que fazem parte da dinâmica contemporânea de mobilidade humana no mundo, teria significado um tratamento positivo dos venezuelanos por parte do principal programa de telejornalismo brasileiro.

Assim, o percurso que orienta esta pesquisa parte da seguinte indagação: de que forma o *Jornal Nacional* representa os imigrantes venezuelanos? Esta é a questão que buscamos investigar nesta dissertação de Mestrado a partir da análise da cobertura jornalística realizada pelo telejornal de maior audiência no país. Se o jornalismo é uma prática comunicativa que tanto influencia quanto é influenciado pelos sentidos da cultura e da sociedade na qual ele está inserido (SILVA; FRANÇA, 2017), entendemos que os conteúdos jornalísticos participam do processo de construção de sentidos e representações a respeito de sujeitos, grupos e práticas sociais, países, etc, como os imigrantes venezuelanos e outros segmentos sociais, colaborando, também, para a construção de suas identidades. Desse modo, o jornalismo tanto pode reproduzir representações e estereótipos vigentes, quanto questioná-los e estimular novas representações.

Para identificar e analisar as representações dos venezuelanos na cobertura do *Jornal Nacional*, utilizamos o conceito de representação na abordagem proposta por Stuart Hall, que o entende como um conjunto de sentidos produzidos pela linguagem (HALL, 2016, p. 32), conforme discutido no capítulo anterior. O autor entende que a representação conecta linguagem e significados à cultura, considerada central para compreender as relações sociais e políticas na contemporaneidade. Dessa forma, a cultura é o campo no qual se modificam as representações de grupos, pessoas, ideias, acontecimentos, quando tensionadas pelas relações da cultura com a linguagem. Através das relações entre identidade, estereótipo, diferença, etc. nas representações dadas em sociedade, que é possível mudanças e novas relações entre os atores sociais. Integrado a isso, segundo Stuart Hall, a mídia apresenta fatos e acontecimentos em um jogo que utiliza consensos socialmente aceitos e novas posições sempre em constante modificação e tensionados por choques entre grupos de poder e novas reivindicações sociais.

Como destacado por Angela Arruda (2002, p. 09), “a metodologia, indissociável da proposta teórica, responde por uma parte das dificuldades. Ela termina por objetivar o projeto epistemológico da teoria, tornando-o palpável. Ela aparenta resumir a maneira como se

entende a teoria para poder aplicá-la”. De forma complementar, Gislene Silva et al (2017, p. 90) afirmam que “a metodologia está viva e dá vida ao que pesquisamos, cada passo metodológico nos faz rever as opções feitas até aquele momento e já nos sugere novas tomadas de decisão”. Essas decisões formam um caminho que parte da questão premente ao pesquisador ou pesquisadora e chega em um ponto final que tenta explicitar uma resposta. Tudo isso baseando-se em uma teoria e na metodologia escolhida. E assim “o teórico e o empírico seguem sempre em tensão, na tentativa de certa unidade e coerência interna” (SILVA et al, 2017, p. 90).

Nesta pesquisa, definiu-se por elaborar uma metodologia própria para a análise do material empírico, tomando o conceito de representação como operador da análise da produção do *Jornal Nacional* sobre os imigrantes venezuelanos. A exploração das matérias obtidas com nossa busca (que será detalhada no próximo ponto) permitiu observarmos diferenças entre as diversas matérias bem como aproximações que nos permitiu classificarmos as matérias em grupos. Ao assistir algumas vezes as matérias do corpus e construir a tabela na qual detalhamos os temas, observações dos jornalistas, características as entrevistas, quais fontes eram apresentadas, entre outros detalhes, foi possível começar a observar a existência de certos padrões. O primeiro padrão a ser percebido, e que tornou-se o primeiro eixo de análise, foi a ideia recorrente da imigração venezuelana como uma fuga estimulada pelo desespero. Vindos de um país em crise econômica e política, os venezuelanos tinham por alvo manter-se no Brasil, procurar emprego e viver em um país em situação pouco melhor que o seu, esse grupo de matérias unimos no eixo de análise chamado “fuga para o Brasil”.

Além de padrões gerais nas notícias sobre imigrantes venezuelanos, também houve ocorrências pontuais e acontecimentos localizados, que favoreceram matérias com menos desenvolvimento acerca do assunto. Esses casos, em geral, tratavam de conflitos ou casos de violência envolvendo os imigrantes, não incomumente tendo-os como vítimas. Há no ano de 2018 uma explosão desses casos, exatamente no período em que ocorre a maior entrada de venezuelanos no estado de Roraima, local no qual se dá a maior parte dos conflitos. Esses casos de violência contra imigrantes e de hostilidades entre brasileiros e venezuelanos foi desenvolvido no segundo eixo de análise, denominado “conflitos entre brasileiros e venezuelanos”, que será melhor detalhado a seguir. Com o passar do tempo surgiram matérias cujo ponto central era diversificado, e que, se não distanciaram-se totalmente das ideias anteriores, focaram em momentos diferentes da mobilidade transnacional. Há o surgimento de

matérias longas sobre a vida de imigrantes venezuelanos em grandes cidades brasileiras, especialmente São Paulo, e sobre como se dá a relação daqueles com os brasileiros. Nesse momento há enfoque na ajuda que os brasileiros oferecem aos imigrantes, o que nos levou a inserir esse conjunto de matérias em um eixo denominado “ajuda e solidariedade de brasileiros”. Além disso, percebe-se um incremento no espaço dado às dificuldades dos imigrantes em relação à documentação e acolhida enquanto cidadãos plenos, motivando a criação do eixo temático “questões institucionais e normativas no Brasil”. A Tabela 2, apresentada abaixo, permite observar este detalhamento. Decidimos trabalhar apenas com as matérias que tratam especificamente dos imigrantes, por consequência excluimos da análise aquelas que tratavam da Venezuela de maneira mais geral.

A observação detida nos permitiu aproximar as matérias e a partir da relação entre a compreensão do conceito de representação e a exploração das matérias jornalísticas produzidas pelo *Jornal Nacional*, definimos os quatro eixos temáticos antes mencionados. Eles nos ajudaram a categorizar e organizar as notícias veiculadas em função dos temas predominantes tratados em cada uma delas. Eles também permitem ler e analisar, dentro de cada eixo, quais são as principais representações que estão sendo construídas ou sugeridas acerca dos imigrantes venezuelanos, conforme explicaremos adiante. Assim, os quatro eixos temáticos definidos foram: “a ‘fuga’ para o Brasil”; os “conflitos entre brasileiros e venezuelanos”, “ajuda e solidariedade de brasileiros”; e “questões institucionais e normativas no Brasil”.

A “fuga” para o Brasil: esta categoria inclui as matérias cujos conteúdos definem a situação da chegada de venezuelanos no Brasil como sendo uma “fuga” da Venezuela, retratada como um país em grave crise (política, econômica e humanitária). Essas notícias constantemente enfatizam a falta de alimentos e bens essenciais no país vizinho, bem como um governo autoritário e que persegue opositores políticos. Também é frequente o uso de entrevistas com venezuelanos, já no Brasil, que apenas corroboram a ideia de falta de alimentos e também da necessidade de encontrar emprego no Brasil para ajudar os familiares que ficaram na Venezuela. Quando comparados com as matérias que não tratam de migração, mas sim da Venezuela, esse eixo temático dialoga constantemente com a situação de grave crise apontada pelas notícias sobre o país vizinho. Por fim, em termos imagéticos, as notícias classificadas neste eixo tendem a utilizar imagens da fronteira de Roraima, no norte do Brasil, e também de abrigos onde imigrantes estão instalados. Muitas vezes também são utilizadas imagens antigas das filas em mercados e bancos na Venezuela, bem como dos imigrantes

morando nas ruas do Brasil. O conjunto desta categoria totalizou 19 notícias, sendo este o eixo com maior número de matérias.

Conflitos entre brasileiros e venezuelanos: nesta categoria agrupou-se as notícias que tratam de conflitos ou polêmicas entre pessoas dos dois países. Há nesta categoria tanto conflitos gerados por tentativas de brasileiros de expulsar os imigrantes, queimando seus bens e usando de violência, quanto episódios de “invasão” de casas por parte de imigrantes sem local para morar. Além disso, coloca-se neste eixo as matérias que tratam de discussões sobre uma “barreira sanitária”, que impediria a chegada de imigrantes com doenças como sarampo e malária, no Brasil. E por fim, inclui-se aqui os casos de conflitos no lado venezuelano da fronteira entre venezuelanos tentando sair do país e soldados da Guarda Bolivariana. Geralmente, essas notícias também citam a situação econômica e política na Venezuela, porém com menos complexidade do que no eixo da “fuga para o Brasil”, já que traz apenas uma ou duas frases que pouco contextualiza a situação em nível macro. Essas matérias são, em sua maioria, localizadas no estado de Roraima, local que recebeu a maior parte dos imigrantes. Sendo assim, grande parte das imagens são ou dos locais de conflito ou das cidades nas quais ocorreram as tensões. Em geral há poucas entrevistas e as matérias são singularizadas no caso específico que tratam, sem ampliar ou inserir o assunto em um contexto mais amplo. As matérias incluídas nesta categoria somaram 18 produções jornalísticas.

Ajuda e solidariedade de brasileiros: eixo de análise que reúne as notícias cujo tema central é o acolhimento, ajuda e solidariedade de brasileiros em relação aos imigrantes venezuelanos. São matérias comparativamente mais longas que a maior parte das outras. Muitas vezes contém histórias em diversas cidades do Brasil, saindo, portanto, da região Norte, local da maior parte das matérias dos dois eixos anteriores. Diferentemente dos eixos acima, aqui há um número superior de entrevistas, mesmo que se note um tempo maior de voz aos brasileiros do que aos imigrantes. Também as imagens são de menor tensão, e há um uso amplo de imagens próximas, dos rostos dos indivíduos e com semblantes menos tensos ou tristes. O conjunto de matérias desta categoria totalizou 05 notícias, sendo o eixo com menor número de matérias.

Questões institucionais e normativas no Brasil: nesta categoria foram colocadas notícias que tratam com mais atenção os casos de imigrantes que têm problemas com documentação no Brasil e também atritos entre entidades do poder público e os debates sobre fechamento da fronteira brasileira. Inclui-se também os casos de pessoas impedidas de

assegurar algum direito previsto em lei, por falta de documentação ou orientação institucional. Como em todos os eixos temáticos aqui citados, há algum tipo de contextualização superficial do que acontece na Venezuela, citando-se, por exemplo, as crises econômica e política, porém sem detalhes complexos ou que possibilitem reflexão. Este grupo de matérias utiliza entrevistas com imigrantes em número significativo, bem como com fontes oficiais, autoridades e instituições brasileiras. Geralmente, não se limitam à região da fronteira e tratam de casos em grandes centros do Brasil. O conjunto de matérias desta categoria totalizou 07 notícias.

A partir desses eixos, então, se fará a leitura das matérias e a identificação de quais representações são construídas sobre os imigrantes venezuelanos em cada uma destas diferentes situações. Para identificar o modo como eles são representados, observa-se dois aspectos fundamentais: 1) a forma como eles são explicitamente nomeados, qualificados, classificados, através, por exemplo, de adjetivos ou comparações; e 2) o modo como eles são relacionados a outros atores, práticas, situações ou acontecimentos – relações que também podem colaborar para projetar determinadas representações. Essa compreensão leva em conta o que nos afirma Hall et. al. (1993) quando reflete sobre o processo realizado pela mídia, que articula consensos sociais e modelos mentais para tornar compreensível ao público acontecimentos e fatos. Esse processo, portanto, se apoia em consensos, mas também qualifica fatos e reforça determinados pontos de vista.

Algumas percepções imagéticas, fundamentais para a análise de telejornais, também constarão na análise das matérias jornalísticas. Leva-se em consideração, como lembra Itânia Maria Mota Gomes (2007, p. 10), “a importância de analisarmos as configurações da notícia como um gênero discursivo em relação às características que ela ganha quando elaborada para transmissão na televisão”. Assim como busca-se compreender de que maneira os imigrantes são relacionados a determinados temas e atores e como são qualificados, também é importante observar as associações sugeridas pelas imagens televisivas captadas e difundidas pelo telejornal. Por vezes, isso ocorre de maneira pouco explícita, porém, nosso objetivo é o de apresentar imagem e texto conjuntamente, de maneira a observar como essa relação pode ajudar a compreender a representação sugerida nas matérias telejornalísticas. A análise das representações construídas nas notícias do telejornal será feita em diálogo também com conhecimentos interdisciplinares discutidos na fundamentação teórica, particularmente a migração em um contexto de globalização, a situação política e econômica da Venezuela e as relações entre esse país e o Brasil.

4.2 CORPUS DA PESQUISA E OBJETO EMPÍRICO, O *JORNAL NACIONAL*

É fundamental refletir acerca da unidade entre os conceitos teóricos, a metodologia escolhida e a pesquisa empírica que será trabalhada. O objeto empírico não diminui a teoria, mas tem a função de promover a aplicação desta na realidade, ou, nas palavras do pesquisador José Luiz Braga (2011, p. 06), “a pesquisa empírica, que não elimina – ao contrário, solicita – a boa reflexão teórica”, pode corroborar com as discussões teóricas e elucidar problemáticas e questionamentos. A teoria, detalhada anteriormente nesta pesquisa, que dá atenção aos tensionamentos da realidade social, os quais trabalham e modificam discursos na sociedade, aponta para a necessidade de uma análise que se dedique a observar os contextos e complexidades da atualidade. Sendo assim, a escolha por um empírico é fundamental, tanto porque a “pesquisa empírica seria o único modo de gerar uma disciplina do pensamento, do conhecimento e do rigor reflexivo” (BRAGA, 2011, p. 07). E também devido a importância do veículo jornalístico aqui escolhido e dos conteúdos que produz para observarmos como são construídas ou sugeridas determinadas representações no diálogo que tal veículo estabelece com a sociedade brasileira.

Para analisar um produto do telejornalismo, tem-se em consideração que o veículo que produz e que divulga tal produto é também “uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação”, como sugere Itania M. M. Gomes (2007, p. 04). Nesta pesquisa iremos trabalhar com o *Jornal Nacional*, principal telejornal da *Rede Globo de Televisão*, e por isso é de interesse da análise explicitar algumas questões sobre o histórico e a importância da Rede Globo e seu principal telejornal.

Na fase inicial desta pesquisa, assentou-se a ideia de trabalhar com o *Jornal Nacional* devido a ser o telejornal de maior audiência do país segundo o índice da Kantar Ibope. No relatório de 2020, o telejornal da Globo foi o terceiro colocado no geral da programação da TV aberta brasileira, sendo o único telejornal que rivalizou em audiência com a programação de entretenimento, ficando na frente de todas as telenovelas da Rede Globo e muito a frente de qualquer telejornal de emissoras concorrentes (KANTAR IBOPE, 2020). No ar, ininterruptamente, desde 1969, o *Jornal Nacional (JN)* tem um lugar importante também no cenário político e social nacional, tendo em vista a amplitude e audiência que possui ao longo de décadas. Durante sua história, foram vários os episódios em que o *JN* esteve no centro de controvérsias políticas em função do viés de suas coberturas em acontecimentos considerados

importantes para o país. Foi pivô em crises políticas, processos eleitorais e serviu, inclusive, como “instrumento para concretizar a ‘integração nacional’ durante o regime militar” (COUTINHO, MUSSE, 2010, p. 02).

O *Jornal Nacional* foi o primeiro programa a ser veiculado em rede no Brasil, em 1969, e está no ar ininterruptamente desde então. Sua importância na divulgação das notícias do país e na sua relação com o poder é marcada pela relação que a própria Rede Globo tenta colocar de que seu principal jornal seria um agregador e que abrange e apresenta todo o país. O *Jornal Nacional* apresenta e representa aos brasileiros um mundo de um ponto de vista específico, relacionado a uma visão política, social e econômica particular. Nos últimos anos o telejornalismo em geral e o *JN* em particular sofreram com quedas constantes em audiência, segundo Valdecir Becker e Kellyanne Alves (2015) “desde janeiro de 2000, a maior média mensal da audiência foi 44,2%, registrada em junho de 2004. Comparativamente em outubro de 1985, a média foi 62 pontos”. Considerando esse cenário o Jornal realizou diversas tentativas de modificações técnicas, visuais e editoriais para tentar aproximar-se da audiência e reerguer esses números. Liziane Guazina (2011) salienta que “o maior espaço à política e a preocupação em defender publicamente as decisões editoriais mostram uma tentativa de reposicionamento do telejornal com a audiência e o mercado”. Segundo a pesquisadora, a ampliação do espaço para a política é uma tentativa também de mostrar credibilidade e reforçar “o papel pedagógico do telejornal como explicador do mundo” (GUAZINA, 2011, p. 125).

Em um processo no qual o telejornalismo ainda é essencial para informar grande parte da população nacional, ele participa decisivamente nas interpretações sobre o que acontece e no processo social de construção da realidade. Como destacam Iluska Coutinho e Christina Musse (2010, p. 04), no “processo de construção simbólica, os telejornais brasileiros têm uma posição de centralidade, resultado de estratégias de ordem política e empresarial”. O *Jornal Nacional*, portanto, pode ser estudado como um agente fundamental na construção da realidade social brasileira e nas representações que oferece à sociedade a respeito de atores e grupos sociais, tais como os imigrantes.

A relação entre o *Jornal Nacional* e o poder político no Brasil são examinados em diversos trabalhos (FERREIRA, 2020; GUAZINA, 2011; COUTINHO, MUSSE, 2010) e as autoras consideram que as mudanças de um alinhamento com o governo para uma crítica direta são circunstanciais e pontuais. O comentado alinhamento do *Jornal Nacional* com a Ditadura Militar, por exemplo, não foi constante até o final, como afirma Ferreira (2020, p.

32), para a pesquisadora “diante da iminente queda do governo ditatorial, a emissora passou a cobrir manifestações e passeatas da oposição, anteriormente ignoradas”. Da mesma forma houve alinhamento tanto durante os governos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) quanto de Luís Inácio Lula da Silva (PT). Sobre o último, Guazina (2011, p. 122) lembra que o *Jornal Nacional* “apresentou enquadramentos pouco críticos ao Governo Federal durante a cobertura das reformas previdenciária e tributária e do caso Waldomiro Diniz, já no primeiro governo Lula”.

Dois momentos-chave da cobertura política brasileira foram os processos de impeachment de Fernando Collor de Mello (PRN) em 1990 e de Dilma Rousseff (PT) em 2016 e em ambos o *Jornal* deu ampla visibilidade a oposição e a votação em plenário dos processos de impedimento. A cobertura política é, portanto, de relevância central ao formato do *Jornal Nacional*, especialmente nas últimas décadas e com o apresentador William Bonner assumindo a posição de editor-chefe. Ele próprio, em entrevista a pesquisadora Isabel Travancas comenta que a linha editorial do *JN* teria se modificado, abrindo mais espaço para a macroeconomia, os debates políticos e a política partidária e eleitoral (GUAZINA, 2011).

Uma preocupação desde tempos da ditadura é a ideia de que o *JN* realiza uma aproximação ou integração de todo o território nacional ao fazer, supostamente, uma cobertura de todo o Brasil. Para esse objetivo são acionadas as filiais locais da Globo que realizam o trabalho de cobertura e são utilizadas nos jornais da Rede principal quando o assunto é considerado de interesse geral ou chama a atenção na visão dos editores. Geralmente, essas filiais também detêm uma grande expressão em suas regiões, por vezes concentrando grande parte dos veículos midiáticos. Como exemplo, aqui em nossa pesquisa trabalharemos diversas matérias realizadas pela filial de Roraima, a Rede Amazônica Boa Vista, ou TV Roraima, e veiculadas no *Jornal Nacional*. Como indica Érica Ferreira (2020) “A Rede pertence a um grupo de forte expressão regional e que possui cinco geradoras de TV, nas capitais do Amazonas, Acre, Rondônia e Amapá, além de Roraima”, configurando uma rede da região norte do país, pertencente ao grupo maior da Rede Globo.

O *Jornal Nacional*, portanto, funciona como um promotor para as metas auto-proclamadas da Rede Globo, de aproximação nacional, discussão com viés liberal (como na macroeconomia ou nos temas políticos) e a manutenção da importância do *JN* através de modificações técnicas e editorial. Com a queda na audiência do *JN*, percebido também em todos os telejornais do país, há tentativas de aproximação com o público com séries de reportagens que tratavam da população brasileira (GUAZINA, 2011). Houve portanto sempre

uma tentativa de manutenção de alguns ideais ao mesmo tempo que muda algumas características do telejornal, como “as modificações editoriais, o maior espaço à política e a preocupação em defender publicamente as decisões editoriais”. Essas questões “mostram uma tentativa de reposicionamento do telejornal com a audiência e o mercado” em tempos que o telejornal perde audiência mas ainda se mantém como de importância na cobertura da vida diária do país. É nesse cenário que realizamos a busca pelo *corpus* de análise de nossa pesquisa, a qual serve como exemplo das modificações do próprio telejornal. As matérias aqui trabalhadas foram veiculadas no telejornal diário (e ao vivo) da Rede Globo mas também podem ser vistas na plataforma Globoplay, individualmente ou como parte da reprodução inteira da edição do telejornal. Dessa maneira, “a temporalidade televisiva ‘comum ao mundo’, de certo modo, estava sendo reproduzida no Globoplay” (CARMO, 2021, p. 81).

O processo de seleção do *corpus* desta pesquisa incluiu, primeiramente, uma exploração inicial no espaço de busca no sítio eletrônico do G1, site de notícias do Grupo Globo e no qual estão presentes os vídeos do *Jornal Nacional*. Essa busca, realizada na última semana de novembro de 2019, revelou que diversos vídeos e matérias, que não eram do *JN*, também apareciam como resultados de busca. Além disso, percebeu-se que a ordem no qual apareciam poderia ser um fator de confusão no futuro. Após reflexão, portanto, escolheu-se realizar uma busca dia por dia nas matérias do telejornal que estão disponíveis no *Globo Play*, plataforma digital de *streaming* do Grupo Globo.

A coleta do *corpus* da pesquisa deu-se manualmente, já no ano de 2021, o que permitiu aumentar em um ano o escopo da busca. O recorte temporal considerou o período entre 2015 e 2020, devido a este período se configurar no de aumento da mobilidade transnacional de venezuelanos, não só para o Brasil mas para toda a América Latina, e também de acirramento da crise política no país, o que também estimulou a atenção dada pelo jornalismo brasileiro à Venezuela. Foi observado de 01/01/2015 até 31/12/2020 quais matérias tratavam de Venezuela ou de imigrantes venezuelanos. Ao realizar essa busca diária foi possível começarmos uma primeira observação sobre os títulos das matérias de cunho internacional e também daquelas relativas aos imigrantes. Também foi possível uma primeira ideia de quais notícias poderiam ser utilizadas e como poderia ser formado o *corpus* de pesquisa. As semelhanças observadas já nessa coleta criaram as primeiras reflexões sobre os eixos de análise definidos posteriormente. Além disso, percebeu-se durante esta coleta que em alguns períodos houve um aumento do número de matérias sobre a migração venezuelana que acompanhavam notícias sobre outros temas referentes à Venezuela. Isto nos fez refletir

também de que forma as matérias se complementam e sobre o interesse do veículo analisado e quais momentos a Venezuela teve mais atenção desta mídia neste período.

A quantidade de notícias levantadas foi de 275, sendo que deste total 16 foram descartados por não possuírem qualquer interesse para pesquisa, por se tratarem de notícias que mostram a Venezuela em outros contextos que não a política, economia ou relação com o Brasil. Como exemplo tem-se acidentes e desastres naturais em território venezuelano, partidas da seleção venezuelana de futebol e temas específicos sobre o presidente venezuelano Nicolás Maduro, entre outros. Por fim, chegou-se a um total de 259 matérias que tratavam de assuntos diversos, tais como imigrantes venezuelanos ou ainda a política, economia e relações entre Brasil e Venezuela. Um novo filtro foi necessário para selecionar, deste total, apenas aquelas matérias que tratavam especificamente dos imigrantes venezuelanos que estavam vindo ou morando no Brasil. Assim, chegou-se a 49 matérias que abordam especificamente esse assunto e que compõem, portanto, o *corpus* desta pesquisa⁹.

A tabela abaixo mostra a quantidade de matérias sobre imigrantes venezuelanos no *JN* a partir do ano de 2015. Percebe-se que os anos com maior número de notícias sobre o tema são 2018 e 2019. Essa realidade era esperada previamente, já que esse foi um período tanto de alta movimentação fronteiriça, como visto no capítulo 1 desta pesquisa, quanto por importantes acontecimentos na política venezuelana. No ano de 2015, início do aumento da entrada de imigrantes venezuelanos no Brasil, o tema não obteve qualquer atenção por parte do *Jornal Nacional*. Já em 2016, duas reportagens foram apresentadas, demonstrando o início de interesse pelo assunto, mas ainda muito aquém do necessário, especialmente quando notamos o aumento dessa mobilidade transnacional já naquele momento. Interessante salientar que durante a busca, notou-se que o assunto migração foi bastante apresentado pelo *JN* nesses anos, porém o foco estava em haitianos e africanos no Brasil ou nos casos de imigrantes entrando na Europa e EUA.

Pode-se perceber um significativo crescimento no tratamento do tema no telejornal, culminando em 32 matérias em 2018. Este foi um ano de acontecimentos fundamentais na vida política venezuelana e a atenção que o país vizinho teve na mídia nacional foi ampla, o que influenciou também o aumento da cobertura em relação à migração. 2018 possui maior atenção do telejornal estudado e é o período em que grande parte da discussão está posta. Isso se dá especialmente porque durante a veiculação ao vivo o *JN* com frequência apresentou

⁹ As 210 matérias cujo tema é a Venezuela, mas que não citam imigrantes, auxiliam como pano de fundo importante para a contextualização do tema e são, portanto, utilizadas eventualmente, mais adiante, nesta pesquisa.

matérias sobre a Venezuela e logo depois sobre imigrantes venezuelanos. Isto não entra em nossas análises por não termos os episódios na íntegra, mas pode ser percebido nas falas dos apresentadores no início e final das matérias analisadas.

Os anos de 2017 e 2019 possuem números próximos em relação a cobertura sobre imigração, apesar da atenção do *JN* sobre a Venezuela ser muito mais constante em 2019 e, por consequência, também sobre os imigrantes vindos de lá. Isso pode ser explicado por um movimento de crescimento entre 2016 até 2018 com uma queda em 2019, mas também pela atenção da cobertura política sobre a Venezuela ter eclipsado, nesse período, a cobertura sobre o movimento transnacional de venezuelanos. Por fim, o ano de 2020 tem de ser lembrado como um ano atípico, a maior parte do tempo do telejornal teve como prioridade a pandemia de Covid-19 e diversos assuntos perderam espaço, entre eles os temas internacionais que não tivessem relação direta com a pandemia. Houve, também, uma diminuição da entrada de estrangeiros no país, muito provavelmente devido ao risco de contágio durante a viagem.

Tabela 1: Matérias sobre a Venezuela e os imigrantes venezuelanos no *Jornal Nacional* (2015-2020)

CONTEÚDO/AN O	2015	2016	2017	2018	2019	2020	TOTAL
VENEZUELA	27	17	34	56	71	05	210
IMIGRANTES VENEZUELANO S	-	02	07	31	09	-	49
TOTAL	27	19	41	87	80	05	259

Fonte: elaboração própria, a partir de pesquisa no arquivo de notícias do *JN*, acessado pela plataforma *GloboPlay*.

As 49 notícias veiculadas pelo *Jornal Nacional* entre 2015 e 2020 e que integram o corpus desta pesquisa foram, então, classificadas dentro dos quatro eixos temáticos anteriormente discutidos: a fuga para o Brasil, que totalizou 19 unidades de análise; os conflitos entre brasileiros e venezuelanos, com 18 unidades; a ajuda e solidariedade de brasileiros, com 05; e questões institucionais e normativas no Brasil, com 07.

Na sequência, apresentamos o resultado da análise das representações construídas pelo *Jornal Nacional* sobre os imigrantes venezuelanos. Elas serão identificadas e analisadas adotando como padrão a sua exposição por cada eixo temático.

4.3 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS IMIGRANTES VENEZUELANOS NO *JORNAL NACIONAL*

Realizamos agora a análise detalhada das matérias sobre imigrantes venezuelanos apresentadas no *Jornal Nacional* entre 2015 e 2020 e que propõe uma resposta para nossa questão sobre *como são representados os imigrantes venezuelanos no Jornal Nacional?* Para tal, partimos dos quatro eixos de análises que serviram para classificar e explicitar as maneiras como são abordadas as notícias e retratados os imigrantes. Como informado anteriormente, as notícias sobre outros assuntos relacionados à Venezuela não são analisadas neste trabalho. No entanto, estas notícias, veiculadas pelo *JN* desde 2015, foram lidas e nos ajudam a contextualizar o momento político e econômico que forma o cenário no qual se deslocam os migrantes¹⁰. Também ajudam a observar a forma como o jornal apresenta e discute a situação do país vizinho, da relação do Brasil com os países da região e, de maneira mais ampla, da motivação dos imigrantes venezuelanos.

Como mencionado anteriormente, a quantidade de matérias do *JN* sobre os imigrantes somou 19 no eixo “‘fuga’ para o Brasil”; 18 em “conflitos entre brasileiros e venezuelanos”; 5 em “ajuda e solidariedade de brasileiros”; e 7 em “Questões institucionais e normativas no Brasil”. A distribuição destas matérias veiculadas ao longo do período de cobertura aqui analisado (2015-2020), porém, é bastante diferenciada. Há períodos que concentram mais notícias sobre um determinado eixo temático, outros nos quais um eixo aparece com frequência e ainda há casos de uma maior distribuição em diferentes anos, conforme se pode observar na tabela abaixo:

¹⁰ As notícias gerais sobre a Venezuela, entre 2015 e 2020, totalizaram 210.

Tabela 02: Distribuição das matérias por ano e por eixo temático

EIXO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total
FUGA PARA O BRASIL	-	1	4	8	6	-	19
CONFLITOS	-	1	2	13	2	-	18
AJUDA E SOLIDARIEDADE	-	-	-	5	-	-	5
QUESTÕES INSTITUCIONAIS	-	-	1	5	1	-	7

Fonte: elaboração própria, a partir de pesquisa no arquivo de notícias do *JN*, acessado pela plataforma *GloboPlay*.

Utilizamos esse momento do texto para explicar a motivação para envolver os anos de 2015 e 2020 mesmo eles não apresentando qualquer matéria aqui analisada. Primeiramente vale explicitar que foi realizado o levantamento manual diário das matérias do *JN*, incluindo notícias sobre a Venezuela que foram assistidas e examinadas para esclarecer se tratavam ou não de imigrantes. Porém, para além desta questão prática, o não aparecimento de matérias sobre o tema em 2015 e 2020 vale uma consideração à parte. O ano de 2015, como explicado anteriormente, já tinha uma entrada considerável de imigrantes venezuelanos, porém, na cobertura jornalística brasileira a atenção estava voltada para a imigração internacional (entrada de latinoamericanos nos EUA e de africanos na Europa) ou para a entrada de haitianos e africanos (de Senegal, Gana, Congo, Angola, etc) no Brasil. Já 2020 foi um ano completamente diferente devido à pandemia de Covid-19, o que modificou as estruturas de cobertura dos jornais, ampliando o espaço das questões de saúde e reduzindo todo o resto, incluindo o noticiário internacional, como discutimos antes.

Porém, a falta de tempo devido a um acontecimento da importância da pandemia ou a falta de atenção ao início do que se provou, com o tempo, ser um processo intenso de mobilidade transnacional não explica a desatenção com o tema em 2020. Há, ao que parece, um movimento de cobertura jornalística sobre esse assunto que por vezes girou em torno de casos pontuais ou que teve aumento expressivo junto do incremento da cobertura internacional sobre a própria Venezuela. Também sobre casos pontuais, salienta-se o grande número de matérias sobre conflitos (eixo 02) em 2018, que em geral circulam em temas de

violência ou algum “risco” que os imigrantes trazem ao Brasil. Ao mesmo tempo, a totalidade das matérias sobre solidariedade (eixo 03), um tema com menor teor de violência e que possui matérias que tendem a ser mais brandas ou simpáticas aos imigrantes, também ocorreu naquele ano.

Outro caso para debate é que os eixos da “ajuda e solidariedade de brasileiros”, e “questões institucionais e normativas no Brasil” não possuem matérias em 2016 e apenas há uma matéria do eixo 04 em 2017, veiculada em dezembro. Isso nos leva a pensar no próprio ciclo da cobertura jornalística de um processo de imigração, que enfatiza determinados temas e situações vivenciados pelos imigrantes em momentos diferentes no transcurso do tempo. No caso aqui analisado, no início da cobertura sobre imigrantes venezuelanos, as notícias tratavam mais de temas ou ocorrências pontuais. É o caso, por exemplo, da matéria “*Operação retira venezuelanos que moravam na rodoviária de Boa Vista*”, de 28 de outubro de 2017, que comenta a expulsão, por parte do poder público, de venezuelanos que dormiam na rodoviária da capital de Roraima. Essas matérias pouco expandiram o escopo de interesse sobre o assunto abordado ou tentaram complexificar sua cobertura. Um tratamento jornalístico mais detalhado, com entrevistas de imigrantes e uma relação mais complexa entre os venezuelanos no Brasil e outros atores no país, bem como suas motivações para o seu deslocamento, demoram a aparecer. Pode-se conjecturar que isso se deva ao tempo necessário para uma discussão sobre a imigração começar a ser feita no Brasil, o que ocorre com o aumento progressivo do número de imigrantes que chegam e permanecem no país. E também após a permanência de um número suficientemente grande de imigrantes, que, dessa forma, chama a atenção dos brasileiros e da imprensa para algumas questões que os cidadãos sofrem no país.

Sendo assim, não surpreende que os eixos que tratam da “fuga” da Venezuela e de conflitos entre brasileiros e venezuelanos apareçam em maior número e que praticamente sejam os únicos encontrados nos três primeiros anos de análise. Pode-se conjecturar que *As questões institucionais e normativas* apenas chamam atenção após um grande número de indivíduos registrarem problemas com sua documentação e/ou permanência no Brasil. Da mesma forma, eventos e projetos solidários tendem a se multiplicar após algum tempo da entrada dos estrangeiros no país, seja por conta de seu número, seja pela atenção que atraem na sociedade. De certa forma, considerando ser a imprensa um importante ator na criação e difusão de um tema na realidade social, pode-se ponderar que o aumento do interesse da mídia em sua cobertura também incrementa a atenção que os indivíduos em geral dão ao

assunto. Assim, compreende-se melhor porque os temas dos eixos “*ajuda e solidariedade de brasileiros*” e “*questões institucionais e normativas no Brasil*” levam mais tempo para surgir na cobertura do *Jornal Nacional* sobre a imigração venezuelana no Brasil.

Na sequência, nos debruçamos na análise das matérias do *JN* sobre imigrantes venezuelanos, tratando sequencialmente de cada eixo de análise para, após, realizarmos uma interpretação da forma como o jornal de maior audiência do país retrata os imigrantes venezuelanos. Para identificar e analisar de que maneira os imigrantes venezuelanos são representados, procedemos a leitura do material dos quatro eixos temáticos observando dois aspectos fundamentais: 1) a forma como eles são explicitamente nomeados, qualificados, classificados, através, por exemplo, de adjetivos ou comparações; e 2) o modo como eles são relacionados a outros atores, práticas, situações ou acontecimentos – relações que também podem colaborar para projetar determinadas representações.

4.3.1 A ‘fuga’ para o Brasil

Este eixo de análise possui o maior número de matérias analisadas, com 19 notícias. Nesta categoria incluímos produções jornalísticas cujos conteúdos definem a situação da chegada de venezuelanos no Brasil como sendo “fuga” da Venezuela, retratada como um país em grave crise política, econômica e humanitária. O tema da “fuga” de uma Venezuela em variadas crises, e em uma situação que está se agravando com o passar do tempo, é tão comum na cobertura jornalística do *Jornal Nacional* nesse período que três das dez primeiras matérias analisadas tem a palavra “fuga”, ou alguma variante, já em seu título. Um exemplo é a matéria do dia 27 de agosto de 2016, que destaca: “*Milhares de venezuelanos fogem da crise e cruzam a fronteira para o Brasil*” (Figura 01). Salienta-se, ainda, que o texto das repórteres ou dos apresentadores também inclui a palavra “fuga” com frequência. No conjunto das matérias deste eixo temático, a representação sugerida é de que os imigrantes são pessoas que estão sem alternativa, impossibilitados de permanecer em um país que é retratado como corroído por crises, comandado por um governo autoritário (outro aspecto bastante comum, como veremos) e sem perspectiva de melhora. São pessoas que abandonam suas vidas na Venezuela e partem ao Brasil “em busca de uma vida melhor”, como veremos ser dito em algumas das matérias analisadas.

As duas notícias de 2016 tem em torno de 1 minuto e meio cada, sendo uma pertencente ao eixo de análise 01 (“fuga”) e a outra no 02 (conflitos), apresentam similaridades. O início

da cobertura sobre o tema sustenta o argumento da “fuga” já em seus primeiros segundos, em ambas matérias, e mostra que devido a uma situação insustentável na Venezuela aquelas pessoas estariam vindo ao Brasil de maneira “desordenada” e em busca das necessidades mais básicas, como alimentos e remédios. Percebe-se, portanto, a construção de um discurso que avalia a situação dos imigrantes como um drama no qual as alternativas são todas negativas: ou eles ficam em um país devastado por diversas crises ou vêm para o Brasil, onde permanecem em uma situação precária, incerta e perigosa. Além disso, a presença de termos como “fuga”, “desordem” e “falta de alternativas” nas matérias do *JN* sugere pressa ou desespero por parte dos imigrantes. Nesse primeiro momento da cobertura jornalística sobre a chegada dos venezuelanos, não há amplo uso de imagens de imigrantes próximos, individualizados. Frequentemente, há o uso de imagens gerais nas quais eles estão nas ruas das cidades, deitados em praças, acampados ou mesmo dormindo ao relento, sugerindo uma representação que os aproxima de pessoas em situação de rua ou de extrema necessidade. A imagem de crianças nessas situações também é constante e comumente comentada pelas repórteres. Nesse momento também se percebe a utilização de adjetivos como “pedintes”, ou termos como “refugiados” utilizados sem a devida precisão.

Figura 01 - Imigrantes venezuelanos ocupam ruas de Pacaraima, Roraima



Fonte: captura de tela feita pelo autor no arquivo do JN na plataforma GloboPlay.

Nas cinco matérias sobre “fuga” dos anos de 2016 e 2017 há, em média, uma entrevista curta, com um ou uma imigrante. Em geral, eles comentam sua situação de maneira superficial e apenas corroboram alguma afirmação já feita pela repórter. Isso pode ser visto já na primeira notícia aqui analisada, com o título *“Milhares de venezuelanos fogem da crise e cruzam a fronteira para o Brasil”*, veiculada no dia 27 de agosto de 2016, em que a repórter, Érica Figueiredo, comenta a situação dos imigrantes que pedem permissão para ficar no Brasil. A repórter afirma que “são famílias inteiras em busca de comida” e, logo em seguida, um imigrante comenta em espanhol “viemos da Venezuela porque não há comida” (tradução nossa). Apresenta-se a representação dos imigrantes em desespero fugindo da Venezuela em busca de alimentos e produtos básicos, seguida por outra representação que será constante da cobertura da mobilidade transnacional venezuelana, a ideia de que os venezuelanos esperam uma oportunidade de emprego no Brasil para se estabilizar aqui e começar uma nova vida. Esta última representação aparece claramente na matéria do dia 04 de agosto de 2017 chamada *“Maduro ignora apelo internacional e empossa Constituinte da Venezuela”* na qual os poucos segundos dedicados aos imigrantes (cerca de 14 segundos dos 2:28 minutos da matéria) tratam justamente de um imigrante, vivendo em São Paulo, que saiu da Venezuela devido aos problemas econômicos e encontrou emprego no Brasil. Como fonte, os imigrantes estão em menor número que os brasileiros, sejam fontes “oficiais” ou não. Além disso, o tempo no qual essas fontes aparecem é menor que o tempo dos entrevistados brasileiros.

Nesses primeiros anos de cobertura, o essencial nas notícias sobre imigrantes venezuelanos (incluídas no eixo “‘fuga’ da Venezuela”) parece ser a situação precária na qual eles se encontram no Brasil. São poucas as menções à Venezuela que vão além de comentários gerais sobre a economia (inflação), a falta de produtos (alimentos e medicamentos) e o governo de Nicolás Maduro (protestos contrários e prisão de opositores). Essas matérias são, portanto, simplistas na forma de evidenciar o cerne da conjuntura política, econômica e social na Venezuela. Pode-se dizer que no período de análise são poucas as manifestações que também focam no contexto no qual o Brasil recebe imigrantes, venezuelanos ou não, apesar de dedicarem algum comentário sucinto sobre a incapacidade ou desorganização das instituições brasileiras para receber estrangeiros. Para esse último exemplo, ocorre a representação de que os imigrantes ficam sujeitos às ações dos vários níveis dos governos brasileiros, que geralmente é lento ou pouco competente em resolver os problemas. A matéria *“Venezuelanos em fuga chegam a Roraima, mas acolhida é precária”* de 19 de agosto de 2017, trata justamente dessa situação, mesmo que a maior parte

do texto da matéria comente a necessidade de saída da Venezuela (motivo pelo qual a matéria está neste eixo e não no eixo 04 - “questões institucionais e normativas no Brasil”). Nesta notícia a repórter Érica Figueiredo, em Roraima, comenta as disputas entre as instituições brasileiras: “há dois meses o governo federal enviou ao governo de Roraima quase meio milhão de reais para a manutenção do abrigo mas nada mudou, o MPF cobra um plano de ação e a prefeitura de Boa Vista diz que faz o que pode”¹¹.

Salientamos, também, os pedidos de ajuda que cidades e estados enviaram ao Governo Federal, na tentativa de conseguir auxílio financeiro e estrutural para o recebimento dos imigrantes. Duas das matérias dos três anos iniciais de análise têm já em seu título decretos de emergência: Manaus, em maio de 2017, e o estado de Roraima, em dezembro do mesmo ano. A primeira dessas matérias pertence ao eixo 01. Esses pedidos geralmente aparecem na forma de declarações de prefeitos ou secretários, usualmente na parte final das matérias e, de certa forma, parecem invisibilizar, ou ao menos encobrir, as histórias dos imigrantes. Além do mais, esses momentos apontam para conflitos institucionais e discussões sobre quem é responsável por receber e apoiar os imigrantes, representando-os como indivíduos sujeitos às ações dos governos brasileiros, que geralmente é lento ou pouco competente em resolver os problemas.

Nas matérias em que os imigrantes são fontes, neste período, eles apenas falam de sua situação pessoal, pequenas frases nas quais se evidencia a dificuldade da posição de migrante. Como exemplo, citamos a matéria do dia 08 de maio de 2017, intitulada “*Manaus decreta emergência social por causa de índios venezuelanos*”. Nesta notícia há duas entrevistas com imigrantes; na primeira, uma indígena cujo nome não é citado afirma, com uma criança no colo: “na Venezuela não há comida e por isso viemos para cá”¹²; na segunda aparição de um imigrante como fonte, já no final da matéria, o venezuelano Hector diz: “meu amigo comentou que aqui era bom, que aqui dão roupa, alimentos, então há um entendimento bom”. Em geral, eles se referem à busca por algo no Brasil – seja o alimento que estava em falta na Venezuela, um emprego ou mesmo uma melhor condição de saúde, com a utilização do SUS, por exemplo. Assim, a matéria sugere representações, nem sempre de maneira explícita, que aproximam os venezuelanos da categoria de pessoas muito necessitadas, que vivem em condições de precariedade, dependendo da caridade de outros.

¹¹ Venezuelanos em fuga chegam a Roraima, mas acolhida é precária, 19/08/2017, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6091111/>

¹² Manaus decreta emergência social por causa de índios venezuelanos, 08/05/2017, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/5855126/>

Ao girar em torno dos mesmos temas e argumentos, as notícias veiculadas pelo jornal neste conjunto de matérias do eixo que trata da chegada ao Brasil (1 - a “fuga” para o Brasil), favorecem a construção de estereótipos sobre os imigrantes venezuelanos, como sua posição de vítimas sem alternativas, de pessoas em vulnerabilidade constante ou, como veremos a seguir, como um risco para a população brasileira. Isso porque mesmo quando eles têm alguma voz nas matérias, não se observa que gerem novas representações sobre si próprios, talvez pela redução do tempo de fala e/ou dos processos de produção e edição do telejornal. Não há espaço de fala para que os imigrantes expressem as questões que, para eles, seriam mais relevantes na sua vida como migrantes e na sua motivação para sair da Venezuela. Não se encontram falas nas quais os próprios imigrantes considerem sua vinda para o Brasil como uma “fuga”. Porém, também não há menção contrária, o que demonstra que, de fato, o espaço para a voz dos imigrantes é reduzido nessas matérias e que, portanto, os relatos expressos pelos próprios sujeitos dessas notícias é muito limitado.

O que se apresenta no *JN*, sobre essas pessoas, especialmente no início da cobertura daquele telejornal sobre a imigração venezuelana no Brasil, configura uma série de imagens e discursos que transformam os imigrantes ora em vítimas de um governo (na Venezuela), ora em exemplos de má gestão pública (no Brasil). Sua “fuga”, para o telejornal, tem diversos motivos, que geralmente não fazem parte de uma motivação pessoal, mas são estruturas e condições fora da capacidade daquelas pessoas de resolverem, ou mesmo, lutarem contra. As notícias não são, a priori, contrárias aos imigrantes venezuelanos. Ao menos não diretamente; em geral eles são tratados como pessoas “em busca de uma vida melhor” ou que tentam “ajudar seus familiares na Venezuela”. Porém, ao colocar esses sujeitos numa posição submissa a forças fora de seu controle e ao usá-los como fontes apenas enquanto corroborem tais premissas, as matérias criam o estereótipo de vítima, representando os imigrantes venezuelanos, ao público brasileiro, como sujeitos com pouco ou nenhum controle sobre suas vidas.

Ainda nas matérias situadas no eixo “fuga” e veiculadas nos primeiros 3 anos de cobertura, há outros dois pontos de relevância. O primeiro são os pedidos de governantes para o fechamento das fronteiras, com o intuito de impedir a entrada de imigrantes, em um momento em que, segundo as próprias matérias, apenas 30 mil venezuelanos haviam entrado no Brasil, pouco mais de 12 mil deles pedindo “refúgio”¹³. Diversos pretextos são utilizados

¹³ A categoria de refugiado se refere a indivíduos que estão sendo perseguidos em seu país de origem, seja devido a conflitos políticos, sua etnia, grupo social, religião, nacionalidade, ou no caso de uma situação de guerra ou conflito no país de origem. Situações como pobreza extrema, desastres naturais ou ambientais não se

para a tentativa de fechamento da fronteira. Entre os principais estão: questões sanitárias (os imigrantes, supostamente, trariam doenças como malária e sarampo) e problemas estruturais (não haveria local para abrigar os imigrantes). A fronteira fechada é um ponto controverso e de grande debate, que aparecerá em outros momentos da cobertura sobre imigração. Além disso, o fechamento de fronteira é ilegal no Brasil: segundo a lei de migração brasileira (nº13.445/2017), de 2017, o país deve oferecer abrigo para todo e qualquer indivíduo que cruzar a fronteira; essa lei também facilitou a permanência dos estrangeiros no Brasil, auxiliando na obtenção de documentação e a política de vistos humanitários.

À discussão sobre fechamento da fronteira se une aquela sobre os perigos sanitários da entrada indiscriminada de pessoas. Já comentamos que questões de saúde, como o surgimento de surtos de doenças ou a reentrada de enfermidades já erradicadas, são utilizados como justificativa para criar-se um discurso contrário aos movimentos transnacionais, no caso venezuelano não é diferente. Diversas matérias comentam a utilização do Sistema Único de Saúde por parte dos imigrantes, especialmente no final de 2017 e início de 2018, período no qual houve um incremento na interiorização de imigrantes que entraram por Roraima e o registro de casos de sarampo e outras doenças em imigrantes. Neste momento, portanto, apresenta-se uma representação dos imigrantes como um problema de saúde pública e social. Essa representação é exposta, em geral, na voz de pessoas comuns ou de políticos. Como exemplo citamos a matéria de 16 maio de 2017 chamada “*Maduro decreta novo estado de exceção e emergência econômica*”, na qual são aludidos alguns casos de doenças como pneumonia e tuberculose além de conter uma entrevista com o prefeito de Manaus (Arthur Virgílio Netto - PSDB). Nesta fala, o político defende a necessidade de fazer uma barreira em Pacaraima-RR que impeça a entrada de venezuelanos: “tem 30 mil venezuelanos lá querendo entrar em Boa Vista e quem sabe uma parte migrando para Manaus, seria um transtorno muito grande para nós.”¹⁴.

A segunda questão é a utilização do tema da migração para tratar da política e economia da Venezuela. Uma reportagem que já foi mencionada mas que é ilustrativa é a divulgada no dia 04 de agosto de 2017, intitulada “*Maduro ignora apelo internacional e empossa Constituinte da Venezuela*”. A notícia começa com a repórter Delis Ortiz contando a vinda de

encaixam nessa categoria, segundo a Convenção de Genebra de 1951, que ordena sobre as leis internacionais de refugiados. Porém, no Brasil, para o caso dos haitianos e venezuelanos, principalmente, criou-se a categoria de visto humanitário, que permite amparar estrangeiros em situação crítica, mas que não se encaixam como refugiados, facilitando assim sua permanência no Brasil e proibindo sua expulsão do país.

¹⁴ Maduro decreta novo estado de exceção e emergência econômica, 16/05/2017, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/5874020/>

um imigrante venezuelano com sua família para São Paulo e a busca por emprego aqui; ele é entrevistado apenas para dizer, em espanhol: “estou trabalhando de garçom” (tradução nossa); no que ela comenta, ao final, “agora, é recomeçar do zero”¹⁵. A matéria, de 2 minutos e 28 segundos, tem essa curta indicação da presença de imigrantes venezuelanos no país, mas depois dedica-se exclusivamente a tratar da Venezuela, com imagens de agências internacionais e poucas entrevistas, tendo em vista que foi feita do Brasil e cita poucas visões de sujeitos venezuelanos. Ou seja, nestes casos, nota-se que os imigrantes são trazidos para a cobertura apenas como um pretexto para criticar o contexto político da Venezuela, que é o cerne da notícia, indicado desde o seu título e chamada.

O contrário também ocorre, pois há matérias que começam mostrando protestos e conflitos políticos na Venezuela, para então tratar dos imigrantes venezuelanos no Brasil. No entanto, entende-se que esse movimento, embora similar, possui um efeito distinto. De maneira geral essa mudança (de contextualizar a situação política venezuelana para falar da emigração do país para o Brasil) parece complexificar a notícia, já que apresenta uma motivação à emigração venezuelana, mesmo que superficial e sem entrar nos motivos da crise econômica na Venezuela. Essa “união” de temas próximos em uma mesma matéria não é incomum no telejornalismo (e no jornalismo em geral), por motivos estruturais da própria mídia e/ou pela necessidade de contextualização do tema central da notícia (a migração). A maneira como é feita a junção dos fatos (as ocorrências do contexto venezuelano e a emigração para o Brasil), em diferentes notícias do eixo temático “fuga”, exemplifica momentos em que a mensagem ficou, comparativamente, mais e menos simplificada. A diferença está em utilizar o contexto para aprofundar uma informação de um caso particular, de um lado, ou apenas como “gancho”, de outro (em que os imigrantes servem de objeto narrativo, mas não são ouvidos). A notícia, dessa forma, não tenta apresentar mais complexidade permitindo que esses indivíduos falem. Simplesmente aponta as motivações para a saída do país, que seriam as crises política e econômica na Venezuela. A utilização de imagens gerais e sugestões simples sobre a situação do país vizinho não são capazes de demonstrar todas as nuances da migração venezuelana para o Brasil e países vizinhos. Se há uma tentativa de mostrar alguma complexidade é apenas na citação de problemas na Venezuela, e não dando espaço para que os imigrantes expressem a sua própria narrativa ou

¹⁵ Maduro ignora apelo internacional e empossa Constituinte da Venezuela, 04/08/2017, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6057406/>

mostrem pontos de disputa nos debates acerca da Venezuela, como as sanções econômicas internacionais.

Seguindo com as matérias do eixo “fuga” da Venezuela, temos que 2018 é o ano com maior número de matérias no geral, bem como das matérias pertencentes ao eixo 01, que totalizam oito notícias. A cobertura se mantém parcialmente com as mesmas características, e, por consequência, com os mesmos tipos de representações. Há, todavia, algumas modificações, como o aumento das entrevistas com imigrantes, que se não se tornam mais longas ou multifacetadas, ao menos aparecem em maior número. Em fevereiro de 2018 duas matérias em dias consecutivos (16 e 17) representam os imigrantes como executores de atos ilegais e possíveis transmissores de enfermidades, além de os colocar também como indivíduos desesperados e vulneráveis, que estão tentando mudar suas vidas e ajudar suas famílias. De autoria de José Roberto Burnier, essas matérias contêm entrevistas com mulheres migrantes, e em ambas o enfoque dado pelo repórter é na busca pelo trabalho. Na matéria do dia 16 intitulada “*Roraima começa a vacinar imigrantes venezuelanos contra o sarampo*” e que foca no uso do SUS pelos imigrantes, Burnier apresenta a migrante Ingrid e relata: “Ingrid mora na praça há 1 mês e diz várias vezes, não quero que me tragam comida, quero um trabalho”. Já na matéria do dia 17, o repórter declara “Carmen migrou para cá há três anos, 'porque está aqui? pergunto. 'Porque preciso de trabalho no Brasil para ajudar minha família, porque não há comida na Venezuela, não há nada’”¹⁶. Há portanto em apenas duas matérias uma diversidade de representações que observamos até aqui e também que se apresentarão em momento oportuno. A mais marcante a escassez que vivem os venezuelanos que fogem do país em crise, como na afirmação “É impressionante a miséria que esse povo está enfrentando aqui no Brasil, e mesmo assim eles dizem que está melhor aqui do que lá na Venezuela” (José Roberto Burnier). Também a ideia de que na fronteira ocorrem atos ilegais mostrado pelo repórter do JN, “na fronteira alguns imigrantes fazem câmbio paralelo, é uma atividade ilegal, clandestina, mas não há qualquer fiscalização, os cambistas agem livremente”. Ainda aparecem nessas matérias os casos de doenças encontradas nos imigrantes e os problemas gerados pela entrada constante de migrantes no estado de Roraima.

Outras matérias do período circulam esses mesmos temas, como na matéria “*Manaus sente nas ruas o impacto da onda migratória de venezuelanos*” de 04 de julho de 2018 que também dá alguma atenção a busca de trabalho no Brasil, representando alguns imigrantes

¹⁶ Roraima começa a vacinar imigrantes venezuelanos contra o sarampo, 16/02/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6509642/>

venezuelanos como trabalhadores “qualificados” que se submetem e aceitam qualquer trabalho no Brasil. Também em outras quatro matérias de julho e agosto desse mesmo ano os venezuelanos por vezes são representados como dependentes das escolhas das instituições brasileiras, uma posição que será tratada com melhor enfoque quando analisarmos as matérias do eixo 04 (“questões institucionais e normativas no Brasil”). Além disso, uma dessas matérias também focaliza a busca por emprego bem como a Interiorização, realizada pelo governo brasileiro, nesta notícia a repórter Érica Figueiredo afirma: “O Darwin veio para Roraima à procura de trabalho; não conseguiu, Manaus é o próximo destino. Esperança de assim trazer os 3 filhos que ficaram na Venezuela e seguir adiante. É o mesmo sonho da Marli: trabalhar.”¹⁷.

A primeira matéria deste eixo de análise no ano de 2019, de 12 de fevereiro, é uma peça relativamente longa, de 3:27 minutos, intitulada “*Venezuelanos correm ao comércio brasileiro para comprar comida*”. Nela, une-se a situação de venezuelanos que moram na região de fronteira e entram no Brasil quase diariamente com os imigrantes que atravessam a fronteira com o objetivo de permanecer em território brasileiro. A matéria representa os imigrantes como cidadãos desesperados, que entram no país de qualquer maneira em busca especialmente de alimentos. Esse é um momento com diversas notícias sobre a Venezuela e sobre os imigrantes. Cita-se por exemplo a ajuda humanitária planejada por países contrários ao governo de Nicolás Maduro e que apoiavam Juan Guaidó que organizaram caminhões com alimentos para doar a população venezuelana. Esse ato tornou-se uma polêmica por dias já que o governo Maduro via o plano como uma afronta e também como uma tentativa de infiltrar no país indivíduos que tentariam a sua deposição.

Nos dias 27 e 28 de fevereiro de 2019 há o fechamento da fronteira Brasil-Venezuela pelo lado venezuelano e se os discursos gerais são próximos aos já mencionados, há uma ampliação da atenção nas pessoas com falta de alimentos e na “fuga” de um governo culpado pela crise econômica, política e social. Como exemplo podemos citar a fala da repórter Érica Figueiredo, “muitos venezuelanos buscam maneiras de driblar a fiscalização da Guarda Nacional Bolivariana”¹⁸. Esse texto está ligado às imagens de pessoas cruzando a fronteira a pé em trilhas clandestinas. Em maio de 2019 há um aumento (novamente) de reportagens sobre a Venezuela e a movimentação fronteiriça de venezuelanos. Duas reportagens desse

¹⁷ Quase 200 venezuelanos são transferidos de Roraima, 28/08/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6980196/>

¹⁸ Fechamento da fronteira da Venezuela com o Brasil completa, nesta quinta (27), 7 dias, 28/02/2019, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/7420585/>

período estão presentes no eixo 01 desta análise. Neles pode-se observar mais uma vez a representação dos imigrantes venezuelanos como pessoas desesperadas, que saíram como foi possível do país e que agora, no Brasil, buscam qualquer emprego para tentar recomeçar suas vidas e ajudar seus familiares na Venezuela. Como exemplo, podemos citar a fala da repórter Érica Figueiredo, no dia 01 de maio, na matéria intitulada “*Na fronteira, número recorde de venezuelanos atravessa para o Brasil*” que apresenta a situação de uma imigrante: “A Diosmira viajou dois dias de ônibus e de carona, ela conta que se sente aliviada de chegar ao Brasil, mesmo sem saber para onde ir, e acredita, vai conseguir um emprego, ter uma melhora, uma solução para ter uma casa no Brasil e assim poder trazer os filhos¹⁹”. Por fim, a última reportagem deste eixo chama-se “*Crianças e adolescentes cruzam a fronteira da Venezuela com o Brasil desacompanhados*” (Figura 02) e foi veiculada em 25 de dezembro de 2019, apresentando a situação de crianças e adolescentes venezuelanos que vivem no Brasil. A reportagem, de 2 minutos e meio, utiliza imagens de crianças vivendo nas ruas e pedindo alimentos e dinheiro para sobreviver. Uma das representações que se vê nesta matéria é como os imigrantes tornam-se dependentes das instituições brasileiras, já que em alguns casos os jovens não conseguem ter acesso às escolas públicas brasileiras ou ao SUS.

Figura 02 - Crianças venezuelanas vivendo nas ruas de Boa Vista-RR



Fonte: captura de tela feita pelo autor no arquivo do JN na plataforma GloboPlay.

¹⁹ Na fronteira, número recorde de venezuelanos atravessa para o Brasil, 01/05/2019, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/7583596/>

Observamos que no decorrer de quatro anos de cobertura as representações que o *Jornal Nacional* faz dos imigrantes venezuelanos permaneceram praticamente imutáveis. Percebemos que formas de representá-los, como por exemplo, indivíduos fugindo de um país atravessado por crises, cidadãos dependentes da solicitude das instituições brasileiras ou pessoas que se submetem a qualquer emprego para tentar conseguir uma nova vida, são constantes na cobertura sobre o tema. Além disso, também são representados como pessoas com pouco ou nenhum planejamento ao realizaram essa viagem; o Brasil é quase um destino involuntário. Por fim, é comum o uso de imagens ou falas que apontam a grupos familiares de imigrantes, talvez para fugir de uma representação comum da imigração, que em sua maioria seria de homens jovens. No caso venezuelano, como mostrado nas matérias, é comum a viagem ser realizada com crianças e o número de homens e mulheres imigrantes é bastante próximo²⁰. O eixo “A ‘fuga’ para o Brasil”, o maior entre os 4 eixos aqui trabalhados, nos fornece uma importante síntese de toda a análise, compilando diversas representações que serão vistas nos outros três eixos e tendo um número significativo de matérias durante os anos analisados. As matérias apresentadas aqui configuram discursos estereotipados e que corroboram algumas ideias apresentadas anteriormente pela nossa discussão teórica.

Vemos representados aqui os imigrantes como uma massa uniforme, com características que os reduz a alguns poucos aspectos, por vezes negativos, que os marcam, como vimos discutido por Kethryn Woodward (2000), com estereótipos e simplificações. Da mesma forma, há invisibilidades que tornam o discurso se não contrário aos imigrantes ao menos não os permitem criar novas representações a si próprios ou evidenciar suas identidades e suas lutas. O eixo com matérias que abordam uma situação definida como uma fuga em massa de uma Venezuela em crise e de pessoas que saem de seu país praticamente sem planejamento ou possibilidades configura um pilar para outros eixos e outras maneiras de explicar a situação venezuelana.

Na próxima parte do texto, trabalhamos o eixo “Conflitos entre brasileiros e venezuelanos” que também possui um número importante de matérias durante os anos da análise e que, assim como o eixo 01, tem matérias em quatro dos anos analisados.

²⁰ Segundo o Alto-comissariado das Nações Unidas para Refugiados, em 2019, o número de imigrantes ou refugiados era composto 54% por homens e 46% por mulheres.

4.3.2 Conflitos entre brasileiros e venezuelanos

Situações de conflitos entre brasileiros e venezuelanos, como mostramos anteriormente, foram relatadas em 18 matérias no período analisado nesta pesquisa (2015-2020). Essas matérias são, aparentemente, mais diversas entre si do que as do eixo “fuga”, já que geralmente trata-se de notícias pontuais, relatos de algum acontecimento local ou situações adversas e polêmicas. Porém, é interessante pensar que as notícias do eixo “conflito” são de fato mais singularizadas. Há, em geral, pouca contextualização nas notícias desse eixo e, além disso, elas costumam ser mais curtas que as dos outros três eixos.

A primeira matéria incluída neste eixo, veiculada em 22 de outubro de 2016, mostra o caso de imigrantes que ocupam residências abandonadas em Boa Vista. Segundo a matéria, os imigrantes entraram nas casas para dormir, e os donos, após terem conhecimento do ocorrido, tentam tirá-los de lá. Essa matéria, *“Fugindo da crise, venezuelanos invadem casas em Roraima”*, foca tanto na “sensação” de possíveis conflitos, devido ao grande número de imigrantes chegando, quanto na incapacidade das instituições brasileiras de oferecerem aos imigrantes um local apropriado onde eles possam morar. Ao retratar os venezuelanos nesta situação e apontar para a tensão ou conflito instaurado por sua presença naquele local, a narrativa do *JN* representa os imigrantes como sujeitos desesperados, dispostos a rupturas com a lei brasileira, e envolvidos em questões de segurança pública no país. Nota-se essas representações especialmente nas entrevistas com as brasileiras que tiveram suas casas “invadidas pelos imigrantes”, nas palavras da reportagem. A primeira, Dinaia Lopes, conseguiu retirar os imigrantes da casa que estava em reformas “com a ajuda de um advogado”. A segunda entrevistada, Maria Aparecida Alves, segundo a repórter, “não teve a mesma sorte”, já que a casa dela permanecia ocupada. Nas palavras da brasileira: “quando eu cheguei, cheguei brava, de repente eu vi nove crianças, com dois casais dentro da minha casa”²¹, fala que representa o desespero dos imigrantes bem como a situação conflituosa que a migração “desorganizada” promove. Ambas as entrevistas demonstram uma ideia de conflitos iminentes, que, unidos ao restante da reportagem, constroem uma ideia de um problema social grave para a cidade de Boa Vista e para os brasileiros. Os imigrantes são retratados como invasores, pessoas que estão chegando e invadem as casas dos brasileiros. Em relação à posição dos imigrantes, a reportagem afirma que “os venezuelanos têm vindo cada vez mais para Boa Vista, em busca de emprego e comida. A Venezuela enfrenta uma grave crise

²¹ Fugindo da crise, venezuelanos invadem casas em Roraima, 22/10/2016, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/5397015/>

econômica e faltam os produtos mais básicos no supermercado”. Nota-se que as falas sobre as motivações da migração são as mesmas do eixo “fuga”, porém, a diferença se apresenta quando a matéria comenta o acontecimento noticiado, pois neste momento não há entrevistas com os imigrantes e eles apenas são retratados, pelas fontes brasileiras, como motivadores dos conflitos (mesmo que a matéria tente demonstrar que o que eles fazem, o fazem por desespero ou falta de alternativa).

No trimestre final de 2017 há outras duas matérias do eixo “conflitos”, tendo apenas um mês entre elas, abordando ocorrências em Boa Vista, capital de Roraima e principal local de entrada de imigrantes venezuelanos no Brasil. As duas tratam de situações em que os imigrantes são expulsos de um local central na cidade: em um caso, colocados em uma área distante do centro da capital; em outro, são impedidos de trabalhar. O caso noticiado em 28 de outubro de 2017 tem como título “Operação retira venezuelanos que moravam na rodoviária de Boa Vista” (Figura 03). A retirada forçada de imigrantes de um local central prejudica sua condição de trabalho, já que os coloca longe de áreas de mais movimentação e melhores chances em relação à busca de emprego. Essa relação conflituosa acerca da presença desses indivíduos fica mais clara na outra peça noticiosa.

Figura 03 - Agentes públicos retirando imigrantes do centro de Boa Vista-RR e os realocando em outro bairro



Fonte: captura de tela feita pelo autor no arquivo do JN na plataforma GloboPlay.

A matéria “*Refugiados da Venezuela sobrevivem ‘trabalhando’ nos sinais de Boa Vista*”, 20 de novembro de 2017, tem dois minutos de duração, o que faz dela uma das mais longas desse eixo temático. Ela apresenta um debate aberto nas ruas de Boa Vista após a polícia local retirar imigrantes venezuelanos que trabalhavam, de maneira informal, nas ruas do centro da cidade. Numa ação relativamente truculenta, a polícia confiscou alguns produtos que eram vendidos pelos imigrantes e os retirou da praça na qual estavam buscando seu sustento. Além do conflito que se dá entre imigrantes e a força policial de Boa Vista, há também um segundo confronto na cidade, que a matéria exemplifica adequadamente, ao entrevistar dois cidadãos da cidade, com pontos de vista contrários. Um morador afirma que, ao retirar os venezuelanos do centro, seria necessário direcioná-los a novos trabalhos ou formas de sustentação, enquanto outro indivíduo afirma que o centro da cidade ficaria “feio”, com o grande número de pessoas nas praças e semáforos. Salienta-se que o título da matéria apresenta o termo “refugiados” como sinônimo de imigrantes, assim como em outras das matérias do período. Existe um problema de falta de apuração, ou desconhecimento, por parte dos jornalistas que elaboraram essas matérias, já que utilizar o termo “refugiados” para todo e qualquer imigrante está incorreto. O caso dos venezuelanos é especial: tratados pelo Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados como indivíduos deslocados de seu país, mas não refugiados, os imigrantes venezuelanos recebem auxílios referentes à situação de refugiados em alguns países e em outros não. Porém, a categoria de refugiado é reconhecida internacionalmente no âmbito dos direitos humanos e sua utilização apenas como sinônimo de imigrante no *JN* é equivocada. Importante lembrar que, nesse mesmo período, o *JN* apresentou casos de imigrantes haitianos e de países africanos, além de uma ampla cobertura sobre os imigrantes que, vindos do norte da África ou do Oriente Médio, tentavam entrar na Europa; entre estes, sim, muitos refugiados, pois já incluídos legalmente na categoria.

Vale ainda apontar que mesmo fontes que são de certa maneira receptivas aos imigrantes, como funcionários de instituições que os recebem ou professores universitários entrevistados, têm um tempo de fala maior nas notícias do telejornal. Essas pessoas também circulam nos mesmos temas que os próprios imigrantes e, em geral, apenas os representam como vítimas, ou como indivíduos deslocados, ainda, na sociedade brasileira. Na última matéria comentada, do dia 20 de novembro de 2017, tal aspecto aparece na entrevista do professor da UFRR João Carlos Jarochinski que, ao comentar a retirada de imigrantes que trabalhavam nos semáforos de Boa Vista, afirma: “você pode marginalizar ainda mais essas

peessoas, deixando espaço para a criminalidade, ou outras ações, aí sim, muito mais lesivas para a população do que a atividade no semáforo”²².

O debate sobre a retirada de pessoas dos centros das cidades, e sobre elas terem que sobreviver com trabalhos informais ou que as explorem, é comum em estudos sobre migração (CALIXTO et al, 2012; PALMA, RUIZ-TAGLE, 2018; SUZUKI, 2014). A presença de imigrantes nos centros das cidades e trabalhando em pequenos serviços informais, como vendas em semáforos e posições similares, é uma realidade em diversas cidades no mundo, devido à situação precária dessas pessoas e à incapacidade da sociedade local de absorver esses novos trabalhadores e trabalhadoras. Essa posição, unida ao senso comum de que há perigo na entrada de estrangeiros, de que eles poderiam ser motivadores de problemas sociais (um discurso de medo do outro, medo do diferente, do estrangeiro), cria um cenário no qual parte da sociedade que recebe esses imigrantes enxerga aquelas pessoas, uma massa indistinta para alguns, como a origem de uma série de problemas sociais. As mensagens apresentadas sobre os imigrantes venezuelanos ajudam a construir uma série de estereótipos, que são reduções e simplificações, como discutimos anteriormente nesta pesquisa. Os estereótipos servem não apenas para apresentar uma notícia, uma história, de maneira reduzida, fugindo portanto de uma complexidade que, muitas vezes, não é apresentada no jornalismo. Os estereótipos conduzem, também, a uma diferenciação entre aqueles personagens, os imigrantes, e outros indivíduos que os veem como “o outro”, como o sujeito peculiar ou distinto que os diferencia positivamente. É o caso do cidadão que os quer longe do centro da cidade de Boa Vista, pois a cidade ficaria “feia”; ou seja, para ele, ficaria bonita sem os imigrantes.

É importante notar que nas matérias do eixo temático “conflitos” o *JN* não explicita um posicionamento ou uma clara representação dos imigrantes como sendo sujeitos ou um grupo social incômodos, indesejáveis ou que estão tirando a beleza e harmonia da cidade. A princípio, o *JN* limita-se a registrar uma operação que está sendo realizada por outra instituição – a Polícia –, para a retirada dos imigrantes dos lugares que se considera que eles não deveriam estar. No entanto, o relato do telejornal acaba reforçando a construção deste tipo de representação junto a segmentos do público, justamente por se limitar a registrar a operação policial e/ou por incorporar fontes que interpretam a presença dos imigrantes como algo que torna a cidade “feia”, ou que seu trabalho informal é incômodo.

²² Refugiados da Venezuela sobrevivem ‘trabalhando’ nos sinais de Boa Vista, 20/11/2017, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6302448/>

Já no caso da narrativa que cria uma imagem dos imigrantes como invasores de lares, uma melhor contextualização sobre a situação abordada na matéria possibilitaria ao leitor construir outro tipo de representação sobre eles. Por exemplo, a matéria dá a entender, rapidamente, que as casas estariam abandonadas, mas logo também aponta que uma delas estaria vazia “para reformas”. O leitor não tem mais informações a respeito da situação das residências e também da situação dos imigrantes que, ao que parece, seriam famílias inteiras em busca de um teto para se instalar provisoriamente. A falta de contextualização acaba sendo um atalho, ainda mais rápido, na construção de um retrato do venezuelano “invasor.”

Durante os meses de fevereiro e março de 2018 foram veiculadas cinco matérias pertencentes ao eixo “conflitos”, tratando particularmente de 2 assuntos. A entrada de imigrantes portando doenças e, devido a isso, a suposta necessidade de uma “barreira sanitária”, e o ataque de brasileiros a moradias de imigrantes venezuelanos, primeiramente ataques incendiários a casas e posteriormente em abrigos. Essas matérias possuem uma carga alta de tensão demonstrando que naquele momento, em Roraima, o debate sobre a entrada de imigrantes havia se tornado delicado e relevante. As matérias que tratam da tentativa de bloquear a entrada de imigrantes através de uma “barreira sanitária” foram veiculadas nos dias 15/02 e 02/03 de 2018 e possuem respectivamente 2:00 e 0:30 minutos. A primeira delas intitulada “*Governo federal decreta emergência social em Roraima*” representa o imigrante como um grupo em fuga do país vizinho que vem ao Brasil também em busca de projetos de Saúde Pública e de ajuda do governo brasileiro. Porém, ao mesmo tempo, os imigrantes podem tornar-se um problema ao trazerem com eles doenças, especialmente, vindas de um país que não proporciona cuidados com a saúde. Essa última ideia pode ser percebida no exemplo a seguir, na mesma matéria do dia 15/02: “A Venezuela sofre com o surto de doenças como o sarampo, esta semana um caso foi confirmado em Roraima, uma bebê venezuelana”²³. Sendo assim, há conjuntamente a exposição de uma representação dos imigrantes como indivíduos necessitados de ajuda, bem como possíveis condutores de problemas sociais e de saúde pública no Brasil.

As matérias que tratam dos ataques sofridos por imigrantes em Roraima são pequenas notas, abordando casos específicos, com cerca de 30 a 45 segundos. Nessas notícias os imigrantes são representados como possíveis alvos ou vítimas de ataques por parte de alguns brasileiros insatisfeitos com o grande número de imigrantes entrando no estado. Na matéria

²³ Governo federal decreta emergência social em Roraima, 15/02/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6506359/>

mais recente dentre as três, veiculada no dia 20/03/2018 e intitulada “*Grupo expulsa venezuelanos em Roraima*” (Figura 04), a apresentadora Renata Vasconcellos já informa na chamada: “O grupo expulsou os 50 imigrantes e queimou os pertences deles, o ataque foi ontem a noite durante um protesto”²⁴. Devido ao pouco tempo de duração e a singularização da notícia em poucos fatos ocorridos, com pouca profundidade, falta nessas matérias uma contextualização do que ocorre na Venezuela e das motivações dos imigrantes venezuelanos. O que ocorre é uma representação desses indivíduos como vítimas e uma ideia dos imigrantes como colocados nessa situação devido ao seu desespero em sair de seu país de qualquer maneira. Esse início de cobertura dos conflitos entre brasileiros e venezuelanos, como se vê, também circula nos temas do eixo anterior (“*fuga*” *para o Brasil*), porém com menos complexidade ainda, tratando de casos pontuais e representando os imigrantes ora como vítimas de brasileiros insatisfeitos, ora como possível origem de tensões sociais, seja na saúde pública, seja na desarmonização da cidade, seja em conflitos com brasileiros.

Figura 04 - Brasileiros protestam contra a entrada de imigrantes venezuelanos em Pacaraima-RR



Fonte: captura de tela feita pelo autor no arquivo do JN na plataforma GloboPlay.

Já abordamos aqui a importância do mês de agosto de 2018 em nossa análise, sendo um período de forte movimentação fronteiriça conjuntamente com (e talvez devido a) o

²⁴ Grupo expulsa venezuelanos em Roraima, 20/03/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6595539/>

acirramento da crise política e aumento de tensões sociais na Venezuela. No eixo de análise 02 (*conflitos*) há cinco matérias importantes deste período observando uma linha temporal de final de julho até o início do mês de setembro. Entre 18 e 21 de agosto há três matérias neste eixo de análise (e mais uma do eixo 04, que veremos mais à frente) que somam juntas mais de 5 minutos de cobertura sobre a imigração venezuelana. As matérias dos dias 18 e 20 noticiam ataques xenofóbicos de brasileiros contra venezuelanos após um assalto em Pacaraima-RR. Na primeira delas, chamada “*Abrigo de venezuelanos é atacado em Roraima após assalto a comerciante*” (Figura 05) a fala da repórter Pricieli Venturini, dá o tom do que acontecia na cidade: “a tensão começou no início da manhã, com bombas caseiras e pedaços de pau, moradores de Pacaraima destruíram abrigos improvisados”. O relato converge com cenas filmadas anteriormente de gente correndo, gritos e pessoas destruindo pequenas barracas e casas. Ao que segue, o discurso de um brasileiro não identificado, provavelmente retirado de redes sociais, que esbraveja: “estamos expulsando os venezuelanos, é desse jeito agora, se não tem governante, se não tem autoridade por nós, nós vamos fazer nossa autoridade”²⁵. As duas reportagens citadas representam os imigrantes venezuelanos tanto como possível fonte de crimes e atos de violência quanto como vítimas das mesmas situações. Um exemplo se encontra na segunda reportagem, intitulada “*Após conflitos em Pacaraima, homens da Força Nacional chegam a Boa Vista*”, na qual há a repercussão após os atos de dois dias antes. Nesta matéria a reportagem mostra que “moradores atearam fogo em barracas e pertences de venezuelanos [...] o motivo da revolta foi a agressão sofrida por esse comerciante durante um assalto”²⁶, sugerindo que a onda de violência local tem relação com os imigrantes venezuelanos que entram no Brasil por Pacaraima.

²⁵ Abrigo de venezuelanos é atacado em Roraima após assalto a comerciante, 18/08/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6955998/>

²⁶ Após conflitos em Pacaraima, homens da Força Nacional chegam a Boa Vista, 20/08/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6959297/>

Figura 05 - Brasileiros atacam imigrantes e incendeiam seus pertences em Pacaraima-RR



Fonte: captura de tela feita pelo autor no arquivo do JN na plataforma GloboPlay.

Em seis de setembro de 2019 houve outro ataque xenofóbico que repercutiu no *JN*, desta vez na capital roraimense de Boa Vista. Após um assalto no qual um brasileiro foi morto, um grupo local perseguiu e linchou um venezuelano, suposto autor do assassinato do brasileiro. O caso ocasionou duas matérias, nos dias 7 e 8, e em ambas percebemos a representação dos imigrantes como vítimas da violência e de xenofobia no Brasil, mas também como possíveis causadores de violência no país. No dia após o linchamento ainda havia inquietude na capital de Roraima e a reportagem noticiou: “desde a madrugada o clima é tenso, imigrantes alegam que o acampamento onde vivem foi atingido por tiros, mas o comando de policiamento da capital nega o ataque”. Novamente, no eixo “*conflitos entre brasileiros e venezuelanos*” pode-se perceber que os imigrantes são colocados como o epicentro de casos de violência em Roraima, por vezes como alvos e em outros momentos como perpetradores. Note-se que os casos de violência xenófoba praticados por brasileiros foram em grupo e em alguns momentos contra grupos de venezuelanos que nada tinham a ver com crimes. Já os casos de violência que envolviam venezuelanos foram casos isolados, que não estão relacionados necessariamente com a migração, mas sim com questões de segurança pública, infelizmente comuns na sociedade brasileira. Esses casos podem construir uma

representação dos imigrantes como ameaça aos brasileiros e a harmonia social, mesmo que a reportagem tenha, invariavelmente, um tom de reprovação aos atos de xenofobia de brasileiros revoltados.

As duas últimas notícias pertencentes ao eixo de análise 02 também ocorrem em um momento crucial da crise política venezuelana, em fevereiro de 2019. No momento em que havia a disputa pela presidência do país e articulações estrangeiras para manter ou retirar Nicolás Maduro do poder, um fato importante ocorre: o envio de caminhões com alimentos para a Venezuela, organizado pela oposição junto com Colômbia, EUA e Brasil principalmente. Foi planejado quando o governo venezuelano decidiu fechar suas fronteiras com Brasil e Colômbia. Nos dias 22 e 23 de fevereiro de 2019, o *JN* amplia sua cobertura sobre o país vizinho. Há duas reportagens deste eixo que foram ao ar nesses dias: “*Na Venezuela, confronto após fronteira ser fechada deixa dois mortos*” e “*Caminhões partem do Brasil, mas são impedidos de passar pela alfândega venezuelana*”. Essas reportagens exibem não apenas a fronteira fechada, mas também confrontos entre a Guarda Nacional Bolivariana e venezuelanos que tentavam cruzar a fronteira, tensões com brasileiros já que há um grande número de venezuelanos atravessando a fronteira por trilhas clandestinas para comprar no lado brasileiro e as relações tensas entre os governos de Brasil e Venezuela.

Lembramos que nesse período há também matérias nos outros eixos de análise, bem como notícias que falam da Venezuela mas não da imigração propriamente. Há, portanto, uma acentuada atenção à política interna venezuelana e suas relações com os países vizinhos. Em relação às matérias pertencentes a este eixo de análise, compreendemos que elas representam os imigrantes como pessoas desesperadas que atravessam a fronteira de qualquer maneira (inclusive por trilhas clandestinas) e que podem entrar em confronto com a polícia de seu país e em protestos hostis na tentativa de cruzar a fronteira. Um ponto particular aqui é que ambas matérias em momento algum diferenciam entre pessoas que cruzam a fronteira para trabalhar ou para fazer compras no país vizinho, algo comum em cidades fronteiriças e os imigrantes que gostariam de entrar no Brasil para se estabelecer.

Este eixo de análise abordou os casos de conflitos entre brasileiros e venezuelanos e, de maneira geral em alguns casos, conflitos ocasionados pela tentativa de entrada no Brasil enquanto a fronteira estava fechada. Há algumas semelhanças com o eixo anterior, como a forma como os imigrantes são nomeados, por vezes erroneamente como refugiados ou há confusão entre pessoas que cruzaram a fronteira, mas voltariam à Venezuela (como moradores de cidades fronteiriças, por exemplo) e de fato imigrantes que tentam se manter no Brasil.

Em comparação ao eixo de análise anterior (e de fato aos outros 2 eixos também), este possui menos espaço aos imigrantes como fonte direta. É possível que o motivo seja o fato de grande número de matérias ser curto (menos de 1 minuto), relatando ocorrências isoladas sem qualquer aprofundamento dos temas a que se referem. Porém, a falta de um espaço de fala aos imigrantes também os impede de formar suas identidades e próprias representações. Como vimos no capítulo anterior, a identidade também é marcada pela diferença, mas, nesse caso, a voz dada aos imigrantes poderia facilitar sua representação ao público não como diferenciação do público, mas como diferentes em relação às mensagens negativas e de conflitos que foram exibidas.

Os conflitos relatados pelo conjunto dessas matérias referem-se a uma série de problemas sociais, relacionados à moradia, trabalho, saúde pública e presença no espaço público. Projetam representações que associam os imigrantes à entrada de enfermidades, como malária e sarampo; aos assaltos na região; à invasão de casas; a uma suposta quebra da “harmonia” da cidade e à “feiura” da presença de barracas em praças e áreas públicas; ao “incômodo” das vendas informais, no centro das cidades brasileiras, por pessoas vindas de outros países.

Como dito por Hall (2016), há uma ambivalência na diferença. E se a possibilidade de uma representação formulada e explicitada diretamente por imigrantes foi impedida, devido à falta de espaço para eles, tornou-se mais difícil uma representação positiva. Nesse espaço, ao vincular os imigrantes a representações negativas, mesmo que não explicitamente apontando-os como culpados, o *JN* permite a compreensão de que os acontecimentos prejudiciais são, de fato, responsabilidade dos imigrantes. A representação será realizada pela compreensão do público baseada, inclusive, em estereótipos em relação aos imigrantes. Portanto, é nesse subentendido que se dará a interpretação. Essas representações negativas podem produzir, junto aos públicos que assistem e compartilham informações do *JN*, um posicionamento contra os imigrantes, mesmo quando acompanhadas de falas minimizantes, como as que sugerem o desespero e a falta de opções das pessoas ou a xenofobia de alguns brasileiros que os atacam.

O próximo eixo de análise vai na direção contrária, mostrando movimentos criados por brasileiros para auxiliar os imigrantes, que seguem, entretanto, com pouco controle sobre suas vidas.

4.3.3 Ajuda e solidariedade de brasileiros

Este eixo de análise reúne as notícias cujo tema central é o acolhimento, ajuda e solidariedade de brasileiros em relação aos imigrantes venezuelanos. São matérias comparativamente mais longas que a maioria das outras. Muitas vezes contêm histórias em diversas cidades do Brasil, saindo, portanto, da região Norte, local da maior parte das matérias dos eixos anteriores, que tratavam da “fuga” da Venezuela e dos conflitos com brasileiros. Diferentemente deles, aqui há um número superior de entrevistas, mesmo que se note um tempo maior de voz aos brasileiros do que aos imigrantes. Também as imagens são de menor tensão: há uso amplo de imagens próximas, dos rostos dos indivíduos e com semblantes menos tensos ou tristes e também imagens na casa dos imigrantes ou em seus locais de trabalho, diferente das cenas em filas, dormindo nas ruas ou caminhando por estradas, como mostrado nos eixos anteriores. O conjunto de matérias desta categoria totalizou cinco (05), sendo o eixo com menor número de unidades.

A primeira matéria em ordem cronológica deste eixo possui uma abordagem ligeiramente diferente das outras, com interesse especial em imigrantes em situação de rua e na falta de alimentos na Venezuela e no Brasil. Intitulada “*Por dia, 800 venezuelanos entram no Brasil pela cidade de Pacaraima (RR)*” (Figura 06), a matéria de 19 de fevereiro de 2018 foca nas pessoas em situação de rua vivendo em Roraima e no desespero por alimentos, mostrando a distribuição de alimentos realizada por brasileiros. Sendo assim, as representações aqui também são dos venezuelanos desesperados, dependentes da ajuda dos brasileiros. Já na chamada da matéria o apresentador William Bonner afirma sobre os imigrantes venezuelanos: “em Boa Vista eles ainda dependem da ajuda de voluntários para ter o que comer”. Já na matéria, enquanto passam imagens de pessoas correndo em direção a um caminhão que iria distribuir alimentos, o repórter José Roberto Burnier sentencia: “É o desespero atrás de comida”. Essa abordagem pode ser considerada inclusive invasiva ou pouco aprofundada já que o único registro verbal de imigrantes é uma senhora afirmando não voltar ao país enquanto for governado por Nicolás Maduro. Porém, em termos imagéticos, são constantes as passagens com pessoas no chão das ruas brasileiras, comendo com as mãos, ou correndo para chegar aos grupos com donativos. Dessa maneira, o foco recai em situações degradantes e na ideia de um povo desesperado fugindo de um país em ruínas. Em determinado momento da reportagem, por exemplo, há imagens dos venezuelanos utilizando pedaços de papelão ou as mãos para se alimentar. O repórter afirma: “no chão da praça em

Boa Vista, o que vale é comer, não importa como”²⁷. Essa matéria, a primeira desse eixo, tem uma abordagem ligeiramente diferente ao focar numa situação mais degradante que em outros momentos, porém mantém tanto a ideia de que os imigrantes são um grupo desesperado quanto que os brasileiros estão prontos para recebê-los e ajudá-los.

Figura 06 - Imigrantes venezuelanos alimentam-se nas praças em Roraima



Fonte: captura de tela feita pelo autor no arquivo do JN na plataforma GloboPlay.

Como dito, predominam neste eixo matérias mais longas. A mais curta deste grupo tem 1:37 minutos enquanto a maior chega a 5 minutos de duração. Mesmo com esse tempo não há, como veremos, aprofundamento dos contextos e explicações das complexidades da mobilidade transnacional. Não se aprofunda, por exemplo, na nova configuração que a globalização e as políticas neoliberais deram ao movimento migratório, ou, como as sanções internacionais e o isolamento da Venezuela prejudica a economia e as relações internacionais daquele país. Há espaço para entrevistas com os imigrantes, em falas que geralmente demonstram a vontade de sair da Venezuela, a acolhida positiva no Brasil ou um sentimento de aproximação com algum brasileiro em particular. Esses elementos individualizam e singularizam o processo de representação desses grupos, demonstrando que apenas naqueles casos houve alguma experiência positiva no Brasil (auxílio, emprego, casas melhores, apoio).

²⁷ Por dia, 800 venezuelanos entram no Brasil pela cidade de Pacaraima (RR), 19/02/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6515990/?s=0s>

Um exemplo é a reportagem do dia 24 de agosto de 2018 intitulada “*Parte dos venezuelanos que chegam ao Brasil vai para São Paulo em busca de trabalho*”. Essa matéria aborda a experiência de três venezuelanas que vivem em São Paulo e todas deixaram filho ou filha em seu país, na tentativa de, após estabelecidas, trazê-los ao Brasil. A matéria, relativamente longa para os padrões do telejornalismo (02:50 minutos), pouco apresenta de questionamentos ou contextos sobre a Venezuela. A contextualização poderia incluir, por exemplo, as causas da crise econômica no país vizinho, o interesse de grupos internacionais na desestabilização política venezuelana e mesmo falhas e equívocos do governo venezuelano. A matéria propõe apenas uma ideia geral de que imigrantes saem do país em busca de emprego devido à crise econômica. Por outro lado, as representações que o *JN* faz dos imigrantes nesta matéria é a do migrante como um indivíduo que se sacrifica pela família, e que tem de lidar com a saudade e a distância constantemente. Conectado a essa representação está outra que coloca o venezuelano como um indivíduo que necessita do auxílio dos brasileiros e que suporta as dificuldades através dessa ajuda. Na construção desse discurso, o repórter Roberto Kovalic, ao comentar sobre as imigrantes retratadas na matéria afirma: “as três conseguiram emprego aqui em São Paulo e sustentam os parentes lá na Venezuela. Elas suportam a distância, as dificuldades, com ajuda de brasileiros”²⁸. Comentários similares, comuns em outras matérias que tratam de migração, são parte do cerne das notícias deste terceiro eixo de análise e serão vistas em outros casos.

Duas outras matérias do mesmo período podem ser comparadas com a anterior - “*Famílias de venezuelanos recebem ajuda pra recomeçar em Santa Catarina*” (Figura 07) e “*Brasileiros ajudam família venezuelana a superar obstáculos desde que chegou ao país*” (Figura 07), respectivamente dos dias 03 de novembro e 25 de dezembro do mesmo ano de 2018. Nas três matérias, além da falta de profundidade na contextualização da motivação e situação venezuelana, percebe-se o enquadramento na busca por trabalho, bem como na relação com a família. A primeira notícia representa os imigrantes como indivíduos em busca de “recomeço”, porém esse recomeço se dá com a ajuda dos brasileiros. Ambas matérias representam o brasileiro como um povo que se mobiliza quando vê a necessidade do outro, que é empático e solidário.

²⁸ Parte dos venezuelanos que chegam ao Brasil vai para São Paulo em busca de trabalho, 24/08/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6971510/>

Figura 07 - Brasileiros ajudam famílias de imigrantes



Fonte: captura de tela feita pelo autor no arquivo do JN na plataforma GloboPlay.

Nas três matérias comentadas acima há interesse na busca por emprego, e isso é representado tanto na matéria do dia 25 de dezembro, na qual venezuelanos “qualificados” saem do país e buscam trabalho no Brasil, quanto na notícia do dia 03 de novembro que supõe que os imigrantes irão conseguir melhorar de vida, ao unir a solidariedade brasileira com sua busca por emprego. Nota-se, portanto, o quanto o relato jornalístico reforça os valores da solidariedade, do trabalho e também da família. A matéria do dia 25 de dezembro ainda representa os imigrantes como indivíduos que não vêm viver da assistência de brasileiros, mas recomeçar através de seu próprio trabalho. Em diversos momentos a questão acima é trazida pela reportagem, mas especialmente neste eixo se vê a atenção à busca do emprego e a necessidade de encontrar uma nova carreira. Seja em perguntas aos entrevistados migrantes sobre seus parentes que ficaram no país de origem, especialmente os filhos, seja em uma suposta relação “de família” que os imigrantes teriam encontrado em brasileiros que os ajudaram. Isso é particularmente importante pois, primeiramente, são reportagens longas (as últimas duas com 2:40 e 5:00 minutos respectivamente), portanto com tempo suficiente para melhor contextualizar os temas.

Essas produções poderiam gerar debates ou promover melhor entendimento sobre os acontecimentos na Venezuela geradores do cenário que envolve a migração no país. Além disso, é possível promover representações diferentes em relação aos imigrantes ao dar voz a essas pessoas, utilizando-as como fontes de maneira mais ampla e dando mais capacidade ao grupo de se representar e de modificar a maneira que é socialmente percebido. Outra representação percebida nestas três matérias analisadas até aqui, e já comentada em outros eixos, é a dos imigrantes como indivíduos desesperados e que aceitam qualquer posição para sustentarem-se no Brasil e também ajudar seus familiares na Venezuela. Por vezes esse “desespero” se dá pela mudança de uma carreira “qualificada” na Venezuela por pequenos

“bicos” ou trabalhos informais no Brasil. Em outros casos é a ideia de que o sacrifício dos imigrantes os ajuda a lidar com a saudade dos que ficaram em seu país.

A quinta e última matéria deste eixo de análise, intitulada “*Brasileiros ajudam família venezuelana a superar obstáculos desde que chegou ao país*”, foi ao ar no Natal de 2018 e é particular não apenas pelas diversas representações que apresenta, mas também pelo tempo destinado: cinco minutos em um feriado importante. Já citamos alguns elementos dessa reportagem que se conjugam com outras, mas ela será melhor vista agora. A primeira representação percebida e também o enfoque principal dessa produção é o trabalho, ou a busca por emprego e a afirmação de que eles não vêm viver da assistência de brasileiros, mas recomeçar através de seu próprio trabalho. Um momento exemplar dessa representação ocorre quando o repórter Roberto Kovalick entrevista o novo patrão de um dos imigrantes, afirmando que “o dono da empresa disse que Juan [imigrante entrevistado] chegou aqui aceitando qualquer trabalho, qualquer salário”, ao que o entrevistado reforça: “Eu o descreveria como uma pessoa até meio desesperada, falou que a família dele estava morando na rua, que eu poderia pagar até R\$ 800,00 para ele” (Luiz Carlos Cajé, empresário). Entrelaçada à busca por emprego está a representação de que imigrantes “qualificados” fugiram na Venezuela e agora aceitam qualquer trabalho no Brasil, mesmo que seja pequenos bicos ou trabalho informal. Tal afirmação é resumida na fala do repórter Roberto Kovalic ao entrevistar outro imigrante: “muitos venezuelanos que fogem de perseguições políticas ou da crise no país vizinho são profissionais qualificados, como o Félix. Historiador e ex-diretor de um museu em Caracas, hoje ele pega qualquer trabalho”. Importante aqui lembrar que, nessas afirmações sobre emprego e qualificação, estão outras representações como a das perseguições pelo governo venezuelano, da ideia de fuga desesperada da Venezuela e da aflição e desalento em que estão os imigrantes no Brasil, ao se verem numa nova cidade e sem muitas possibilidades. Por fim, encerrando esta matéria a reportagem apresenta uma imagem de esperança, que se dá na representação do brasileiro como um povo que ajuda os imigrantes, um povo que se mobiliza quando vê a necessidade do outro, um povo solidário e empático. Essa representação é bem exemplificada na entrevista que finaliza a reportagem, na qual Kovalick conversa com uma brasileira que auxiliou uma família de imigrantes: “Tanto o emprego quanto o apartamento foram conseguidos por indicação desta brasileira: Valdirene é professora da escola estadual onde os filhos do casal estudam” (Roberto Kovalick), “Quando chegou ao meu conhecimento que eles estavam dormindo, morando na rua, eu falei 'Meu

Deus, preciso fazer alguma coisa', aí me mobilizei para saber quem poderia ajudar”²⁹ (Valdirene, professora). Há na cobertura sobre a migração venezuelana representações negativas como a saída da Venezuela e acabar vivendo nas ruas do Brasil, ou ainda relação conflituosa com brasileiros. Por seu turno, a ajuda brasileira é mais particular e o fato de a vermos representada em matérias longas e com mais entrevistas nos permite refletir sobre o enquadramento das matérias, a qual recai não nos imigrantes, mas sim nos brasileiros entrevistados e, de maneira geral, no Brasil como um país supostamente solidário.

Quebramos a ordem cronológica para aproximar as matérias anteriores que possuíam semelhanças marcantes, voltamos agora a agosto de 2018, quando também houve uma matéria importante deste terceiro eixo. Como já apontado, no mês de agosto daquele ano houve tensões políticas na Venezuela e entre ela e seus vizinhos. A matéria do dia 27 de agosto, intitulada “*Voluntários fazem mutirão em Boa Vista para ajudar no atendimento médico de venezuelanos*”, trata de um mutirão de agentes de saúde para realizar exames e atendimento médico a imigrantes venezuelanos em Roraima. Vale lembrar que isso se dá durante as discussões de fechamento da fronteira pelo lado brasileiro, inclusive com o argumento de formar-se uma “barreira sanitária” para organizar uma forma de triagem de quem entraria no país. Essa matéria representa os imigrantes como necessitados de ajuda, sugerindo ao mesmo tempo que a Venezuela é um país que não oferece saúde pública de qualidade aos seus cidadãos e que os brasileiros são um povo que ajuda os imigrantes. A repórter Érica Figueiredo, em Roraima, informa que “A venezuelana Yanitza está grávida de 9 meses e será mãe de uma brasileirinha. Ela vai ter o bebê aqui por falta de estrutura nos hospitais da Venezuela”³⁰. No final da reportagem ainda há a fala de Kléber Moraes, presidente da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares e organizador do mutirão em Pacaraima-RR: “a nossa equipe está fazendo também uma triagem para saber se essas pessoas têm condições de viajar”. Esta última fala reafirma a ideia de que seria necessária uma escolha de quais imigrantes poderiam seguir viagem aos outros estados do país.

Como dito, predominam neste eixo matérias mais longas. A princípio, portanto, se poderia supor que há maior profundidade no tratamento dado à migração dos venezuelanos. Mesmo que a matéria trate de questões de solidariedade e projetos de auxílio aos imigrantes, poderia, a princípio, considerar também os pormenores tanto da mobilidade transnacional

²⁹ Brasileiros ajudam família venezuelana a superar obstáculos desde que chegou ao país, 25/12/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/7256956/>

³⁰ Voluntários fazem mutirão em Boa Vista para ajudar no atendimento médico de venezuelanos, 27/08/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6977225/>

atual quanto das motivações particulares dos imigrantes mencionados nas notícias. Porém, não é isso que se percebe na análise da forma de representar esses imigrantes nas cinco matérias deste eixo de análise. Tanto as motivações quanto o contexto político e econômico da Venezuela é abordado de maneira superficial, talvez até com menos detalhes do que nos relatos incluídos nos eixos 1 (*Fuga para o Brasil*) ou 4 (*Questões institucionais e normativas no Brasil*).

Como explicado por Stuart Hall no capítulo 2 desta dissertação, o público completa o significado em um diálogo com o discurso. Dessa forma, o público do *Jornal Nacional* se vê representado nos brasileiros solidários que ajudam os imigrantes, enquanto estes últimos são percebidos primeiramente como pessoas com pouca condição de controle das próprias vidas, e, em segundo lugar, resumidos ao papel que adquirem no mercado de trabalho. A atenção na profissão dos imigrantes também condiz com a ideia de que, para afastar preconceitos ou pré-julgamentos, o discurso da imprensa necessitaria ser de que os que chegam são “qualificados”, promovendo a economia do país; ou, mesmo que trabalhadores não qualificados, são pessoas em busca de emprego para “recomeçar”. Portanto, focar na alteridade do indivíduo em trânsito ao mesmo tempo que promove uma proximidade com o público, ao colocá-los como indivíduos em busca de “uma vida melhor” ou de um trabalho, não os retira da posição de subalternos na sociedade. Mais ainda, promove a ideia de que apenas alguns poucos “qualificados” seriam bem recebidos, e os reduz apenas à força de trabalho, ignorando as complexas conjunturas que envolvem as vidas em migração.

As cinco matérias deste eixo estão no ano de 2018, que, como vimos, é o período com o maior número de notícias no *JN* tratando da imigração venezuelana. Importante lembrar que 2018 foi ano de eleições no Brasil e que a Venezuela foi amplamente utilizada em discursos eleitorais, especialmente pelo então candidato Jair Bolsonaro e seus apoiadores. Muitas vezes os problemas econômicos e políticos venezuelanos foram ampliados ou a emigração do país foi utilizada em um discurso anti-esquerda. Em uma eleição especialmente acirrada, que teve o principal candidato (Luiz Inácio Lula da Silva) preso e que foi marcada pela ampla utilização de notícias falsas, houve aumento na cobertura midiática em relação à Venezuela e aos imigrantes venezuelanos, por vezes corroborando os discursos contrários à esquerda latino-americana. A explicação, em relação a este eixo de análise, pode ser atribuída à ampliação tanto da atenção da imprensa para o assunto quanto pelo crescimento de projetos de auxílio aos imigrantes. Ambas questões promovem o aumento do número e também dos temas que detém a atenção da imprensa. Sendo assim, promove-se o valor da solidariedade,

porém individualiza-se em um pequeno número de imigrantes ou em um projeto específico de ajuda humanitária. O que acaba por representar os imigrantes como cidadãos em necessidade de auxílio para serem capazes de melhorar suas vidas, ao mesmo tempo que projeta a imagem do brasileiro como um “povo que ajuda”. Esse discurso reduz ao problema do desemprego a complexa situação da mobilidade transnacional e das discussões sobre migração nos países de acolhimento.

As representações que o *JN* apresenta em relação aos imigrantes não são todas negativas, e neste eixo de análise as matérias mostram com mais frequência a voz dos imigrantes. O que se vê é a manutenção de uma posição inferiorizante, já que esse grupo necessita da ajuda de brasileiros para se instalar e conseguir abrigo, alimentos, emprego, etc. De certa forma, essas matérias dizem menos sobre os imigrantes e mais sobre o Brasil e os brasileiros. Assim, falham em não complexificar a cobertura sobre a migração, focando a atenção no brasileiro como um povo que ajuda os necessitados e que se mobiliza na ação contra injustiças, especialmente quando há falhas nas instituições governamentais. Stuart Hall (2016) explicita que a compreensão de representações se dá através da linguagem e dentro de uma cultura. Dessa forma, os discursos sobre os imigrantes que analisamos neste eixo compreendemos baseiam-se em alguns estereótipos como os de vítimas ou os rotulam como grupos desesperados, necessitados de ajuda - forma estereotipada já comum na sociedade quando discutido o tema da migração. O discurso da solidariedade ou da caridade é comum também em coberturas jornalísticas e é utilizado em cenários de desigualdade social, muitas vezes de maneira a ignorar questões mais profundas e estruturais dos problemas da sociedade. No grupo de matérias aqui analisado, os casos de violência e conflito que vimos na cobertura quando analisamos o eixo 2 (*conflitos entre brasileiros e venezuelanos*) podem ser associados a este eixo 3 (*Ajuda e solidariedade de brasileiros*) em relação ao modo como a imprensa cobre esses casos. Um modo que tende a isolá-los em casos específicos, sem refletir ou desenvolver as discussões sobre os motivos da desigualdade social e de que maneira há uma relação entre cada um desses casos e as estruturas do corpo social.

Na sequência, analisamos o último conjunto de matérias, pertencentes ao quarto eixo temático, para perceber as discussões sobre a organização brasileira (ou falta dela) no recebimento aos imigrantes e como eles estão sujeitos às instituições nacionais.

4.3.4 Questões institucionais e normativas no Brasil

Este eixo de análise abarca matérias que tratam de questões normativas e problemas com documentação que prejudicam a chegada e a estadia de imigrantes venezuelanos no Brasil. Incluímos neste eixo também os debates entre instituições brasileiras sobre o fechamento ou não da fronteira, que dificultam a movimentação fronteiriça tanto de imigrantes quanto de brasileiros e venezuelanos que atravessam a fronteira diariamente. Tais temas tiveram relativa importância na cobertura da imprensa brasileira em determinado período e por vezes justificaram críticas à política de recebimento de estrangeiros no Brasil. Com sete notícias, este eixo possui apenas mais matérias que o anterior (*ajuda e solidariedade*); muitas das notícias estão contidas em um período pequeno de tempo, com cinco das sete matérias veiculadas em agosto de 2018. Lembramos que esse foi um mês no qual houve a movimentação internacional para envio de ajuda humanitária à Venezuela, organizado pelos governos de EUA, Brasil, Colômbia e pela oposição venezuelana. Além disso, foi um período com grande número de protestos no país, muitas vezes reprimidos pelo governo de Maduro. Por fim, neste mesmo mês de agosto de 2018, o estado de Roraima tentou o fechamento da fronteira com a justificativa da possível entrada de enfermidades com os imigrantes, além de casos de violência envolvendo venezuelanos na cidade fronteiriça de Pacaraima.

A imigração venezuelana é representada, não apenas neste eixo, como um processo “intenso e desordenado” e que impõe problemas às instituições brasileiras e aos governos. A primeira reportagem deste eixo - *Roraima decreta emergência por causa de venezuelanos* - veiculada em 07 de dezembro de 2017, mostra o governo estadual de Roraima preocupado com a situação dos hospitais locais e da entrada cada vez em maior número de imigrantes. A repórter Érica Figueiredo informa que “o governo de Roraima diz que a imigração venezuelana é intensa, ilimitada e desordenada, e que as equipes estaduais têm dificuldades de acolher esses imigrantes”³¹. Unido às imagens de barracas nas praças de Boa Vista, de filas em busca de documentação para viver no Brasil e da movimentação na fronteira, as afirmações do governo promovem essa representação da migração como algo não apenas danoso ao estado, mas incontrolável. Esta matéria não mostra a fala de nenhum imigrante em seu 1:15 min. Apenas apresenta, na voz da repórter, a situação de um imigrante, que, junto de sua família, conseguiu regularizar sua documentação um ano e meio após chegar ao Brasil. A

³¹ Roraima decreta emergência por causa de venezuelanos, 07/12/2017, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6342756/>

notícia sugere que a entrada de imigrantes poderia trazer uma crise sanitária ao estado e que, portanto, algo precisava ser feito sobre essa chegada de pessoas ao país. Sendo assim, mesmo após um ano e meio de cobertura sobre imigrantes venezuelanos, as matérias ainda tratavam apenas da falta de ajuda do governo federal brasileiro, debates sobre o número de pessoas nas fronteiras (e o possível impedimento de sua entrada) e críticas superficiais ao governo venezuelano.

Como dito acima, o mês de agosto de 2018 é um período especialmente importante na cobertura sobre a política venezuelana atual e os imigrantes do país. A primeira matéria daquele mês que pertence a este eixo intitula-se “*TRF anula decisão de juiz e fronteira da Venezuela em Roraima é reaberta*” (Figura 08) e já explicita o conteúdo abordado. Tanto esta quanto a matéria de dois dias após, “*Exigência por passaporte em Roraima continua mesmo com decisão do STF*”, falam das dificuldades dos imigrantes ao entrar no Brasil. Entre as quais estão os problemas com a obtenção de documentos e sua motivação, apontada como uma fuga do país em crise e em busca de alimentos ou serviços públicos, como saúde. A representação que o jornal faz destas pessoas, portanto, gira em torno do processo de um país com graves problemas estruturais e de pessoas que se veem sem opções e por isso emigram. O fechamento da fronteira pelo lado brasileiro é um empecilho a mais para a mobilidade entre os países, e o veículo aponta (em entrevistas e com fontes oficiais) em diversas matérias a inconstitucionalidade da proibição da entrada de imigrantes, seja pelo próprio fechamento, seja por barreiras sanitárias ou distribuição de senhas. Mais uma vez é a repórter local Érica Figueiredo, de Roraima, que lembra que “O imigrante não precisa do passaporte para cruzar a fronteira”, mas complementa que, por vezes, isto tem sido ignorado: “na semana passada um decreto do governo de Roraima tornou obrigatório que o venezuelano apresente passaporte para ter acesso a serviços públicos. Ontem o STF suspendeu esse decreto. O governo disse que iria cumprir a decisão [...] mas durante todo o dia a exigência continuou”³². Portanto, além da representação comum de que os imigrantes fogem da crise na Venezuela e buscam emprego e serviços públicos no Brasil, há também a representação constante dos imigrantes dependentes das escolhas das instituições brasileiras, como visto nas duas notícias anteriormente analisadas.

³² Exigência por passaporte em Roraima continua mesmo com decisão do STF, 09/08/2018, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/6934742/>

Figura 08 - Venezuelanos esperam a abertura da fronteira para tentar entrar no Brasil após o fechamento nos dias anteriores



Fonte: captura de tela feita pelo autor no arquivo do JN na plataforma GloboPlay.

O número de propostas que aparecem nessas matérias do mês de agosto, para algum tipo de controle da entrada de imigrantes, reflete algum despreparo ou falta de planejamento por parte do governo federal brasileiro e das instituições nacionais. O *JN* assinala algumas inconsistências ou impossibilidades do controle da entrada de imigrantes, bem como salienta a necessidade da aceleração da interiorização dos imigrantes e de proteção aos imigrantes atacados por brasileiros na cidade de Pacaraima-RR. Lembramos que todos os quatro eixos de análise possuem matérias neste mês de agosto, sendo quatro pertencentes ao eixo 02 (*conflitos entre brasileiros e venezuelanos*). Estas do eixo 02 tratam de casos de ataque de brasileiros a acampamentos improvisados nas ruas de Pacaraima, apontando para um período de grande tensão na fronteira bem como de atenção dos veículos de imprensa.

No caso deste eixo de análise cinco das sete matérias analisadas estão no mês de agosto de 2018, demonstrando a atenção constante nas questões de fronteira, bem como nos erros e problemas das instituições brasileiras tanto para organizar a entrada de imigrantes venezuelanos quanto, após se estabelecerem em alguma cidade, para conseguirem documentação e auxílio de instituições públicas. Entre as outras três matérias deste eixo temático veiculadas em agosto de 2018, a intitulada “*Governo de Roraima pede ao Supremo*

suspensão de entrada de venezuelanos” é a maior delas, com três minutos de duração, e também a mais interessante para nossa análise. Esta matéria também representa os imigrantes venezuelanos como dependentes das escolhas das instituições brasileiras. Nela, há uma longa relação de falas do governo estadual de Roraima, do governo federal brasileiro, do ministro das relações internacionais e do STF. Os últimos citam a inconstitucionalidade do fechamento da fronteira enquanto o governo de Roraima fala sobre possíveis epidemias com a entrada indiscriminada de imigrantes. Vale lembrar que, na cobertura sobre Venezuela neste dia 20 de agosto, houve mais três matérias sobre imigrantes venezuelanos ou sobre a Venezuela, configurando uma significativa atenção do telejornal neste dia para o país vizinho.

As outras duas matérias deste mês incluídas neste eixo de análise tornam-se parcialmente redundantes nas informações que trazem sobre o processo de movimento transnacional ou sobre a Venezuela, com informações muito próximas entre si e/ou a outras matérias do período. No dia 23 de agosto de 2018 foi veiculada “*Roraima prorroga por seis meses situação de emergência social*”, que trata do pedido de ajuda financeira feito pelo governo estadual ao governo federal. Um ponto importante aqui são protestos realizados por moradores de Pacaraima contra a entrada de imigrantes sem algum tipo de controle. Já no dia 29 de agosto tem-se a notícia “*Temer diz que governo estuda distribuir senhas para controlar entrada de venezuelanos*”. Nesta matéria há uma fala polêmica do presidente Michel Temer na qual ele sugere que há uma possibilidade de “organizar” a entrada de imigrantes através da utilização de senhas. A matéria também noticia as explicações que minimizaram esta fala, enquanto a própria matéria já explica ser inconstitucional esse tipo de controle. O que essas notícias trazem de novo é apenas o enfoque dado em seus títulos, que são notícias relevantes para aquele momento, porém a ampliação das informações sobre os imigrantes venezuelanos não ocorre.

Por fim, a matéria “*Sem documentos, venezuelanos que chegam ao Brasil não conseguem iniciar uma vida nova*” (Figura 09), do dia 02 de fevereiro de 2019, finaliza este eixo de análise e reafirma a representação dos imigrantes como dependentes das escolhas das instituições brasileiras, porém com uma diferença, agora são imigrantes que já estão há algum tempo vivendo o Brasil após o programa de interiorização. Este foi um projeto iniciado em abril de 2018 e que tinha por objetivo retirar imigrantes venezuelanos de Roraima e levá-los, com auxílio de transporte e alimentação, para outros estados do país. A cobertura segue com a movimentação fronteiriça como uma fuga de um país em crise em busca de emprego e possibilidades de ajudar seus familiares ainda na Venezuela. Outro destaque é o relato já

comentado em outros eixos do imigrante “qualificado” que aceita qualquer emprego. O repórter Ricardo Mello confirma isso ao informar sobre a vivência de um imigrante nas seguintes palavras: “O Luis Henrique chegou há 6 dias, ele era dono de uma marcenaria na Venezuela e deixou mulher e filhos para tentar a sorte no Brasil”, ao que Luis Henrique comenta que sobrevive “confiando na boa-vontade de gente que ajuda na rua e as vezes me chama para fazer qualquer coisinha, trabalhinhos pequenos, porque não tenho documento algum”³³. Essa matéria, como outras nesse eixo, ressalta a burocracia do estado brasileiro e a presumida demora em resolver essas questões. Mais uma vez temos um exemplo da reportagem que afirma que “muitos [imigrantes] não podem trabalhar no país pois não têm documentos. Para que esses estrangeiros possam trabalhar legalmente no Brasil, primeiro eles precisam procurar a polícia federal para fazer o pedido de refúgio, com o protocolo eles conseguem tirar a carteira de trabalho”.

Figura 09 - Fila de imigrantes que esperam por documentos após a entrada no Brasil



Fonte: captura de tela feita pelo autor no arquivo do JN na plataforma GloboPlay.

Vimos que nesse último eixo temático, mesmo focado nas instituições brasileiras e nas questões normativas, permanece o discurso corrente de uma fuga em massa de um país em

³³ Sem documentos, venezuelanos que chegam ao Brasil não conseguem iniciar uma vida nova, 02/02/2019, acesso em: <https://globoplay.globo.com/v/7350904/?s=0s>

crise e as representações de pessoas desesperadas, indivíduos que aceitam qualquer trabalho e as diversas possibilidades de tensões ou confrontos no novo país. Os quatro anos de cobertura pouco modificam a forma como são tratados os pontos mais relevantes dessas matérias. Além destas representações, também se vê destaque para a desorganização e falta de preparo das instituições brasileiras ao receber os imigrantes. Além disso, há uma ênfase relevante na necessidade de organização e instrução dos indivíduos que entram no país para prepará-los às exigências de documentos no Brasil, bem como necessidades e direitos dos imigrantes no país. É importante salientar que essas matérias também são críticas às políticas governamentais brasileiras em relação aos imigrantes. Em alguns momentos dessa análise percebemos que a cobertura sobre imigrantes torna-se crítica a outras questões. No presente eixo, por exemplo, percebemos essa crítica em relação ao poder público e às instituições governamentais. Em outros momentos da análise a ênfase recai no governo venezuelano, visto nas matérias como o principal culpado das crises política e econômica da Venezuela e da movimentação transnacional da população daquele país. Se a alteridade também é utilizada para representar algo com o intuito de seguir preceitos ou concepções, pontos-de-vista, portanto, de algum grupo político, essa alteridade é utilizada aqui na cobertura sobre imigrantes venezuelanos para corroborar discursos contrários ao grupo político no poder na Venezuela. Os anos de cobertura sobre o tema permitiram a veiculação de diversas representações, e mesmo estereótipos, sobre o assunto e que podem influenciar a percepção do público sobre os imigrantes. Neste eixo percebemos representações mais críticas às instituições brasileiras do que aos imigrantes. Há também um maior espaço para a fala de imigrantes, especialmente quando comparado aos eixos 1 (*a fuga para o Brasil*) e 2 (*Conflitos entre brasileiros e venezuelanos*). Mesmo que se perceba o aumento do número de entrevistas com imigrantes e o maior espaço para essas discussões, ainda é constante as representações que vimos durante toda a cobertura, especialmente a de um grupo em fuga de um país esfacelado e de uma entrada desorganizada e constante no Brasil.

Finalizamos agora com um panorama do que entendemos como sendo a forma como o *Jornal Nacional* representa os imigrantes venezuelanos em sua cobertura do aumento dessa mobilidade transnacional.

4.4 IMIGRANTES VENEZUELANOS REPRESENTADOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Durante a formulação desta pesquisa considerou-se a possibilidade de analisar as matérias tanto sobre imigração venezuelana quanto sobre a própria Venezuela para observar de que maneira a cobertura se articulava para representar o país (no segundo grupo de matérias) junto com a cobertura sobre os imigrantes e de que maneira essa união estava explícita ou não durante a cobertura. Por variados motivos, não conseguimos proceder com esse plano, porém, mesmo sem a análise aprofundada das matérias sobre a Venezuela percebemos numerosas correlações entre os temas. Isto, é claro, não configura uma surpresa, porém, durante as análises percebemos também a pouca variedade de enquadramentos em um grupo tão grande de matérias e em um espaço de tempo moderadamente longo (2015 a 2021).

Sendo uma pesquisa na qual os conceitos teóricos orbitam o tema da diferença, passamos a separar as diferentes maneiras que, em nossa análise, o *Jornal Nacional* representou os imigrantes venezuelanos nas 49 matérias telejornalísticas analisadas. A análise prévia dessas matérias nos ajudou, como explicado no início deste capítulo, a agrupá-las em eixos temáticos, percebendo a proximidade temática entre elas e certa padronização da cobertura. Porém, também é interessante observar que os eixos de análise se atravessam e que as representações mais evidentes em um também aparecem em outro, por vezes inseridas em perspectivas diferentes, mas regularmente presentes. Os eixos são uma orientação para focalizarmos a análise, porém as relações entre eles também nos sugerem padrões na cobertura jornalística bem como nos fornecem as ideias gerais da maneira como o *JN* representa os venezuelanos ao público brasileiro.

A primeira característica marcante das matérias e para a qual nos atentamos foi o que posteriormente designamos “*Eixo 01 - a fuga para o Brasil*”. A mensagem de que os imigrantes venezuelanos são um grupo em fuga, indivíduos desesperados que saem de seu país da maneira que conseguem é constante não apenas nas 19 notícias do eixo 01 mas também aparece em diversas matérias dos outros três eixos. Configura-se, dessa maneira, um discurso corrente da cobertura da migração venezuelana de que o país vizinho não sustenta ou promove condições para sua população e, portanto, os cidadãos vão aos países do entorno para sobreviver e buscar novas possibilidades de vida. Faz parte desse discurso a ideia de uma entrada “desordenada” no Brasil, de forma a causar problemas no país caso essa “constante” entrada não seja “organizada”. Esses termos são utilizados por entrevistados ou pela própria

reportagem de forma a criar o cenário de um tumulto, devido à “fuga” de um país devastado por crises e sua busca por “uma vida melhor” no Brasil. É importante notar, no entanto, que a ideia de “fuga” de um país para outro parece algo comum em coberturas jornalísticas sobre movimentos migratórios. Mostramos anteriormente estudo sobre a migração haitiana para o Brasil (COGO, SILVA, 2016) que explora justamente a ideia inicial de uma “fuga” do país caribenho, após o terremoto em 2010 e, subsequentemente, a imprensa passa a interpretar a chegada de haitianos como uma “invasão”, pelo seu grande número e (assim como aqui sobre os venezuelanos) seria desordenada e intensa.

As representações sobre o imigrante venezuelano aparecem também em imagens nas matérias do *JN*, e nesta tônica os exemplos que constatamos em nossa análise também se modificam com os eixos de análise. No caso do *Eixo 01 - a fuga para o Brasil*, verificamos nas produções jornalísticas conteúdos imagéticos que apresentam os imigrantes nas ruas das cidades, nas praças, pedindo esmolas ou caminhando em estradas e trilhas clandestinas. Todas essas cenas, conectadas aos textos da reportagem, e por vezes aos estereótipos já vigentes na sociedade brasileira, representam os imigrantes em situação de desespero, já que falta a eles as condições mais básicas, como alimentos e abrigo. São imagens que articulam-se com os textos sobre a situação precária dos imigrantes e de sua fuga do país vizinho. Da mesma forma, o *Eixo 02- Conflitos entre brasileiros e venezuelanos* possui imagens em suas matérias que remetem ao desespero dessas pessoas, lembrando inclusive indivíduos em situação de rua. As imagens do eixo 02, parecidas com as do eixo 01, têm uma diferença importante. Elas mostram algumas imagens de protestos e ataques às instalações de imigrantes postadas em redes sociais e cenas de conflitos e de violência que ocorreram na cidade de Pacaraima em Roraima. O eixo 02 é, portanto, o que tem as cenas mais intensas e impactantes.

As imagens nas matérias do *Eixo 03 - ajuda e solidariedade de brasileiros* divergem dos eixos anteriores em sua intensidade e ao evitar situações degradantes. As cenas mostradas neste eixo dão um tom mais equilibrado ao qual se une o texto um pouco mais otimista. São imagens que tentam mostrar pessoas já estabilizadas ou que, mesmo em uma situação difícil, estão no caminho considerado certo para melhorar de vida (com a ajuda dos brasileiros). O *Eixo 04 - questões institucionais e normativas no Brasil* possui componentes imagéticos novamente humilhantes ou aflitivos. As matérias geralmente noticiam temas menos conflituosos que os eixos 01 e 02, mas não menos problemáticos às vidas dos imigrantes. As imagens retornam ao uso de caminhadas em estradas fronteiriças, os alojamentos pouco receptivos e longas filas para obter documentação. Vale ressaltar que em todos os eixos

observou-se a utilização de cenas de arquivo quando tratava-se do governo venezuelano ou de protestos ou da crise financeira na Venezuela. Em alguns casos, as imagens já haviam aparecido em notícias anteriores observadas por nós sobre os imigrantes e sobre o país vizinho. Essas imagens muitas vezes pertenciam a agências de notícia estrangeiras, demonstrando a impossibilidade ou desinteresse da Rede Globo em cobrir *in loco* a situação venezuelana. Ressalta-se, porém, que há matérias realizadas diretamente do território venezuelano. Especialmente em 2016, no início do período que aqui analisamos, o repórter do *JN* realizava a cobertura na Venezuela e em matérias relativamente longas, bastante diferente do que veríamos depois, especialmente nos casos de conflito entre venezuelanos e brasileiros.

O segundo eixo de análise, que aglutinou as reportagens com mais atenção aos casos de conflitos entre brasileiros e venezuelanos, permanece representando os imigrantes como um grupo em fuga de um país com graves problemas e também como pessoas desesperadas. Porém, neste eixo há também outras representações, por vezes ainda mais negativas sobre os venezuelanos. Principalmente nas falas de entrevistados ou em vídeos retirados de redes sociais, há o discurso de que os imigrantes poderiam apresentar perigo ou ao menos um desequilíbrio na sociedade brasileira, especificamente em Roraima, onde ainda estavam a maior parte dos imigrantes naquele momento. Há discursos na reportagem que tentam mitigar a opinião contrária dos brasileiros apresentados nas matérias, especialmente considerando as poucas condições em que viviam os imigrantes ou sugerindo que muitos vêm com famílias, o que, como vimos, tende a melhorar a opinião da população local em relação aos imigrantes. Outra questão que parece tentar representar os imigrantes mais como vítimas do que como um movimento negativo ao país é a ideia da desorganização e de que os imigrantes ficam sujeitos às ações dos vários níveis do governo brasileiro, que geralmente é lento ou pouco competente, afirmando então que a acolhida realizada pelo Brasil é precária. Esse será, inclusive, o tema central do *Eixo 04 - questões institucionais e normativas no Brasil*.

Por vezes, percebemos representações que não são necessariamente negativas sobre os imigrantes e que, de fato, pretendem apresentá-los de maneira positiva ao público. No entanto, vimos também que geralmente essa tentativa está conectada a imagem dos imigrantes como vítimas, movidos pelo desespero ou padecendo dos problemas da acolhida brasileira. A comunicação, sendo espaço para a produção dos sentidos dentro de uma cultura, é relevante quando refletimos sobre a situação de pessoas deslocadas transnacionalmente. Discutimos nesta pesquisa o discurso do *JN* em relação aos imigrantes venezuelanos e de que maneira as

representações construídas sobre eles podem impactar suas vidas no Brasil. Em nossa visão, a manutenção do cidadão imigrante em uma condição de desespero ou de vítima por si só já o coloca como subalterno ou em inferioridade em relação ao cidadão nativo do país. Desta maneira, mesmo que a representação não seja negativa, ela impõe algumas problemáticas nos sentidos produzidos pelo discurso em relação aos imigrantes na sociedade brasileira.

O eixo temático que de maneira mais clara nos permite refletir representações positivas e mensagens textuais e imagéticas menos tensas é o *Eixo 03 - ajuda e solidariedade de brasileiros*. Diferentemente dos eixos 01 e 02, aqui percebemos uma ênfase maior sobre os brasileiros do entorno dos imigrantes do que dos próprios venezuelanos. Podemos refletir sobre a atenção que o telejornal tenta dar à caridade e/ou ajuda que o povo brasileiro em geral estaria disposto a dar a estrangeiros que vêm ao país. O discurso da caridade é corrente em matérias jornalísticas e a construção desse discurso se dá tanto em falas que favorecem a ajuda do cidadão comum como uma resposta à incapacidade do estado. É um discurso que pouco aprofunda os temas econômicos e sociais que se relacionam com a situação dos cidadãos que necessitam de tal ajuda.

O *eixo 03 - ajuda e solidariedade* possui, como já comentamos, matérias em média mais longas, incluindo a mais longa entre todas as 49 matérias, que é a reportagem do natal de 2018, intitulada “*Brasileiros ajudam família venezuelana a superar obstáculos desde que chegou ao país*”, com duração de 5 minutos. Esse eixo poderia, portanto, ter tido uma maior profundidade no tratamento dos temas abordados, o que não foi percebido na análise. Apesar de algumas alterações na maneira de representar os imigrantes, esse terceiro eixo segue mostrando o imigrante como um indivíduo em desespero, fugindo de um país economicamente arruinado. A diferença aqui é que a resposta do brasileiro para com essa população seria de ajuda e solidariedade e não de violência como no eixo 02. Vale comentar que essas maneiras diversas de representar a entrada de venezuelanos no Brasil se articulam simultaneamente na cobertura do *JN*. Portanto, a variedade de representações e de discursos que a mídia brasileira exhibe não é suficiente para “potencializar” (BIROLI, 2011) visões “plurais” da temática e nem mesmo complexifica e abrange as diferentes causas da movimentação transnacional e também do impacto da mesma no país de chegada.

Enquanto dá atenção maior aos projetos e atos de solidariedade dos brasileiros, dedicando menos tempo à própria movimentação migratória, o *JN* mantém uma série de estereótipos sobre a Venezuela e sobre os imigrantes daquele país, já que geralmente utiliza falas bastante parecidas das apresentadas em matérias mais curtas. Como dissemos

anteriormente, o tempo mais longo das matérias não condiz necessariamente com um aprofundamento do tema, e, no caso das análises do eixo 03 (*ajuda e solidariedade*), vemos que esse tempo extra apenas é utilizado em um discurso que realça o povo brasileiro e seu suposto apoio aos imigrantes. No eixo 01 (*a “fuga” da Venezuela*), os imigrantes parecem formar personagens do discurso que visa mostrar a Venezuela como um país devastado por diversas crises, e o governo venezuelano, especialmente na figura de seu líder Nicolás Maduro, como o culpado único de tais crises. Entendemos aqui que, ao falar dos imigrantes venezuelanos no Brasil, o interesse jornalístico deste telejornal é, de fato, falar do governo da Venezuela e dirigir críticas à gestão de Nicolás Maduro. Já o eixo 03 trata dos imigrantes venezuelanos como recebedores da atenção que o solidário povo brasileiro dá aos estrangeiros necessitados. Constrói-se algumas diferenças entre os grupos, portanto: entre os brasileiros há aqueles solidários e bem intencionados que ajudam os imigrantes enquanto uns poucos os atacam e usam de violência; entre os venezuelanos há os ligados ao governo, o mesmo que está prejudicando o país, enquanto parte do povo precisa sair de lá em busca de melhores possibilidades. Entre os imigrantes há um pequeno número que pode gerar problemas na sociedade brasileira, enquanto a maior parte quer recomeçar suas vidas e ajudar sua família que ficou na Venezuela. Essas diferenciações (podemos citar outras como imigrantes “qualificados” e não-qualificados) passam a construir discursos que formam o cenário de representação dos imigrantes venezuelanos no Brasil: um grupo em fuga e em busca de emprego para estruturar suas novas vidas. Por vezes, essa vida inclui auxiliar familiares que ficaram na Venezuela; em outros momentos, famílias inteiras vieram ao Brasil, fato que também faz parte das escolhas representativas do jornal.

A reportagem, com frequência, realiza a escolha de buscar em imagens ou citar em seus textos a presença de crianças entre os imigrantes venezuelanos. Uma das matérias mais longas dentre as analisadas é justamente uma reportagem sobre crianças e adolescentes venezuelanos nas ruas brasileiras. “*Crianças e adolescentes cruzam a fronteira da Venezuela com o Brasil desacompanhados*”, veiculada dia 25 de dezembro de 2019, dá especial atenção às dificuldades que crianças e adolescentes desacompanhados têm para conhecer seus direitos e acessar políticas públicas. A utilização de crianças em debates desse tipo chama atenção do público, como não poderia deixar de ser, já que em situações de desigualdade ou de crise humanitária esse grupo social é especialmente vulnerável. Como mostramos em estudos sobre imigrantes no Brasil (AZEVEDO, 2020; CALIXTO et al, 2012), o tema das crianças e

mulheres imigrantes e da reunião familiar ou do movimento transnacional realizado por famílias inteiras tende a projetar mais empatia pelos imigrantes na população local.

Nas matérias analisadas a temática da família é constante, porém apresentada de diversas formas. Há, como comentado, matérias específicas sobre crianças e adolescentes, mas também textos que comentam a presença de mães com seus filhos no colo ou crianças sozinhas nas ruas. Esse assunto é trabalhado desde as primeiras matérias, como na primeira notícia pertencente ao *eixo 02- conflitos entre brasileiros e venezuelanos*, veiculada em 22 de outubro de 2016, com o título “*fugindo da crise, venezuelanos invadem casas em Roraima*”, na qual uma brasileira entrevistada diz que perdeu o ímpeto de expulsar os imigrantes da casa ocupada (pertencente a ela) quando viu ter crianças presentes. De maneira diferente, matérias do *eixo 03 - ajuda e solidariedade de brasileiros* trabalham a ideia segundo a qual se os imigrantes estão longe de suas famílias na Venezuela, eles conquistam novas famílias nos brasileiros que os ajudam. Em nossa análise refletimos que o tema da família pode ser utilizado para aproximar o imigrante da realidade do público, tornando-o mais concreto, real, dentro de representações que tentam ser de certa maneira positivas aos imigrantes. Ao mesmo tempo, famílias de imigrantes tem também um significado mais perene, já que passam a ideia de pessoas que permanecerão mais tempo no país. Por fim, também percebemos a representação do imigrante como um indivíduo que está pronto a se sacrificar pela família e que está disposto a lidar com a saudade e a distância, em um discurso que vai do imigrante como a vítima para o mesmo como um sujeito arrojado e destemido frente ao próprio desespero. Em quaisquer dos casos antes mencionados, vemos que tais abordagens reforçam o quanto a família é valorada pela sociedade brasileira, ou, ao menos, para segmentos dela com os quais o principal telejornal da rede Globo busca se comunicar.

As representações que observamos nesta pesquisa oscilaram das negativas, como as que ligaram os imigrantes a atos ilegais no Brasil; as compreensíveis, que julgam os imigrantes como pessoas desesperadas cujos atos podem ser explicados pela situação na qual se encontram; há também as representações indiretas, que utilizam os imigrantes como explicação de fundo para comentários sobre sujeitos distintos, como as que representam o brasileiro como um povo acolhedor e solidário ou aquelas que representam a Venezuela como um país instável, que estimula a “fuga” de seus cidadãos em busca de vida melhor em outro país. Nestes casos, lidamos com a diferença através de emoção, afeto, medos, como nos indicou Hall (2016) no segundo capítulo da dissertação. As matérias utilizam sentimentos de aproximação e de repulsa do público ao tratar desses assuntos e representa os imigrantes

através desses discursos, consolidando estereótipos ou criando novas representações que corroborem as ideias apresentadas, que, se não são necessariamente negativas, sugerem posições subalternas aos imigrantes ou generalizam casos particulares e criam discursos pouco complexos. Profissionais do jornalismo, por vezes, se colocam como apenas objetivos, minimizando a subjetividade das escolhas que estão por trás de todo o processo de construção do relato. Porém, a utilização da emoção faz parte deste percurso e por vezes é utilizada no texto final e nas imagens escolhidas pelos editores, com o intuito de aproximar e emocionar o público, demonstrar de forma próxima o que o jornalista vivencia e revela. O uso da emoção como comentário da vida dos imigrantes é utilizado nos textos assim como nas imagens. Tal aspecto pode ser pensado como uma tentativa de chamar atenção do público, mas também pode ser a forma encontrada para demonstrar a instabilidade e adversidade da vida do imigrante.

Momentos especialmente tensos da relação Brasil-Venezuela ou da conjuntura política venezuelana tiveram atenção extensa na cobertura do *JN* sobre os imigrantes venezuelanos no Brasil. Período em que Michel Temer ainda estava na presidência da República no Brasil (após o impeachment que derrubou Dilma Rousseff em 2016) e ano de eleições presidenciais no país, o ano de 2018 foi especialmente importante na análise do noticiário sobre a situação venezuelana. Em dois momentos daquele ano principiaram discussões sobre o fechamento ou criação de uma “barreira sanitária” na fronteira entre Brasil e Venezuela. Entre fevereiro e março, o debate se deu em torno do diagnóstico de alguns imigrantes entrando no país com sarampo e malária, juntamente com um surto de sarampo no estado de Roraima, o que provocou uma série de opiniões favoráveis ao fechamento da fronteira. Posteriormente, foi demonstrado que a entrada dos imigrantes não estava ligada ao aumento dos casos de sarampo, mas sim à baixa vacinação da população local. Neste momento (início de 2018), as falas contrárias à entrada livre dos imigrantes eram feitas tanto por autoridades locais quanto por parte da população roraimense. O discurso exacerbado e o crescimento das tensões culminaram em protestos e em ataques contra imigrantes venezuelanos, conforme mostram as cinco matérias do eixo de análise 02 - *conflitos entre brasileiros e venezuelanos*. O que percebemos em nossa análise é que a utilização do termo “barreira sanitária” se dá a partir da tentativa de fechamento da fronteira para, de fato, impedir a entrada dos venezuelanos. No Brasil o fechamento completo não pode ser realizado devido à inconstitucionalidade de proibir a entrada de pessoas na fronteira do país. Dessa maneira, houve tentativas de buscar mecanismos que permitissem esse fechamento sem ferir a lei nacional. Além da barreira

sanitária, houve também propostas de organização da entrada dos imigrantes que barravam momentaneamente ou prolongavam o processo de cruzamento da fronteira, mantendo os imigrantes por mais tempo em questões burocráticas ou impedindo-os de entrar com maior facilidade no Brasil. Exemplos desse último caso são as palavras do então presidente Michel Temer sobre a criação de senhas para a entrada de pessoas ou a obrigatoriedade, aprovada por um juiz de Roraima, da apresentação de passaporte para entrar no Brasil.

Se o início de 2018 teve mais matérias pertencentes ao eixo que trata dos conflitos, em agosto do mesmo ano o que observamos foi a existência de matérias jornalísticas de todos os quatro eixos de análise presentes no mesmo mês. Também observou-se um grande número de matérias sobre a Venezuela nesse período, que não entraram nesta análise. A agitação desse mês deveu-se ao agravamento da crise política venezuelana e o posterior conflito diplomático entre Venezuela e seus vizinhos, especialmente Brasil e Colômbia, além dos EUA. O último aumentou as sanções a alguns políticos venezuelanos e ao próprio país, enquanto os vizinhos da América do Sul alinharam-se numa tentativa de confirmar a posição de Juan Guaidó em detrimento de Nicolás Maduro, visando retirá-lo do cargo. Nesse período houve também um grande número de protestos nas principais cidades da Venezuela, tanto de apoiadores do presidente quanto de opositores. Além disso, é nesse momento o caso dos caminhões de mantimentos que tentaram entrar na Venezuela, tanto via fronteira brasileira quanto colombiana. Organizados pela oposição venezuelana, esses caminhões continham alimentos e produtos básicos destinados à população venezuelana e, segundo a oposição, forneceriam ajuda à população enquanto o governo venezuelano não fosse retirado do poder. Por seu lado, o governo de Maduro afirmava que tais doações faziam parte das tentativas de realizar um golpe de estado contra seu governo, patrocinado pelos EUA e seus apoiadores.

As tensões desse período significaram 14 matérias no *Jornal Nacional*, com todos os eixos de análise abarcados. Além dos casos citados acima, ocorreram questões mais locais noticiadas pelo *JN*, como a formação de mutirões para o atendimento médico aos venezuelanos que chegavam a Roraima, naquele momento mais de 800 por dia. Outro ponto central desse período foi a discussão sobre a necessidade de retirar os imigrantes de Roraima e levá-los a outros estados do Brasil, formando o que foi nomeado de processo de interiorização, organizado pelo governo Federal. Com a interiorização, foram feitas diversas matérias com imigrantes que chegavam a outros estados, geralmente com o tema central da busca por empregos e também da solidariedade de brasileiros que auxiliavam os imigrantes. Esse período é significativo para debatermos e compreendermos as representações que o *JN*

construiu dos imigrantes venezuelanos. Ao mesmo tempo que uma série de matérias apresentavam os imigrantes como possivelmente problemáticos à sociedade brasileira, como nos casos de assaltos envolvendo venezuelanos (que culminaram em casos de xenofobia e linchamentos), também vimos matérias que os mostram como indivíduos vítima, tentando uma vida melhor para si e para sua família. Vale considerar que em diversas matérias, de todos os quatro eixos temáticos, o discurso de "fuga" de um país arruinado por crises, cujo culpado é o presidente do país, é constante e reverbera nos discursos de vítimas e de pessoas desesperadas. Por fim, há a representação acerca das questões normativas no Brasil (eixo 04) em geral tratando de problemas burocráticos e da lentidão para resolver problemas encontrados pelos imigrantes que tentavam circular ou utilizar políticas públicas às quais tinham direito no Brasil. Essas matérias, pertencentes ao eixo 04, representavam o imigrante como um indivíduo dependente das instituições brasileiras ao mesmo tempo que representavam os processos normativos e as instituições nacionais como pouco eficientes e mesmo prejudiciais.

Sendo a linguagem a maneira através da qual as representações são construídas e propagadas em uma sociedade e tendo o discurso poder para modificar e alterar as representações sobre pessoas, organizações, objetos, ideias, etc., então a maneira como algo é denominado tem fundamental importância no modo como será compreendido em sociedade. Em diversos momentos observamos as formas como foram nomeados os imigrantes venezuelanos, mesmo em estudos oficiais. Pesquisas da Agência da ONU para refugiados, por exemplo, hesitam ao nomear os venezuelanos apenas como “cidadãos deslocados”, evitando tanto o termo “imigrante”, que sinalizaria a vontade do cidadão que sai de seu país, quanto “refugiado”, que geralmente está ligada a algum tipo de perseguição ou conflito armado. A tentativa de neutralidade da ONU, nesse caso, se deve a não induzir ou sugerir culpa ao governo venezuelano ao mesmo tempo que fica claro que a saída de seus cidadãos não foi apenas anseio pessoal, mas sim necessidade. Em nossa pesquisa bibliográfica discutimos outras investigações que observaram a utilização na imprensa do termo “refugiados” sem a devida atenção, ignorando seu significado legal.

Em nossas análises observamos que houve também a utilização equivocada desses termos, bem como designações que carregam estereótipos. A maior parte das matérias utilizava “imigrantes” e “venezuelanos” como os termos prediletos, porém também observamos a utilização de refugiados. Neste caso, pode ter sido uma escolha ideológica, já que o termo carrega sentidos relacionados à existência de uma perseguição aos indivíduos ou

graves questões humanitárias no país. Mas também seria possível pensar a utilização de “refugiados” apenas como uma alternativa ao termo “imigrantes”, pois o jornalismo tende a utilizar termos aproximados em seus textos, por vezes ignorando suas profundas diferenças conceituais e de sentidos. Não há como afirmarmos qual foi o caso, mas sabemos ser comum a utilização do termo “refugiados” equivocadamente em muitos relatos jornalísticos. Por fim, também observamos a ocorrência da utilização de “pedintes”, termo marcado por estereótipos e incomum mesmo em seu sentido original, ligado a pessoas em situação de rua. Este último caso, percebido em apenas uma matéria, nos permitiu uma análise interessante, já que a frase da repórter Daniela Branches, de Manaus, “está venezuelana achou melhor viver como pedinte aqui no Brasil”, passou a mensagem tanto da fuga da Venezuela quanto da situação em que se encontraria o país da imigrante. Afinal, mesmo nesta situação ela teria preferido o Brasil. Esse tipo de discurso também fica claro em matéria de José Roberto Burnier que ao citar a “miséria” que os imigrantes estavam vivendo no Brasil afirma que “mesmo assim eles dizem que está melhor aqui do que lá na Venezuela”. As mensagens desses discursos reforçam, por sua vez, a ideia de uma Venezuela instável, da necessidade da fuga e do desespero dos imigrantes, representações entre as mais comuns que observamos em todos os eixos analisados. Direta ou indiretamente, portanto, falar e representar os imigrantes venezuelanos é, na cobertura do *Jornal Nacional* da TV Globo, uma forma de também construir representações sobre a Venezuela.

5 CONCLUSÕES

Iniciamos esta pesquisa com a seguinte pergunta: de que forma o *Jornal Nacional*, telejornal mais importante do jornalismo brasileiro, representa os imigrantes venezuelanos? Para discutir e buscar responder essa questão nos fundamentamos na reflexão sobre representações feita por Stuart Hall - conceito tomado como operador para a análise das matérias veiculadas pelo *Jornal Nacional* e incluídas no *corpus* da pesquisa. Em nossas leituras de Hall e dos Estudos Culturais, destaca-se a importância de observar os contextos, o entorno do que se pesquisa e a conjuntura em que se dão tensões e modificações na sociedade. Como parte da compreensão sobre a forma que o telejornalismo do *JN* constrói imagens dos imigrantes venezuelanos foi necessário também discutir aspectos histórico-contextuais da Venezuela, bem como as dinâmicas da movimentação transnacional influenciada pela globalização e as movimentações migratórias latino-americanas, especialmente no atual cenário de polarização política.

Em nossa discussão política, econômica e social da história recente da Venezuela, mesmo sem nos aprofundarmos fartamente no tema, observamos que as últimas décadas foram de profundas mudanças no país caribenho, juntamente com continuidades históricas. A ascensão do grupo político liderado por Hugo Chávez, em 1998, ocorreu após cerca de cinco décadas de acordos entre partidos políticos de viés conservador, com políticas de aproximação com os EUA, foco na venda de petróleo bruto, sem desenvolvimento da indústria nacional e com pouca participação popular na vida política. Os governos de Chávez mantiveram a dependência venezuelana da venda de petróleo, o que viria a ser um dos problemas futuramente, com a queda do preço deste produto, que causaram crise econômica profunda no país. Entretanto, os anos de Chávez no poder também significaram a ascensão das classes trabalhadoras na participação política, bem como um incremento na qualidade de vida da população.

A chegada de Nicolás Maduro ao poder, após o falecimento de Chávez em 2013, significa a manutenção do chamado projeto bolivarianista no país, porém, seu governo possui algumas diferenças fundamentais. Primeiramente, o cenário externo havia sido consideravelmente alterado, com a chegada de governos de direita e extrema-direita aos países vizinhos, causando choques constantes e mesmo tentativas de forçar a saída de Maduro da presidência. Em segundo lugar, internamente há uma movimentação mais organizada e ampla da oposição, que consegue vitórias eleitorais, mesmo que poucas, e apoio ampliado

tanto entre a população quanto de líderes internacionais. Após algum tempo, a organização oposicionista e a ampla movimentação contrária ao governo de Maduro liderada pelos EUA e por países latinos favoreceu o surgimento de sanções econômicas ao país e alguns personagens políticos venezuelanos. Esse contexto fortaleceu as crises econômica e política, favorecendo o cenário de crise humanitária que o noticiário brasileiro passou a apresentar, o que por sua vez agravou ainda mais as crises. O ciclo negativo venezuelano passa a chamar a atenção do noticiário brasileiro em 2016 com a chegada constante de imigrantes pela fronteira norte do país. Os dados mostram que em 2015 já houve um crescimento importante do número de imigrantes, o que demonstra atraso do jornalismo em perceber essa movimentação e em realizar a cobertura desse tema que seria significativo nos próximos anos.

A complexidade do atual panorama da movimentação transnacional articula-se, como vimos, com as mudanças na geopolítica mundial nas últimas décadas, em particular após o fim da Guerra Fria. A globalização alterou a maneira como a movimentação se dá entre países, facilitando as transferências financeiras e a instalação empresarial enquanto intensifica a disputa entre países e pessoas desfavorecidos e encoraja os discursos protecionista, nacionalista e, em última instância, xenofóbicos. As movimentações transnacionais já foram, no passado, parte de interesses políticos e governamentais, assim como também fizeram parte de acordos entre nações e mesmo das estratégias coloniais. Portanto, muitas vezes as migrações eram estruturadas ou coordenadas por governos nacionais. Atualmente, como vimos em pesquisas sobre o tema, a migração passou a ser mais ampla, envolvendo mais países e mais áreas, além disso, é menos padronizada e mais espontânea. O número de pessoas migrantes aumentou nas últimas décadas, bem como o número de países dos quais saem emigrados. Em suma, todo o cenário da migração tornou-se mais complexo e diversificado, incluindo mais atores e áreas geográficas e maior número de cidadãos. A imprensa, por sua vez, favorece a cobertura das migrações, tendo em vista a atenção dada pela população em geral a esse assunto e os diversos temas aos quais é possível vinculá-la, desde casos conflituosos até cenas de desespero, passando por ações de solidariedade e histórias de redenção e conquistas.

A mídia constrói discursos sobre os imigrantes e apresenta representações que, em circulação e/ou tensionadas culturalmente na sociedade, transformam a maneira como o grupo social é percebido na coletividade. As pesquisas que abordam a relação da mídia jornalística com a movimentação transnacional tratam dos discursos e da maneira como o jornalismo influencia a vida desses cidadãos. Muitas vezes investigando quais caracterizações a imprensa

apresenta dos imigrantes e como ela discorre sobre suas identidades, por vezes estereotipando-os. Constantemente, as pesquisas sobre a cobertura midiática das migrações evidenciam como a imprensa retrata o imigrante como “o Outro”, diferenciando-o constantemente do cidadão local, de seu público, portanto. Baseando-se na diferença, a cobertura jornalística mantém discursos como o do outro “exótico”, como o estrangeiro entrando em dada sociedade e a imprensa posiciona esse Outro no corpo social, situando-o em determinada posição, geralmente de inferioridade. Muitas vezes a imprensa falha também em apresentar a voz dos imigrantes diretamente; utilizando-os como fonte, uma mídia jornalística permitiria a eles a construção da própria identidade. Ligado a isso está a constante falta de profundidade apontada pelas pesquisas. Em muitos momentos, a imprensa pouco complexifica o contexto no qual se dá a movimentação migratória, além de algumas vezes simplificar casos particulares, promovendo generalizações e mantendo ou criando estereótipos.

Verificamos que diferentemente do discurso que segue as migrações históricas, a migração na atualidade não é vista de maneira humanizada e nem há foco na inserção na sociedade desses grupos. O que vimos é a cobertura sobre temas pontuais, específicos e discursos de lugar-comum, como o foco no tema do trabalho, no afastamento dos familiares que ficaram no país, ou em conflitos sociais que envolvem os imigrantes. A posição do migrante frequentemente é vista entre a indiferença e a intolerância por grande parte da sociedade, mesmo nos casos da migração histórica que comentamos. Quando da chegada de imigrantes europeus e japoneses, no final do século XIX e início do XX, houve casos de preconceito e hostilidade contra esses cidadãos, mesmo que na atualidade a relevância desses grupos para o Brasil seja reconhecida. Na Europa, por exemplo, as discussões atuais sobre os imigrantes contém o dualismo de valorização dos chamados imigrantes de segunda geração, os filhos de imigrantes, e as tentativas de barrar ou dificultar a entrada de novos imigrantes, especialmente do continente africano e do Oriente Médio.

As pesquisas sobre migração e jornalismo que discutimos neste trabalho dissertam sobre uma grande gama de assuntos e também convergem em algumas questões relevantes. No último ano, por exemplo, percebemos as pesquisas que tratavam da vida dos imigrantes durante a pandemia de Covid-19 e de que maneira eles foram impactados. Enquanto percebemos que as matérias sobre imigrantes venezuelanos no *JN* foram nulas em 2020, os números sobre esse grupo mantiveram-se bastante próximos dos anos anteriores. Isso nos permite refletir que o tema foi substituído pela cobertura sobre a pandemia e também que um

grande grupo de pessoas se arriscou (ainda mais que anteriormente) nesse período em busca de uma modificação em suas vidas. Em muitos momentos, portanto, percebemos que há um aumento ou diminuição da atenção da imprensa sobre o tema da movimentação transnacional que não necessariamente é correlato com os números de entrada de pessoas no país.

Em nossas discussões teóricas, apresentadas sobretudo no capítulo 2, centralizamos, como diria Stuart Hall, a cultura e as modificações sociais promovidas pelas tensões que as representações permitem em dada sociedade e tempo. Ao discutirmos as representações promovidas pela mídia sobre os imigrantes venezuelanos participamos também da promoção de tais tensões. A imigração possui uma diversidade de possíveis representações e, como vimos em nossas análises, elas podem ser negativas, podem promover sentimentos próximos entre o público, são capazes de tentar colocar os imigrantes como importantes agentes sociais, mas também como fomentadores de problemas sociais e conflitos. Uma única matéria não abarca todas essas questões e de maneira ampla, pode-se perceber que cada matéria também faz parte das mudanças de representação, da criação de estereótipos, das possibilidades de aceitação e respeito que os imigrantes necessitam por parte dos outros cidadãos.

A representação é um conceito que pode ser utilizado em diversas áreas do conhecimento e possui uma ampla variedade de significados. Vimos algumas delas em nossa pesquisa, porém nos dedicamos em particular na maneira como os Estudos Culturais Britânicos lidam com o tema, em especial na conceituação de Stuart Hall. O autor, ele próprio imigrante, nos foi fundamental para analisarmos a representação a partir de conceitos e particularidades que ele sustenta em seus textos. Além da forma como se representa algo ou alguém, Hall também evidencia a necessidade de considerarmos os contextos, a época, as motivações que formam o pano-de-fundo dos temas considerados. As representações se referem à maneira como o sujeito percebe algo: como o seu mapa conceitual ou a cultura na qual está inserido se articula com a linguagem, com a mensagem que ele recebe e assim constrói uma representação. O discurso da imprensa produz um sentido dentro de dada cultura, utilizando a linguagem e formas de passar a mensagem que o público compreende e que une a sua própria linguagem e construção individual para, então, criar representações.

Como a produção de sentido se dá pela linguagem, criando assim uma representação, torna-se fundamental compreender como a construção do discurso pela imprensa ocorre, e ainda de que maneira ela pode influenciar as vivências e a posição real dos imigrantes em uma sociedade. Por isso, demos especial atenção a alguns aspectos da produção jornalística que aqui analisamos, observando a maneira como os imigrantes venezuelanos foram

nomeados, de que forma imagens deles foram construídas nas matérias, em quais momentos percebemos sua invisibilidade ou diminuição enquanto indivíduos particulares sem possibilidades de evidenciar suas identidades. E, por fim, não apenas a maneira como eles foram representados em cada matéria, mas a forma como se deu a cobertura sobre a migração venezuelana no período aqui analisado, quais modificações percebemos e, especialmente, como se mantém certas representações e falhas em explorar com mais profundidade essa movimentação migratória.

Tomando as representações como conceito operador, trabalhamos com um modelo de análise no qual reunimos eixos temáticos baseados nos assuntos centrais das notícias analisadas. Para clarear nossas indagações foram examinados seis anos de programação do *Jornal Nacional*, de 2015 a 2020, que nos permitiram identificar 49 matérias sobre a migração venezuelana para o Brasil. Após leitura das notícias nomeamos quatro eixos temáticos: “*a fuga para o Brasil*”, que totalizou 19 unidades de análise; “*conflitos entre brasileiros e venezuelanos*”, com 18 unidades; “*ajuda e solidariedade de brasileiros*”, com 05; e “*questões institucionais e normativas no Brasil*”, com 07 matérias. Nossa análise objetivou analisar semelhanças e correspondências entre as matérias de cada eixo temático, porém, também se mostrou relevante compreender semelhanças e oposições entre os eixos. Além disso, perceber de que maneira outras matérias sobre a Venezuela, totalizando 210, que também foram veiculadas no mesmo período de tempo, formaram um pano-de-fundo para a cobertura sobre imigrantes venezuelanos no Brasil. Essas matérias não foram analisadas individualmente, como expomos anteriormente, porém, formam a conjuntura com a qual o *JN* apresentou a Venezuela e os seus cidadãos que entravam no Brasil e nos permitiram aprofundar e contextualizar ainda mais nossas análises.

Nossas análises mostram que, por vezes, ocorrem pré-concepções e rótulos ao descrever e comentar os imigrantes venezuelanos. Em alguns momentos, parece ser a falta de tempo de uma reportagem televisiva que pressiona o uso de um termo incorreto ou de alguma generalização. Porém, percebemos também que as reportagens mais longas também mantiveram diversas concepções incorretas ou pouco exploraram o assunto tratado, mantendo a mesma superficialidade percebida em matérias curtas. Trazemos novamente as ideias de Hall que aponta ser importante o contexto e conjuntura daquilo que se estuda para formar o entorno necessário à sua compreensão. Em momentos importantes não percebemos esse encadeamento de ideias e contextos na cobertura sobre a migração venezuelana ao Brasil. Na verdade, no caso dos períodos com maior número de matérias, como em agosto de 2018

quando foram analisadas 14 matérias, contendo notícias pertencentes a todos os eixos de análise, as generalizações foram ainda mais perceptíveis. Com o passar do tempo de cobertura, as explicações ficaram ainda mais simplificadas. Conjecturamos que isso possa ter se dado por uma ideia de que o público já conhecia o assunto e, portanto, necessitava de menos explicações. Porém, pouco foi visto das circunstâncias da crise econômica venezuelana ou das motivações ideológicas por trás da oposição internacional em relação ao governo Maduro. Referente aos imigrantes venezuelanos, foram poucos os momentos com espaço para suas falas e mesmo histórias mais longas foram apresentadas em apenas um aspecto, como o enfoque dado à busca por emprego. Um ponto importante é o significativo aumento da cobertura sobre imigração venezuelana durante o período eleitoral em 2018. Em uma eleição marcada por notícias falsas e discursos que utilizaram o medo e percepções emotivas, a ampla cobertura, posicionando o governo venezuelano como único culpado pela piora da economia do país e subsequente necessidade da saída de cidadãos venezuelanos, auxiliava no discurso que tentava ligar a esquerda à corrupção, incompetência e autoritarismo.

O emprego é fundamental na cobertura jornalística e na pesquisa científica sobre a imigração, pois efetivamente é um tema central na conjuntura da movimentação transnacional. No caso aqui analisado o enfoque se dá não apenas na necessidade de emprego para manutenção pessoal ou mesmo ajuda aos familiares, como pode ser em outros casos, mas corrobora com uma ideia geral de falta de condições na Venezuela. Nesse caso, a representação recorrente é a de uma fuga em massa de um país devastado por uma crise política e econômica cujo culpado principal é o governo bolivarianista de Nicolás Maduro, com viés ideológico diverso daquele da mídia hegemônica brasileira, nomeadamente da *Rede Globo* aqui analisada em seu principal telejornal. O *Jornal Nacional* remete a alguns poucos motivos para a crise econômica venezuelana, em geral resumida na incompetência de seu governo, unida à perseguição de opositores (causando conflitos) e descontrole com as contas públicas (causando inflação). Por vezes, ao tratar dessa maneira o governo e a situação venezuelana, os cidadãos que saem do país são colocados como parte dessa problemática, mas sem ter suas realidades aprofundadas e explicitadas. Entrementes, a representação dos emigrantes em “fuga” do país é também a representação de um país devastado pelas crises econômica, política e humanitária; um país sem condições de sustentar e dar oportunidades aos seus cidadãos que, sem alternativa, buscam melhores possibilidades nos países vizinhos.

A organização do material empírico e categorização em eixos temáticos nos possibilitou organizá-lo por grupos de relatos com relativa proximidade temática, o que nos deu sugestão

da maneira como efetuar a análise. Os quatro eixos temáticos (“a ‘fuga’ para o Brasil”, “conflitos entre brasileiros e venezuelanos”, “ajuda e solidariedade de brasileiros”, “questões institucionais e normativas no Brasil”) foram organizados de maneira a evidenciar a ênfase principal que percebemos em cada matéria de cada eixo. Ao explicitar as representações identificadas em cada matéria, percebeu-se que elas se relacionam e que tanto existem algumas representações que se mantém habituais durante o período analisado, quanto há uma mudança gradual na maneira de representar do *JN*, com menos representações negativas, porém sem aprofundar-se nas questões prementes da situação venezuelana.

O eixo 01 “a ‘fuga’ para o Brasil” contempla o maior número de matérias, com 19 produções, e mostrou-se o eixo com variedade mais ampla de temas e o mais abrangente nos assuntos centrais tratados nas matérias. Observamos neste eixo a representação recorrente de pessoas em fuga de um país assolado por graves crises. O discurso da “fuga” muitas vezes não explica propriamente qual a motivação dessa “fuga”, deixando a entender a possibilidade de violência ou perseguição política. Invariavelmente, compreende-se, pelas entrevistas veiculadas com imigrantes, que sua motivação é financeira e reside na necessidade de melhores condições econômicas para si e sua família. As primeiras impressões que percebemos no início da cobertura do *JN* girou em torno do “abandono” da vida na Venezuela e da chegada “desordenada” e “intensa” no Brasil. Especialmente o estado de Roraima foi impactado e a maior parte das matérias dos três primeiros anos de cobertura se deu nesse estado do Norte do Brasil. Naquele momento, as imagens mostravam pessoas nas ruas das capitais de Roraima e Amazonas, em trabalhos informais, com poucas perspectivas, e, em alguns momentos, os imigrantes são ligados a crimes. Os imigrantes são representados como sujeitos deixados à mercê das instituições brasileiras, que muitas vezes não são capazes de oferecer seus serviços com qualidade, prejudicando a entrada dessas pessoas. Por vezes, ainda ocorrem obstáculos intencionais para impedir a entrada das pessoas, como nos casos de tentativa de fechamento das fronteiras e pedidos de apresentação de passaporte. Ligado ao tema anterior está a tentativa de criar uma barreira sanitária, após suspeitas (não confirmadas) de que o aumento de casos de sarampo e malária em Roraima seria culpa dos imigrantes. Os imigrantes, naquele momento, passam a ser representados como uma ameaça à saúde pública e se multiplicam opiniões defendendo algum tipo de barreira que dificulte sua entrada no Brasil, especialmente atores políticos de Roraima e Manaus se mostram favoráveis a essas propostas. Salientamos ser inconstitucional qualquer tentativa de bloquear a entrada de imigrantes, especialmente em casos de necessidade humanitária.

Algumas matérias do eixo 01, comentadas acima, contém representações dos imigrantes em conflito e em situações hostis, como protestos por fechamento de fronteira, por exemplo. Esses casos são frequentes nas produções reunidas no *eixo 02 “conflitos entre brasileiros e venezuelanos”*, que versam especialmente sobre ocorrências de violência envolvendo a população migrante, seja em situações de crimes, seja enquanto vítimas da violência xenofóbica de alguns brasileiros. Foi significativo no período inicial da cobertura, especificamente 2016 e 2017, os casos de agressão de imigrantes que tinham suspeita de estarem envolvidos em crimes e também a expulsão de imigrantes venezuelanos de residências e mesmo de abrigos municipais. Os casos mais graves ocorreram na cidade de Pacaraima em Roraima, principal ponto de entrada dos imigrantes no Brasil. Vale salientar que esses casos deram-se anteriormente ou pouco após o início do programa de interiorização, que objetivou transportar imigrantes venezuelanos para outros estados do país. O eixo de análise no qual agrupamos as matérias que apresentam conflitos também é o eixo que possui as mais fortes situações retratadas em imagens, nas quais são mostradas cenas violentas e discursos raivosos contra os imigrantes, na voz de populares brasileiros contrários à entrada daquelas pessoas. Por parte do *JN* percebe-se o uso constante da temática da fuga, representando os imigrantes como desesperados, em busca especialmente de alimentos, os quais estariam em falta na Venezuela.

Antagonicamente a essas imagens violentas e tensas, o *eixo 03 “ajuda e solidariedade de brasileiros”* possui as cenas mais amenas. As matérias desse conjunto enfocam indivíduos e não grupos de migrantes, portanto não há as imagens comuns de abrigos e de acampamentos nas ruas. Também as matérias são mais longas e possuem invariavelmente alguma entrevista com imigrantes, além de mostrá-los em situações que os humanizam mais, como em seus trabalhos e em suas casas. Este é um eixo de análise interessante especialmente pela forma diferenciada que trata os imigrantes e como dá atenção às ações de brasileiros. Percebemos novamente o discurso do desespero e da fuga da Venezuela, porém, com enfoque na busca pelo trabalho e por um recomeço, representando o governo venezuelano como culpado principal da situação na qual se encontram os imigrantes. Por outro lado, são os brasileiros aqueles que ajudam e promovem melhorias nas vidas dos imigrantes, auxiliando-os com alimentos, emprego, moradia e acolhimento. Algumas matérias, como já observado, recorrem às adversidades dos imigrantes para representar a Venezuela como um país arruinado ou seu governo como causador único da situação conturbada na qual o país está inserido. Da mesma forma, matérias do eixo 03 utilizam a situação dos imigrantes para representar o brasileiro

como um povo hospitaleiro e que auxilia os estrangeiros em necessidade. Diversas dessas matérias representam os imigrantes em fuga, em desespero ou ainda como pessoas em busca de uma nova vida em outro país, tentando ajudar seus familiares que ainda vivem na Venezuela. Porém, percebemos que parte do enfoque das matérias é mesmo em projetos de solidariedade ou em ações individuais de brasileiros em auxílio a imigrantes. Unido à ideia de um povo solidário, essas matérias também destacam uma espécie de laço de família que alguns brasileiros têm em relação a esses imigrantes aos quais eles ajudam. A intenção das matérias parece ser projetar um discurso de que os brasileiros formariam uma nova família dos imigrantes, distinta daquela que ficou na Venezuela. Tal aspecto lembra-nos dos discursos de assimilação, pelo qual um grupo imigrante apenas é aceito quando pouco de sua cultura e identidade ainda está presente.

Por fim, o eixo 04 “*questões institucionais e normativas no Brasil*” reuniu matérias que destacam acontecimentos e ocasiões nas quais instituições brasileiras prejudicaram ou conduziram de maneira adversa a vida de imigrantes venezuelanos. Neste eixo também observamos representações dos imigrantes como necessitados. Porém, o destaque aqui é dado não tanto a entrada dos imigrantes, mas a sua manutenção após um período de tempo, com a atenção recaindo sobre a busca por emprego e em questões normativas trabalhistas. Diferentemente dos eixos 01 e 02, que possuem grande número de matérias durante os anos de cobertura analisados, o eixo 04 possui a maior parte das matérias correspondentes em um período curto de tempo, cerca de um mês. Essa questão altera a forma como percebemos as representações marcadas neste eixo: aqui se vê também os discursos sobre uma fuga da Venezuela, mas há também tentativas de humanizar e interceder favoravelmente aos imigrantes. A defesa aos imigrantes se dá, dessa vez, não pela crítica ao governo venezuelano e sim para o governo e instituições brasileiras, representados negativamente como pouco competente, de pouco auxílio aos imigrantes e com interesse no fechamento da fronteira com o país vizinho, neste último caso, especialmente os grupos políticos do estado de Roraima e do município de Manaus no Amazonas.

Para concluir, nossos resultados permitem refletir que a cobertura do *Jornal Nacional* sobre os cidadãos venezuelanos que entraram no Brasil nos últimos anos concentra-se em alguns poucos aspectos da conjuntura que envolve essa movimentação. O telejornal pouco complexifica a situação dos imigrantes ou de seu país, bem como ignora diversos aspectos que envolvem a maneira como o Brasil recebe os imigrantes e estrangeiros em geral. Para nós, um dos papéis do jornalismo poderia ser o de facilitar o acolhimento e a integração dos

cidadãos imigrantes na sociedade brasileira. Quando o jornalismo singulariza em excesso o tema da notícia, deixando de considerá-lo multifacetado, e não se permite ultrapassar os estereótipos vigentes sobre os imigrantes, concentrando-se em questões pontuais ao invés de considerar conjunturas mais amplas e pontos-de-vista divergentes, ele não contribui para uma mudança positiva na vida desses cidadãos. Em nossas análises percebemos que algumas matérias tinham de fato entrevistas com imigrantes, porém o que observamos é que elas são breves e pouco aprofundam em questões substanciais da migração. Observamos que os imigrantes são representados como um grupo homogêneo, em fuga de um país devastado pela crise econômica e política. Imigrantes são representados em busca constante por um emprego e em diversos momentos o enfoque da matéria vai da ajuda que os imigrantes recebem, aos esforços que eles fazem para se manter no país, mesmo com tantas dificuldades. O imigrante aparece como alguém em constante movimento para tentar melhorar de vida, lutando contra a saudade da família, ou as adversidades em um novo país, ou com a falta de víveres básicos, porém, simultaneamente, ele pouco é representado como cidadão pleno ou com capacidade para realizar seus objetivos.

Na tentativa de expandir essas discussões, o jornalismo poderia, por exemplo, realizar entrevistas mais complexas com indivíduos de grupos organizados de imigrantes, que debatem e pleiteiam melhorias para as vidas de indivíduos migrantes. Em nossa visão, não houve um discurso propriamente contrário aos imigrantes nas matérias do *Jornal Nacional*. Mas isso por si só não significa que há um caminho para o acolhimento desses cidadãos, já que há um número de representações que ainda os marcam em estereótipos, bem como os apresentam enquanto vítimas e alvo de piedade. Poucos são os momentos em que há uma promoção da autonomia desses cidadãos ou favorecimento de sua emancipação.

Pesquisas futuras podem aprofundar e contribuir para o que foi aqui explanado. Percebemos que há pouca variedade nas formas como o jornalismo do *JN* representa os imigrantes, muitas vezes apoiando-se em estereótipos para representá-los. Um estudo que busque na produção jornalística as motivações para essa manutenção, com enfoque nas características e escolhas na cobertura sobre imigrantes, pode favorecer essa modificação. Por outro lado, pesquisas sobre a maneira como os cursos de jornalismo e comunicação discutem a forma de realizar coberturas jornalísticas sobre os mais diversos grupos sociais, também podem nos dar respostas sobre o porquê da manutenção de algumas formas de narrar o mundo, como as percebidas neste estudo. Por fim, tanto nos cursos de graduação em jornalismo quanto nos veículos jornalísticos, parece fundamental discutir e pesquisar sobre de

que maneira se pode tratar a alteridade dentro do jornalismo, não com base em estereótipos e na diferença como exótica, mas na valorização da multiplicidade e do potencial que há no contato entre culturas, ideias e pessoas.

Relacionado a isso, seria possível estudar especificamente a maneira como grupos de imigrantes estão inseridos nos debates sobre políticas públicas para a migração no Estado brasileiro e como esse grupo está incluído na produção jornalística. Pode ser de interesse, além disso, refletir não apenas como os imigrantes aparecem na imprensa, mas como a mídia é inserida nas instâncias que gestam políticas públicas específicas para a migração. Utilizando a metodologia aqui apresentada, futuras pesquisas podem ampliar o tempo de análise para o mesmo veículo aqui pesquisado ou debruçar-se sobre outros veículos brasileiros, o que poderia explicitar se há continuidades ou mudanças entre os diversos veículos de mídia do país. Por exemplo, se há diferenças entre diversos veículos da chamada grande mídia, ou ainda, as diferenças (se há alguma) entre veículos da mídia hegemônica e alternativa. Um aprofundamento interessante em relação ao *corpus* aqui apresentado é a relação entre as matérias sobre os imigrantes e àquelas sobre o país do qual emigram. Parece de interesse refletir se ocorrem diferenças entre o caso venezuelano e o de outros locais, como o haitiano no Brasil ou o de outros países, como o caso dos africanos que migraram para a Europa, movimento bastante comentado pelo *JN* também. Por fim, algumas perguntas ainda se apresentam para novas pesquisas a partir de nossas reflexões, entre as quais: de que maneira pode-se pensar mudanças no ensino do jornalismo para que a voz dos imigrantes seja apresentada de maneira mais complexa, não apenas como afirmação das manifestações do repórter? Qual o papel do jornalismo na tentativa de ampliar o espaço da cidadania para imigrantes no Brasil?

Nossa pesquisa partiu de um questionamento simples, que pretendia compreender como eram representados, no jornalismo brasileiro, os imigrantes venezuelanos no período de maior destaque da entrada deste grupo social no país. A análise das representações dos imigrantes venezuelanos nos permitiu refletir acerca das maneiras como grupos sociais, especialmente aqueles em situação instável e insegura, são muitas vezes discutidos e retratados em sociedade. Em nossa pesquisa observamos que o *Jornal Nacional* não representa de maneira necessariamente negativa os imigrantes e, por vezes, dá um amplo espaço às suas falas. Mas isso é feito de maneira pouco complexa e sem problematizar uma série de questões de fundo que estão no cerne das movimentações transnacionais. Falta ao veículo representar essas pessoas como cidadãos em movimento e expôr o contexto multifacetado que compõe a

migração. O jornalismo enquanto prática social e meio de disseminação de representações e de construção de posições de poder na sociedade necessita perceber a relevância dessa condição, para possibilitar novas conjunturas, novos caminhos para mudanças sociais e ampliação do reconhecimento de imigrantes como cidadãos plenos de direitos.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Ângela. As representações sociais: desafios de pesquisa. **Revista de Ciências Humanas**, v. especial, p. 9–23, 2002.
- ANSELMO, Caio Alexandre Capelari. **A nova lei de migração brasileira nº 13.445/17 sob a perspectiva dos fluxos migratórios mistos**. 2019. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.
- AZEVEDO, Marcela Cristina Andrade de. **Percepções e vivências de cuidado em saúde de mulheres haitianas residentes em São Paulo**. 2020. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2020.
- BASTOS, Julia Pedroni Batista; OBREGÓN, Marcelo Fernando Quiroga. **Venezuela em crise: o que mudou com Maduro?**. Derecho y Cambio Social, Lima, n. 52, 2018.
- BAUMAN, Zygmund. **Globalização: As Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999.
- BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007
- BECKER, Valdecir; ALVES, Kellyanne Carvalho. Análise da queda da audiência do Jornal Nacional e os impactos no telejornalismo. **Comunicação & Inovação**, [s. l.], v. 16, n. 32, p. 87–102, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ci.vol16n32.3348>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- BENHABIB, Seyla. **The Rights of Others: Aliens, Residents, and Citizens**. Cambridge University Press, New York, 2004.
- BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, p. 71–98, 2011.
- BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Cidadania e Direitos: Aproximações e Relações**. In: BOTELHO, A. SCHWARCZ, L. M. (Org.) Cidadania, um projeto em construção - minorias, justiça e direitos. 1a edição, São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: E-compós**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 1-33, jan. 2011.
- BRASIL, Deilton Ribeiro. As dimensões políticas, sociais e econômicas da nova lei de migração brasileira e os direitos humanos em uma sociedade globalizada. **Argumentum**, Marília/Sp, v. 19, n. 3, p. 757-774. Set-dez. 2018. Trimestral. Disponível em: <http://ojs.unimar.br/index.php/revistaargumentum/article/view/573>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- BRIGNOL, Liliane, CURI, Guilherme. Repensar a noção de “crise migratória”: Por uma cobertura jornalística ética e humanitária sobre as dinâmicas de mobilidade humana. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**. 2021.

CALIXTO, Fernando Morelli *et al.* Pró-saúde: uma resposta para a necessidade de informações de mães imigrantes na região central da cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 223–227, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-55022012000400010>. Acesso em: 8 abr. 2021.

CAMARGOS, Renato Peterli. **Associações e memória da imigração italiana em Venda Nova do Imigrante-ES (1959-2020)**. 2020. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Salgado de Oliveira, São Gonçalo-RJ, 2020.

CARMO, Monielly Barbosa do. **Telejornalismo no globoplay: as estratégias enunciativas na arquitetura de disponibilização do jornal nacional**. 2021. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação,, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Desing, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/215829>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CASTRO, Mariana de Araujo. **Migração, substantivo feminino: o fazer-se existente das mulheres criollas venezuelanas em Boa Vista (RR)**. 2020. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Políticas Públicas em Direitos Humanos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília. **Relatório Anual 2020 - resumo executivo**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020a. Disponível em: <http://abpa-br.org/relatorios/>. Acesso em: 24 de abr de 2021.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília. **Imigração e Refúgio no Brasil**. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020b.

CERQUEIRA, Sara Lucia Moreira de. **O Haiti É Aqui: Discussões sobre a cidadania cosmopolita à luz da diáspora haitiana no Brasil**. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

CHAVES, Ana Luísa Costa. **Uma análise crítica da construção discursiva das identidades dos refugiados e dos imigrantes pela imprensa**. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direitos Humanos, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32067>. Acesso em: 08 ago. 2021.

CHIMENTÃO, Barbara. **Imigrantes franceses no paraná: o caso da colônia argelina (1868-1890)**. 2018. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/57897/R%20-%20D%20-%20BARBARA%20LETICIA%20CHIMENTAO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 jul. 2021.

COELHO NETO, Agripino Souza. Migrações, mobilidade da população (e do trabalho) e a covid-19: condicionantes e implicações. **Pegada - A Revista da Geografia do Trabalho**,

[S.L.], v. 21, n. 3, p. 361-384, 2 mar. 2021. Pegada Eletronica. <http://dx.doi.org/10.33026/peg.v21i3.7801>. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/7801>. Acesso em: 05 out. 2021.

COGO, Denise. O outro imigrante: das estratégias de mediação das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira. **Ciberlegenda** (UFF), Rio de Janeiro, v. 1, n.10, p. 1-11, 2002.

_____. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Rio de Janeiro: E-papers; Brasília, DF: CSEM, 2006.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Entre a 'fuga' e a 'invasão': alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista Famecos**, v. 23, p. 1-18, 2016.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Media, racism and haitian immigration to Brazil. In: RETIS, Jessica; TSAGAROUSIANOU, Roza. (Org.). In: **The Handbook of Diasporas, Media, and Culture** (Global Handbooks in Media and Communication Research). 1ed. Hoboken - New Jersey, EUA: Wiley-Blackwell, 2019, v. , p. 151-164.

COGO, Denise; SANTOS, Deborah Rodriguez. **Diáspora cubana en Twitter: impactos de la Covid-19 en las movilizaciones por derechos migratorios**. [CyCL] Controversias y Concurrencias Latinoamericanas, v. 12, p. 123-157, 2021.

CORRÊA, Laura Guimarães; SILVEIRA, Fabrício José N. da. **Representação**. In FRANÇA, Vera. V.; MARTINS, B.G.; MENDES, A. M. (Org.). Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em Comunicação. 1ed. Belo Horizonte: PPGCOM-UFMG, 2014.

COSTA, Andreia da Silva. **O direito de imigrar na nova lei de migração brasileira e em seu decreto regulamentador: um projeto não humanitário**. 2018. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Direito Constitucional, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2018.

COSTA, Edwaldo; LAGE, Nilson; TAKAHAMA, Suélen Keiko Hara. Xenofobia contra migrantes e refugiados venezuelanos estimulada pela desinformação da imprensa no Brasil. **Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil 2**, [S.L.], p. 47-58, 26 out. 2020. Atena Editora. <http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.9312026104>. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/43329>. Acesso em: 28 set. 2021.

COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina. **Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional**. Revista Alterjor, v. 01, n. 1, p. 1-16, 2010.

CUNHA, Ana Paula da. **Votar ou não votar? Um estudo sobre o reconhecimento do direito de voto para refugiados**. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CZAIKA, Mathias; HAAS, Hein de. **The Globalization of Migration: Has the World Become More Migratory?** International Migration Review, Nova Iorque, vol. 48, p. 282-323, 2015.

DA F. SIMÕES, Gustavo. **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24824/978854441997.7>

DU GAY, Paul; HALL, Stuart; JANES, Linda; MACKAY, Hugh; NEGUS, Keith. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony walkman**. 2. ed. Londres: SAGE Publications, 2013

DUVEEN, Gerard. **O poder das ideias**. In. **Representações sociais** - investigações em psicologia social. Ed. Vozes, 8a edição, Petrópolis, RJ, 2011.

ELHAJJI, Mohammed. Mapas subjetivos de um mundo em movimento: migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación**, v. 13, n. 2, 2011.

_____. Comunidades diaspóricas e cidadania global: o papel do intercultural. **ESFERAS** - Revista Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação do Centro Oeste, v. 01, p. 145-151, 2014.

_____. Migrantes, uma minoria transacional em busca de cidadania universal. in: XXV Encontro anual da compós, 2016, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Compós, 2016. p. 01-16.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Stuart Hall: esboço de um itinerário biointelectual. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. N.21, agosto de 2003. P. 61-74.

_____. **Estudos culturais**: uma introdução. In SILVA, T. T. (Org.). O que é, afinal, estudos culturais? 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 135-166

ESCUADERO, Camila. (2021). **O “nós” e o “outro” no discurso midiático tradicional e comunitário sobre imigrantes**: uma proposta de atualização a partir de Simmel e Park. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico* 27 (1), 85-93. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5209/esmp.71259>. Acesso em: 08 ago. 2021.

FERREIRA, Érica Reis Jeffery. **Enquadramentos da imigração venezuelana no Brasil no Jornal Nacional**: cidadania e direitos humanos em uma análise televisual. 2020. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10630>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FGV DAPP. **A economia de Roraima e o fluxo venezuelano**. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/publicacao/a-economia-de-roraima-e-o-fluxo-venezuelano/>. Acesso em 04 de setembro de 2020.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representação, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (Org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Puc Rio; Ideias & Letras, 2004. p. 13-26.

GODEIRO, Mariana Gurgel. **Comunicação e narrativas de uma imigrante nordestina em São Paulo no contexto do coletivo teatral Estopô Balaio**. 2020. 143 f. Dissertação

(Mestrado) - Curso de Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing – Espm/Sp, São Paulo, 2020.

GODOY, Jéssica Monteiro de. **A construção das representações de identidade latino-americana no telejornalismo brasileiro**: enquadramentos da cobertura eleitoral no Repórter Brasil Noite e Jornal Nacional. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Bauru, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/157334>>. Acesso em: 08 out. 2019.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**, Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **E-Compós**, v. 8, p. 1–31, 2007.

GOMES, Itania Maria Mota et.al.. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. In: CONGRESSO INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

GONÇALVES, Isadora d'Avila Lima Nery. **Solicitantes de refúgio no Brasil** in: ELHAJJI, Mohammed; PARDO, Catalina Revollo; AGUIAR, Gabriela Azevedo; ÁVILA, Otávio Cezarini; GONÇALVES, Catarina; MALLARD, Suzana; VILLAMAR, Maria del Carmen Villarreal; CURI, Guilherme de Oliveira; MAGALHÃES, Leonardo Firmino. VI Simpósio de Pesquisa sobre Migrações. Interculturalidade, comunicação e migrações internacionais: fronteiras, políticas e cidadania – Caderno de Resumos. Rio de Janeiro: UFRJ, Périplos, 2019.

GUAZINA, Liziane Soares. **Jornalismo em busca da credibilidade**: a cobertura adversária do jornal nacional no escândalo do mensalão. 2011. 256 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação., Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22183>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997a.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Unesco, 2003.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Porto Alegre: DP&A, 2006.

_____. **Sin Garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Popayán/Lima/Bogotá: Instituto de Estudios sociales y Culturales Pensar/Instituto de Estudios Peruanos/Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.

_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Apicuri, 2016.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e 'estórias'. Lisboa: Vega, 1993.

HEREDIA, Jassir; BATTISTESSA, Diego. **Nueva realidad migratoria venezolana**. REIB: Revista Electrónica Iberoamericana, Vol. 12, No. 1, 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6833189>>. Acesso em 26 de outubro de 2019

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu, 2020.

KANTAR IBOPE (org.). **Retrospectiva KSTR 2020**: os conteúdos de tv e vod que agitaram seu feed em 2020. 2020. Elaborada por Kantar Ibope. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/retrospectiva_kstr2020/. Acesso em: 31 mar. 2021.

LAPSKY, Igor; GODOY, Rafael Cabral. Socialismo do Século XXI em debate: o legado de Hugo Chávez a partir da análise do governo nicolás maduro. **Boletim do Tempo Presente**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 06, p. 01-14, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempopresente/article/view/15956>. Acesso em: 01 set. 2021.

LIMA, Leandro Almeida. **Impasses do Mercosul na imprensa**: discursos editoriais e a política externa brasileira para a venezuela no bloco. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-07122018-104641/pt-br.php>. Acesso em: 31 ago. 2021.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; MORAES, Ana Luiza Coiro. **Estudos Culturais aplicados a pesquisas em mídias audiovisuais: o circuito da cultura como instrumento analítico**. Significação - Revista de Cultura Audiovisual. v. 41, n. 42, p. 67-86, p. 2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

LUCAS, Marco António. **Sobre noção de representação em filosofia e na pesquisa cognitiva em inteligência artificial**. Textos & Debates, Boa Vista, v. 1, p.13-29, 1995.

MACHADO, Ana Cristina da Silva. **Jornalismo para a Guerra?: a crise migratória venezuelana no Brasil como estudo de caso**. 2019. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ação Humanitária, Cooperação e Desenvolvimento, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10284/7493>. Acesso em: 01 out. 2021.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BÓGUS, Lúcia; BAENINGER, Rosana. Covid-19 e imigração internacional na Região Metropolitana de São Paulo. **Remhu**: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, [S.L.], v. 29, n. 61, p. 15-32, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880006102>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006102>. Acesso em: 05 out. 2021.

MARTINS, Maria Luiza. Mídia e minorias: migrações e imigrantes nos diários gratuitos de Barcelona. **Anagramas, Rumbos y Sentidos de la Comunicación**, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 139-153, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Denis de. (org.) *Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2004.

MARTINEZ, Susana Martinez. **Migrantes haitianas y venezolanas en são sebastião, brasil: capacidades de agencia y sentimientos de pertenencia**. 2020. 316 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Comparados Sobre As Américas, Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40433>. Acesso em: 08 ago. 2021.

MONTE, Déborah Silva do. O processo de adesão da Venezuela ao mercosul: uma análise da política externa venezuelana. in: X encontro da associação brasileira de ciência política, 10., 2016, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Abcp, 2016. p. 01-20. Disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/web/system/files/documentos/eventos/2017/04/processo-adesao-venezuela-ao-mercosul-analise-politica.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MORAES, Maria Laura Brenner. **Stuart Hall: cultura, identidade e representação**. Revista Educar Mais, v. 3, n. 2, p. 167-172, 2019.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais** - investigações em psicologia social. Ed. Vozes, 8a edição, Petrópolis, RJ, 2011.

NAKAMOTO, Ana Luisa Campanha. **Representações do feminino na imigração japonesa e okinawana para o Brasil**. 2019. 225 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-22082019-114415>. Acesso em: 25 jul. 2021.

NASCIMENTO, Mariângela M. Imigração da Mulher Latina no Brasil. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. Universidade Federal da Bahia. 3(1):115-136p. 2017

OB MIGRA (Observatório das migrações). **Relatórios anuais: dimensões da migração internacional: desigualdades, formalização no mercado de trabalho e status migratório**. Disponível em: <https://bit.ly/3vXyl6D> Acesso em: 21 set. 2020.

OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico). **Mondialisation, migrations et développement**. Paris: OCDE, 2000.

OLIVEIRA, Karla Tamarozzi de. **O fluxo migratório dos venezuelanos retratado pelo nexó jornal à luz do jornalismo para a paz**. 2020. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação,, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru - Sp, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202507>. Acesso em: 06 ago. 2021.

PÁEZ, Tomás (org). **La voz de la diáspora venezolana**. Caracas: Libros de la Catarata, 2015.

PALMA, Pedro; RUIZ-TAGLE, Javier. Inmigración, instituciones locales y conflictos socio-espaciales: El caso de la Población Lo Hermida en Peñalolén. **Migraciones contemporáneas y racismo en América**, Quito, v. 138, p. 57–78, 2018. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/15772/1/REXTN-Ch138-05-Palma.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2021.

PASSARO, Matheus Alves. **Retratos da migração transnacional na cidade de São Paulo: um estudo sobre o consumo imagético da exposição fotográfica "somos todos imigrantes"**. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing – Espm/Sp, São Paulo, 2017.

PINHEIRO FILHO, Fernando. **A noção de representação em Durkheim**. Lua Nova, São Paulo, n.61, p.139-155, 2004.

PINTO, Priscila Fernanda Porto Scaff. **Análise espacial e espaço-temporal dos casos de tuberculose em imigrantes sul-americanos no município de São Paulo entre 2006 e 2013**. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo, 2015.

PIVETA, Camila. **patrimônio cultural material imóvel e a herança da colonização italiana na quarta colônia de imigração italiana do rs: os capitéis de são joão do polêsine**. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - Rs), Santa Maria, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10500469. Acesso em: 01 ago. 2021.

REIS, Elisa. **Cidadania: história, teoria e utopia**. In: PANDOLFI, Dulce Chaves; CARVALHO, José Murilo de; CARNEIRO, Leandro Piquet; GRYNSPAN, Mario; (Org.). **Cidadania, Justiça e Violência**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p.11-17. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6742/39.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2021.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Bibiana; CRUBER, Leandra; BRIGNOL, Liliane; CURI, Guilherme. A representação midiática de migrantes venezuelanos e da recepção pelos gaúchos no processo de interiorização através portal Gaúcha ZH. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/191>>. Acesso em: 08 de ago de 2021.

RODRIGUEZ García de Cortázar, A., LERALTA-Piñán, O., JIMÉNEZ-Pernett, J., RUIZ-Azarola, A. **Covid-19 en migrantes y minorías étnicas**. Gaceta Sanitaria. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2020.06.002>. Acesso em: 08 out 2021. 2020.

SANTI, Helena Chierentin e SANTI, Vilso Junior Chierentin. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Revista Anagrama** – Revista interdisciplinar da graduação, USP, ano 2, edição 1, set/nov de 2008.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**, 6(2), 27-53. Recuperado de <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>. 2011

SANTOS, John Elton Costa dos; COSTA, Thiago Ribeiro. Gênero e Covid-19 no contexto da população de refugiados e migrantes na cidade de Manaus–Amazonas. **Mundo Amazônico**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 62-74, 2020. DOI: 10.15446/ma.v11n2.88474. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/imanimundo/article/view/88474>. Acesso em: 9 oct. 2021.

SCHEIDT, Eduardo. A Revolução Bolivariana e a questão democrática na Venezuela. **Cadernos do Tempo Presente**, v. 10, n. 02, p. 42–57, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33662/ctp.v10i02.13102>. Acesso em: 01 set. 2021.

SELARI, Leandro da Silva. **As migrações fronteiriças na América Latina, Integração e Mundialização da Força de Trabalho: A questão da cidadania e do desenvolvimento humano na região**. 2018. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVA, Alana Maria Ribeiro. **A Telesur a serviço da integração latino-americana nos governos de Hugo Chávez (1999-2013) e Nicolás Maduro (2013-2015): contexto político venezuelano e análise de conteúdo do portal** dissertação. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SILVA, Carla Etiene Mendonça da. **Jovens do Brasil e dos Estados Unidos e o uso da autocomunicação de massa: uma comparação possível**. 2013. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Edna Fátima Pereira da. Um ano de interiorização dos venezuelanos no Brasil: xenofobia e fake news enquanto batalhas invisíveis dos refugiados. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2019. p. 01-14.

SILVA, Gislene et al. Metodologias de pesquisa em jornalismo: 100 dissertações do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p.89-100, 2017.

SILVA, João Paulo da. **Espanhóis no interior de São Paulo: múltiplas possibilidades de incorporação**. 2020. 266 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10177243. Acesso em: 01 ago. 2021.

SILVA, Terezinha; FRANÇA, Vera. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. E-compós: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília**, v. 20, n. 3, p.1-21, 2017. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1398/948>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SILVA JUNIOR, Edson Fidelis da. **Wuchereria bancrofti em imigrantes haitianos no município de Manaus, Amazonas, Brasil**. 2014. 62 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Tropical, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2014.

SILVEIRA, Marina de Campos Pinheiro da. **Fronteiras e mobilidade indígena: o veto ao direito de livre circulação da nova lei de migração e o povo Warao**. 2019. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

SILVEIRINHA, Maria João; CRISTO, Ana Teresa Peixinho de. A construção discursiva dos imigrantes na imprensa. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, no 69, pp. 117-137. 2004.

SIMÕES, Gustavo da Frota (org.). **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil**. [S. l.]: Editora CRV, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24824/978854441997.7>. Acesso em: 01 set. 2021.

SODRÉ, Muniz. **O globalismo como barbárie**. In: MORAES, Denis de. (org.) Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2004.

SUZUKI, Natália Sayuri. Bolivianos em cortiços? Onde e como vivem os imigrantes submetidos ao trabalho escravo na cidade de São Paulo, *In:* , 2014, São Paulo. **IV Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP**. São Paulo: [s. n.], 2014. Disponível em: <https://escravonempensar.org.br/biblioteca/bolivianos-em-corticicos-onde-e-como-vivem-os-imigrantes-submetidos-ao-trabalho-escravo-na-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em: 8 abr. 2021.

THEODORO, Hadriel; COGO, Denise. **(In)visibilidades sociocomunicacionais na diáspora queer**. Palavra Clave, v. 23, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://palavraclave.unisabana.edu.co/index.php/palavraclave/article/view/10687>. Acesso em: 04 out. 2021.

TOMASCHEKI, Elisandra. **“Dos lugares deixados, aos lugares chegados” história de mulheres brasiguaias do assentamento itamarati - ms**. 2018. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Grande Dourados (Ufgd), Dourados, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7120079. Acesso em: 03 jul. 2021.

TORRES, Raissa Brindeiro de Araujo. **Imigrantes e refugiados venezuelanos na Paraíba: aspectos para o desenvolvimento da política migratória em nível local**. 2019. 317 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (Copenhagen) (org.). **Trends at a glance: global trends forced displacement in 2019**. Copenhagen: Unhcr, 2020. 84 p. Disponível em: <http://www.unhcr.org/refugee-statistics>. Acesso em: 25 mar. 2021.

VAN DIJK, Teun. Notícias e Conhecimento. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 2, p. 13–29, 2005.

VICTOR, Cilene. Migração venezuelana na perspectiva do jornalismo humanitário. In: FARIAS, Luiz Alberto de; LEMOS, Else; REBECHI, Claudia Nociolini (Orgs.). **Opinião**

pública, comunicação e organizações: convergência e perspectivas contemporâneas. São Paulo: Abrapcorp, 2020. p. 89-115.

VIEIRA, Mariana de Oliveira Lopes. **O debate teórico sobre o governo Chávez:** paradoxos do chavismo na Venezuela. 2016. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

VIEIRA, Daniela Villas Boas Bazenga. **Imigrantes no discurso jornalístico: quem são eles?** 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, Santo André - SP, 2018.

WOODWARD, Kethryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE A – Tabela de organização do objeto empírico

Link para acesso: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1YvmmzXBNbUg4vmPc0V1NFF_EsdKyPNKPfn3kLCQFcSY/

Título	Data	Duração	Link	Assunto	Comentário	Eixo Temático	Houve matéria sobre a Venezuela no dia	Representações	Exemplo
Milhares de venezuelanos fogem da crise e cruzam a fronteira para o Brasil	27/08/2016	02:03	https://globoplay.globo.com/v/5265914/	Matéria fala que o estado de Roraima recebeu, nos últimos 6 meses, mais de 25 mil imigrantes. Comenta também que a viagem é causada pela grave crise econômica no país vizinho.	Tem entrevista com 2 venezuelanos, porém apenas com os comentários sobre falta de alimentos e tentar emprego no Brasil. Também há enfoque na falta de organização do Estado brasileiro em receber populações estrangeiras.	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) Imigrantes em desespero fugindo da Venezuela em busca de alimentos e produtos básicos. 2) Venezuelanos esperam uma oportunidade de emprego no Brasil para se estabilizar aqui e começar uma nova vida.	1) "São famílias inteiras em busca de comida" (Repórter Érica Figueiredo) 2) "é uma vida sem expectativa que se resume a uma frase: esperar por uma oportunidade no Brasil" (Repórter Érica Figueiredo)
Fugindo da crise, venezuelanos invadem casas em Roraima	22/10/2016	01:28	https://globoplay.globo.com/v/5397015/	Trata de imigrantes que "invadem" casas em Boa Vista, entrevistando duas moradoras da capital de Roraima que tentaram retirar imigrantes que não tinham onde morar e haviam entrado em casas abandonadas para dormir. Comenta a incapacidade das instituições brasileiras em organizar a chegada dessas pessoas e também a "grave crise econômica e política" e a "falta de itens básicos" na Venezuela.		Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) O desespero dos venezuelanos os força a atos incorretos (como a invasão das casas)	1) "Como não há abrigos para imigrantes em Roraima, quem não tem onde ficar acaba na rua" (Repórter Érica Figueiredo)
Manaus decreta emergência social por causa de índios venezuelanos	08/05/2017	02:05	https://globoplay.globo.com/v/5855126/	Fala do pedido de ajuda do governo de Manaus ao governo federal para tentar melhorar a situação dos imigrantes na capital amazonense, principalmente criar um abrigo para que eles saiam das barracas embaixo das pontes.	Trata especialmente de indígenas venezuelanos que estão em Manaus, mostrando imagens dos imigrantes embaixo das pontes e nas praças. Mostra também pessoas pedindo dinheiro nas ruas, e entrevistas curtas com imigrantes. Me chamou atenção uma fala da repórter "Esta venezuelana achou melhor viver como pedinte aqui no Brasil", na pequena fala da venezuelana, ela comenta que estava sem alimentação na Venezuela.	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) imigrantes fugindo da Venezuela de qualquer maneira e vivendo como podem no Brasil 2) situação desesperadora de quem fugiu do país com muito pouco	1) "esta venezuelana achou melhor viver como pedinte aqui no Brasil" (repórter Daniela Branches) 2) "olhares sofridos e desconfiados, pra quem vê é difícil, mas para a maioria o melhor por enquanto é o abrigo em lonas e as doações" (repórter Daniela Branches) - o texto é auxiliado pelas imagens de barracas, de adultos e crianças nas ruas e do abrigo improvisado.
Maduro decreta novo estado de exceção e emergência econômica	16/05/2017	02:46	https://globoplay.globo.com/v/5874020/	Fala das manifestações das semanas anteriores, de 42 mortos nos protestos e tbm da situação econômica. Isso é "abertura" para falar de imigrantes no Amazonas, nesse momento trata de assistência humanitária e de abrigos cheios onde estão os imigrantes. Prefeito de Manaus pede o impedimento da entrada de imigrantes em Roraima.	Imagens dos imigrantes acampados nas praças, também mostra distribuição de alimentos e comenta a possibilidade de problemas de saúde entre os imigrantes. Ainda comenta que um grande número de indivíduos são indígenas. (tem imagem repetida da reportagem anterior)	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) fugindo do governo venezuelano 2) os imigrantes como um problema de saúde pública e social	1) a primeira parte da matéria trata de protestos na Venezuela que pediam por novas eleições e a soltura de presos políticos, ligando a vinda dos imigrantes a situação política e econômica na Venezuela. 2) a matéria lista alguns casos de doenças como pneumonia e tuberculose além de conter uma entrevista com o prefeito de Manaus (Arthur Virgílio Netto - PSDB) que fala em fazer uma barreira em Pacaraima-RR que impeça a entrada de venezuelanos "tem 30 mil venezuelanos lá querendo entrar em Boa Vista e quem sabe uma parte migrando para Manaus, seria um transtorno muito grande para nós"

Tabela de organização do objeto empírico

Maduro ignora apelo internacional e esposa Constituinte da Venezuela	04/08/2017	02:28	https://globoplay.globo.com/v/6057406/	Uma reportagem bastante "dura" ao governo Maduro, sendo enfática no fato de não ter oposição na constituinte, que a "Venezuela caminha para um regime de excessão", que os poderes da assembleia constituinte são "ilimitados", que os manifestantes a favor do governo seriam trabalhadores públicos obrigados a ir para as ruas, que Maduro ordena a violência contra os manifestantes. Uma coisa que chamou atenção, a matéria começa com uma entrevista com um imigrante venezuelano que está em São Paulo, ele apenas fala a frase "estoy trabajando de garçon" e a reporter segue para falar das questões políticas da Venezuela e nunca comenta os imigrantes.	Essa entrevista nos segundos iniciais numa matéria longa me chamou atenção e pode ser citada como a maneira instrumental que o tema dos imigrantes é usado, a situação não é explicada, o rapaz fala apenas uma frase que cabe como uma luva no discurso de que não há trabalho na Venezuela porém os contextos não são aprofundados, e no caso específico dessa matéria nem são citados superficialmente, a palavra 'imigrante' nem aparece, é como uma introdução para falar da situação econômica e política da Venezuela. O tema central na parte que fala de imigrantes é a falta de emprego. Outras matérias que também tinham apenas uma introdução curta sobre imigrantes para tratar da política venezuelana foram excluídas, esta não foi porque tem uma entrevista com imigrante e é mais clara ao ligar a imigração a crise política (não apenas a econômica).	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Tem no dia anterior e no posterior	1) venezuelanos recomeçam no Brasil após serem obrigados a fugir da Venezuela	1) A parte sobre migrantes é um pequeno pedaço (alguns segundos) da matéria, mas nela há uma pequena fala de um imigrante que saiu da Venezuela devido aos problemas econômicos e encontrou emprego no Brasil.
Venezuelanos em fuga chegam a Roraima, mas acolhida é precária	19/08/2017	01:55	https://globoplay.globo.com/v/6091111/	Comenta os imigrantes em Boa Vista mas mostra questões institucionais e burocráticas, com entrevista com secretários e procuradora. Imagens de imigrantes dormindo nas praças, inclusive crianças e tbm imigrantes dormindo em prédios públicos como a rodoviária, no final uma mensagem sobre solidariedade dada por uma cidadã brasileira	Apesar de tratar de questões burocráticas e de solidariedade, o maior tempo da matéria cabe melhor no eixo da fuga para o Brasil, inclusive pelo discurso já comum sobre as crises na Venezuela.	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Tem no mesmo dia	1) situação desesperadora de quem fugiu da Venezuela da forma que foi possível 2) imigrantes ficam sujeitos as ações dos vários níveis dos governos brasileiros, que geralmente é lento ou pouco competente em resolver os problemas	1) "O espaço pouco lembra acolhimento, os colchões são poucos, lá dentro não há espaço para mais ninguém. Aqui fora a cena impressiona, eles se amontoam do jeito que dá" (Repórter Érica Figueiredo) 2) "há dois meses o governo federal enviou ao governo de Roraima quase meio milhão de reais para a manutenção do abrigo mas nada mudou, o MPF cobra um plano de ação" e "A prefeitura de Boa Vista diz que faz o que pode" (Repórter Érica Figueiredo)
Operação retira venezuelanos que moravam na rodoviária de Boa Vista	28/10/2017	01:46	https://globoplay.globo.com/v/6251436/	Comenta da situação dos imigrantes em Boa Vista que foram expulsos da rodoviária, tem-se uma ideia "higienista" dos motivos dessa retirada. Os imigrantes foram levados para um local longe do centro da cidade e há apenas um abrigo na capital de RR e eles foram levados para um quaião. Fala-se de 12 mil venezuelanos pedindo refúgio	Fala sobre a retirada de imigrantes para longe do centro, tornando mais difícil para eles conseguirem trabalho, mesmo que informal, cita o fato da fuga e tbm solidariedade.	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) imigrantes ficam sujeitos as ações dos vários níveis dos governos brasileiros, que geralmente é lento ou pouco competente em resolver os problemas	1) entrevista com defensora pública e com comandante dos bombeiros que discordam quanto as condições do local ao qual foram levados os imigrantes e como essas pessoas tem sido acolhidas em Roraima
Refugiados da Venezuela sobrevivem 'trabalhando' nos sinais de Boa Vista	20/11/2017	01:59	https://globoplay.globo.com/v/6302448/	Fala sobre ações da polícia em Boa Vista que retira imigrantes de locais públicos e impede que trabalhem nos semáforos etc. Há entrevistas com moradores da cidade contra e a favor das ações de retirada dos imigrantes do centro da cidade. Também há entrevista com um professor que fala da possibilidade de prejudicar ainda mais essas pessoas.	Esse eu tive dificuldade. Cabe no "Fuga", porém também tem Conflito. Preferi colocar no "Conflito" porque o maior número de entrevistas é sobre a polêmica entre os que querem retirar os imigrantes das ruas e os que aceitam eles nas ruas pois estão tentando se manter financeiramente. A matéria tbm cita a falta de estrutura estatal para receber imigrantes.	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) Imigrantes como um incômodo ou uma "vergonha" para a sociedade em geral 2) A piora na vida dos imigrantes pode gerar problemas sociais no Brasil, como o aumento da criminalidade	1) A prefeitura de Boa Vista, ao expulsar os imigrantes do centro da cidade, afirma que seu trabalho informal seria um perigo ao trânsito e um constrangimento a população. 2) entrevista com João Carlos Jarochinski, professor da UFRR "[essa ação] pode marginalizar ainda mais essas pessoas, deixando espaço para criminalidade, para outras ações, aí sim muito mais lesivas a população do que a atividade no semáforo".

Tabela de organização do objeto empírico

Roraima decreta emergência por causa de venezuelanos	07/12/2017	01:16	https://globoplay.globo.com/v/6342756/	De janeiro a outubro 14.495 venezuelanos pediram asilo em RR, 6 vezes mais que 2016, mas o estado fala que são 30 mil. Fala das questões burocráticas de pedidos de ajuda e da situação de crise na saúde no estado de RR.	a única entrevista é sobre essas questões institucionais, não entrevista imigrantes (há um comentário de 1, que é nominado e é filmado junto da família porém é falado pela repórter). As imagens são mais amplas de barracas, pessoas na fronteira e filas para documentação	Eixo 4 - Questões institucionais e normativas no Brasil	Não	1) a migração de venezuelanos é intensa e desordenada, o que impõe problemas aos estados e as instituições brasileiras	1) "o governo de Roraima diz que a imigração venezuelana é intensa, ilimitada e desordenada, e que as equipes estaduais tem dificuldades de acolher esses imigrantes" (Repórter Érica Figueiredo)
Casas de imigrantes venezuelanos em Boa Vista são incendiadas	08/02/2018	00:44	https://globoplay.globo.com/v/6487662/	Fala dos ataques contra 2 casas de imigrantes em Boa Vista (RR) e tbm ações do governo brasileiro para integração dos imigrantes no país	Cita temas que serão melhor comentado em notícias futuras mas que por hora são apontados muito superficialmente	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) Imigrantes como vítimas da violência/xenofobia no Brasil	
Casas de venezuelanos em Boa Vista foram atacadas pela mesma pessoa, diz polícia	09/02/2018	00:35	https://globoplay.globo.com/v/6491024/	Fala de ataques a casas de imigrantes na capital de RR (3 imigrantes se feriram)	Nota curta, comenta notas de repúdio a xenofobia e tbm investigações dos ataques contra imigrantes	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) Imigrantes como vítimas da violência/xenofobia no Brasil	
Governo federal decreta emergência social em Roraima	15/02/2018	01:58	https://globoplay.globo.com/v/6506359/	Mostra o grande número de venezuelanos em RR, falando bastante sobre saúde, vacinação para os imigrantes, qualidade da saúde no Brasil em comparação com a Venezuela. Trata muito da "barreira sanitária" que RR queria formar, por isso fala de Sarampo entre os imigrantes e da situação precária da saúde na Venezuela com entrevista de uma imigrante. Por isso acho que fica na categoria de Conflito, já que é um atrito tanto a criação de uma barreira quanto o medo dos brasileiros da doença "trazida" pelos imigrantes.	Pedidos de RR para ajuda do governo federal para a situação dos imigrantes. Fala em 40 mil venezuelanos na capital roraimense. Cita o número de 800 imigrantes por dia (que será título daqui 4 dias)	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) venezuelanos necessitam ajuda para tratar da saúde ao mesmo tempo que sua entrada "intensa" possibilita a entrada de doenças.	1) "A Venezuela sofre com o surto de doenças como o sarampo, esta semana um caso foi confirmado em Roraima, uma bebê venezuelana"
Roraima começa a vacinar imigrantes venezuelanos contra o sarampo	16/02/2018	02:15	https://globoplay.globo.com/v/6509642/	Fala da busca de emprego dos imigrantes no Brasil para enviar dinheiro aos seus familiares. Trata das questões de saúde porém cabe melhor no eixo da Fuga para o Brasil devido as informações e entrevistas que são comuns neste eixo. Mostra bastante os imigrantes nas praças e enfatiza a "miséria que eles vivem".	Reporter fala que a miséria que eles estão enfrentando no Brasil ainda é melhor do que estavam passando na Venezuela (o reporter aponta que é o que dizem os próprios imigrantes). Reportagem também comenta casos de sarampo.	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) imigrantes tão desesperados que mesmo vivendo em vulnerabilidade preferem o Brasil a Venezuela 2) imigrantes como possíveis focos de doenças 3) imigrantes não querem caridade, apenas trabalho	1) "É impressionante a miséria que esse povo está enfrentando aqui no Brasil, e mesmo assim eles dizem que está melhor aqui do que lá na Venezuela" (José Roberto Burnier - com imagens das barracas nas praças e do gnásio que serve de moradia) 2) "O sarampo, uma doença que estava erradicada no Brasil desde 2016, voltou ao país em uma criança venezuelana de 1 ano" 3) "Ingrid mora na praça há 1 mês e diz várias vezes, não quero que me tragam comida, quero um trabalho" (José Roberto Burnier - entrevista com uma imigrante)
Venezuelanos chegam todos os dias para buscar refúgio no Brasil	17/02/2018	02:12	https://globoplay.globo.com/v/6511798/	Matéria que fala da chegada de imigrantes em RR. Tem um "estilo" de matéria que abre a história, explica demoradamente a chegada, os motivos e também como funciona o controle e as ações das instituições brasileiras	Tem entrevista que fala que na Venezuela "não há nada"	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) imigrantes fogem da Venezuela em busca de refúgio no Brasil 2) imigrantes realizam atos ilegais devido a falta de controle e policiamento no Brasil	1) "Carmen migrou para cá há três anos, 'porque está aqui?' pergunto. Porque preciso de trabalho no Brasil para ajudar minha família, porque não há comida na Venezuela, não há nada" (José Roberto Burnier - entrevista com uma imigrante) 2) na fronteira alguns imigrantes fazem comércio paralelo, é uma atividade ilegal, clandestina, mas não há qualquer fiscalização, os cambistas agem livremente. (José Roberto Burnier - com imagens de um homem fazendo comércio ilegal na rua)

Tabela de organização do objeto empírico

Por dia, 800 venezuelanos entram no Brasil pela cidade de Pacaraima (RR)	19/02/2018	02:40	https://globoplay.globo.com/v/6515990/?s=0s	a matéria fala da entrada de 800 venezuelanos por dia em RR. Nota-se que eles citam esse número agora, porém no futuro os números são menores.	Aparecem doações de alimentos, as imagens são de imigrantes correndo e gritando atrás de comida e também indicam que a fome é a marca desse êxodo. Já nessa notícia há o comentário sobre a possível interiorização dos imigrantes. Solidariedade me parece ser central em boa parte da matéria, apesar de também caber no eixo da Fuga. O contexto inicial e tbm entrevistas com "oficiais" tratam de temas da situação venezuelana, mas as cenas que mostram imigrantes são sobre solidariedade (foco na falta de comida)	Eixo 3 - Ajuda e solidariedade de brasileiros	Não	1) Venezuelanos como dependentes da ajuda dos brasileiros. 2) Venezuelanos como desesperados, como cidadãos com pouco ou nenhum controle sobre suas vidas. 3) Representação dos imigrantes como indivíduos aos quais falta as condições mais básicas; famintos, passavam fome na Venezuela. 4) Essa matéria também promove a visão da "fuga" da Venezuela, local que não mais se torna suportável para muitas dessas pessoas.	1) "Em boa vista eles ainda dependem da ajuda de voluntários para ter o que comer" (William Bonner). 2) "É o desespero atrás de comida" (José Roberto Burnier) com imagens de pessoas correndo em direção ao caminhão que distribui alimentos de doações. 3) "no chão da praça em Boa Vista, o que vale é comer, não importa como" (José Roberto Burnier) com imagens dos venezuelanos utilizando pedaços de papelão ou as mãos para se alimentar. 4) "José diz que não come nada desde ontem, e lembra que estava passando fome no país vizinho" (José Roberto Burnier em entrevista com um imigrante chamado José)
Criança venezuelana com suspeita de sarampo morre em Boa Vista	02/03/2018	00:28	https://globoplay.globo.com/v/6547533/?s=0s	Criança venezuelana pode ter morrido de sarampo. Não cita imigrantes nem contextualiza mas nota-se que são imigrantes devido aos contexto de outros dias	Apesar de não falar em imigrantes, que se trata de uma criança migrante, bem como da constante suposição de que os migrantes são vetores de doenças para os brasileiros.	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	No dia anterior tem uma nota curta	1) imigrantes como foco de doenças	
Grupo expulsa venezuelanos em Roraima	20/03/2018	00:27	https://globoplay.globo.com/v/6595539/	Nota sobre grupo de brasileiros que expulsou 50 venezuelanos de um prédio que eles ocupavam e também trancaram a rodovia na fronteira protestando contra a entrada de venezuelanos	Uma notícia curta, sem muito contexto, comentando superficialmente os 'conflitos' entre imigrantes e brasileiros em RR	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) Imigrantes como vítimas da violência/xenofobia no Brasil	1) "O grupo expulsou os 50 imigrantes e queimou os pertences deles, o ataque foi ontem a noite durante um protesto" (Renata Vasconcellos)
Venezuelanos em Boa Vista são levados para abrigo	24/04/2018	00:23	https://globoplay.globo.com/v/6687642/	Sobre cadastro e vacinação de imigrantes em Boa Vista que foram levados para um abrigo pois a praça que eles estavam morando foi tomada por uma enchente	Nota bem curta, mostra imagens do cadastro e das barracas dos imigrantes na praça comentada, bem como os tapumes que a prefeitura colocou na volta da praça. Conflitos com brasileiros (essa é menos grave, é sobre a retirada deles do centro da cidade) Devido a falta de contexto não coloquei na Fuga, e certamente não cabe nos outros eixos. O tema de conflito é mais devido as dificuldades de se manterem no local	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) Imigrantes como dependentes das escolhas das instituições brasileiras	1) "A força-tarefa criada pelo governo federal levou para um abrigo provisório 300 venezuelanos que estavam morando em uma praça de Boa Vista, todos vão ser cadastrados e vacinados antes de seguir para um abrigo definitivo" (Renata Vasconcellos)
Venezuela fecha fronteira com o Brasil na véspera das eleições	19/05/2018	02:12	https://globoplay.globo.com/v/6748775/	Comenta o fechamento da fronteira logo antes das eleições. Fala da saída de 1,5 milhões de Venezuelanos para outros países. Comenta a fome na Venezuela. Fala em fraudes das eleições e que a crise deve piorar com a reeleição de Maduro	Não trata de imigrantes todo o tempo, mas a parte que trata de migração cabe melhor no eixo da Fuga para o Brasil	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) imigrantes fogem da Venezuela em busca de "refúgio" no Brasil	1) Entrevistas com 2 imigrantes no Brasil afirmam que a "necessidade" e a falta de alimentos fizeram com que essas pessoas saíssem da Venezuela
Manaus sente nas ruas o impacto da onda migratória de venezuelanos	04/07/2018	02:07	https://globoplay.globo.com/v/6851343/	Sobre imigrantes especificamente Trata da situação em Manaus, citando que em Roraima também houve uma onda migratória. Usa palavras como "crise" e "perseguição política" e mostra o passado de 2 venezuelanos como já tendo sido bom na Venezuela e agora estão nas ruas do Brasil	Usa "imigrantes" e "refugiados" como sinônimo. Utiliza algumas entrevistas com imigrantes e também com autoridades. Uma das entrevistas é com um ex-assessor parlamentar que fala em perseguição política. Fuga para o Brasil com enfoque na busca de trabalho pelos imigrantes e na falta de estrutura para recebê-los	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) Imigrante venezuelano 'qualificado' foge do país e busca trabalho no Brasil. 2) Imigrantes como dependentes das escolhas das instituições brasileiras	

Tabela de organização do objeto empírico

Venezuelanos deixam Roraima e vão para outros quatro estados	24/07/2018	02:22	https://globoplay.globo.com/v/6895403/	Sobre imigrantes especificamente. 130 venezuelanos que foram "distribuídos" pelo br. Cita também que já há 820 espalhados pelo Brasil (e mostra num mapa o número em cada estado). Cita que o governo brasileiro considera que há 110 mil venezuelanos no Brasil. "fugindo da crise política e social do país governado por Maduro"	Não entrevista nenhum imigrante. Comenta sobre a fome na Vn.	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) Imigrantes como dependentes das escolhas das instituições brasileiras 2) imigrantes fogem da Venezuela em busca de refúgio no Brasil	
MP de Roraima denuncia 5 pessoas por xenofobia contra venezuelanos	27/07/2018	00:20	https://globoplay.globo.com/v/6904364/	Sobre imigrantes, porém bem curta. Pequena nota sobre denúncia do MP de Roraima contra moradores que atacaram Venezuelanos em um abrigo e atearam fogo nos pertences deles em Março		Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) Imigrantes como vítimas da violência/xenofobia no Brasil	
TRF anula decisão de juiz e fronteira da Venezuela em Roraima é reaberta	07/08/2018	02:06	https://globoplay.globo.com/v/6929165/	Sobre imigrantes especificamente. Reabertura das fronteiras com a Venezuela. Fala das instâncias que pediram fechamento e que ordenaram a reabertura da fronteira "Em apenas 1 dia quase mil venezuelanos pediram permissão para entrar no Brasil"	"fugem da crise no país vizinho" Interessante ver que essa é a 2ª notícia no mesmo dia e que são 5 matérias em 4 dias. Questões institucionais e normativas (não tem a ver com documentação de imigrantes, apesar de até falar disso, mas com fechamento de fronteira)	Eixo 4 - Questões institucionais e normativas no Brasil	Tem matéria no mesmo dia	1) imigrantes fogem da crise na Venezuela, buscam emprego e serviços públicos como saúde	1) entrevista com imigrante que está com a filha doente tentando entrar no Brasil para encontrar o marido que já tem emprego no país
Exigência por passaporte em Roraima continua mesmo com decisão do STF	09/08/2018	01:52	https://globoplay.globo.com/v/6934742/	Sobre imigrantes especificamente. Fala da manutenção, mesmo com obrigação pelo STF, de pedido de passaporte dos imigrantes venezuelanos.	"Fugindo da crise social e econômico no país vizinho" Questões institucionais e normativas (exigência de passaporte para conseguir alguns documentos específicos, o que trava a regularização e tbm a busca por empregos no br)	Eixo 4 - Questões institucionais e normativas no Brasil	Tem no dia anterior	1) imigrantes fogem da crise na Venezuela, buscam emprego e serviços públicos como saúde 2) Imigrantes dependentes das escolhas das instituições brasileiras	2) "O imigrante não precisa do passaporte para cruzar a fronteira [...] mas na semana passada um decreto do governo de Roraima tornou obrigatório que o venezuelano apresente passaporte para ter acesso a serviços públicos. Ontem o STF suspendeu esse decreto. O governo disse que iria cumprir a decisão [...] mas durante todo o dia a exigência continuou." (Repórter Érica Figueiredo)
Abrijo de venezuelanos é atacado em Roraima após assalto a comerciante	18/08/2018	02:10	https://globoplay.globo.com/v/6955998/	Ataque à imigrantes. População de Pacaraima (RR) atacou venezuelanos, bloqueou a fronteira e expulsou imigrantes.	Uso da palavra "refugiados". Áudio de brasileiro que diz que farão a sua própria lei e entrevista com venezuelana declarando que perdeu documentos e objetos, queimados. Conflito (xenofobia. É a matéria que tem imagens feitas pelos brasileiros expulsando os venezuelanos e comemorando, jogando bombas caseiras e pedaços de pau)	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) Imigrantes como vítimas da violência/xenofobia no Brasil	1) "a tensão começou no início da manhã, com bombas caseiras e pedaços de pau, moradores de Pacaraima destruíram abrigos improvisados" (repórter Pricieli Vennumi) "Estamos expulsando os venezuelanos, é desse jeito agora, se não tem governante, se não tem autoridade por nós, nós vamos fazer nossa autoridade" (brasileiro não identificado em vídeo nas redes sociais)
Governo de Roraima pede ao Supremo suspensão de entrada de venezuelanos	20/08/2018	02:57	https://globoplay.globo.com/v/6959310/	Fala do pedido de fechamento da fronteira pelo estado de RR, tem fala do governo br falando ser inconstitucional. Usam como motivação para o fechamento a possibilidade de aumento de doenças. A matéria trata também da possibilidade de apagão devido a energia elétrica de RR vir da Venezuela.	Fala que após os ataques à imigrantes foi pedido o fechamento. Usa a palavra "refugiados" sem especificação. É a primeira matéria de 3 que tem nesse dia.	Eixo 4 - Questões institucionais e normativas no Brasil	Além das duas nesse dia sobre imigrantes, tem mais uma sobre a Venezuela relativamente longa (2 minutos)	1) Imigrantes dependentes das escolhas das instituições brasileiras	1) Há uma longa lista de falas do governo estadual de Roraima, do governo federal, do ministro das relações internacionais e do STF. Eles citam a inconstitucionalidade do fechamento da fronteira enquanto o governo de RR fala sobre possíveis epidemias com a entrada descontrolada de imigrantes.

Tabela de organização do objeto empírico

Após conflitos em Pacaraima, homens da Força Nacional chegam a Boa Vista	20/08/2018	01:11	https://globoplay.globo.com/v/6959297/	Fala da chegada da Força Nacional em RR após ataque de brasileiros contra imigrantes. Relembra o ocorrido no dia 18.		Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Além das duas nesse dia sobre imigrantes, tem mais uma sobre a Venezuela relativamente longa (2 minutos)	1) Imigrantes como vítimas da violência/xenofobia no Brasil e também como possíveis causadores de violência	"moradores atearam fogo em barracas e pertences de venezuelanos [...] o motivo da revolta foi a agressão sofrida por esse comerciante durante um assalto"
Governo federal anuncia que vai intensificar a interiorização de Venezuelanos	21/08/2018	01:49	https://globoplay.globo.com/v/6962367/	Trata da negação ao pedido de RR pelo fechamento da fronteira mas comenta o aumento da interiorização dos imigrantes.	Fala dos conflitos que já ocorreram, do medo de epidemias de sarampo e malária e do uso da força nacional em Boa Vista	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Tem no mesmo dia	1) imigrantes fogem da crise na Venezuela, buscam emprego e serviços públicos como saúde 2) Imigrantes dependentes das escolhas das instituições brasileiras	1) Boa parte dos venezuelanos que cruzam a fronteira procuram o posto de vacinação logo depois de entrar no Brasil, só nessa segunda-feira mais de 300 venezuelanos foram imunizados principalmente contra o Sarampo e a Febre-Amarela." (repórter Robson Moreira)
Com a falta de energia, venezuelanos acabam comprando carne estragada	23/08/2018	02:38	https://globoplay.globo.com/v/6968300/	Trata dos imigrantes mas não só. Matéria trata de venda de carne estragada devido aos apagões em Maracaibo. Fala ainda de 2,5 milhões de imigrantes venezuelanos, 90% nos países vizinhos (50 mil para o Brasil)	Colombia recebeu 900mil. Mostra dados da ONU. Fala "refugiados" como sinônimo de imigrantes. Governo brasileiro fala em 60.105 venezuelanos que entram no brasil e pediram refúgio (trata de maneira mais geral sobre o assunto já que as declarações são da ONU e o brasil não é o país que mais recebe imigrantes, mas também citam numeros do governo brasileiro)	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Tem duas nesse dia sobre imigrantes (Ambas também falam da Venezuela)	1) Imigrantes em desespero fugindo da Venezuela em busca de alimentos e produtos básicos.	
Roraima prorroga por seis meses situação de emergência social	23/08/2018	02:40	https://globoplay.globo.com/v/6968306/	Trata da situação de emergência declarada pelo estado de RR devido a situação dos imigrantes, porém a matéria é mais sobre notas trocadas entre governo estadual e federal, especialmente referente a verbas.	Mostra protestos dos moradores de Pacaraima (RR) e entrevista com moradores que "querem paz"	Eixo 4 - Questões institucionais e normativas no Brasil	Tem duas nesse dia sobre imigrantes (Ambas também falam da Venezuela)	1) Imigrantes dependentes das escolhas das instituições brasileiras	
Agência da ONU compara êxodo venezuelano à crise migratória no Mediterrâneo	24/08/2018	02:28	https://globoplay.globo.com/v/6971499/	Apesar do título trata mais da situação de imigrantes em RR. Mostra o hospital de campanha que complica situação entre estado e governo federal	Entrevista com 2 venezuelanas que elogiam o governo brasileiro. Faz pequeno histórico com dados e fala de outros países como colombia, peru e equador	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Tem duas nesse dia sobre imigrantes (Ambas também falam da Venezuela)	1) imigrantes fogem da crise na Venezuela, buscam emprego e serviços públicos como saúde	
Parte dos venezuelanos que chegam ao Brasil vai para São Paulo em busca de trabalho	24/08/2018	02:50	https://globoplay.globo.com/v/6971510/	A matéria fala de 3 imigrantes venezuelanas que moram em São Paulo e são ajudadas por uma senhora brasileira que aluga a casa delas e as ajudou com alimentos, moradia etc.	Matéria de solidariedade. Entrevista com as 3 imigrantes e com a brasileira (tem as explicações básicas que saberiam no exo "fuga" mas boa parte da matéria é sobre uma brasileira que aluga a casa para as 3 venezuelanas e ajudou elas. Também fala bastante sobre imigrantes vindos ao Brasil e deixando sua família para trás)	Eixo 3 - Ajuda e solidariedade de brasileiros	Tem duas nesse dia sobre imigrantes (Ambas também falam da Venezuela)	1) O imigrante como um indivíduo que se sacrifica pela família, e que tem de lidar com a saudade. 2) Venezuelano como um indivíduo que necessita do auxílio dos brasileiros e que suporta as dificuldades através dessa ajuda.	1) "Joana foi a primeira a chegar, com o dinheiro do trabalho trouxe a mãe e a amiga, e espera em breve trazer o filho que não vê há três anos." (Roberto Kovalic) 2) As três conseguiram emprego aqui em São Paulo e sustentam os parentes lá na Venezuela. Elas suportam a distância, as dificuldades, com ajuda de brasileiros. (Roberto Kovalic)
Em Roraima, moradores voltam a pedir o fechamento da fronteira com a Venezuela	25/08/2018	01:41	https://globoplay.globo.com/v/6973538/	Mostra a situação em Pacaraima. Mostra conflitos entre venezuelanos e brasileiros, humilhações aos imigrantes, fala da situação de indígenas e também da preocupação com o aumento de doenças e da violência		Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Tem nesse mesmo dia	1) Imigrantes dependentes das escolhas das instituições brasileiras 2) Imigrantes como vítimas da violência/xenofobia no Brasil e também como possíveis causadores de violência	1) Os brasileiros pedindo barreira sanitária, fechamento da fronteira e aceleração do processo de interiorização.

Tabela de organização do objeto empírico

Voluntários fazem mutirão em Boa Vista para ajudar no atendimento médico de venezuelanos	27/08/2018	01:37	https://globoplay.globo.com/v/6977225/	Trata de um mutirão de 40 médicos e enfermeiros de 17 HU que tratam de imigrantes em Boa Vista e em Pacaraima	Entrevista com venezuelana grávida. Entrevista com médica do mutirão	Eixo 3 - Ajuda e solidariedade de brasileiros	Não	1) Venezuela como um país que não oferece saúde pública de qualidade aos seus cidadãos 2) Brasileiros como um povo que ajuda os imigrantes 3) Garantir a boa saúde dos imigrantes antes de iniciar a interiorização dos mesmos.	1) "A venezuelana Ianitza está grávida de 9 meses e será mãe de uma brasileirinha. Ela vai ter o bebê aqui por falta de estrutura nos hospitais da Venezuela." (Repórter Érica Figueiredo) 2) "O mutirão conta com 40 profissionais de saúde de 17 hospitais universitários brasileiros." (Repórter Érica Figueiredo) 3) "A nossa equipe está fazendo também uma triagem para saber se essas pessoas tem condições de viajar." (Kléber Moraes, Presidente da Empresa brasileira de Serviços Hospitalares e organizador do mutirão em Pacaraima-RR)
Quase 200 venezuelanos são transferidos de Roraima	28/08/2018	01:38	https://globoplay.globo.com/v/6980196/	Fala da interiorização que o governo brasileiro faz de imigrantes venezuelanos de RR para outros estados.	Entrevista de um venezuelano que está indo para João Pessoa	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) Venezuelanos esperam uma oportunidade de emprego no Brasil para se estabilizar aqui e começar uma nova vida.	"O Darwin veio pra Roraima a procura de trabalho, não conseguiu, Manaus é o próximo destino. Esperança de assim trazer os 3 filhos que ficaram na Venezuela e seguir adiante. É o mesmo sonho da Marlí: trabalhar." (Repórter Érica Figueiredo)
Temer diz que governo estuda distribuir senhas para controlar entrada de venezuelanos	29/08/2018	01:51	https://globoplay.globo.com/v/6983094/	Matéria sobre uma declaração do Temer e sua repercussão. O tema tem a ver com imigrantes mas não há muitas discussões sobre	Apenas falas de Temer sobre a entrada de imigrantes, mas a própria matéria já fala que a proposta não é possível pois é inconstitucional.	Eixo 4 - Questões institucionais e normativas no Brasil	Não	1) Imigrantes dependentes das escolhas das instituições brasileiras	
Brasileiro e venezuelano morrem em confusão após furto a mercado de Boa Vista	07/09/2018	00:54	https://globoplay.globo.com/v/7004757/	Fala da morte de um brasileiro (esfaqueado) e um Venezuelano (linchado) após supostamente venezuelanos assaltarem brasileiros. A força nacional foi chamada. Ocorreu em Boa Vista	Conflito com morte entre imigrantes e brasileiros. Das 4 matérias desse mês, 3 são nesse dia e no próximo.	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Não	1) Imigrantes como vítimas da violência/xenofobia no Brasil e também como possíveis causadores de violência	"O brasileiro Manuel Souza tentou impedir a fuga dos suspeitos [de um assalto] que seriam venezuelanos, um deles reagiu e Manuel morreu após ser esfaqueado no pescoço. Pouco depois, brasileiros agrediram o venezuelano José Rodriguez que seria o responsável pela morte, o venezuelano foi espancado até morrer" (Repórter Érica Figueiredo)
Venezuelanos começam a voltar pra casa depois que a tensão em Boa Vista aumentou	08/09/2018	02:06	https://globoplay.globo.com/v/7006698/	Sobre imigrantes especificamente Venezuelanos tentaram entrar em um abrigo que tem mais de 600 imigrantes, eles tentaram forçar a entrada pois o acampamento dos imigrantes, nas ruas de Boa Vista, foi alvejado por tiros.	Fala de conflito e de imigrantes que voltaram para a venezuela pois estavam temendo pela sua segurança	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Tem nesse mesmo dia	1) Imigrantes como vítimas da violência/xenofobia no Brasil e também como possíveis causadores de violência	"desde a madrugada o clima é tenso, imigrantes alegam que o acampamento onde vivem foi atingido por tiros, mas o comando de policiamento da capital nega o ataque" (Repórter Érica Figueiredo)

Tabela de organização do objeto empírico

Famílias de venezuelanos recebem ajuda pra recomeçar em Santa Catarina	03 -11-18	02:40	https://globoplay.globo.com/v/7136966/	Fala de venezuelanos em SC que recebem ajuda de uma igreja. Matéria sobre solidariedade	Santa Catarina. Fala com dados da saída de venezuelanos, fala da situação em RR e usa os termos normais de perda de peso na Venezuela, crise política e econômica. Entrevistas com empresário e casal brasileiros que ajudavam e entrevista com Venezuelanos falando que agora estão melhores	Eixo 3 - Ajuda e solidariedade de brasileiros	Não	<ol style="list-style-type: none"> 1) Imigrante como indivíduos em busca de "recomeço" 2) O brasileiro como um povo que se mobiliza quando vê a necessidade do outro 3) Imigrantes como um grupo totalmente precarizado, uma unidade nas condições mais baixas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) "[...]milhares vieram para o Brasil, em Santa Catarina, eles recebem ajuda de fiéis de uma igreja para recomeçar" (Rodrigo Bocardá, na chamada) 2) "A situação precária de milhares deles [imigrantes], nos abrigos em Roraima chamou a atenção de fiéis de uma igreja evangélica de Santa Catarina." (....., Reporter) 3) São pessoas que emagreceram, estão doentes, desnutridas, e vivendo dentro dessas barracas sem nenhuma perspectiva" (Macon Aboud, pastor, entrevistado)
Brasileiros ajudam família venezuelana a superar obstáculos desde que chegou ao país	25/12/2018	05:00	https://globoplay.globo.com/v/7256956/	Matéria (de natal) sobre solidariedade com Venezuelanos. Focada em procura de emprego e situação sempre difícil dos imigrantes	Entrevistas com venezuelanos sobre o porque virem para o br. fala de imigrantes qualificados que "aceitam qualquer emprego" uso dos termos sobre crise social e econômica na Venezuela.	Eixo 3 - Ajuda e solidariedade de brasileiros	Não	<ol style="list-style-type: none"> 1) Imigrante venezuelano 'qualificado' foge do país e busca trabalho no Brasil. 2) Questão fundamental quando se fala de imigração é o emprego, eles não vêm viver da assistência de brasileiros, mas recomeçar através de seu próprio trabalho; o valor do trabalho na construção jornalística. 3) Venezuelanos como desesperados; 4) Brasileiro como um povo que ajuda os imigrantes 5) O brasileiro como um povo que se mobiliza quando vê a necessidade do outro; solidário, empático. 	<ol style="list-style-type: none"> 1) "Muitos venezuelanos que fogem de perseguições políticas ou da crise no país vizinho são profissionais qualificados. Como o Félix, historiador e ex-diretor de um museu em Caracas, hoje ele pega qualquer trabalho" (Roberto Kovalick, reportagem). 2) Eles não vem aqui para o Brasil para viver as custas de assistência dos outros. E acho que é a grande forma deles realmente recomeçarem a vida deles em um outro país é trabalhando" (Marília Correa, entrevistada, Coordenadora do Programa de Apoio para Recolocação de Refugiados). 3) "o dono da empresa disse que Juan [imigrante entrevistado] chegou aqui aceitando qualquer trabalho, qualquer salário" (Roberto Kovalick, reportagem); "Eu o descreveria como uma pessoa até meio desesperada, falou que a família dele estava morando na rua, que eu poderia pagar até R\$800,00 para ele." (Luiz Carlos Cajé, patrão de Juan) 4) "Tanto o emprego quanto o apartamento foram conseguidos por indicação desta brasileira, Valdirene é professora da escola estadual onde os filhos do casal estudam" (Roberto Kovalick, reportagem) 5) "Quando chegou ao meu conhecimento que eles estavam dormindo, morando na rua, eu falei 'Meu Deus, preciso fazer alguma coisa', aí me mobilizei para saber quem poderia ajudar" (Valdirene, professora, entrevistada)

Tabela de organização do objeto empírico

Sem documentos, venezuelanos que chegam ao Brasil não conseguem iniciar uma vida nova	02/02/2019	02:29	https://globoplay.globo.com/v/7350904/?s=0s	Fala sobre os imigrantes venezuelanos tentando vagas de emprego para "recomeçar a vida" mas não conseguem devido a dificuldade de conseguir documentação no Brasil	Entrevista com venezuelanos, citando que fugiram de milicias armadas e da fome. Fala em ajuda dos brasileiros (Fala sobre os imigrantes q tentam tirar documentos no brasil e na conseguem, o que dificulta para conseguir emprego)	Eixo 4 - Questões institucionais e normativas no Brasil	Tem no mesmo dia	1) Imigrantes dependentes das escolhas das instituições brasileiras 2) Imigrante venezuelano 'qualificado' foge do país e trabalha com qualquer "bico" no Brasil.	1) "muitos [imigrantes] não podem trabalhar no país pois não tem documentos. Para que esses estrangeiros possam trabalhar legalmente no Brasil, primeiro eles precisam procurar a policia federal para fazer o pedido de refugio, com o protocolo eles conseguem tirar a carteira de trabalho" (repórter - Ricardo Mello) 2) "O Luis Henrique chegou há 6 dias, ele era dono de uma marcenaria na Venezuela e deixou mulher e filhos para tentar a sorte no Brasil"(repórter - Ricardo Mello); "confiando na boa-vontade de gente que ajuda na rua e as vezes me chama para fazer qualquer coisinha, trabalhos pequenos, porque não tenho documento algum" (Luis Henrique em entrevista)
Venezuelanos correm ao comércio brasileiro para comprar comida	12/02/2019	03:27	https://globoplay.globo.com/v/7401426/	Mostra venezuelanos no Brasil, inclusive citando que RR é o ponto de entrada de imigrantes, mas a matéria trata de venezuelanos que entram no Brasil para comprar alimentos e voltam para a venezuela. Cita também ajuda humanitária que será distribuída pelo governo brasileiro	Essa matéria tem entrada ao vivo de repórter direto de Pacarama que cita que está no lado brasileiro "por questão de segurança" nesse caso fala tanto de imigrantes quanto de venezuelanos que entram no brasil e voltam para lá, a aentrada é para comprar alimentos, remédios etc	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Tem no mesmo dia	1) Venezuelanos como desesperados;	
Na Venezuela, confronto após fronteira ser fechada deixa dois mortos	22/02/2019	03:29	https://globoplay.globo.com/v/7404667/	Exercito venezuelano trancando a entrada da fronteira, incluindo mostrando pessoas atravessando a fronteira por trilhas e em busca de alimentos. Fala também da morte de 2 indígenas que entraram em conflito com militares venezuelanos fala dos shows a favor e contra maduro na venezuela e na colombia	Além de entrevistas com venezuelanos pedindo a ajuda humanitária e entrada do reporter falando dos shows há uma entrada ao vivo de Pacarama tratando das pessoas que atravessam a fronteira regularmente devido seu trabalho e também crianças que atravessam para ir a escola (não é conflito entre brasileiros e venezuelanos, mas sim entre a Guarda Boliviana e venezuelanos que tentavam entrar no Brasil, coloco Conflito pois o fechamento de fronteira do lado da venezuela sempre foi seguido de confrontos e também pq os países estavam em atrito nesse periodo já que é quando há a tentativa de entrar com carregamentos de ajuda humanitária)	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Tem no mesmo dia	1) Venezuelanos desesperados tentando cruzar a fronteira fechada	
Caminhões partem do Brasil, mas são impedidos de passar pela alfândega venezuelana	23/02/2019	03:52	https://globoplay.globo.com/v/7406910/	Trata da ajuda humanitária que não pode entrar na venezuela. Fala que na fronteira estavam dezenas de imigrantes e refugiados Fala de confrontos na venezuela com 1 morte E na fronteira teve também confronto entre manifestantes jogando pedras nos soldados venezuelanos	Mostra o motorista do caminhão com medo de entrar na venezuela (não é conflito entre brasileiros e venezuelanos, mas sim entre a Guarda Boliviana e venezuelanos que tentavam entrar no Brasil, coloco Conflito pois o fechamento de fronteira do lado da venezuela sempre foi seguido de confrontos e também pq os países estavam em atrito nesse periodo já que é quando há a tentativa de entrar com carregamentos de ajuda humanitária)	Eixo 2 - Conflitos entre brasileiros e venezuelanos	Tem no mesmo dia	1) Venezuelanos desesperados tentando cruzar a fronteira fechada	

Tabela de organização do objeto empírico

Líder da oposição da Venezuela, Juan Guaidó, se encontrará no Brasil com Bolsonaro	27/02/2019	02:10	https://globoplay.globo.com/v/7417267/	Trata de reunião de Guaidó com Bolsonaro. Comenta brevemente a saída de pessoas da Venezuela e o fechamento da fronteira Possibilidade de prisão de Guaidó. E da saída de diversas pessoas na reunião da ONU enquanto falava o chanceler venezuelano	Ainda fala da ajuda humanitária proibida de entrar na Venezuela	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Tem 2 que somam 5 minutos no dia anterior	1) Venezuelanos desesperados tentando cruzar a fronteira fechada	
Fechamento da fronteira da Venezuela com o Brasil completa, nesta quinta (27), 7 dias	28/02/2019	01:44	https://globoplay.globo.com/v/7420585/	Trata da entrada de venezuelanos e brasileiros que atravessam a fronteira por trilhas clandestinas	Reporter faz entrevistas no meio da trilha e foca na compra de alimentos por parte dos venezuelanos (Fala bastante do fechamento da fronteira, porém o foco da matéria é a entrada de venezuelanos para comprar alimentos no Brasil. Não são necessariamente imigrantes mas o discurso é parecido, sem diferenciar quem vai voltar pra Venezuela e quem vai ficar no br)	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Tem no mesmo dia	1) Venezuelanos desesperados tentando cruzar a fronteira fechada	1) "muitos venezuelanos buscam maneiras de driblar a fiscalização da Guarda Nacional Bolivariana" (Repórter Érica Figueiredo - com imagens de pessoas cruzando a fronteira a pé em trilhas clandestinas)
Na fronteira, número recorde de venezuelanos atravessa para o Brasil	01/05/2019	01:40	https://globoplay.globo.com/v/7583596/	A matéria fala dos imigrantes venezuelanos que chegam ao Brasil após os protestos e conflitos no país. A notícia fala que triplicou o número de venezuelanos que entrou e há entrevista com imigrantes comentando que gostariam de retornar um dia mas que agora vem ao Brasil para trabalhar e tentar melhorar de vida.	Fala que "ontem" entraram 848 imigrantes, sendo o recorde dos últimos 2 meses, desde que a fronteira foi fechada. Há entrevista com duas imigrantes que falam de conseguir um trabalho e melhorar a vida de suas famílias.	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Tem no mesmo dia	1) Venezuelanos desesperados tentando cruzar a fronteira fechada 2) Imigrantes dependentes das escolhas das instituições brasileiras 3) Venezuelanos esperam uma oportunidade de emprego no Brasil para se estabilizar aqui e começar uma nova vida.	3) A Diosmira viajou dois dias de ônibus e de carona, ela conta que se sente aliviada de chegar ao Brasil, mesmo sem saber para onde ir, e acredita, vai conseguir um emprego, ter uma melhora, uma solução para ter uma casa no Brasil e assim poder trazer os filhos" (Repórter Érica Figueiredo)
Venezuelanos aproveitam reabertura da fronteira para comprar mantimentos no Brasil	11/05/2019	02:01	https://globoplay.globo.com/v/7609273/	Trata de imigrantes que aproveitaram a reabertura das fronteiras para fazer compras no lado brasileiro e também para entrar no Brasil como imigrantes, apontando 893 imigrantes entrando no Brasil. A reporter chama atenção para a grande movimentação na fronteira e também para a ida de carretas brasileiras com produtos para vender na Venezuela	Diversas imagens da movimentação de pessoas a pé e também de carros e caminhões na fronteira. Algumas imagens são já antigas, especialmente aquelas que mostram pessoas andando por trilhas, que era a forma de entrada durante os 78 dias em que a fronteira ficou fechada.	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) Imigrantes em desespero fugindo da Venezuela em busca de alimentos e produtos básicos. 2) Venezuelanos esperam uma oportunidade de emprego no Brasil para se estabilizar aqui e começar uma nova vida.	
Crianças e adolescentes cruzam a fronteira da Venezuela com o Brasil desacompanhados	25/12/2019	02:29	https://globoplay.globo.com/v/8191804/	Matéria que trata especificamente de crianças e adolescentes. As imagens são em geral desfocadas pois mostram muitas crianças desacompanhadas, ainda, há uma ênfase em imagens de grupos nas praças, no semáforos e também imagens da fronteira. Há diversas entrevistas com imigrantes, especialmente com adolescentes.	É uma reportagem que traz diversos dados, no início já aponta que há 170 mil venezuelanos no Brasil (um número menor do que os que eu acho nos dados da ONU, porém os dados do JN são os da polícia federal que sempre são muito menores já que somam apenas aqueles imigrantes que entraram com documentação para asilo legal, oficializado etc.). Aponta ainda que apenas em Roraima há 60 mil imigrantes venezuelanos. Essa matéria utiliza "refugiados" como sinônimo de imigrante. Tem um dado de que o UNICEF estimava que o número de venezuelanos no Brasil chegaria a 344 mil em 2020	Eixo 1 - Fuga para o Brasil	Não	1) crianças e adolescentes em busca de ajuda humanitária. 2) Imigrantes dependentes das instituições brasileiras	1) "dos 170 mil venezuelanos que se refugiaram no Brasil, pelo menos 60 mil estão em Roraima segundo o governo do estado, muitos são crianças e adolescentes que passam o dia em busca de alguns trocados para comer" (repórter Igor Duarte) 2) "As crianças e adolescentes que chegam sem um responsável legal não conseguem se matricular nas escolas ou ter acesso a serviços de saúde pública" (repórter Igor Duarte)